

ARIELA PEREIRA



Escândalo em
SAFFORD



ESCÂNDALO EM SAFFORD

Ariela Pereira

Copyright© 2019 Ariela Pereira

Todos os direitos reservados de propriedade desta edição e obra são da autora. É proibida a cópia ou distribuição total ou de partes desta obra sem o consentimento da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Revisão
Adilene Pereira

1º Edição
2019

INDICE

SINOPSE

CAPÍTULO I

CAPÍTULO II

CAPÍTULO III

Melissa

CAPÍTULO IV

Solomon

CAPÍTULO V

Melissa

CAPÍTULO VI

CAPÍTULO VII

CAPÍTULO VIII

CAPÍTULO IX

CAPÍTULO X

Solomon

CAPÍTULO XI

Melissa

CAPÍTULO XII

Solomon

CAPÍTULO XIII

CAPÍTULO XIV

CAPÍTULO XV

CAPÍTULO XVI

Melissa

CAPÍTULO XVII

Solomon

CAPÍTULO XVIII

CAPÍTULO XIX

CAPÍTULO XX

Solomon

CAPÍTULO XXI

[CAPÍTULO XXII](#)

[CAPÍTULO XXIII](#)

[CAPÍTULO XXIV](#)

[EPÍLOGO](#)

[DEDICATÓRIA](#)

SINOPSE

A Faculdade Comunitária de Safford é a única opção de formação superior dos jovens moradores da pequena cidade e das comunidades próximas, só que agora sua sede está prestes a ser eliminada para dar lugar ao ambicioso projeto de Solomon Graham, um implacável milionário do ramo das grandes construções. Diferente do que todos acreditam, não é apenas a ambição que o motiva a acabar com o Campus, seu principal objetivo é arrancar de William Hopkins, diretor e fundador do lugar, o que ele mais estima. No entanto, ao conhecer sua jovem filha Melissa, ele decide que prejudicará mais impiedosamente seu inimigo se tomá-la para si. Então lança a proposta: o campus permanece de pé desde que Melissa seja sua, não por apenas uma noite, mas até que ele decida que não a quer mais.

Melissa nasceu e cresceu na pequena e isolada cidade de Safford. Sem grandes ambições, tudo o que almeja para a sua vida é se formar, se casar e ter filhos. Entretanto, no ano em que ingressa na faculdade comunitária, fundada e dirigida pelo seu pai, vê seus sonhos serem ameaçados não apenas pela ambição de Solomon Graham, um homem arrogante, intimidante e cheio de segredos, mas também pela indecente proposta que ele lhe faz.

CAPÍTULO I

Melissa

Apesar de ter passado minha infância e adolescência circulando livremente entre as paredes da FCS (Faculdade Comunitária de Safford), fundada e dirigida pelo meu pai e subsidiada pelo governo, é a primeira vez que vejo alunos e professores apáticos e silenciosos, abatidos pelo mais profundo desânimo.

Faltam apenas três dias para que a sede do campus seja demolida para dar lugar a um hotel fazenda ambicionado por um magnata milionário da cidade grande, um sujeito inescrupuloso que deixará centenas de jovens sem qualquer opção de formação superior, em nome da sua ambição. Destruirá os sonhos de todos nós para que as pessoas iguais a ele, ricas e egoístas, tenham um lugar isolado onde se refugiarem quando estiverem entediadas.

A notícia de que o campus será eliminado e não terá outra sede construída para substituí-lo, chegou há cerca de um mês. Desde então meu pai, juntamente com o xerife, o prefeito e outras autoridades da nossa pequena cidade, têm lutado para tentar reverter a situação, inclusive contratando advogados, mas nada pôde ser feito. O sujeito que conseguiu adquirir o lugar certamente levou ao conhecimento do governo os vários e inexplicados desaparecimentos de alunos ocorridos por aqui — aos quais ninguém nunca deu muita importância, visto que os jovens desaparecidos são filhos de rancheiros paupérrimos que vivem pelas redondezas, ou integrantes das comunidades Mórmons, cujos membros preferem se abster de fazer denúncias devido às pesadas críticas que recebem ao seu estilo de vida. São desaparecimentos considerados tão insignificantes pelas autoridades, que mesmo tendo sido denunciados por esse homem, nunca apareceu ninguém para averiguar.

Apesar do derrotismo que toma a todos nós, a turminha de alunos populares do terceiro semestre, liderada por Blake, a garota mais bonita e popular da faculdade, insiste em recepcionar os calouros com o trote, uma tradição que, segundo eles, não pode ser deixada de lado mesmo diante das

atuais circunstâncias.

Como é meu primeiro ano na FCS, estou entre os calouros organizados em uma fila única, na quadra de vôlei, de frente para a arquibancada lotada de alunos veteranos, enquanto que, com muita desenvoltura, Blake divide as tarefas às quais devemos nos submeter para sermos aceitos.

Ela começa no início da fila. A primeira aluna, uma Mórmon loirinha, magrinha e de aparência bastante frágil, fica incumbida de bater na porta da casa de estranhos e assim que esta for aberta jogar piche nos moradores e sair correndo; o aluno seguinte, o filho de um rancheiro, vai se vestir de mendigo e pedir esmolas na porta da igreja; o terceiro calouro, outro Mórmon, vai ter que passar por cima da sua religião e dar um beijo na boca de uma garota com quem não pretende se casar. Assim continuam os absurdos até que chega a minha vez.

Dylan, o garoto com quem namoro há três anos, desde que tinha quinze, com quem um dia pretendo me casar e ter filhos, também está no terceiro semestre e faz parte da turminha dos populares. Está ao lado de Blake quando ela se coloca diante de mim, me encarando com aquele irritante ar de superioridade que parece fazer parte dela.

— Você vai dançar sobre a mesa de sinuca de um bar lotado de homens, só de calcinha e sutiã, gravar um vídeo e colocar no YouTube.

Meus olhos se arregalam, alarmados.

— M-mas isso é ultrajante! — exclamo.

Blake examina-me dos pés à cabeça, com a fisionomia carregada de desprezo.

— Todas as tarefas são difíceis e todos nós passamos por isso no primeiro ano, sem reclamar. Não tente se safar só porque é a filhinha do diretor.

Eu sabia que em algum momento alguém ia jogar na minha cara de quem sou filha, só não esperava que fosse logo nos primeiros dias de aula. Porém, o que Blake não sabe é que já estou tão acostumada com o bullying que ele não me afeta mais. Foi assim durante toda a minha vida, não por ser filha do meu pai, mas por causa de problemas como a heterocromia, uma anomalia congênita que se manifestou uma semana depois do meu nascimento e me deixou com o olho esquerdo azul e o direito marrom. É uma condição banal para mim, para a qual não dou a menor importância, mas que

é considerada uma aberração para pessoas cujo preconceito as impede de enxergar além do meu exterior.

E a cor dos olhos diferente é o menor dos meus problemas. Aos seis anos tive minha primeira crise de convulsão epilética e por conta disso passei toda a minha infância sendo excluída e discriminada pelas outras crianças. No início eram cerca de cinco crises por dia, a situação era tão exaustiva que minha mãe não suportou e foi embora, abandonando a mim e ao meu pai. Depois de muitos exames e testes com diferentes medicações finalmente encontraram o remédio certo e a doença vem sendo mantida sob controle desde então, com raríssimas ocorrências de crises. Apesar disso, as pessoas não perdoam e a maioria continua me excluindo de seus círculos, me tratando como se eu fosse danificada, indigna de caminhar entre elas. Nessa vida só tenho meu pai, Dylan e Amber, minha única amiga.

— Não se trata disso, é que...

— É muito pesado para ela, Blake. — Dylan intervém, interrompendo-me e, como sempre, me fazendo sentir uma coitada perto dele.

Não entendo porque ele me escolheu para ser sua namorada se é tão lindo, perfeito e popular quanto Blake e pode, portanto, ter qualquer garota daqui.

— Se acha que não consegue, não faça, filhinha do papai, mas não vou te dar outra tarefa e você sairá daqui como uma covarde. — Blake vocifera, entredentes.

Não sei se é impressão minha, ou se essa garota tem uma certa implicância comigo, que vai além do bullying.

— Tudo bem, eu faço. — solto, em um só fôlego, me recusando a fazer papel de covarde na frente do meu namorado.

Dylan coloca-se diante de mim, perto o suficiente para que o calor do seu hálito cheiroso acaricie minha face e estuda atentamente o meu rosto, como costuma fazer.

— Você não precisa se submeter a nada disso se não quiser. Quebro a cara de qualquer um que te chamar de covarde. Além do mais, nem sabemos se continuaremos tendo aulas.

— Mas é claro que continuaremos tendo aulas. — Blake o interrompe — Não vou deixar aquele demônio da cidade grande derrubar o nosso campus.

Ela está se empenhando arduamente em organizar uma grande

manifestação a ser realizada no dia em que as máquinas de demolição chegarem a Safford, na tentativa de impedir que a sede seja demolida. É uma atitude totalmente humanitária e patriótica da parte dela, no entanto, particularmente, não acredito que um bando de alunos reunidos entre as máquinas e o prédio seja capaz de deter um homem que conseguiu comprar uma faculdade pública do governo.

— Eu faço, sem problemas. — tento parecer mais segura na presença do meu futuro marido.

— Você tem certeza disso? — ele me observa como se eu fosse de vidro e estivesse prestes a quebrar.

— Tenho. Não fique preocupado. É só uma dança.

A aluna seguinte na fila do trote é Amber e vejo seu rosto moreno ficando pálido quando Blake se aproxima dela e diz que sua tarefa será roubar um carro.

Acho que não fiquei com a pior missão, afinal.

Os calouros têm até domingo a noite para concluírem suas tarefas, então Dylan sugere que procuremos juntos um bar fora da cidade, onde não haja nenhum conhecido para me ver seminua pessoalmente e gravar o tal vídeo. No entanto, não quero a ajuda dele para cumprir minha missão, primeiro porque preciso provar a mim mesma, e aos outros, que sou autossuficiente, que não preciso ser tratada como uma doente; segundo porque não pretendo passar por tal humilhação na presença do homem com quem pretendo me casar um dia. Então estou decidida a sair de casa antes de ele chegar para me apanhar e procurar o tal bar sozinha.

A maioria dos alunos aproveita o restante do sábado para confeccionar cartazes e faixas para a manifestação de segunda-feira, ali mesmo na quadra de esportes. Cheios de esperanças, pretendemos fazer uma corrente humana diante da sede do campus quando as máquinas chegarem, de modo que só a derrubarão se passarem por cima de nós.

No final da tarde, Dylan me deixa em casa, combinando de voltar as dez para irmos ao bar, mas tenho planos de já estar bem longe daqui nesse horário. Explicarei meus motivos a ele depois e tenho certeza de que entenderá.

Ao entrar em casa, como sempre encontro Reese, a mulher do meu pai, uma aluna com quem ele se casou depois que minha mãe nos deixou, sentada na frente da televisão, na sala, assistindo uma série na Netflix ao

mesmo tempo em que folheia uma revista de moda. Como nunca nos demos muito bem, não perco tempo cumprimentando-a e passo direto para o escritório do meu pai, onde ele tem estado quase que constantemente no último mês, quebrando a cabeça para tentar impedir a demolição do campus.

— E aí, alguma novidade? — pergunto ao avançar pelo recinto com cheiro de papel antigo.

Vou até ele e lhe dou um beijo rápido no rosto, percebendo o quanto está abatido e com a fisionomia cansada. Desde que a notícia chegou ele não tem dormido direito, às vezes acordo durante a madrugada escutando seus passos pela casa.

— Não há mais nada a ser feito. Aquele sujeito está obstinado. Nossa faculdade será eliminada. — seu desalento é de dar pena.

— Ainda temos a manifestação dos alunos. Talvez nos ouçam e desistam no último minuto.

— Não acredito que isso seja possível.

Suspiro pesadamente, compartilhando em silêncio da sua opinião.

Ao deixá-lo, passo as horas seguintes me dedicando às tarefas domésticas acumuladas ao longo do dia, como faço sempre, já que Reese parece não gostar muito de executá-las. Ela apenas cozinha e isso porque não estou aqui o dia todo para preparar também as refeições.

Sinto um bolo no estômago quando a noite chega e com ela o momento de colocar meu plano em prática. A ideia é pegar o ônibus das sete, na direção oposta a onde ia com Dylan, parar em um bar qualquer na beira da estrada, o mais longe possível daqui, para ter certeza de que nenhum conhecido me verá dançando quase nua em público e depois pensar em como voltar.

Com tudo pronto, usando jeans, um casaco de moletom com o capuz sobre a cabeça e carregando uma bolsa com a câmera para fazer a gravação e dinheiro, deixo o meu quarto sorrateiramente, pela escada de incêndio para não ser vista, ou terei que dar explicações. Ao dar dois passos pelo jardim, em meio à escuridão da noite, esbarro bruscamente em alguém e solto um grito agudo antes de me dar conta de que é Amber.

— O que você tá fazendo aqui? Quer me matar do coração?

— Preciso da sua ajuda Mel. Não vou conseguir roubar um carro sozinha. — ela parece ainda mais desesperada que eu, com o corpo ligeiramente trêmulo, os olhos arregalados de pavor.

— E você acha que eu dou? Olha só pra mim, saindo escondida para dançar pelada em um bar. — espalmo a mão na testa dramaticamente, enfatizando o absurdo da situação.

— Você vai fazer aqui mesmo no bar da cidade?

— Claro que não, sua tonta. Meu pai pode aparecer por lá. Vou procurar uma dessas paradas de caminhoneiros na beira da estrada, bem longe daqui.

— Por favor, me deixa ir com você. Juro que não vou atrapalhar e ainda faço o vídeo pra você, se depois você me ajudar a roubar o carro. Deve ser mais fácil nesses lugares isolados.

Não quero arranjar ainda mais problemas do que já tenho, mas não consigo dizer não diante do desespero dela.

— E você acha que eu tenho cara de quem consegue roubar um carro?

— Mel, por favor, se tentarmos juntas vamos conseguir.

Respiro fundo, derrotada.

— Tá bem, pode vir. Se conseguirmos roubar o tal carro pelo menos teremos com o que voltar à cidade depois do horário dos ônibus.

— Valeu amiga. — ela me abraça em gratidão e seguimos discretamente até o ponto do ônibus.

Na estrada, após deixarmos o perímetro urbano de Safford, passa-se mais de uma hora até vermos o primeiro sinal de civilização nas margens da rodovia, um pequeno vilarejo sossegado demais para nosso objetivo. Seguimos por mais algumas horas, passando por ranchos e povoados, distantes demais uns dos outros, o que prova o quanto Safford é isolada do resto do mundo. Até que por fim, depois de um longo tempo sem vermos nada além do deserto e alguns trechos com floresta na margem da estrada, avistamos uma parada de caminhoneiros bastante movimentada e decido que é o lugar perfeito.

Saltamos do ônibus e seguimos rumo à lanchonete que se esconde atrás dos veículos enormes. Ao passarmos por perto das bombas de gasolina uma imagem atrai a minha atenção a ponto de me fazer parar para observar. Um homem alto, de pele morena e cabelos negros, usando um elegante sobretudo, abastece seu carro, um modelo tão sofisticado e incomum quanto ele. Uma aura de poder, de sofisticação e virilidade parece partir dele, me envolvendo, me atraindo, deixando-me sob uma espécie de hipnose, sem conseguir parar de olhar.

Quando por fim ele sente o peso do meu olhar, seus olhos se erguem e encontram os meus, fixando-se neles, me deixando ainda mais abalada, impactada, uma atração indescritível causando um baque dentro de mim. Ao mesmo tempo, em meio à profusão de emoções incompreensíveis que revolvem em meu íntimo, percebo que há uma fúria assombrosa, intimidante, refletida em sua fisionomia, o que me faz desviar o olhar e retomar o meu percurso rumo a entrada da lanchonete, com Amber me seguindo de perto.

— Você conhece aquele homem? — pergunta ela.

— Nunca vi na vida.

— E por que ficaram se encarando?

— Eu não sei. Achei que o conhecia de algum lugar. — minto.

Assim que entro no estabelecimento percebo que é o lugar perfeito para o que pretendo fazer, pois está abarrotado de caminhoneiros, alguns sentados ao longo do balcão comprido, outros ocupando as mesas que formam uma longa fileira do outro lado do corredor, bebendo cerveja e comendo. Não há uma sinuca aqui, mas a proposta foi que eu dançasse de calcinha e sutiã em um bar lotado de homens, posso fazer isso em cima de uma das mesas.

Sob a mira de dezenas de olhares maliciosos, Amber e eu nos acomodamos na única mesa desocupada e aquele bolo em meu estômago se intensifica, me fazendo enjoar, uma camada de suro frio cobrindo minhas mãos.

— Não sei se vou conseguir fazer isso. — declaro, observando a forma perversa como os homens nos observam, como se nunca tivessem visto mulher na vida.

Tem todo tipo de homem feio aqui, a maioria barbudos e barrigudos, com um aspecto desmazelado que remete à falta de higiene.

— Sua parte vai ser moleza. Imagina ter que roubar um carro!

— Preciso de uma bebida para criar coragem.

O semblante de Amber se fecha, evidenciando sua preocupação.

— Você sabe que não pode beber. Isso vai cortar o efeito da sua medicação.

— Não vou conseguir fazer isso de cara limpa.

Aceno para que a garçonete venha nos atender e quando ela se aproxima peço duas doses de tequila. Ao serem entregues, bebo as duas de uma vez, sentindo-me subitamente tonta e um pouco mais leve. Mesmo não

estando nem um pouco preparada, forço minhas pernas trêmulas a me tirarem da cadeira, vou até os fundos do estabelecimento, onde há uma dessas máquinas de música que funcionam quando se insere uma moeda e escolho a música mais curta que conheço, um hit agitado dos anos oitenta.

De volta à mesa, entrego a câmera a Amber, espero que ela se posicione em um ângulo de onde possa filmar todo o bar, e as dezenas de clientes, respiro fundo algumas vezes e subo na mesa.

— Senhoras e senhores, eu não estou bêbada nem drogada como certamente devem estar imaginando, isso aqui é só um trote para a faculdade. Prometo não demorar muito e desde já agradeço pela paciência. — pronuncio as palavras com tom de solenidade, alto o bastante para que todos ouçam e quando começo a dançar, movendo o meu corpo no mesmo ritmo da música, a comoção é geral.

Todos os homens se viram em minha direção, alguns soltando assovios, gritinhos e batendo palmas em uma manifestação que me deixa apavorada, temendo que avancem para cima de mim, me agarrem à força e me obriguem a fazer coisas que não quero, só porque estou mostrando meu corpo.

O medo me faz tremer dos pés à cabeça enquanto danço, e toda a tensão do momento, unida ao efeito do álcool em meu sangue, traz aquela aura da epilepsia já conhecida, minha cabeça dando pontadas, anunciando a chegada de uma crise convulsiva.

Ainda assim continuo dançando, me recusando a deixar de cumprir a tarefa e me passar por uma covarde, ou uma doente incapaz.

Estou começando a tirar a blusa quando me deparo com aqueles verdes e lindos íris olhos raivosos do homem que vi lá fora, me observando fixamente, me deixando intimidada e ainda mais nervosa. Está em pé em meio à multidão de caminhoneiros que se levantou e se aproximou para apreciar o “show” mais de perto. Só que ele é diferente de todos os outros, aliás, diferente de todos os seres humanos que já vi. Existe algo único nele, um charme irresistível, um aspecto cruamente masculino, um carisma raro que me atrai de forma inevitável, incompreensível, apesar de ser muito mais velho que eu. Deve ter uns trinta anos e quando dou por mim estou dançando somente para ele, apreciando a forma cobiçosa como me observa, quase sem piscar.

Todos os outros na lanchonete parecem ter desaparecido, estamos

apenas eu e o homem moreno de olhos verdes, a minha performance é exclusivamente para ele, então, sem deixar de dançar, deposito toda a minha sensualidade em meus gestos quando tiro minha blusa devagar e logo em seguida meu jeans, ficando com apenas a calcinha e o sutiã, quando então me arrependo por ter colocado uma calcinha grande demais e um sutiã ainda maior. Eu queria estar sexy para aquele homem.

Continuo dançando sob a mira dos olhos mais lindos que já vi na vida quando a gritaria começa e me desperta de um tipo de transe. Os caminhoneiros estão criando tumulto, gritando todos ao mesmo tempo.

— Tira tudo gata! Já começou, termina.

— É! Queremos ver tudo. Mostra esses peitinhos.

Sem que eu tenha percebido, eles se aproximaram mais de mim, estão rodeando a mesa, me encurralando, quase me tocando. Meu nervosismo alcança níveis alarmantes e a dor de cabeça aumenta. Sei que vou apagar, vou ter uma convulsão aqui e agora.

Tento descer da mesa a fim de evitar cair de tão alto e me machucar, mas estou cercada pelos homens, sequer consigo enxergar Amber em meio a eles. Então me entrego ao inevitável, e a última coisa que vejo antes de apagar é o moreno de olhos verdes se aproximando de mim rapidamente, tirando os outros do seu caminho com ferocidade.

CAPÍTULO II

Desperto muito lentamente, sem saber identificar se estou acordando de um sono profundo ou de uma convulsão. Minha mente está confusa. Tento me localizar, mas não consigo. Espero até estar mais lúcida e aos poucos vou identificando o estado em que me encontro. Primeiro sinto o gosto de sangue na boca, ele prova que tive uma crise convulsiva e acabei mordendo a língua ou interior da bochecha. Em seguida vem a dor nas juntas, tão incômoda e familiar. Tento abrir os olhos, mas ainda não sou capaz.

Contra o meu rosto sinto a maciez de um tecido, minhas narinas se enchem com um cheiro delicioso, meu corpo está balançando como se eu estivesse em uma rede. Ainda sem me recordar de muita coisa, tento encontrar alguma dor em meu corpo que possa ter sido causada por uma suposta queda, todavia não há nada, pelo contrário, me sinto confortável, acolhida por braços fortes e só então percebo que estou sendo carregada. Mas por quem?

Me esforço para me recordar e nada. Tudo é vazio e confusão.

Quando por fim consigo abrir os olhos, estou sendo confortavelmente deitada em um estofado macio. Um novo cheiro alcança minhas narinas, o cheiro de carro novo e em meio a um sobressalto consigo focar o rosto do homem que me carrega, é o moreno de olhos verdes. Ao mesmo tempo em que meus olhos encontram o rosto dele, me lembro de todo o resto e sou inundada pela mais dolorosa vergonha. O homem mais lindo que meus olhos já contemplaram me viu convulsionando e babando sobre a mesa, certamente deve ter ficado chocado, com nojo, com pena, ou com medo, como a maioria das pessoas. Não tenho palavras para descrever meu constrangimento. Eu só queria que um abismo se abrisse sob mim e me fizesse desaparecer da presença dele.

— Você tem um lenço? — ouço a voz de Amber perguntando, enquanto ela se senta no banco de trás do carro luxuoso e repousa minha cabeça sobre suas pernas.

É o carro daquele homem. Eu o reconheceria em qualquer lugar.

Com o lenço que ele lhe entrega, ela limpa meu rosto da saliva e do sangue que devem ter saltado da minha boca.

— Você está se sentindo melhor? — minha amiga pergunta.

— Estou tão cansada. — resmungo exausta, como sempre me sinto quando volto de uma crise.

— Quer ir ao hospital? — a voz do homem é tão grossa e firme que chega a me dar um susto.

Ele está sentado no banco do motorista, virando o pescoço para continuar olhando para mim e quando me dou conta de que continuo usando apenas a calcinha e o sutiã minha vergonha se torna imensurável.

— Quantos minutos desta vez, Amber? — pergunto, a voz fraca.

— Não passaram de três. Eu contei.

— Nesse caso não preciso de um hospital. Só se a convulsão tivesse ultrapassado os cinco minutos. Mas agradeço por perguntar e por ter me tirado de lá.

O semblante do moreno se fecha ainda mais, tornando-o quase assustador.

— Quer dizer então que essas crises são recorrentes? — o tom de sua voz é ríspido, carregado de julgamento.

— Sim. Eu tenho epilepsia.

— E por que uma garota com a sua idade, e que ainda por cima tem epilepsia, tiraria as roupas em um bar lotado de caminhoneiros? — seu tom de voz é seco e áspero — Tem ideia do perigo em que se colocou?

— Foi só um trote para a faculdade. — tento, em um fio de voz.

— Trote?! Ainda fazem isso hoje em dia?

— Claro. É uma tradição que não pode ser deixada de lado. — Amber parece irritada com a inquirição dele.

— Então, de acordo com a “tradição”, se mandarem você subir em um prédio de vinte andares e pular você faz?

— Ninguém ia pedir uma coisa dessas. Tá louco? — Amber está ligeiramente alterada.

— Não é muito diferente de uma adolescente tirando a roupa sobre a mesa de um bar. O risco é o mesmo.

— E quem é você pra julgar?

— Já chega Amber. — interfiro, sentando-me, ciente de que o par de olhos verdes registram minuciosamente meus movimentos — Onde estão minhas roupas? Precisamos ir embora.

Amber me entrega as roupas e me visto cabisbaixa, extremamente

constrangida, sem conseguir olhar no rosto do homem que não para de me observar.

— Onde vocês moram? Posso leva-las em casa.

— Em Saff...

— Ela precisa de água. — Amber me interrompe, abruptamente. — Para melhorar completamente, ela precisa de água, não é, Melissa? — ela me cutuca e mesmo sem entender nada assinto — Você pode ir até a lanchonete buscar?

Assim como eu fico confusa, o homem parece desconfiado. Estreita seus olhos sobre o rosto de Amber, como se pressentisse a mentira, depois fixa seu olhar em mim, quando posso ver sua expressão mudar, a desconfiança dando lugar a algo que não consigo decifrar, um brilho intenso demais. Parece uma mistura ao mesmo tempo intimidante e irresistível de luxúria e cobiça, que faz minha face queimar, o sangue fluindo mais quente em minhas veias.

— Que tipo de água você precisa? — indaga ele, o tom de voz mais arrastado, ligeiramente rouco.

— Hã...? Á-água mineral...?

— Vou comprar e já volto. Não destranquem a porta do carro. Aqueles tarados ainda estão lá fora.

Meus olhos se perdem completamente em sua imagem quando ele deixa o carro e caminha em direção a lanchonete, cada mínimo gesto seu exprimindo um charme irresistível, sua postura altiva e elegante, dentro do sobretudo escuro, exalando um aspecto misterioso de soberania, poder e masculinidade, que me faz observá-lo até que ele desaparece para dentro do estabelecimento.

— Cacetada! Que homem gostoso da porra! — Amber o observa tão fascinada quanto eu — Você viu o jeito como ele te olhou? Como se quisesse te comer aqui mesmo?

Suas palavras me deixam ainda mais embaraçada e me apresso em mudar o rumo da conversa.

— Que história é essa de que eu preciso de água? — pergunto.

— Eu só queria um pretexto para tirá-lo daqui. — ela pula rapidamente para o assento do motorista. — Vamos roubar o carro dele e cumprir minha parte do trote.

Atônita, observo-a procurando as chaves extras.

— Você ficou maluca? Pelo luxo desse carro podemos deduzir que esse homem deve ser uma pessoa muito importante, talvez um deputado ou um senador. Não podemos levar o carro dele.

— Pela cara dele, está mais para um mafioso ou um agente da CIA. Mas eu não ligo. Preciso do carro.

Ela encontra as chaves e liga o motor, em seguida joga pela janela uma valise de couro que está sobre o assento de passageiro, se livra de um amontoado de papéis que está no porta luvas, certamente para que ele encontre, e dá a partida, ziguezagueando entre os caminhões até alcançar a rodovia, quando então arranca em alta velocidade.

— Você é muito louca! — falo, a adrenalina correndo solta em minhas veias enquanto passo para o banco da frente.

— Eu não acredito que consegui! — Amber está exultante. — O cara é lindo de viver, mas não é muito inteligente.

— Coitado. Não fala assim. Ele me ajudou.

— Nisso você está certa. Ele pareceu prever que você teria uma convulsão e te segurou bem a tempo, se não fosse por ele você teria caído de cima da mesa e se machucado feio.

— E em troca nós roubamos o carro dele. — espalmo a mão na testa, dramatizando minha fala.

Amber fica séria por um segundo e então cai em uma gargalhada tão gotosa que não consigo resistir e a acompanho, incapaz de acreditar que estou me divertindo por roubar um carro.

O dia está amanhecendo quando adentramos as ruas de Safford e rumamos direto para a casa de Blake, uma das poucas moradias luxuosas da cidade. Mesmo tendo poder aquisitivo para ostentar esse e vários outros imóveis, o pai dela é o xerife da cidade. Acredito que as motivações dele para continuar em tal cargo, mesmo sendo rico, seja a mesma paixão pela cidade que estimula meu pai a ser diretor de uma faculdade comunitária, apesar de ser dono de uma pequena fortuna em bens materiais deixada por meus avós.

Não me surpreendo ao ver o pequeno grupo de alunos reunido diante da suntuosa moradia e entre eles Dylan. Certamente estão aqui com o objetivo de se organizarem para a nossa manifestação de amanhã.

Todos estão olhando, boquiabertos, o sofisticado veículo quando paramos no acostamento e saltamos ao mesmo tempo.

— Aí está o seu carro roubado. — diz Amber, com satisfação.

— Onde você conseguiu esse... carro?! — Blake está estupefata.

Tenho certeza de que ninguém na cidade tinha visto um carro tão moderno e luxuoso antes.

— Onde consegui não importa. O que interessa é que cumpri minha tarefa com sucesso.

— E você, onde estava? — Dylan me encara com uma ruga profunda no meio da testa.

— Fui cumprir minha tarefa também. Desculpe não ter te esperado. Não queria que você presenciasse a minha humilhação. — desloco meu olhar para o rosto abismado de Blake. — Fiz o que você queria. O vídeo estará no YouTube daqui a algumas horas.

Assisti o vídeo no caminho e fiquei satisfeita por Amber ter tido o bom senso de encerrar a gravação antes do início da minha crise convulsiva, portanto, ninguém mais precisa saber que ela aconteceu.

— Não seria humilhação nenhuma. Eu queria ter estado lá para te proteger. — Dylan diz, claramente preocupado.

— Mas nem precisei de proteção. Foi tudo muito tranquilo. — minto, descaradamente, tentando poupá-lo dos detalhes sórdidos — E Amber me ajudou gravando tudo.

— Quero ver esse vídeo agora.

— Agora não. Precisamos nos reunir o quanto antes no campus e nos organizar para a manifestação de amanhã. Se não nos esforçamos o suficiente aquele demônio vai acabar conseguindo derrubar nossa faculdade. — Blake nos interrompe, em seguida alterna seu olhar entre mim e Amber — Quanto a vocês duas deem um jeito de se livrar desse carro. Não podem deixa-lo na porta da casa do Xerife!

Posso ouvir um gemido partindo de Amber. Aposto como ela não pensou nessa parte do seu brilhante plano.

— Eu vou com elas. Nos reuniremos com vocês mais tarde no campus. — Dylan anuncia, firmemente e o rosto de Blake fica vermelho de raiva, embora ela nada diga antes de se afastar e seguir pela calçada junto com os outros que a seguem cegamente, como se fossem seus súditos.

— Puta merda! Como vou me livrar desse carro? — Amber parece em pânico e sinto vontade de sorrir da sua dicotomia, tendo coragem de roubar um carro tão caro em um momento e desesperada sem saber o que fazer com ele no outro.

— Eu vou te ajudar. Deixo-o escondido na floresta. — Dylan declara — Agora me deixem ver esse vídeo e me contem com detalhes o que fizeram e onde estiveram a noite toda.

Assistimos o vídeo juntos. É curtinho, com duração de apenas poucos minutos, o que é suficiente para mostrar claramente o momento em que subo na mesa, danço e tiro as roupas. Mais uma vez fico aliviada pela sensatez que Amber teve ao encerrar a gravação assim que o tumulto dos caminhoneiros começou, muito antes do início da minha crise convulsiva, algo que ficará apenas entre nós duas.

Dirigindo o carro roubado, Dylan nos deixa em casa e parte para dar um fim nele. Como passei a noite em claro, preciso atualizar o meu sono e durmo praticamente durante o dia todo, olhos verdes de um homem alto de pele morena povoando meus sonhos.

O dia seguinte chega e com ele o momento mais temido das últimas semanas. Com o rosto pintado, carregando cartazes, faixas e bandeiras, os alunos da FCS se reúnem diante da sede, cujo prédio grande, de tijolos vermelhos, onde ficam a maioria das salas de aula, é apenas o início dela, mais adiante ficam as áreas abertas onde se fazem estágios dos cursos de medicina veterinária, engenharia e outros. Estou logo na primeira fila, com o rosto pintado com as cores da bandeira de Safford, de mãos dadas com Amber de um lado e Dylan do outro, formando uma gigantesca corrente humana que bloqueia toda a sede. Atrás de nós há uma multidão de estudantes e em uma área mais afastada estão os professores e as autoridades da cidade, inclusive o prefeito e meu pai.

O sol está alto no céu, o calor está escaldante, quando por fim as máquinas chegam e meu coração parece subir até a garganta, o pânico tomando conta de mim. São três máquinas de grande porte: uma escavadeira com um braço de demolição enorme; uma carregadeira e um guindaste. Param a poucos metros de distância de nós e emitem um som agudo, como se nos alertasse a sairmos da frente, sem que nós nos movamos do lugar. Estamos determinados a morrer aqui, se esse for o preço a pagar para impedi-los de seguir em frente.

Atrás das máquinas estaciona um Sedan preto luxuoso, certamente dentro do qual está o autor de tal barbaridade, o demônio de quem todos falam. Não basta destruir os sonhos de centenas de jovens, ele ainda tem a frieza de vir assistir pessoalmente sua crueldade, sua desumanidade. Devia ter

também a dignidade de se apresentar a nós, mas aposto que é covarde demais para isto. Me espanto por não haver um carro cheio de seguranças o seguindo.

Um dos operadores da escavadeira fala através de um megafone.

— Saiam da frente! Temos ordens expressas para demolir este prédio.

— Passa por cima, otário! — um dos alunos grita e em seguida começamos a cantar o hino da cidade, em uma só voz, a plenos pulmões.

O operador da máquina continua nos advertindo por meio do seu megafone. Em um dado momento move a escavadeira do lugar, ameaçando vir para cima de nós. Sem nos deixarmos intimidar, continuamos formando uma barreira humana, cantando alto, segurando as faixas e os cartazes.

Um longo tempo depois um outro carro aparece e quando o motorista salta vai direto até onde o Xerife está, quando então nos silenciemos para ouvi-los.

— Aqui tem ordens diretas do juiz deste condado para que você tire os alunos da frente do prédio imediatamente. — diz o homem.

— Eu até poderia obedecer a essas ordens, mas as únicas duas viaturas da cidade foram resolver um problema de tráfico de drogas em um rancho longe daqui e sozinho não posso fazer nada.

Cientes de que o Xerife se livrou dos outros policiais de forma premeditada, para não ter que atuar contra nós, o aplaudimos e voltamos a cantar. Porém logo nos calamos novamente, para ouvir o que o homem continua falando.

— Você sabe que o que está fazendo é ilegal, não é? Pode perder o seu cargo e mesmo assim acabarei com essa farra chamando a polícia estadual.

O clima de tensão que paira entre nós desde o início do bloqueio se intensifica. Se o sujeito chamar a polícia estadual pelo menos metade de nós será presa e nada mais poderá impedi-los de derrubar nosso campus. Eu sabia! Desde o início deduzi que todo esse trabalho seria perda de tempo. Um homem demoníaco a ponto de tirar a única opção de educação dessa gente, não ia deixar espaço para que seus planos fracassassem. É mesmo um maldito miserável, saído das profundezas do inferno, como todos dizem.

Minha vontade é de ir até o carro dele e incitar a multidão a lhe dar uma boa lição, só não o faço porque nesse caso ele seria linchado.

— Quer chamar a polícia estadual? Chame! — o Xerife o provoca,

mesmo sabendo que estamos em total desvantagem.

Nesse momento o celular do homem toca e após uma rápida conversa com a pessoa do outro lado da linha, ele se aproxima de nós.

— O Sr. Graham quer conversar com o líder de vocês. Quem os representa?

Blake, que também está na primeira fila da corrente humana, se apressa em dar um passo à frente.

— Sou eu.

— Venha comigo. Ele está esperando no carro.

Vejo o corpo de Blake estremecendo brevemente.

— Nada disso. Ele que venha até aqui.

O homem dá um rápido telefonema e logo em seguida a porta do Sedan se abre, para que nosso malfeitor saia de dentro dele.

O silêncio que se faz entre todos nós é tão grande que podemos ouvir os passos do sujeito se aproximando e à medida que chega perto de onde estamos, reconheço o seu rosto: é o mesmo homem de quem Amber e eu roubamos o carro na noite de sábado, o sujeito que me socorreu quando tive uma crise convulsiva enquanto dançava sobre a mesa da lanchonete.

Como assim? Nós roubamos o carro de Solomon Graham? Isso é o que eu chamo de falta de sorte!

Pisco várias vezes só para ter certeza de que não estou vendo coisas e quanto mais ele se aproxima, mais me certifico de que realmente é a mesma pessoa.

— Mel, você está vendo o que eu estou vendo? — Amber indaga, a voz trêmula, a mão que segura a minha umedecendo com um suor frio.

O nervosismo dela só serve para intensificar o meu.

— É o mesmo homem de quem roubamos o carro.

— O que a gente faz agora?

— Me diga você. A ideia foi sua.

— Vamos correr.

— Péssima ideia. Vamos esperar. Talvez ele não nos reconheça, afinal estamos com o rosto pintado.

Blake ajeita os ombros, claramente tentando disfarçar o pânico que aquele homem desperta em todos nós e vai encontra-lo a meio caminho, de cabeça erguida. No instante em que ambos se colocam frente a frente, o que eu e Amber mais temíamos acontece, ele desvia seu olhar frio do rosto de

Blake e o crava no meu, olha rapidamente para Amber e volta a me encarar fixamente, quando posso ver a fúria se refletindo em sua expressão e estremeço dos pés à cabeça, o pavor se intensificando em minhas entranhas, o que só piora quando ele contorna Blake e vem em nossa direção, com passos lentos e precisos, como um felino prestes a dar o bote em sua presa.

— Ele reconheceu a gente e tá vindo pra cá! — Amber exclama, como se nosso pesadelo real precisasse de narração. — Temos que sair daqui, depressa!

Antes mesmo de concluir a frase ela deixa seu lugar na fila e sai correndo em disparada na direção do prédio, desaparecendo rapidamente em meio à multidão de alunos. Tento fazer o mesmo, no entanto minhas pernas se recusam a se mover, o medo me paralisando, me impedindo de sair do lugar.

Solomon Graham se coloca diante de mim, a poucos centímetros de distância, seus olhos furiosos presos aos meus. De perto, sob a luz do sol forte, ele parece ainda mais intimidante, sombrio e assustador, com a fisionomia contraída e seus quase 1,90 metros de altura. É também mais bonito do que eu havia percebido, seus olhos são de um verde claro impressionantemente raros; o rosto é anguloso, com um maxilar forte e másculo, ligeiramente oculto pela barba pouco crescida; o nariz é pontudo e perfeito; a pele tem um tom naturalmente bronzeada e os cabelos negros, muito bem penteados, reluzem sob a luz do sol forte.

Aquela energia misteriosa, de luxúria e poder que percebi no outro dia, continua emanando dele, me envolvendo, me deixando sob uma espécie de hipnose que me impede de pensar direito, ou mesmo de desviar meu olhar do seu.

— Então é esse tipo de gente que estão formando aqui? Ladras que fingem ataques epiléticos para roubar carros? — sua voz é grossa, áspera e assustadoramente ameaçadora.

— E-eu n-não estava...

— Não tente me enganar de novo, ladrazinha mentirosa! Onde está o meu carro? — ele vocifera com tanta brusquidão que levo um susto.

— Abaixa o tom da voz quando se dirigir a ela. — Dylan rebate, no mesmo tom e se coloca entre nós dois, encarando-o com desafio.

Solomon desloca seu olhar furioso, quase mortal, entre o meu rosto e o dele.

— Você deve ser o namorado. Outro adolescente caipira. Sabe onde essa ladrazinha estava no sábado a noite e o que estava fazendo em um bar lotado de caminhoneiros?

A essa altura, um círculo de pessoas se formou à nossa volta, todos querendo saber sobre o que estamos falando.

— Eu imagino que pessoas como você, capazes de roubar a educação de jovens carentes, não saibam o que é cumplicidade, mas não há segredos entre mim e Melissa.

— Jovens carentes. — Solomon repete e seus lábios se dobram em um sorriso sem nenhum humor. — A única coisa da qual vocês me parecem carentes é de uma boa surra e um sistema de polícia que funcione. Vocês podem até continuar aqui diante do meu prédio enquanto a polícia estadual chega para acabar com essa algazarra, mas ela vem comigo agora!

A mão grande dele se fecha em torno do meu braço, o contato causando um tipo de frenesi em meu corpo, que embora eu não compreenda, instintivamente sei que é errado sentir. Solomon tenta me levar consigo, porém antes que tenha tempo de me tirar do lugar o tumulto está formado. Agindo como uma fera violenta, Dylan avança para cima dele e o empurra, esmurrando seu peito com as duas mãos abertas, violentamente. Em resposta, Solomon lhe desfere um soco na face, nocauteando-o com muita facilidade e, horrorizada, me abaixo para tentar socorrê-lo.

É então que meu pai se aproxima e sua voz alterada mobiliza a todos nós.

— Minha filha não! — grita ele — Por favor, Solomon, faça o que quiser, mas deixe minha filha em paz.

O demônio de olhos verdes alterna seu olhar letal entre o meu rosto e o do meu pai e um sorriso totalmente bizarro, desprovido de entusiasmo, faz seus lábios se dobrarem.

— Sua filha? — Solomon repete, parecendo surpreso.

— Fiquei sabendo sobre o carro roubado. Só não sabia que era seu. — enquanto meu pai continua falando, ajudo Dylan a se levantar do chão e ele passa um braço em torno da minha cintura, sem que seu gesto protetor passe despercebido aos olhos de Solomon — Se tratava de um trote de recepção de calouros, uma brincadeira de jovens. O carro será devolvido, eu garanto. — completa meu pai.

Solomon novamente alterna seu olhar furioso entre nossos rostos, sem

que sua fisionomia se suavize minimamente. Então, ajeita ainda mais sua postura altiva dentro do terno caro, feito sob medida, e fala:

— Em primeiro lugar, me chame de Sr. Graham.

— Claro, Sr. Graham, me desculpe. — a humilhação que toma meu pai me faz odiar ainda mais aquele monstro ordinário.

— Pouco me importo com o carro que foi roubado, tenho muitos outros melhores que ele, além de um bom seguro contra roubos, mas ainda assim faço questão de que a garota seja punida.

Por Deus! Como alguém consegue ser tão cruel?

— Vou puni-la eu mesmo, te dou minha palavra.

Aquele risinho bizarro, que parece uma mistura de deboche, ódio e escárnio, novamente se manifesta em seus lábios, e como se não tivesse ouvido o meu pai, ele continua falando:

— Por outro lado, tenho uma proposta a te fazer que pode inclusive poupar o campus de ser eliminado.

Suas palavras arrancam exclamações das pessoas que nos ouvem.

— Então faça sua proposta.

— Aqui não. Precisamos conversar em particular. E tem que ser agora, pois tenho muito a fazer.

— Venha comigo. Vamos até minha sala. — meu pai estende a mão para que o malfeitor siga na frente e o caminho se abre em meio à multidão de alunos.

Solomon me lança um olhar demorado, desprovido de qualquer emoção, antes de seguir rumo ao prédio de tijolos vermelhos, com meu pai o seguindo de perto e os alunos o observando cheios de esperanças.

CAPÍTULO III

Solomon

A familiaridade do lugar vai se revelando em cada detalhe à medida que avanço pelos os corredores da sede da FCS. Pouca coisa mudou por aqui desde que fui embora. Apenas algumas paredes tiveram a pintura renovada e algumas janelas foram trocadas. Até o cheiro parece o mesmo e as lembranças de tudo o que fiz nesse lugar me atingem como chumbinhos de um rifle perfurando minha pele.

Quando comecei tudo isso não imaginei que as recordações me afetariam com tamanha força. Lembranças de todo o mal que causei, das famílias que destruí, povoam minha mente como fantasmas de um passado distante que há anos venho me forçando a esquecer.

Apesar de estar prestes a perder tudo o que parece lhe importar nessa vida, Willian não se desfaz do ar de arrogância que sempre carregou. Nos encaminha até sua sala — a mesma sala da qual me lembro detalhadamente — acomoda-se atrás da sua mesa e gesticula para que eu me sente na cadeira do outro lado, o olhar autoritário me fuzilando, como se eu ainda fosse o aluno bobo que ele usou para seus propósitos e depois quase destruiu.

Só que as coisas mudaram, e mudaram muito. Agora é a minha vez de destruí-lo, tirando tudo o que lhe importa. Durante anos acreditei que seria essa maldita faculdade, que ele tanto venera, porém tão logo descobri que aquela garota é sua filha, decidi que ficar com ela será uma forma mais justa de atingi-lo, de fazer a justiça que venho planejando desde que tudo aconteceu.

Não que eu seja o tipo de homem pervertido que sai por aí obrigando uma mulher a ficar com ele, pelo contrário, nunca tive dificuldades nessa área, nem mesmo quando ainda era um pobretão, porém, há um tipo de prazer descomedido dentro de mim, uma satisfação pessoal inexplicável, em tomar aquela menina para mim.

Somente pelo fato de que a maldita ladrazinha carrega o sangue dele em suas veias, vou roubar aquele irritante ar de inocência que ela carrega em

sua face e fazer dela minha prostituta, meu brinquedinho, até que meu corpo se canse do dela, o que pode demorar semanas, visto que a garota, apesar de possuir a mesma índole ruim do pai, é a criatura de aparência mais magnífica sobre a qual já coloquei os meus olhos. Parece uma obra de arte pintada com capricho pelos deuses, com a pele tão rosada e translúcida que dispensa qualquer maquiagem para ficar perfeita; os olhos são de cores diferentes, um marrom e o outro azul, o que a torna genuinamente rara. Tem longos e ondulados cabelos castanhos claros e se torna ainda mais desejável com aquele ar de inocência que carrega em seu semblante, o qual deixaria qualquer homem de cabeça virada, acreditando que ela é uma virgem bobinha e inocente, quando na verdade é ardilosa, astuta e usa a aparência para aplicar golpes, como fez comigo quando roubou o meu carro junto com a amiga.

— Se você tem uma proposta para manter nosso campus de pé, então faça. Estou disposto a qualquer coisa para que os alunos não percam a faculdade. — a voz de Willian me arranca dos meus pensamentos.

O ódio queima em minhas veias enquanto o encaro. Ele não se importa nem um pouco com os alunos que estudam aqui, nunca se importou, tudo o que quer é continuar usando a faculdade para praticar suas atividades ilegais e imorais, das quais um dia fui cúmplice.

— Não precisa fingir que se importa com os alunos, na minha frente. O tempo passou, eu fiquei rico, mudei de nome, mas não mudei por dentro. Ainda sei exatamente quem você é e o que faz aqui, seu bastardo de merda.

Ele pigarreia e se ajeita desconcertado na cadeira.

— Não precisamos mais voltar a esse assunto. — ele sussurra, como se temendo que alguém possa nos ouvir — Você já conseguiu o que queria, comprou o campus e pode derrubá-lo com um estalar de dedos. Mas se houver algo que possamos fazer...

— Quero sua filha. — o interrompo, sem fazer questão de ser gentil, somente para evitar o incômodo de continuar ouvindo sua voz tão desagradável quanto tudo mais nele.

— O que você disse? — ele está incrédulo.

— Essa é a minha proposta. Você me dá sua filha e o campus permanece de pé.

Willian reflete por um instante, como se custasse a digerir minhas palavras, e então sorri sem vontade.

— Você só pode estar brincando. Em que mundo pensa que nós

estamos? Na Idade Média? Quando se vendia ou dava as pessoas? — ao perceber a seriedade com a qual continuo o encarando, ele se da conta de que não estou brincando — Como assim você quer ficar com minha filha? Ela é a única família de verdade que tenho.

— Por isso mesmo. No passado você tirou a única pessoa no mundo que me importava, você se lembra disso, seu isento? — meus dentes rangem ao mencionar o assunto, tamanha é minha fúria — Agora é a minha vez. Faça com que sua filha venha comigo e não demolirei a faculdade.

— O que pretende com Melissa, seu pervertido doente?

Curvo o canto da minha boca em um riso de ódio.

— Não vou machucá-la como deve estar imaginando. Vou apenas fazer dela minha prostituta particular, uma boceta quente para estar diariamente à minha disposição, pelo tempo que eu quiser, vou comê-la de tantas formas que quando eu terminar...

— Já chega! — ele grita, ao mesmo tempo em que esmurra a mesa com o seu punho cerrado. — Você não vai chegar perto da minha filha, seu demente.

— Tudo bem. Não faço tanta questão. Vamos continuar com a demolição. Não tenho mais tempo a perder.

Levanto-me e rumo para a porta. Estou quase a alcançando quando ele me chama de volta, exatamente como previ que faria.

— Espera. — pede, com tom de súplica. — Sente-se, por favor, vamos conversar.

— Seja rápido. Meus negócios estão me esperando. — falo e acomodo-me de volta na cadeira.

— Melissa tem só 18 anos, é uma menina inocente e não sabe sobre nada do que acontece aqui. É uma boa menina.

Não acredito em suas palavras, pois os frutos nunca caem muito longe da árvore.

— Ela tirou as roupas em um bar lotado de homens, depois simulou uma crise epilética a fim de roubar o meu carro. Não gaste seu fôlego tentando me convencer de que é uma boa menina.

Willian percorre os dedos entre seus cabelos brancos, nervoso.

É mesmo um inseto miserável e sem escrúpulos, em seu íntimo já concordou em entregar a própria filha a mim em nome da sua ambição.

— Mas como vai ser isso? Você pretende leva-la para morar com

você? Por quanto tempo?

— Ela não vai morar comigo. Terá seu próprio apartamento, com empregados a servindo e tudo mais que precisar. Me acompanhará a eventos e estará à minha disposição durante as 24 horas do dia. O tempo vai depender de quanto levar para que eu me canse dela, mas te garanto que não passará de seis meses. Nunca fiquei mais que isso com a mesma mulher.

O homem permanece em silêncio por um instante.

— Será que você pode me dar um tempo? Preciso conversar com algumas pessoas antes, e principalmente com Melissa.

— Você tem 24 horas. Vou ficar na cidade até amanhã de manhã. Se chegar o horário de os operadores das máquinas começarem a trabalhar e ela não for me encontrar com as malas prontas, o acordo acaba. E tenho mais uma condição.

— O que mais você pode tirar de mim?

— O desaparecimento dos alunos tem que acabar.

É nesse instante que Willian Hopkins revela sua verdadeira face, no olhar frio e ameaçador de um bandido com o qual passa a me encarar.

Quando deixo o prédio sozinho, seguindo em direção ao meu carro, os alunos com o rosto pintado me fuzilam com ódio, como se eu fosse o monstro que pretende destruir os seus sonhos de ter uma formação superior e sequer posso culpa-los, afinal não fazem ideia do que realmente acontece entre essas paredes.

Mais adiante, reconheço o rosto de alguns professores com os quais estudei quando era só um adolescente bobo e insignificante, sem que nenhum deles demonstre me reconhecer. Melhor assim.

Percorro meus olhos em volta a procura de Melissa e a localizo abraçada ao moleque com quem namora. Não gosto do que vejo, ele está com as mãos naquilo que já me pertence e isso pode ser um problema. Preciso dar um jeito de afastar os dois ainda hoje, ou essa relação interferirá na decisão dela de ir embora comigo em troca de manter o campus de pé. Pelo pouco que conheci dela, sei que ninguém será capaz de convencê-la a vir se ela realmente não quiser.

Melissa

Já se passaram horas desde que o demônio de olhos verdes deixou a sede da FCS. Depois de sua saída meu pai ainda não apareceu, permanece lá dentro reunido com o prefeito, o xerife e até Dylan. Percebo que a coisa é séria quando Reese aparece para se unir a eles, logo ela que ainda não tinha levantado a bunda do sofá para ajudar desde que as manifestações começaram.

Apesar do calor insuportável ninguém vai embora. Permanecemos sob as sombras das árvores diante do campus esperando pelo que vai acontecer. Enquanto as máquinas estiverem aqui, nós também estaremos, mas acredito que algo vá mudar, acredito que meu pai dará um jeito de reverter a situação, essa reunião tão demorada não pode ser à toa, além do mais, ficamos sabendo que Solomon ainda está na cidade. Dizem que se hospedou no hotel de Safford e ainda não saiu do quarto.

Por volta do meio dia, algumas senhoras da cidade se reúnem e nos trazem água e sanduíches. Alguns dos professores, aqueles mais idosos, foram para casa, prometendo voltar mais tarde.

— Desculpa por tudo isso. Se eu imaginasse que o cara de quem roubei o carro é o mesmo que quer derrubar o campus, jamais teria feito aquilo. — Amber pede, pelo que me parece a milésima vez desde que retornou do seu esconderijo, logo depois que Solomon foi embora.

Estamos sentadas sob a sombra de uma árvore, ainda com o rosto pintado com as cores do brasão da FCS, comendo os sanduíches trazidos pelas senhoras.

— Você não tinha como saber.

— E me desculpa também por ter saído correndo. Eu sou uma covarde.

— Isso você é mesmo. — enquanto dou uma mordida no meu sanduíche de queijo, observo demoradamente a entrada do campus, tentando imaginar o que meu pai, o xerife, o prefeito, Reese e Dylan estão fazendo lá dentro durante tantas horas. — Sobre o que será que estão conversando esse tempo todo?

— Devem estar analisando a tal proposta que a fera disse que ia fazer.

— Mas o que Dylan tem a ver com isso?

— Talvez o elegeram como representante dos alunos. Blake não estava mesmo com nada. — sorrimos em uníssono do comentário dela.

Nosso amor por Blake não é o maior do mundo, visto que ela, sendo a aluna mais popular da faculdade, pratica bullying contra alguns outros.

Não demora muito e alguém surge de dentro do campus. São o prefeito e o xerife. Sem responder as dezenas de perguntas com as quais são bombardeados pelos outros alunos, ambos vêm direto até onde estamos e nos levantamos surpresas.

— Seu pai quer falar com você na sala dele, Melissa. — é o prefeito quem fala, um homem com cerca de cinquenta anos, apesar de aparentar menos devido à pele tratada com cirurgias plásticas e os cabelos pintados. O tom da voz dele é solene e seus olhos refletem piedade enquanto me encaram. — O futuro da nossa faculdade agora está em suas mãos, minha querida.

— O que? — estou completamente confusa.

— Seu pai vai te explicar tudo. — desta vez é o xerife quem diz. Ele se coloca diante de mim e segura minhas duas mãos entre as suas, como se me desse os pêsames por algo que não compreendo. — Eu a conheço desde que nasceu e sei que, apesar de tudo, é uma garota forte e sábia. Vai fazer a coisa certa e salvar o futuro de todos esses jovens.

— Mas do que vocês estão falando? — sinceramente estou começando a ficar assustada.

— Willian vai te explicar. Está esperando na sala dele. — ele lança um olhar rápido a Amber. — Vá sozinha.

— Está bem.

É inevitável que um mal pressentimento caia sobre meus ombros enquanto rumo até a sala do meu pai. Chegando lá encontro os três com cara de velório. Meu pai sentado atrás da sua mesa, Reese e Dylan nas poltronas perto da estante de livros.

— Senta filha, precisamos conversar. — meu pai indica a cadeira do outro lado da sua mesa, tão logo avanço pelo cômodo com cheiro de mofo, fechando a porta atrás de mim — Solomon nos fez uma proposta para manter o campus de pé.

— Isso é bom, não é? — a severidade estampada na fisionomia deles, me faz duvidar de que essa proposta seja boa.

— Ele quer você, Melissa. — meu pai solta.

— Como assim?

Ele suspira longamente e lança um olhar de súplica na direção de Reese, como se não conseguisse continuar e pedisse a ela que o fizesse.

— Ele propôs devolver o campus à Safford se você for embora com ele e concordar em viver como sua amante por quanto tempo ele quiser. — Reese fala calmamente, com a mesma empolgação de quem lê uma receita de bolo.

Observo-a aturdida, me perguntando se isso é algum tipo de pegadinha, ou castigo porque participei do roubo do carro.

— Isso é algum tipo de brincadeira?

— Eu sei que parece ruim, principalmente para uma menina da sua idade — minha madrastra continua — mas, veja pelo lado positivo, ele disse que você terá seu próprio apartamento e empregados. Além disso, morando em uma cidade grande, você pode se estabelecer por lá, fazer uma boa faculdade e construir uma boa carreira profissional.

Finalmente percebo a seriedade da situação e sou engolfada por um abalo emocional que me faz gelar dos pés à cabeça, principalmente pelo fato de que meu pai parece ter concordado com esse absurdo.

— Eu não quero empregados e nem uma carreira profissional. Não vou me tornar amante desse homem horrível. Vou ficar aqui em Safford e construir minha vida com Dylan.

Olho no rosto do meu namorado, buscando a confirmação das minhas palavras, no entanto, para o meu mais profundo desgosto, ele simplesmente desvia seu olhar para o chão, evitando me encarar. Ainda assim, me recuso a acreditar que ele também concordou que eu me torne amante de outro homem, do homem que decidiu destruir nossa faculdade sem qualquer remorso em privar centenas de alunos pobres de uma educação minimamente adequada.

Levanto-me e me aproximo de Dylan.

— Diz pra eles, Dylan, explica que vamos nos casar e construir uma vida juntos, que não posso ser amante desse homem, porque meu coração já pertence a você.

Em resposta, Dylan continua olhando para os seus pés e as lágrimas enchem meus olhos quando sou tomada pela certeza de que ele também está a favor disso, logo ele, o cara que devia estar me defendendo daquele maldito inescrupuloso.

— Diz alguma coisa, pelo amor de Deus. — peço, me esforçando para reprimir as lágrimas.

— É pelo bem da cidade, Mel. Se você for com ele, todos esses alunos continuarão tendo a esperança de um futuro melhor, veja por esse lado. Você estará devolvendo a eles a única opção que têm de fazer um curso superior. — Dylan por fim ergue o rosto para me encarar — Além do mais, será por pouco tempo. Ele disse que no máximo seis meses, talvez menos. Depois que você voltar, recomeçaremos de onde paramos.

A revolta que me toma é absurda.

— Se você concorda que eu seja de outro homem, é porque não me merece, portanto, o que havia entre nós, acaba aqui. — não consigo mais prender as lágrimas e elas escorrem soltas pelo meu rosto, ao mesmo tempo em que solto um soluço e Dylan volta a encarar os seus próprio pés.

— Não sei pra que tanto drama. Você será vista por esse povo como a salvadora da FCS, terá um apartamento só seu, dinheiro, empregados e tudo o mais à sua disposição. — é Reese quem fala, em meio a um suspiro e penso que ela queria estar em meu lugar.

— Acontece que nem toda mulher tem como objetivo de vida ser a prostituta de um carrasco.

— Filha, se acalma. — meu pai diz — Eu sei que não vai ser fácil, mas nesse momento, o futuro da FCS está em suas mãos e embora você esteja garantindo um futuro a todos esses jovens se concordar, a decisão é somente sua.

Meu pai, e todos que me conhecem, sabem que eu seria incapaz de me negar a ajudar, de me negar a me sacrificar pelos outros, pela FCS e toda a grandeza que ela representa para a nossa família e para todas as famílias da cidade e povoados vizinhos, mesmo que isso custe minha vida.

— Só tenha em mente que ele deu o prazo de 24 para você decidir. Depois o campus será derrubado, caso você se recuse. — Reese completa.

Sem conseguir conter o abalo emocional que me chicoteia, deixo a sala em disparada, as lágrimas embaçando minhas vistas, a tentativa de fugir da situação me fazendo caminhar depressa. Ao passar por entre a multidão de alunos do lado de fora, percebo que todos param para me observa e há piedade estampada em suas fisionomias, como se já soubessem de tudo, o que me faz sentir ultrajada, marcada.

Pelo visto o xerife e o prefeito cuidaram em espalhar a notícia.

— Mel, é verdade o que estão dizendo? — Amber indaga com os olhos arregalados de horror, quando passo perto dela.

No entanto, não encontro forças para responder, ou sequer parar de andar. Abalada, passo direto e com velocidade percorro os dois quarteirões que me separam da minha casa, quase sem ver o caminho. Chegando à moradia completamente deserta, corro direto para o meu quarto e me jogo sobre a cama, em meio ao pranto desenfreado.

Meu pai diz que a decisão de me tornar a prostituta daquele homem é minha, mas a verdade é que eu não tenho escolha. Se me recusar a ir com ele serei condenada por toda a cidade pelo resto da vida, serei considerada a responsável pela eliminação do campus, por destruir o futuro de centenas de alunos. Não tenho outra opção que não concordar com esse absurdo, que não abrir mão da minha felicidade, da minha integridade e da minha liberdade em nome do futuro desses jovens, que precisam da FCS. Além do mais, não resta mais nada aqui para mim. Dylan provou que jamais me amou ao concordar que eu seja de outro homem, até meu pai, que deveria estar me defendendo desse monstro, concorda que eu deva ir com ele. Todos concordam.

Afinal não sou tão importante assim para ninguém, apenas a filha e a namorada danificada, com olhos de duas cores e portadora de epilepsia que pode ser descartada com facilidade, que não fará falta na vida de ninguém. Talvez Solomon esteja fazendo um favor aos dois ao me tirar de suas vidas, afinal se nem minha mãe que me trouxe ao mundo me aceitou como sou, por que outros me aceitariam?

CAPÍTULO IV

Choro desenfreadamente até pegar no sono. Quando desperto, levo um susto ao me deparar com Amber sentada na poltrona ao lado da minha cama, lendo um dos meus livros. Por uma fração de segundo, me pergunto se a proposta daquele demônio não passou de um pesadelo, mas então a realidade me atinge como um soco na face e sou tomada pelo mais profundo desalento, sem que me restem lágrimas para expressá-lo.

— Achei que não acordaria mais, bela adormecida. — Amber diz, fechando o livro e o descartando. — Como está se sentindo?

— Como quem foi eleita a prostituta de um carrasco.

— Você não tem que aceitar a proposta dele. Eu vou dar um jeito nisso. Já telefonei para uma prima distante que mora no Arkansas e ela vai nos receber na casa dela.

— Do que você está falando?

— Vamos fugir de Safford, ainda esta noite, sem que ninguém veja.

Embora o plano dela seja horrível, pelo menos está provando que alguém nessa vida se importa comigo.

— Não posso fazer isso, Amber, os alunos e a faculdade dependem de mim agora. Se eu fugir vão me culpar pelo resto da vida. Além do mais, não temos carro, nem dinheiro e não há lugar nesse mundo em que eu me encaixe. Tenho que aceitar o que o destino me propuser.

— Que história é essa? Você pode fazer o que quiser e ser o que quiser.

— As coisas não são bem assim. — não quero deixa-la deprimida explicando o quanto me sinto, e provavelmente sempre me sentirei, rejeitada pelas pessoas que acreditei me amarem, então mudo de assunto — Como você entrou aqui e como ficou sabendo sobre a proposta daquele monstro?

— Escalei a parede e entrei pela janela. Sobre a proposta dele, a cidade inteira está sabendo e não se fala em outra coisa.

— Malditos fofoqueiros. Devem estar dizendo horrores sobre mim.

— Pelo contrário, estão considerando você a salvadora da faculdade. Tem até gente te trazendo presentes. Estão deixando lá na sala.

— Que absurdo. Não passa pela cabeça deles que eu posso recusar?

— Se você recusar, vai ser melhor sair da cidade. Por isso estou aqui. Para te ajudar a fugir.

Suspiro fundo, derrotada, ciente de que estou em um beco sem saída. Se fugir da cidade, como Amber propõe, arruinarei não apenas a vida dela, mas a de todos os outros alunos.

— O que vai ser de mim nas mãos daquele carrasco? — murmuro, chorosa. — Eu ainda nem tive minha primeira vez.

Amber senta-se na cama o meu lado e segura minhas mãos entre as suas.

— Se vai mesmo aceitar essa proposta, aproveite esta noite e tenha sua primeira vez com Dylan, antes de ir com ele. Depois que estiver lá é só dar um jeito de ele se cansar de você. Pelo que fiquei sabendo, ele a quer somente até que isso aconteça.

— Como faço para que ele se canse de mim?

— Sei lá. Da um jeito de manter a casa sempre suja e desarrumada, inventa algum tipo de tic nervoso, seja psicoticamente ciumenta. Homem odeia essas coisas e se isso não der certo, estarei aqui para te ajudar a elaborar outro plano. Vamos nos falar todos os dias e vou fazer com que ele queira se livrar de você rapidinho.

O esboço de um sorriso se manifesta em meus lábios.

— Não sei o que seria de mim sem você.

— Fui eu quem te colocou nessa enrascada quando roubei o carro dele. Eu sinto tanto.

— Não foi culpa sua. E sobre o Dylan, nada mais vai acontecer entre nós. — as lágrimas marejam meus olhos antes que eu continue — Ele concordou que eu aceite viver com aquele homem, sem nem pestanejar.

Solidária, Amber me abraça apertado.

Quando nos apartamos, levanto-me e vou até o armário, em busca de uma roupa para trocar.

— Você vai sair? — Amber quer saber.

— Sim. Vou falar pessoalmente com aquele desgraçado, perguntar o que ele quer de mim antes de decidir o que vou fazer. — ela me encara com olhos arregalados — E você vem comigo. Nem morta vou enfrentar aquela fera sozinha.

Como não quero encarar as pessoas que estão na sala, me esperando

para me parabenizar por estar dando à cidade a oportunidade de ficar com a faculdade — ou mais especificamente para me dar os pêsames pelo futuro que me espera —, deixo o quarto pela janela, junto com Amber, sem que ninguém veja.

É ao avançar pelas ruas da cidade, banhadas pelo sol fraco do fim da tarde, que percebo a repercussão que essa história está tendo. Todos por quem passo param o que estão fazendo para me observar, alguns cochicham entre si, com malícia, outros me encaram sem conseguir disfarçar a piedade estampada no rosto e alguns poucos me cumprimentam como se eu fosse uma heroína.

Seguimos até o único hotel da cidade, onde recepcionadas pela Sra. Fraser, a proprietária, uma mulher na casa dos seus 60 anos.

— Oi minha querida, o que posso fazer por você? — indaga ela.

— O Sr. Graham se encontra?

Ela abre um largo sorriso.

— Sim. Não saiu do quarto desde que chegou. Estou tão feliz que vocês estejam se entendendo. Quando me disseram o que ele te propôs demorei a acreditar, com tantas garotas saudáveis na cidade... — ela se interrompe, subitamente — Enfim, estamos todos gratos a você por essa oportunidade de salvarmos nossa faculdade. Meu neto estuda lá, sabe?

— Em qual quarto ele está? Preciso vê-lo.

— Está na suíte principal. Fiquei até sem jeito por não ter um quarto melhor para oferecer a um homem tão requintado. Ele deve estar acostumado a frequentar os melhores hotéis do mundo.

— Obrigada. Vamos Amber.

Minha amiga empaca no lugar.

— Desculpa, Mel. Não vou ter coragem de ir lá. Aquele homem é muito assustador. Só de pensar em enfrenta-lo já está me dando dor de barriga. Vou te desapontar mais uma vez e vou entender se você me odiar e não quiser mais ser minha amiga.

— Você é uma covarde. — acuso e sigo para o elevador.

Sinto o mesmo nervosismo que a assola. Solomon é o homem mais intimidante que já vi na vida e minhas pernas começam a tremer mesmo antes de o elevador chegar ao andar em que ele se encontra, um bolo se formando na boca do meu estômago.

Solomon

É impressionante a quantidade de segredos que se pode descobrir fuçando as mensagens antigas no celular de alguém. Como vim morar em Safford quando ainda era um adolescente, depois de passar uma infância miserável em um rancho caindo aos pedaços aqui perto, sendo criado pelos meus avós, junto com minha irmã, conheço todo tipo de gente, inclusive sei onde encontrar as pessoas certas para praticarem um roubo de celular. Bastou um telefonema e uma pequena quantia em dinheiro para que, em questão de poucas horas, me entregassem o celular do namoradinho de Melissa, já desbloqueado. O objetivo era descobrir alguma traição, ou outro segredo cabeludo do garoto, que o tirasse do meu caminho e encorajasse Melissa a vir comigo, no entanto, fiquei espantado com a quantidade de informações com as quais me deparei. Para começar o cara é cúmplice de Willian no desaparecimento dos alunos, ele desempenha o mesmo papel que eu desempenhava há 14 anos, sondando a vida dos estudantes e descobrindo quais são os mais insignificantes, cujo sumiço seria menos tempestuoso, geralmente aqueles que são filhos de rancheiros ingênuos e ignorantes, ou integrantes das comunidades Mórmons.

O que mais me surpreendeu nessa história foi saber que Melissa realmente é inocente, não sabe nada sobre o que acontece entre as paredes da faculdade, sobre as atividades ilícitas praticadas pelo pai, pelo namorado e seus dois cúmplices: o prefeito e o xerife. Além disso, ela é virgem, estava se guardando para depois do casamento, quando pretendia realizar seus românticos sonhos de dar filhos ao amor da sua vida e cuidar do seu lar como uma boa esposa, sem ter a mínima ideia de que Dylan tem um caso tórrido com a filha do xerife, uma tal de Blake, com quem se satisfaz sexualmente enquanto espera pelo casamento com a garota por quem é verdadeiramente apaixonado. Um típico triângulo amoroso de cidade do interior.

Outra grande descoberta nas mensagens trocadas no celular do garoto, é que Melissa realmente tem epilepsia, embora William não tenha confirmado isso quando a acusei de ter fingido uma crise para roubar o meu carro, na frente dele. Na certa ele quis esconder a enfermidade da filha a fim de que eu não desistisse dela, como se não se importasse nem um pouco que

eu fique com ela. Confesso que se eu ainda tivesse um coração, teria sentido pena da garota, por ser rejeitada pelo pai, traída pelo namorado e motivo de deboche de Blake, e outros alunos babacas como ela, por causa da sua enfermidade.

Quando fiquei sabendo de tudo isso, quase desisti de Melissa. Uma virgem romântica, puritana e desprezada pelo pai por causa de uma doença, não é exatamente o que eu esperava, porém ao relembrar tudo o que o aquele canalha me fez no passado, novamente pensei em sua filha amarrada em minha cama, com toda a sua inocência e juventude à minha disposição e me mantive firme em minha decisão de torná-la minha, de arrancar tudo dela, transformá-la em uma putinha safada, uma pessoa tão pervertida quanto eu e só então devolvê-la ao pai, exatamente como ele fez com a única pessoa que amei na vida.

Agora só me resta convencer a mim mesmo de que estou fazendo isso para prejudica-lo e não apenas para satisfazer meu tesão pela garota.

Estou terminando de imprimir as mensagens tórridas trocadas entre Dylan e Blake, as quais pretendo entregar à Melissa, quando ouço uma batida fraca na porta e fico surpreso ao ver o rostinho inocente do objeto dos meus desejos através do olho mágico.

Quando abro a porta, percebo que Melissa está trêmula dos pés à cabeça. Seus olhos amendoados, magnificamente lindos e exóticos, com suas cores diferentes, se ampliam ao encontrarem meu rosto, tomados por uma expressão de medo, mas também de deslumbramento. Fitam-me fixamente por um longo momento e então se deslocam para a minha boca, passando pelo queixo, descendo até os primeiros botões abertos da minha camisa, quando a vejo engolindo em seco, denunciando o quanto se sente afetada por mim e sua total incapacidade de esconder isso.

Absurdamente atraído, a ponto de não conseguir conter uma ereção, a examino atentamente, constatando mais uma vez o quanto é linda, com seu rosto ingênuo e puro, emoldurado pelos cabelos ondulados que caem sobre seus ombros. Usa um vestido simples branco que revela pouco do seu corpo e ainda assim tudo nela parece um convite irresistível e descarado à perdição, principalmente aquela boquinha carnuda, naturalmente rosada e bicuda e os seios, que apesar de grandes, são de verdade.

— O que faz aqui? — pergunto, irritado por não conseguir conter a atração genuína que sinto pela filha do homem que quase me destruiu.

Ela parece levar um susto com o tom abrupto da minha voz.

— G-gostaria d-de f-falar com você. — sua voz é um sussurro trêmulo — P-posso entrar?

— Pode. — Abro totalmente a porta e meus olhos vão direto para sua bunda empinada dentro do vestido enquanto ela passa para o lado de dentro. — Sente-se. Quer beber alguma coisa?

— Não. Obrigada.

Ela examina o quarto com curiosidade. Posso apostar como nunca estive em um quarto de hotel antes e tampouco imagina o quanto esse aqui é uma espelunca se comparado aos que conhecerá quando eu a levar em minhas viagens de negócios.

— Diga sobre o que quer conversar. — vou até o tosco frigobar ao canto e me sirvo de uma dose do uísque barato, o único encontrado na cidade.

— Meu pai me falou sobre a sua proposta. Antes de me decidir se vou aceita-la ou não, quero saber exatamente o que você pretende fazer comigo.

Viro-me novamente em sua direção e ela se encolhe, como se tivesse medo de mim.

Acho bom ter mesmo, boneca.

— Quero que seja a minha amante, até que eu me canse de você. — ela parece surpresa com a naturalidade com que profiro as palavras.

É pura demais para compreender o quão sórdido o ser humano pode ser em relação a esse assunto.

— Como assim, amante. Você por acaso é casado?

— Não. Sou livre e desimpedido.

— Então você quer uma namorada?

Sinto vontade de sorrir da sua ingenuidade.

— Eu não namoro, só fodo.

Sua boca linda se entreabre em choque.

Caralho! Vai ser divertido arrancar a pureza dessa menina, apresentar-lhe o mundo da luxúria.

— Me explique como vai ser isso. Vou ficar presa em um calabouço, nua o dia inteiro, esperando você sentir vontade de... de...

— Trepas? — completo com a palavra que o pudor parece não a deixar pronunciar.

— Eu ia dizer outra coisa, mas o significado é o mesmo. Então vai ser assim?

Solvo um longo gole do meu uísque, sem pressa alguma, apreciando a conversa boba e sem sentido como se fosse um jogo interessante de xadrez.

— Embora a ideia de ter você em um calabouço, nua o dia inteiro seja tentadora, não será exatamente assim. Tenho um apartamento destinado a esse fim. — ela me encara com uma interrogação estampada nos olhos de duas cores — Onde mantenho minhas amantes. É um lugar confortável, localizado no centro de Seattle, perto do meu local de trabalho, onde você não vai fazer nada a não ser estar à minha disposição, para sexo, jantares e viagens de negócios. Pode estudar, se quiser, mas não trabalhará nem fará nada sem a minha prévia autorização.

— Tem quantas mulheres nesse apartamento?

— Está vazio. A última garota que morou lá o desocupou há algumas semanas. Nunca tenho mais que uma amante ao mesmo tempo, embora isso não me impeça de ter transas casuais com outras mulheres quando e onde me der vontade.

— Por que eu? Por que me escolheu para ser sua amante?

Não posso revelar a ela que se trata de uma vingança contra o seu pai, ou o ódio de nós dois a impedirá de vir pacificamente comigo. Então revelo minha outra verdade:

— Porque me sinto genuinamente atraído por você. Desde que a vi dançando naquele bar, não a tiro da minha cabeça.

Vejo sua face translúcida ficando lindamente corada.

— Eu tenho epilepsia. Não estava fingindo aquela noite no bar. A mercadoria que você está tentando adquirir, está danificada.

— Esse é um detalhe irrelevante para mim. — ela parece surpresa e quase fico comovido por constatar que a doença a impede de ser aceita facilmente pelas pessoas. — E não se refira a si mesma como uma mercadoria.

— É assim que você me faz sentir. Um objeto barato sendo negociado.

— Pode até ser um objeto de negociação, mas não está sendo barato. — dou a ela um sorriso cínico e bebo outro gole do uísque.

— Todas as mulheres que você já manteve nesse apartamento, como suas amantes, foram forçadas a irem com você, como estou sendo?

Suas palavras conseguem me irritar e, ao perceber isso, ela recua um passo.

— Você não está sendo forçada a nada, menina. A escolha de vir comigo, ou não, é unicamente sua.

— Eu não tenho escolha. Se me recusar a ir, o campus será derrubado.
— seu tom de voz é firme.

— Ele já estaria no chão se eu não a tivesse conhecido. Então considere isso como uma excelente negociação.

Ela suspira fundo, resignada.

— Como isso pode funcionar se a gente mal se conhece?

— Não precisamos nos conhecer para nos darmos bem na cama. Basta que você tenha em mente que possuo um apetite sexual voraz, seja obediente e se entregue a mim por completo, sem reservas.

Novamente, seu rosto de menina fica vermelho.

— Como assim sem reservas? Você é algum tipo de pervertido?

— Sim, eu sou e você não tem ideia do quanto vai gostar disso.

Flagro seus olhos pensativos, tentando imaginar o que pretendo fazer com ela, mas nem que fosse uma garota experiente ela adivinharia. No entanto, seu interesse em descobrir funciona como um estopim para o tesão que passeia em minhas entranhas e me irrita comigo mesmo ao me tornar incapaz de resistir ao desejo de tocar novamente aquela pele macia e pura.

Então, abandono o copo de uísque sobre uma mesinha e aproximo-me dela, com passos lentos, a medida que ela recua, parecendo assustada, intimidada, o que só serve para me deixar ainda mais excitado.

— Vou transformar você em uma pessoa tão pervertida quanto eu, você vai ser minha putinha e vai adorar isso. Vou te foder de tantas formas diferentes e com tanta força, que você vai se tornar uma viciada que não conseguirá passar um só dia sem o meu pau dentro de você.

Ela me encara com os olhos arregalados de pânico, porém percebo que está arfando, afetada com minhas palavras, sua boquinha se abrindo para puxar o ar, o que me deixa ainda mais desejoso dela e me incentiva a continuar. Calculadamente, avanço em sua direção até que suas costas encontram a parede, então, com um movimento rápido e brusco, seguro os seus pulsos e os aprisiono contra a parede, acima da sua cabeça, colocando-a totalmente à minha disposição, o que me deixa excitado a ponto de o meu pau latejar dentro da calça. Espero que ela proteste, que me mande soltá-la, mas ela não reclama, continua me encarado diretamente, docilmente, seu corpo ligeiramente trêmulo mostrando que é uma submissa nata e nada poderia me

deixar mais satisfeito.

— O que você está fazendo? — indaga, em um fio de voz.

— Te dando uma pequena amostra de como as coisas vão ser entre nós. Não se mova e não tenha medo, não vou machucá-la.

CAPÍTULO V

Aproximo minha boca da sua, o bastante para que sinta o calor da minha respiração acariciando seus lábios, mas não a beijo, em vez disso levo a boca até o lóbulo da sua orelha e o mordisco suavemente, passando a língua em seguida, satisfeito ao vê-la estremecer inteira, afetada, excitada. Sem encostar meu corpo no dela, levo minha boca novamente à sua e desta vez sugo suavemente seu lábio inferior, ao mesmo tempo em que desço a mão livre pela sua silhueta, um gemido suave escapando dos seus lábios morrendo nos meus. Sem pressa, passo a língua pelo contorno do seu lábio superior, provando-a, constatando o quanto seu gosto é bom. Deslizo a mão para cima e a fecho em torno de um de seus seios, massageando o mamilo com a palma, por sobre o tecido do vestido, quando a vejo arquejar, apertando as pernas uma na outra.

— Porra garota, você é quente pra caralho...

Passo a mão para o outro seio e o massajeio, fascinado com o quanto é grande e duro. Em resposta, ela se entrega ao descontrole, desencosta os quadris da parede e tenta tocar seu ventre na minha ereção, seu corpo em brasas buscando aplacar o desejo que a domina, explicitando o quanto é fogosa, quente como o inferno e não entendo como conseguiu permanecer virgem até os 18 anos.

A fim de permanecer no controle, espalmo minha mão em seu abdome achatado e a empurro de volta para a parede.

— Quietinha. Não se mova até que eu mande.

Ela obedece prontamente e isso me deixa louco.

Tomado pela luxúria descomedida que sua pureza me desperta, empurro minha língua entre seus lábios e exploro sua boca, avidamente, ao mesmo tempo em que minha mão livre volta a vagar pelo seu corpo todo durinho, se enfiando por baixo da saia do vestido.

Melissa tenta se esquivar, do toque mais íntimo, por puro pudor, então separo minha boca da sua e fito diretamente seus olhos, para ordenar:

— Abra as pernas para mim, menina.

Prontamente, ela obedece e o tesão se intensifica a ponto de deixar

meu pau dolorido dentro da alça. Volto a tomar sua boca linda, beijando-a com volúpia enquanto deslizo minha mão no interior da sua coxa, para cima, e um gemido me escapa quando encontro o tecido delicado da sua calcinha completamente encharcada da sua lubrificação.

— Porra... que delícia... — rosno em sua boca.

À beira do descontrole, enfio a mão na peça íntima e toco diretamente sua boceta carnuda, coberta por uma rala camada de pelos. Particularmente não aprecio bocetas peludas, prefiro que esteja depilada e lisinha, mas há algo nessa menina que me faz venerar de tudo nela, inclusive aqueles pelos. Então os acaricio, fechando minha mão sobre a pélvis, enchendo-a com sua carne farta, para em seguida mergulhar um do dedo entre seus grossos lábios vaginais, seu líquido quente escorrendo pela minha mão, me lambuzando, um gemido doce escapando dos seus lábios.

Quero empurrar o meu dedo para o interior da sua vagina e fodê-la até fazê-la gozar, o que não demoraria nada, no entanto não quero tirar sua virtude assim, quero que pelo menos sua primeira vez seja especial para ela. Então meto apenas a ponta do dedo no buraquinho apertado e o movo em círculos, devagar, em uma massagem confortável, seu corpo frágil tremendo de excitação.

— Queria te foder aqui e agora, menina.

— Por favor, senhor, não...

Sua voz trêmula, me chamando de senhor, é a minha perdição. Preciso de um esforço quase inumano para não tirar meu pau de dentro da calça me enterrar todo naquela bocetinha agora mesmo. Com um grunhido, pressiono mais os meus lábios nos dela e levo meu dedo para o clitóris inchado, massageando-o suavemente até que ela começa a convulsionar, gozando na minha mão, minha boca bebendo cada um de seus gemidos até que ela se aquieta, toda mole.

Sem libertar os seus pulsos, afasto-me alguns centímetros para observar o seu rosto e fico fascinado ao ver o misto de confusão e langor estampado em sua fisionomia. Posso apostar como o namoradinho nunca a tocou assim, nunca a fez gozar e me sinto privilegiado por ser o primeiro, ansiando por ser o primeiro em tudo na vida dela.

Retiro minha mão da umidade no centro das suas pernas e empurro meu dedo, completamente lambuzado, por entre seus lábios lindos.

— Chupe. — ordeno, com autoridade.

Sem desviar seus olhos inocentes dos meus, ela prontamente obedece, sugando meu dedo como uma bezerrinha, seu semblante denunciando o prazer que sente ao fazê-lo, o que me deixa prestes a esporrar dentro da calça.

Meu corpo reluta em soltá-la, cada mínima partícula do meu organismo me ordenando a jogá-la naquela cama, amarrar seus pulsos e tornozelos e comê-la até que ela esteja dolorida demais para se mover, no entanto ainda não posso fazer isso, pois ela ainda não é minha. Além do mais, nunca fui um homem de perder o controle por causa de uma mulher, pelo menos não até agora.

A razão e o desejo selvagem travam uma batalha dentro de mim, quando de repente a porta do quarto se abre, bruscamente e a adolescente com quem Melissa estava na noite em que roubou o meu carro avança corajosamente pelo aposento, seus olhos aterrorizados indo direto para os pulsos de Melissa aprisionados contra a parede pela minha mão.

— Por favor, solte-a. — diz a garota morena de cabelos crespos e altos — Não foi ela que roubou o seu carro, fui eu. Melissa não tem culpa de nada. Roubar o carro foi ideia minha, ela nem queria que eu fizesse isso. Portanto, leve a mim e deixe-a.

Eu devia estar furioso pela invasão inesperada, mas a verdade é que sinto vontade de sorrir da ingenuidade da garota, ao mesmo tempo em que me surpreendo ao me flagrar satisfeito por perceber que Melissa não está tão sozinha no mundo quanto pensei.

— Eu podia chamar a polícia por causa dessa invasão, mocinha. — falo, calmamente, libertando os pulsos de Melissa, que continua imóvel, com as costas grudadas na parede, o rosto vermelho pelo orgasmo, a respiração ofegante, os olhos arregalados de confusão.

A outra adolescente aproxima-se dela, visivelmente preocupada.

— Você está bem, Mel?

— E-estou.

A garota me encara desafiadoramente.

— O que você fez com ela, seu... seu... monstro?

— Nada que ela não tenha gostado. Agora saiam daqui as duas, preciso trabalhar.

— Como eu já disse, você pode me levar no lugar da Mel. Fui eu quem roubou o carro.

Ela faz uma cara de sacrifício que chega a ser hilária.

— O roubo do carro nada tem a ver com isso, embora sua atitude de defender sua amiga seja louvável. — vou até a impressora e pego as mensagens trocadas entre Dylan e Blake. — Isso é para você, Melissa. Vai te ajudar a tomar sua decisão. Leia depois de sair daqui. — ao receber os papéis da minha mão, seus dedos roçam nos meus e isso é suficiente para que a corrente violenta de tesão desça pelo meu corpo. — A esperarei amanhã até as oito. Depois disso as máquinas começarão a demolir o prédio com a supervisão da polícia estadual. Agora saiam daqui.

Melissa é a primeira a obedecer, rumando para a porta, enquanto a outra me lança um olhar raivoso antes de segui-la.

Depois que as duas saem, tranco a porta por dentro e me jogo na cama desconfortável. Chega a ser ridículo a forma como meu corpo está quase explodindo de tesão. Melissa tem muito mais poder sobre mim do que pode supor, há algo nessa menina que me deixa fora dos eixos e embora eu não goste de não ter o total controle sobre a situação sei que isso vai passar depois que eu a fizer minha e saciar todos os desejos lascivos do meu corpo, como foi com todas as outras, embora nenhuma delas tenha me afetado de maneira tão fervorosa.

Por hora, preciso colocar os pensamentos em ordem e só vou conseguir fazer isso depois que proporcionar ao meu corpo o alívio de que Melissa o fez necessitado. Então, agindo como um adolescente com os hormônios em fúria, desço minhas calças e tiro o pau, ainda completamente duro, de dentro da cueca, usando o líquido pré-sêmen que escorre da ponta para lubrificá-lo inteiro antes de fechar minha mão em torno dele e movê-la para cima e para baixo. Fecho os olhos e as imagens de Melissa gozando para mim se projetam em minha mente, a maciez da sua boceta lambuzada, seus gemidos doces na minha boca, renovando minha excitação, entretanto, antes que eu tenha tempo de alcançar minha libertação, há uma batida na porta e um palavrão é cuspidado da minha boca.

Visto-me e ao observar o rosto de Reese através do olho mágico é como se um balde de água fria fosse jogado em cima de mim. Eu já sabia que ela ia me procurar, acho até que demorou a vir.

Reese era minha namorada e cúmplice na época da adolescência, quando eu estudava na FCS e ajudava Willian, o prefeito e o xerife a escolher quais estudantes podiam desaparecer sem que ninguém, além da família, desse muita importância. Naquela época acreditava que existia amor entre

nós, no entanto, algum tempo depois da minha partida fiquei sabendo que ela se casou com Willian, tão logo a esposa dele, mãe de Melissa foi embora. Nunca perdi meu tempo mandando investigar essa história, mas minha principal teoria é que eles já eram amantes mesmo quando eu e ela ainda estávamos juntos e a esposa se mandou assim que descobriu isso. Outra de minhas teorias é que ela está com ele pelo dinheiro, pois sempre foi muito ambiciosa.

— O que você quer, Reese? — pergunto, asperamente, sem abrir a porta.

— Como assim o que eu quero? Você some da minha vida de repente, passa anos sem dar notícias e ainda pergunta o que eu quero?

Cogito seriamente não a receber, mas sei que se não o fizer ela não irá embora.

Tão logo abro a porta, Reese passa rapidamente para o lado de dentro. Está bem vestida e impecavelmente maquiada, como quando era jovem e embora continue bonita, com longos e sedosos cabelos loiros e o corpo esguio, como se os anos não tivessem passado, tudo o que sinto ao observá-la de perto é repulsa.

— Há tanta coisa que eu preciso perguntar, mas agora, diante de você, eu só consigo te olhar. Você continua tão bonito. — diz, encarando-me diretamente, a emoção clara em seu olhar.

— Não há nada sobre mim que eu queira te dizer.

— O que aconteceu com você, Archie...

— Meu nome agora é Solomon. — vocifero, interrompendo-a.

— Que seja. Por que você foi embora daquele jeito? Por que me deixou para trás, apodrecendo nesse lugar? Eu nem sabia que era você que tinha comprado o campus? Por que me exclui da sua vida...

— Já chega! — corto-a, furioso — Não faça perguntas para as quais você já tem as respostas. Não sou mais o idiota que você e aqueles patifes usaram e enganaram. Eu sei que você foi cúmplice no que eles fizeram com a minha irmã. — a menção ao ocorrido faz meu sangue ferver de ódio, um gosto amargo se fazendo em minha boca.

Reese encena uma expressão de incredulidade e minha mão treme com o desejo de se fechar em torno do pescoço dela e apertar até que não consiga mais respirar.

— Você está enganado, meu amor. Eu não sabia de nada...

— Cale-se, vagabunda! Eu conversei com todos os envolvidos e confirmei tudo antes de ir embora. Você está envolvida nisso até a raiz do cabelo, só nunca entendi porque fez tanta questão de ajuda-los a se livrar da minha irmã. Que mal ela fez a você?

— Eu não...

— Nem mais uma palavra! Anne está comigo, ela confirmou a história toda.

Vejo seu rosto, naturalmente branco, ficando ainda mais pálido.

— Você conseguiu resgatar Annabelle? Como isso é possível?

— Isso te deixa chocada? — aproximo-me dela, fitando-a com meu melhor olhar ameaçador — Você não tem ideia do que se pode fazer quando se tem dinheiro. Eu podia e devia acabar com todos vocês, pelo que fizeram a Anne, portanto, agradeçam por eu estar disposto a apenas derrubar aquele maldito campus.

Ela me encara de forma desafiadora.

— Agradecer o caralho! Você não pode fazer nada contra nós, porque também está envolvido até o pescoço em toda essa sujeira.

Seguindo a um impulso motivado pelo ódio cego, agarro seu pescoço frágil e aperto com força. Reese se esforça para continuar respirando enquanto segura meu pulso com as duas mãos, tentando se libertar.

O que mais me afeta nesse instante é saber que ela está certa quando diz que estou envolvido até o pescoço em toda essa maldita sujeira.

— Talvez você seja burra demais para entende, vadia, mas há milhares de formas de acabar com vocês sem me comprometer. Então, sim! Agradeça por eu estar disposto a apenas derrubar o campus, ou então levar a filha de Willian, se ela concordar em vir comigo.

Quando percebo que os lábios dela estão começando a ficar roxos, pela falta de oxigênio em seus pulmões, eu a solto, afinal, posso ser um grande filho da puta, mas não sou um assassino.

Reese tosse repetidamente, ao mesmo tempo em que se apoia na parede, se esforçando para se manter de pé. Quando consegue voltar a respirar normalmente, diz:

— Eu não sei o que você pretende levando essa garota, mas se for atingir Willian está perdendo o seu tempo. Ele não liga para aquela epilética com olhos multicolores, pelo contrário, você está fazendo um favor a ele se a levar embora daqui e o livrar da vergonha de ter uma filha danificada.

Um riso de puro ódio faz com que o canto da minha boca se dobre.

— Acredite, ele vai ligar quando eu devolver o que restar dela, porque o sangue nas veias sempre fala mais alto que qualquer outra coisa. Eu aprendi isso na prática e graças a vocês. A dor que eu senti quando vocês fizeram aquilo com Anne, é a mesma dor que ele vai experimentar quando eu fizer o mesmo, ou pior, com a viagensinha dele.

— Você não é assim, Bri... Solomon. Esse não é o cara por quem me apaixonei.

— O que você está vendo, é aquilo em que vocês me transformaram. Agora saia daqui e não apareça de novo na minha frente.

Ela não se move do lugar, continua fitando o meu rosto, como se tentasse pensar em algo para dizer que pudesse me fazer mudar de ideia a seu respeito, no entanto, não existe nada, foram 14 anos de ódio dessa gente queimando em minhas entranhas, nada nesse mundo será capaz de me fazer esquecer o que eles fizeram. Então, pego-a pelo braço e a coloco para fora do quarto, trancando a porta por dentro logo em seguida.

Melissa

— Melissa me diz o que você tem, estou começando a ficar preocupada. — Amber repete pelo que me parece a milésima vez desde que deixamos o quarto de Solomon.

Estamos na casa dela, onde Amber mora praticamente sozinha, visto que a mãe trabalha a noite toda como garçoneiro de um bar e passa o dia inteiro dormindo. Quanto ao seu pai, ela nunca conheceu, sequer sabe quem é.

Estou mergulhada em uma espécie de transe, repassando mentalmente a forma como aquele homem me tocou, o turbilhão de sensações que me despertou. Meu Deus! O que foi aquilo?

Em três anos de namoro Dylan tentou “avançar o sinal” várias vezes e nunca permiti, com Solomon eu sequer cogitei dizer não. Quanto mais ele me tocava, me beijava, me subjugava com aquele seu autoritarismo arrogante, mais eu queria que o fizesse e o que é pior: continuo querendo, como se ele tivesse me dado uma droga altamente viciante da qual necessito. O que há de errado comigo? Esse homem é um pervertido, ele mesmo admitiu isso, obviamente pretende me usar como instrumento da sua luxúria, caso eu aceite sua proposta, e ainda assim, eu continuo desejando-o.

Minha nossa! Talvez toda essa tensão da demolição do campus, tenha me deixado com os parafusos frouxos.

Amber acaricia meus cabelos com carinho, dizendo:

— Você sabe que pode me contar tudo, não é? Aquele babaca fez alguma coisa com você? Ele te machucou? Te tocou?

— E-ele m-me t-tocou. — minha face queima de vergonha.

— Ai, meu Deus, eu sinto tanto.

— Mas eu gostei. — a boca de Amber se abre, em choque — Ele me tocou de um jeito que Dylan nunca fez, me beijou de um jeito safado, depravado. Eu sei que parece loucura e que não devia estar te contando isso, mas foi bom.

Quero falar que tive um orgasmo, muito mais intenso e indescritivelmente melhor que aqueles que tive sozinha em meu quarto, mas o constrangimento me impede de falar.

— Esse sujeito é muito mais velho que você, é um homem experiente, deve ter feito alguma coisa para te enganar, para te fazer acreditar que será bom estar ao lado dele, mas com o intuito de te convencer a aceitar a proposta dele. Depois que você estiver lá ele muda e mostra quem realmente é.

— Como você pode saber disso?

— É um pressentimento. Ele é lindo, isso não posso negar, mas há algo de ruim nele. Para começar ele pode ter qualquer mulher que quiser, e mesmo assim está praticamente te obrigando a ir com ele.

Nesse ponto Amber está certa, há algo de muito errado com esse homem, nem mesmo a forte energia sexual que existe entre nós me impede de perceber isso.

— Mesmo assim eu preciso aceitar a proposta dele. Não posso sacrificar o futuro de centenas de pessoas só para me poupar. Não consigo ser tão covarde.

Amber suspira pesadamente.

— Pelo menos entregue sua virgindade a Dylan antes de ir. Foram três anos de namoro. Ele merece isso e você também.

Recordo-me das palavras de Dylan me incentivando a aceitar a proposta de Solomon, agindo como se eu não significasse nada em sua vida, e meu coração aperta no peito, as lágrimas ameaçando marejarem os meus olhos.

— Nunca signifiquei nada para Dylan. Ele foi o primeiro a me incentivar a ir com Solomon.

Solidária, Amber me abraça, sem que palavras sejam necessárias para confirmar que estou certa.

— Pelo menos há química entre você e Solomon, já que você disse que gostou quando ele te tocou. Não vai ser tão ruim assim e com minha ajuda, ele vai te dispensar da sua escravidão rapidinho, você vai ver, em breve estaremos juntas de novo.

— Não sei se terei coragem de voltar para Safford depois de tudo. Toda a cidade estará sabendo que fui usada e abusada por um maníaco. Eu estarei marcada pelo resto da vida.

— Então construa sua vida em Seattle. Aproveite para estudar enquanto ele deixar. — ela me dá um beijo na face — Vou preparar um lanche pra gente, enquanto isso liga para seu pai e avisa que está aqui.

Quando ela deixa o quanto faço o que disse e telefono para o meu pai,

pedindo que mande alguém vir trazer meus medicamentos, avisando que passarei a noite aqui e que minha decisão de ir embora com Solomon está tomada. Para minha mais completa decepção, ele se mostra exultante com a revelação, como se a FCS e os alunos que nela estudam fossem mais importantes para ele do que eu. Mas quem pode culpa-lo? Que pai ia se empenhar em lutar por uma filha danificada? Talvez no fundo ele esteja aliviado em se livrar de mim.

Desalentada, deito-me na cama e só então me lembro dos papéis que Solomon me entregou antes que eu deixasse seu quarto. Tiro-os do bolso do vestido e os analiso. O mundo parece desabar sobre minha cabeça quando descubro que são mensagens românticas trocadas entre Blake e Dylan, as quais deixam claro que ambos têm um caso, às escondidas, há muito tempo.

Por Deus! O que falta me acontecer?

CAPÍTULO VI

Com meu coração esfaqueado, como se tivesse sido jogado dentro de um liquidificador e sem conseguir conter as lágrimas que banham meu rosto com abundância, continuo lendo as mensagens, algumas bastante antigas, outras mais recentes e descubro que Blake sempre zombou de mim pelas costas por causa da epilepsia e da heterocromia, mas ela não deve ser a única. Em algumas mensagens percebo que há muito tempo ela tenta convencer Dylan de que não sou boa o bastante para ele, de que sou inferior, de que ele devia me deixar para ficar com ela e desconfio que se eu continuasse em Safford talvez um dia ele fizesse isso.

Compreendo que a intenção de Solomon ao me entregar essas mensagens era tirar Dylan do seu caminho e me motivar a aceitar sua indecente proposta, só que eu já havia me decidido, portanto, seu feito só serviu para me deixar ainda mais ferida do que eu já estava. Ele podia ter me deixado ir embora sem saber de nada, não parou para pensar no quanto essa descoberta me machucaria, o que prova que é só mais um que não se preocupa minimamente comigo.

Passo a noite na casa de Amber, a maior parte do tempo chorando, sem conseguir dormir direito. Cedo da manhã ela me acompanha até em casa, onde encontro várias pessoas reunidas na sala, me esperando com a expectativa de que eu salve a faculdade, inclusive Dylan e Blake. Como se atrevem?

Após cumprimentar os outros e dar um abraço em meu pai, me coloco diante deles, os olhos cheios de lágrimas.

— Saiam da minha casa agora mesmo! Vocês não têm vergonha? — esbravejo, entre dentes.

Vejo o sangue sumir da face de Dylan. Ainda assim, ele se atreve a abrir a boca para dizer:

— Estamos aqui pra te apoiar.

— Eu já sei sobre vocês dois. Solomon me mostrou as mensagens trocadas. Saiam agora.

— É melhor vocês irem. Meu pai interfere.

— Vamos Dylan. — Blake segura no braço dele.

Aposto como está exultante porque agora o tem somente para ela, como sempre quis.

— Eu sinto muito, Melissa. — Dylan diz com tristeza e ambos deixam a casa.

— Então quer dizer que você está decidida? Vai mesmo salvar nosso campus? — é o xerife quem pergunta, sem se abalar nem um pouco com o fato de que acabei de acusar sua filha de ter um caso com meu namorado. Talvez ele sempre soube de tudo, talvez toda a cidade soubesse e isso fosse só mais um motivo para rirem de mim pelas costas.

— Sim, pode espalhar a notícia. Eu vou embora com Solomon Graham, a faculdade será salva. Agora vou subir para arrumar minhas malas.

— Você é mesmo uma boa menina. — a primeira dama fala.

— Obrigada por se sacrificar pelos nossos jovens. — alguém diz às minhas costas e sequer me dou o trabalho de me virar para ver quem é, enquanto subo as escadas para o segundo andar, com Amber me seguindo de perto.

Uma hora depois, meu pai, Amber e eu estacionamos em frente ao hotel onde Solomon está hospedado.

— O Sr. Graham me mandou dizer a vocês que o encontrem na nossa sala de reuniões. — a Sra. Fraser nos comunica, tão logo nos aproximamos da recepção.

Na sala de reuniões, encontramos Solomon sentado na cabeceira de uma mesa grande retangular, altivo e intimidante como sempre, usando um terno que parece feito sob medida. Sua fisionomia está fechada, um brilho gélido refletido na expressão do seu olhar, o qual não ameniza nem mesmo quando nossos olhos se encontram, por uma breve fração de segundo, como se o momento que vivemos ontem nunca tivesse existido. O homem que estive no campus na manhã anterior, durante a manifestação, está sentado ao seu lado, com vários documentos em mãos. A impressão que Solomon passa é que jamais duvidou de que eu aceitaria sua proposta.

— Bom dia senhoritas e Sr. Por favor, acomodem-se. — diz ele, sem qualquer emoção em sua voz.

— Melissa decidiu que vai com você. — meu pai anuncia, se mostrando humilde e desolado como nunca vi antes.

— Eu não duvidei disso nem por um minuto. — Solomon rebate,

encarando meu pai com frieza, gesticulando para o homem ao seu lado — Esse é meu advogado Leroy. Ele vai entregar a vocês os contratos a serem assinados, um por você, outro por Melissa. Podem ler antes, se quiserem, mas sejam rápidos, pois tenho muito o que fazer ainda hoje.

O advogado entrega os documentos a mim e a Willian. Languidamente leio as letras miúdas, por alto. Basicamente, o contrato diz que, a partir da data de hoje, tenho por obrigação me manter integralmente à disposição de Solomon, para atividades estipuladas por ele, por um período máximo de seis meses, podendo o mesmo ser interrompido por ele a qualquer momento. Diz ainda que lhe devo obediência, submissão e sempre dirigir-me a ele de maneira respeitosa, em troca de moradia, alimentação e cuidados.

É quase um contrato de escravidão, ainda assim o assino sem contestar, pois já estou conformada com meu destino. Qualquer coisa agora parece melhor que continuar vivendo em Safford, depois de descobrir o caso entre Blake e Dylan.

Meu pai lê o contrato dele atentamente. Ao terminar, fuzila Solomon com olhos furiosos.

— Mas aqui está dizendo que a faculdade continua sendo sua propriedade. — diz ele.

— Claro que é minha. Achou que eu a daria a você?

— Nosso acordo...

— Nosso acordo é de que vou continuar a mantendo de pé. — Solomon o interrompe, asperamente — E vou cumprir minha parte, me abstendo de demolir o campus. Além disso a subsidiarei com os recursos financeiros que o governo fornecia antes.

Meu pai balança a cabeça, indignado. Ainda assina o documento, já que não tem outra opção.

Tão logo o advogado verifica as duas assinaturas e assente para o seu chefe, ele se levanta e declara:

— Agora que estamos acertados, podemos ir. Trouxe todas as suas medicações, Melissa? — se dirige a mim com uma indiferença amarga, como se eu fosse sua funcionária, sem que eu tenha o direito de me indignar, pois de fato sou dele agora.

— Sim, senhor. — respondo evitando olhá-lo nos olhos.

— Nesse caso, podemos ir. — ele deixa seu lugar à mesa.

— Posso ter um minuto a sós com minha filha? — meu pai pede,

humilhado.

— Só um minuto.

O demônio de olhos verdes ruma para a saída, com o advogado e Amber o seguindo.

Meu pai me encara com o semblante choroso, carregado de tristeza e agonia, o que não me convence. Se ele realmente me amasse, como carne da sua carne, a ponto de se angustiar com a minha partida, teria lutado por mim, não teria permitido que eu caísse nas garras daquele homem demoníaco. Quem ama não abandona e nesse momento estou me sentindo completamente abandonada por ele e por todos que já amei.

— Filha, eu sinto tanto por tudo isso. Sei que nesse momento estou sendo o pior pai do mundo. Queria ter forças para lutar contra esse homem, mas é o futuro de milhares de jovens que está em jogo. Espero que um dia você possa me perdoar.

— Tá tudo bem pai, eu entendo. — minto, um nó se formando em minha garganta, as lágrimas ameaçando cair.

— Pelo menos você vai ter um apartamento confortável onde morar, vai ter empregados, pode até ter um futuro melhor por lá.

— Eu sei. Agora vamos antes que aquela fera fique ainda mais furiosa.

— Tenha paciência com ele filha, faça tudo o que ele mandar, seja humilde. Não deixe que a maltrate. — há remorso na expressão do seu olhar.

Então ele me puxa para um abraço e me balança de um lado para o outro, como fazia quando eu era criança.

Há um carro grande e luxuoso estacionado em frente ao hotel quando saímos. Sob as ordens de Solomon, um motorista uniformizado pega minha mala de rodinhas e a dispensa no porta-malas, tomando seu lugar ao volante em seguida. Do outro lado da rua, há uma pequena multidão de pessoas nos observando, como se minha ida com aquele homem fosse o maior acontecimento dos últimos tempos na cidade. Próxima ao carro está Amber, os olhos vermelhos de lágrimas e é apenas quando meus olhos encontram seu rosto que deixo meu pranto rolar, desenfreadamente.

— Vamos nos falar todo dia, eu prometo. — ela diz e me envolve em um abraço caloroso, demorado.

— Vou sentir sua falta. — confesso, entre um soluço e outro.

— Não vou deixar que sinta. Vou fazer você enjoar de ver minha cara

todos os dias no computador.

— Já chega. Vamos indo. — Solomon vocifera, áspero e firme.

Nos desvencilhamos do abraço e Amber lança um olhar mortal na direção dele, entes de voltar a me encarar.

— Não deixa esse bastardo te maltratar. — diz, limpando as lágrimas do meu rosto.

— Vou tentar.

Afasto-me dela e sem olhar para os lados entro no carro cuja porta Solomon segura aberta. Ele senta-se ao meu lado e um segundo depois estamos em movimento, rumo à estrada que leva à saída da cidade, sem que eu olhe nenhuma vez para trás.

É a primeira vez que deixo Safford, para ir a uma cidade grande, e apesar de tudo em minha vida ter sido um grande desastre que me incentiva a ir embora daqui, a sensação que tenho é de que estou deixando uma parte de mim para trás. A dor é excruciante. Tento sufocar as lágrimas, constrangida em chorar na frente de Solomon, mas elas insistem em continuar caindo, sem que ele diga uma só palavra. Não parece prestar a menor atenção em mim, está totalmente concentrado na tela do notebook que retirou de uma valise de couro.

— É a primeira vez que você deixa Safford? — a voz grossa e ríspida, pronunciada de repente, me dá um susto.

— Sim, senhor. — respondo, sem desviar meus olhos da paisagem desértica pela qual passamos em alta velocidade, sem enxerga-la realmente.

— Acredite, essa sensação de tristeza vai passar.

— Como pode saber?

— Já passei por isso e quando parti deixei mais que uma namorada traidora e um pai omissos para trás.

Sua intromissão em minha vida pessoal consegue fazer com que a raiva se alastre pelas minhas veias. Ele já conseguiu o que queria, já tem a mim como sua propriedade, não precisa tripudiar sobre minha dor.

Quando me viro para dizer-lhe o que penso, o flagro me observando de um jeito diferente, luxurioso, como se quisesse me devorar e quando meu olhar se prende ao seu sinto um baque forte por dentro, as lembranças de suas mãos aprisionando meus pulsos, me tocando intimamente, voltam-me à mente como um furacão, um calor pecaminoso desce pelo meu corpo e o bico dos meus seios se enrijecem, o centro das minhas pernas latejando, meu rosto

enrubescendo a ponto de arder.

— Você não precisava me mostrar aquelas mensagens entre Blake e Dylan. Eu já tinha decidido aceitar a sua proposta. — empurro as palavras através da minha garganta seca.

— Então é por isso que você está chorando? Por que descobriu que foi traída? — seu tom de voz denota surpresa, mas sua expressão não muda, aquele fogo luxurioso ainda está lá, me impedindo de racionar claramente.

— Se você tivesse um coração, o que eu duvido, entenderia como me sinto.

Dessa vez parece que consegui atingi-lo. Ele desvia seu olhar para a tela do computador e vejo seu maxilar enrijecendo.

— Chorar por alguém que te trai e te engana, não significa ter um coração cheio de amor e sim ser fraco e até idiota.

Nesse ponto, não posso discordar.

— Não se trata de chorar por ele, mas pela dor de descobrir que além de ter um pai que me entrega a um estanho qualquer, para ser sua escrava sexual, tive um namorado que nunca me amou, que mentiu pra mim durante todo esse tempo, que fui motivo de chacota da amante dele e de toda a cidade. Você não precisava ter inflamado ainda mais minhas feridas me revelando essas verdades, podia ter me deixado ir embora sem saber de nada.

Ele continua encarando a tela do computador por um longo momento de silêncio, quando volta a me fitar seu olhar é glacial.

— Não me arrependo do que fiz. Talvez essas verdades a levem a perceber que o que estou te oferecendo é melhor do que o que você tinha aqui. Agora descanse, boneca, pelo tamanho das suas olheiras, aposto como não dormiu nada a noite.

Eu tenho vários argumentos com os quais posso rebatê-lo, no entanto, não vejo sentindo em confrontar um homem que agora é praticamente o meu dono e pode fazer de mim o que bem entender. Então, viro o rosto para o outro lado, recosto a cabeça no espaldar do assento macio e, com tristeza, observo o deserto passar correndo diante dos meus olhos, até que aos poucos minhas pálpebras vão se tornando mais e mais pesadas, até que por fim adormeço.

Não sei se estou sonhando ou se é realidade quando sinto braços fortes me carregando para fora do carro, um cheiro familiar, delicioso, me inebriando, tão gostosamente que me recuso a abrir os olhos e me entrego

novamente a um sono profundo quando sou acomodada em uma cama confortável.

— Melissa, Melissa, Melissa. — acordo com a voz grossa de Solomon me chamando.

Confusa, pisco várias vezes tentando me recordar de onde estou e sento-me com um sobressalto ao me dar conta de que me encontro em um avião, em pleno voo. Não é um avião comum, como esses que se vê em filmes e novelas, é muito mais espaçoso, luxuoso, decorado como se fosse uma sala de estar com poltronas, mesas, aparelhos eletrônicos modernos e até a cama estreita e confortável na qual estou acomodada.

Solomon está em pé ao meu lado, observando-me com uma ruga no meio da testa, usando apenas a camisa branca de mangas compridas, sem a gravata e o paletó, sua imagem exprimindo uma atmosfera intimidante de imponência, sedução e poder.

— Onde estamos? — pergunto, levantando-me da cama, ainda me sentindo cansada.

— Em meu avião, à caminho de Seattle.

Minha nossa! Como entrei em um avião sem perceber? Eu devia estar muito ferrada no sono.

— Há quanto tempo estou dormindo?

— Há tempo demais. Por isso te acordei, você precisa se alimentar e tomar sua medicação. — sua voz é grossa e firme, a fisionomia fechada como se sentisse ódio de mim, algo que não compreendo.

Se não me suporta, porque não arranjou uma amante que o quisesse? Tenho certeza de que mulheres não lhe faltam.

— Aqui está seu remédio. — fico surpresa quando ele me entrega o comprimido com o qual me trato desde criança e um copo com água. — Tomei a liberdade de olhar em suas coisas o horário em que tem que tomar e já passou faz tempo, uma grande irresponsabilidade da sua parte. — engulo o comprimido depressa — Se precisar usar o banheiro, fica seguindo por aqui, à direita. — ele gesticula para um corredor — Não demore. A comissária de bordo vai servir seu almoço em cinco minutos.

Dada as ordens, como se falasse com uma funcionária, ele se afasta e senta-se em uma das poltronas de couro, depositando o notebook sobre a mesa diante de si e me apresso em obedecer antes que leve outra bronca.

Até o banheiro do avião me impressiona. É todo revestido com porcelanato, tem chuveiro quente, pia de mármore e todos os objetos de higiene pessoal de que se precisa. O avião inteiro parece um pequeno apartamento de luxo, de modo que poderia abrigar uma família inteira.

De volta ao compartimento principal, encontro meu algoz sentando no mesmo lugar, enquanto uma moça muito bem vestida e penteada, serve a refeição de aroma saboroso diante dele.

— Sente-se e como, Melissa. — Solomon ordena, com autoridade, gesticulando para o assento do outro lado da mesa.

A comissária me cumprimenta com um rápido aceno de cabeça, sem que seu olhar me pareça muito amistoso e se retira. Obediente, sento-me onde Solomon mandou evitando encará-lo diretamente, intimidada pela energia poderosa que emana dele, envergonhada por me entregar tão facilmente ao seu ataque ontem.

Ao observar o frango com molho de laranja, sinto fome pela primeira vez hoje.

— Você não vai comer? — pergunto, me servindo timidamente.

— Eu já comi. Acho que você ainda não percebeu, mas já são quatro horas da tarde.

— Acho que dormi demais. — levo uma garfada à boca e fico maravilhada com o sabor que se faz em minha língua.

— Melissa, olhe para mim. — a ordem é firme e direta.

Imediatamente paro de mastigar e ergo o rosto para encontrar o par de olhos verdes que me fitam com uma frieza mordaz.

— Não quero que evite o meu olhar, nem que sinta vergonha de mim. Eu quero a sua submissão, a sua completa obediência, não o seu constrangimento. — diz ele, com o mesmo tom de voz de um chefe falando com sua funcionária — Outra coisa que deve saber é que não tolero irresponsabilidades, então espero que você não deixe de tomar sua medicação no horário certo de novo.

Hesito antes de perguntar.

— O que quer dizer com minha total obediência e submissão?

— Você vai entender melhor quando chegarmos a Seattle. Agora coma tudo.

Dito isto, ele volta a sua total atenção para a tela do notebook, falando com alguém de vez em quando, sobre seus negócios, com a mesma rispidez

com que me trata, provando que é naturalmente arrogante.

Após a deliciosa refeição, peço permissão a Solomon para ligar a televisão, a fim de ter para onde olhar que não seja na direção dele, pois esse homem me intimida demais. Não posso nem imaginar o que vai ser de mim nas mãos dele. Acho melhor não pensar nisso, ou ficarei deprimida por antecipação.

Solomon não volta a falar comigo durante o restante do voo. É noite quando aterrissamos em Seattle e somos recebidos por uma temperatura tão baixa que sou obrigada a abraçar meu próprio corpo para controlar meus tremores, quando levo uma nova bronca, do meu “proprietário”, desta vez por não ter trazido um casaco, como se eu fosse capaz de adivinhar que faz tanto frio aqui. Uma chuva fina cai incessantemente e dou graças aos céus quando somos acolhidos pelo calor do interior de uma luxuosa limusine, que nos aguarda e nos leva através das ruas largas da cidade.

CAPÍTULO VII

É a primeira vez que estou em uma cidade grande, ou em qualquer outra cidade que não seja Safford e tudo à minha volta é fascinante. Os edifícios, que vi apenas pela televisão até agora, são enormes, modernos e imponentes; há outdoors gigantescos e brilhantes em algumas esquinas; mesmo sendo tarde da noite ainda há uma grande movimentação de carros e pedestres nas ruas. Tudo por aqui parece muito grande e futurístico, em alguns trechos as luzes brilhantes chegam a ofuscarem meus olhos.

O motorista estaciona diante de um edifício dos grandes, cuja fachada é toda de vidro escuro, abre a porta de trás para nós e sigo Solomon quando ele deixa o veículo.

Tento não parecer uma caipira desajeitada quando atravessamos o hall enorme, onde cada detalhe é rico em luxo e sofisticado. Continuo seguindo Solomon quando caminha altivo e totalmente à vontade para dentro do elevador. Não digo a ele, mas é a primeira vez que entro no elevador de um edifício com mais de três andares. Foi também a primeira vez que estive em um avião, mas não acredito que ele esteja interessado em saber tais detalhes ao meu respeito. Ainda não sei ao certo o que ele quer de mim, porém tenho certeza de que não é me conhecer melhor.

Estamos no vigésimo andar quando a porta do elevador se abre dando em um pequeno hall social e entramos no primeiro apartamento, cuja sala é grande como imaginei, no entanto, possui uma decoração horrível, nada acolhedora, com móveis e cortinas escuras, sem nenhuma planta ou algo que denote feminilidade ao lugar.

— Esse será o seu lar de agora em diante. — Solomon anuncia e estuda minha fisionomia como se inspecionasse minha reação.

Tenho certeza que esperava me ver deslumbrada com a sofisticação do lugar e não pouco à vontade como estou.

— É bonito. — não é de todo mentira.

— Venha, vou te mostrar o resto.

O sigo apartamento à dentro. Há outra sala mais adiante, mobiliada com uma mesa grande retangular em mogno escuro, um lustre horrível no

teto e uma lareira; uma cozinha grande e muito bem equipada; um corredor largo onde ele me mostra sua suíte tão impessoal e fantasmagórica quanto o resto da moradia. Por fim, ao abrir a porta do último quarto, anuncia:

— Esse aqui é o seu quarto.

Olho em volta e chego a ter calafrios. O primeiro lugar para onde meus olhos correm é a cama gigantesca no centro do aposento, onde obviamente ele pretende me usar e abusar de todas as formas sujas e pecaminosas. Está forrada com lençóis cor de vinho da mesma cor das cortinas grossas que escondem as janelas; há uma escrivaninha grande em um canto, com um computador moderno, aparelho de som e TV de plasma; identifico três portas fechadas, uma delas certamente é o banheiro, outra o closet e a terceira fico sem saber o que é; como no resto do apartamento, não há nada decorativo, que pareça simples ou acolhedor, é tudo muito sombrio e impessoal.

— Todas as suas amantes moraram e dormiram aqui? — a pergunta me escapa antes que eu consiga contê-la.

— Sim. Todas.

Sua resposta me causa ainda mais repulsa do lugar.

— E todas chegaram até você por meio de uma... negociação, como eu?

O canto da boca dele se dobra em um sorriso muito sutil.

— Acredite ou não, eu nunca precisei disso. Todas as mulheres que tive seguiram as minhas regras, mas a única que precisei comprar, foi você.

— E você não tem uma namorada que vai aparecer aqui a qualquer momento, ligada no 220, pronta para me escalar?

Ele sorri de novo, com a mesma sutilidade.

— Como eu já disse, não tenho tempo para namoradas. Esse é o único tipo de relacionamento que me interessa.

Do tipo: você manda e se a garota tiver juízo obedece. Não pronuncio a reflexão em voz alta, embora continue me perguntando se ele não sente falta de amar e ser amado, ou mesmo se sabe o que é isso.

— Ainda há algo que quero te mostrar. — ele gesticula em direção a uma das portas duplas fechadas. — Esse aqui é o closet, ainda está vazio, mas amanhã uma especialista em moda virá te atender. Pode comprar o quiser, só não mude muito, pois gosto de você como é. — essa é a coisa mais gentil que ele me disse desde que o conheci — Virá também uma esteticista. Deixe que

ela tire todos os pelos do seu corpo, detesto isso. — ele ignora o horror que se manifesta em meus olhos enquanto digiro essa informação e segue para a segunda porta dupla, abrindo-a, acenando para que eu o siga.

Trata-se de um quarto acoplado, um pouco menor e está cheio de objetos que a princípio não sei o que são, mas que aos poucos vou conseguindo identificar, à medida em que o pânico toma conta de cada célula do meu corpo, me fazendo estremecer, um bolo se formando em meu estômago, uma camada de suor gelado cobrindo a minha pele. O que está diante dos meus olhos são objetos de tortura. Há uma vitrine com vários tipos de açoites e algemas; em outra há cordas e correntes; uma gaiola grande de metal está em um canto; em outra vitrine reconheço clips para esmagar mamilos e outros objetos cuja utilidade tenho até medo de imaginar; vejo também um cavalete de madeira com buracos que certamente servem para aprisionar os pés e as mãos da vítima; em outro canto há uma cadeira com correntes para os braços e pernas.

Por Deus! Solomon Graham é um sádico. Agora entendo porque me comprou.

— V-você p-pretende f-fazer i-isso c-comigo? — pergunto, embora já saiba a resposta.

— Sim. Mas não precisa ter medo, não vou te machucar, pelo contrário, o objetivo de tudo isso é te dar prazer e receber prazer. Você vai gostar.

Além de sádico, ele é louco!

— E s-se eu não quiser, v-você vai me violentar?

O olhar que ele me lança reluz uma fúria tão absurda que recuo um passo, apavorada, esperando que a qualquer momento ele me ataque, rasgue minhas roupas, me jogue em cima de uma daquelas coisas e me açoite com os seus chicotes, isso na melhor das hipóteses.

— Eu posso ser muita coisa, mas não sou um estuprador. — rosna, em seguida respira fundo, como se tentasse se acalmar — Não sou um homem que tolera muita coisa, mas estou disposto a esperar até que você esteja pronta para mim. — ele hesita antes de continuar — Eu li todas as mensagens no celular do seu namorado, sei que você ainda é virgem, apenas por essa razão vou dar a você esse tempo e serei cuidadoso na sua primeira vez, só que o tempo todo você precisa ter em mente que agora pertence a mim, que me deve obediência e submissão. Serei bondoso se seguir a risca as

minhas regras, porém se as quebrar você conhecerá o meu pior lado. Torça para que não aconteça.

Estou completamente chocada, sem palavras, minha mente trabalhando em segredo, maquinando uma forma de fugir desse demônio. Não posso ficar aqui, não posso ser dele assim. Tampouco posso voltar para Safford. Sinceramente não sei o que vai ser de mim.

Solomon segue para fora do quatinho da tortura e o sigo até o aposento maior.

— Três dias é o que você tem para se preparar para mim. Depois disso quero que me espere sempre usando roupas íntimas que serão trazidas depois que a modista tirar suas medias. Virei vê-la na maioria das vezes à noite depois do trabalho, mas pode acontecer de eu aparecer durante o dia. Quando eu precisar viajar, ou comparecer a algum evento social que exija uma acompanhante, você irá comigo, a especialista em moda a ajudará a se vestir para essas ocasiões, siga a risca o que ela a ensinar. Para me receber não precisa mudar nada, não use maquiagem nem prenda os cabelos, apenas use as lingerie, essa parte é indispensável. Há uma governanta que trabalha aqui, ela vai preparar suas refeições e cuidar do apartamento, diga a ela o que gosta de comer e como gosta das coisas. Você a conhecerá amanhã. Outra coisa indispensável é que você não saia ou faça qualquer coisa sem antes me pedir permissão. — ele para de falar e passa a me observar em silêncio, como se esperasse que eu dissesse algo, enquanto eu só consigo tremer dos pés à cabeça — Alguma pergunta, Melissa?

— Não vou conseguir fazer isso... — minha voz sai como um sussurro trêmulo.

— Sim, você vai e vai gostar. Vai se tornar tão viciada nisso que quando eu te mandar ir embora você vai me implorar para ficar.

— I-Isso é demais. Cordas, correntes, chicotes!

Ele sorri de lado, com escárnio, sem qualquer emoção no olhar.

— E o que você esperava, música romântica, champanhe e flores? Deixe o romantismo para os tolos, menina, esse aqui é o meu mundo e agora você faz parte dele.

— Essa vida não é para mim. Por favor, me deixe ir embora. — o pânico me impulsiona a pedir algo que sei que ele nunca atenderá.

Solomon se coloca diante de mim, tão perto que posso sentir o cheiro do seu perfume caro e gostoso, fita-me fixamente nos olhos, a fúria já

conhecida refletida no verde do seu olhar.

— Não volte a pedir isso, menina. Eu paguei caro por você, muito mais do que imagina. Agora você é toda minha e não há nada que possa fazer a respeito. — ele segura minha face com uma mão e a acaricia com a outra, gentilmente, o toque levando uma corrente de calor às minhas veias — Estou verdadeiramente fascinado por você e não vejo a hora de possuí-la. Acredite, esses três dias de espera vão ser uma tortura para mim.

Sem desviar seu olhar feroz do meu, ele passar o polegar pelo contorno dos meus lábios e uma sensação de luxúria me invade, de forma intensa e inesperada. Lembro-me da forma como ele me fez chupar meu próprio gosto após me tocar lascivamente e sinto vontade de lamber seu dedo agora, depois levar minha boca até seu queijo e experimentar a aspereza da barba curta sob toque da minha língua.

As sensações libidinosas me fazem sentir suja, devassa, mas é um sentimento gostoso, do qual quero mais, preciso de mais, e chego à conclusão de que só pode haver algo muito errado comigo.

Meu algoz suspira pesadamente e me solta, afastando-se.

— Preciso ir. Se precisar de alguma coisa, peça à Sra. Cooper, a governanta, para me ligar.

— Você não dorme aqui?

— Não. Só em raras ocasiões, e quando acontece fico na minha suíte. — ele faz menção de sair, mas então volta a me encarar — Faça um esforço para se acostumar a isso, Melissa — gesticula na direção do quarto acoplado — Abra a sua mente, acredite que vai gostar tanto quanto eu. Quanto mais depressa você aceitar que esse é seu destino, mais depressa extrairá seu prazer dele. Pense sobre isso.

Sem mais palavras, ele deixa o quarto, com passos largos e firmes.

Completamente atônita, atordoada, sento-me na beirada da cama nojenta sobre a qual ele já comeu e torturou todas as suas inúmeras amantes e afundo o rosto entre as mãos, desalentada, sem saber o que fazer ou mesmo no que pensar. Tudo o que preciso agora é elaborar uma forma de fugir desse louco, tenho três dias para encontrar uma saída, sem que isso dê a ele o direito de demolir o campus. Preciso falar com Amber, ela prometeu me ajudar e certamente pensará em algo.

Então, saco meu celular do bolso e faço uma chamada de vídeo. Não tenho ideia se há diferença de horários entre Seattle e Safford, só sei que se

for muito tarde lá e Amber já estiver dormindo, vai ter que acordar para me ajudar. Estou quase desesperada. Não é apenas sexo que Solomon quer comigo, ele que me torturar. Se já era terrível pertencer a ele de forma normal, como uma mulher pertence a um homem, imagina ter que fazer isso sob açoites e correntes.

Amber atende no segundo toque, a tela do aparelho me agraciando com a imagem do seu rosto querido.

— Oi Mel. Estava até agora acordada esperando você ligar. — diz ela — E aí, me conta tudo. O que aquele monstro fez com você?

A chamada está horrível, não sei a senha do wi-fi e tenho que usar os dados móveis.

— Amiga você precisa me ajudar. Estou desesperada.

— Ele te violentou? Chama a polícia. Mesmo que tenha pago uma faculdade por você, ele não tem esse direito.

— É muito pior que isso — a expressão de horror que surge na fisionomia dela é indescritível — Ele tem um quarto de tortura, onde faz horrores com as mulheres. Lá tem chicotes, algemas, cordas e até uma gaiola.

— Ai meu Deus, ele é um sádico.

— Sim e pretende fazer tudo aquilo comigo. Me deu três dias para me preparar. Me diz o que vou fazer, não quero ser amarrada e torturada, mas se eu fugir ele pode demolir o campus da faculdade.

— Fica calma, respira, eu vou pensar em alguma coisa. — ela parece tão nervosa quanto eu — Três dias é tempo suficiente para que, juntas, encontremos uma saída.

— Tem que haver um jeito de eu escapar sem condenar a faculdade.

— E vamos encontrar esse jeito. Por hora, me conta como foi a viagem. É bom andar de avião?

Ainda estamos conversando sobre a viagem, quando levo um susto ao ouvir uma batida discreta na porta. Peço que Amber espere e ao abrir me deparo com uma mulher com cerca de quarenta anos, pele clara e cabelos escuros presos em um coque impecável no alto da cabeça, vestida de forma sóbria, com terninho e saia lápis, com um sorriso simpático no rosto.

— Olá, sou Madeleine Cooper, sua governanta. O Sr. Graham me ligou avisando que a senhorita acaba de chegar de viagem e me mandou vir perguntar se quer comer alguma coisa antes de dormir.

Fico boquiaberta com tanta formalidade e com a paparicação. Não

estou acostumada com isso.

— ã... não preciso de nada, não quero dar trabalho.

— Não é trabalho algum. Estou aqui para servi-la.

— Bem... então pode trazer um copo de leite morno.

— Certo. Volto em um minuto.

Ela dá meia volta e se vai, então volto para a minha ligação.

— Cacete! Tirando a parte da tortura, até que aí não é tão ruim assim.

— Amber diz, após me ouvir falando com a mulher.

Depois de uma noite de sono movimentada, repleta de pesadelos com cordas, açoitos e gaiolas de metal, a primeira coisa que faço ao acordar é ligar para Amber, que apenas me responde com uma mensagem de texto avisando que está em aula e percebo que vou ter que me virar sozinha.

À procura da minha mala, deixo o quarto apreensiva, tomada pela estranha sensação de que aquelas paredes escuras podem me ver e me ouvir. Na sala, verifico a porta da frente e constato que está trancada, como já esperava. Desanimada, sinto o aroma gostoso de comida partindo da cozinha e logo em seguida a Sra. Cooper surge daquela direção, vestida e penteada de maneira formal, como ontem.

— Bom dia. O café da manhã está pronto. A senhorita gostaria de comer agora?

— Na verdade, estou procurando minha mala. Você sabe onde ela está?

— Tomei a liberdade de leva-la até seu quarto. Está no closet.

Ela entrou no quarto enquanto eu dormia? Que invasão de privacidade!

— Certo. Obrigada. Vou me trocar e volto pro café. E não precisa me chamar de senhorita.

— Como queira.

De volta ao quarto, corro para o closet e encontro todas as minhas roupas arrumadas nos cabides. A mala está em um canto, abro-a à procura do meu passaporte, visto que precisarei dele caso consiga fugir, mas não o encontro, nenhum dos meus documentos está aqui. Procuro nas gavetas, por mais de uma vez, e nada. Solomon deve ter deduzido que eu tentaria escapar e levou todos eles.

Mas que droga! Isso está ficando cada vez pior.

Cogito procurar no quarto da tortura, mas não tenho coragem de entrar lá. Preciso arranjar outra forma de fugir.

Então, tomo um banho rápido, me troco e sigo para a cozinha, onde encontro a governanta atrás do balcão, preparando algo no fogão.

— Olá. — ela se mostra simpática ao me receber. — Eu ainda não sei do que você gosta, então preparei um pouco de cada coisa. Tem panquecas, torradas, bacon com ovos, pão fresco e frutas. O que vai querer?

É muito estranho ter tantas regalias, logo eu que estou acostumada a preparar as refeições e fazer todo o serviço doméstico da casa desde que minha mão foi embora.

— Pode ser panquecas.

— Sente-se. — ela gesticula para uma banqueta dos meu lado do balcão e acomodo-me, para em seguida ser servida das panquecas com geleia de morango e café com leite.

— Obrigada. — sirvo-me e provo o primeiro pedaço. Está uma delícia. — Você trabalha para todas as amantes de Solomon? — a pergunta me escapa antes que eu consiga contê-la.

— Desculpe, não tenho permissão para falar sobre isso. — eu podia ter ido dormir sem essa — Preciso que você me diga o que gosta de comer, para que eu prepare um cardápio semanal.

Não pretendo ficar aqui uma semana.

— Deixa isso pra depois. Gostaria que você me desse uma cópia da chave da porta e algum dinheiro. Quero dar uma volta pela cidade. Fazer turismo.

É mentira. Na verdade, eu planejo estudar uma estratégia de fuga que não comprometa o futuro da FCS.

— Claro. Só preciso ligar para o Sr. Graham antes.

Ela saca um celular do bolso do seu terninho e fico subitamente pálida.

— Isso é realmente necessário?

— Sim, querida. Como você deve saber nada aqui é feito sem a permissão dele.

Droga.

Ouçõ a mulher trocar algumas palavras com meu algoz no telefone. Ao encerrar a ligação se vira para mim e anuncia:

— Ele disse que hoje não vai ser possível, pois você está esperando uma especialista em moda e a esteticista. Isso fica para outro dia.

Eu sabia! Sou prisioneira dessa torre escura e sombria sem que exista

um príncipe encantado que algum dia venha me resgatar. Só que não vou desistir assim tão fácil. Mesmo sem meus documentos preciso dar um jeito de escapar desse demônio torturador de mulheres.

CAPÍTULO VIII

Solomon

Sentado atrás da mesa em meu escritório, com a paisagem do centro de Seattle às minhas costas, encerro a ligação telefônica de Madeleine. Segundo ela Melissa quer sair para fazer turismo, no entanto, pelo pouco que conheço da garota e pelo pânico que ela demonstrou ao conhecer o quarto acoplado ao seu, sei que quer tentar fugir. Sei também que é degradante mantê-la como minha prisioneira, mas o fato é que essa menina está mexendo comigo a ponto de me levar a tomar esse tipo de atitude baixa e desprezível, algo que jamais faria em qualquer outra circunstância.

Embora eu tente me convencer do contrário, não é o ódio pelo pai dela que me motiva a agir assim e sim o desejo de possuí-la, que queima em minhas entranhas, de maneira fervorosa, toda vez que penso nela, cada vez que lembro da forma como ela se entregou a mim naquele quarto de hotel, da mulher fogosa que se revelou por trás da menina pura e inocente.

Eu a quero tanto que isso está começando a me fazer perder o autocontrole e se há algo que não tolero é não ter o controle sobre mim mesmo e sobre todas as situações com as quais lido. O que me anima é a certeza de que isso vai passar depois que eu a tiver por completo, que a subjugar e a fazer minha de todas as formas. Embora eu nunca tenha me interessado por uma mulher de maneira tão abrasadora, por todas que tive perdi o interesse depois de pouco tempo.

— Sr. Graham, sua irmã está aqui para vê-lo. — anuncia minha secretária através do interfone.

— Mande-a entrar.

Caralho! Eu já sabia que Anne me procuraria para contestar o fato de que a faculdade de Safford ainda está de pé, acho até que ela demorou a vir.

Posso imaginar o quão tempestuosa vai ser a reação dela quando souber que ao invés de derrubar aquela merda e vingar o que aqueles patifes fizeram com ela, eu trouxe a filha de Willian para ser minha amante. Anne jamais entenderá, nem eu mesmo entendo direito porque fiz isso. O certo teria

sido destruir aquela gente, porque afinal eles a destruíram e minha irmã só tem a mim com quem contar. Somos a única família um do outro desde que nossos avós morreram depois de uma vida miserável em um rancho nos recônditos do Arizona. Dos nossos pais, não sabemos nem o paradeiro. O pouco que nossos avós nos contaram é que nossa mãe morava em Nova Iorque e só voltou ao rancho para nos deixar com eles quando ainda éramos bebês, depois das duas gravidezes indesejadas, de dois homens diferentes. Nunca me interessei em procurar por ela, já que ela não se interessou em nos manter em sua vida.

A porta se abre e Anne avança pela sala grande, como sempre muito bem vestida, com os cabelos loiros e a maquiagem impecáveis, embora nenhuma produção seja capaz de desviar a atenção da cicatriz que ela carrega no rosto, consequência de sua tentativa de fuga daqueles marginais, a qual, mesmo depois de várias cirurgias plásticas, continua perceptível.

— Como você chega de viagem e não me telefona? — diz ela e contorna a mesa para me dar um abraço.

— Cheguei tarde da noite ontem e ainda não tive tempo para nada.

Anne senta-se na cadeira do outro lado da mesa, os olhos inquiridores se cravando nos meus.

— Não há nada nos jornais sobre a demolição do campus da FCS. Quer me dizer o que aconteceu? — seu tom de voz denota seriedade.

— Ele não foi demolido.

Não há surpresa em sua fisionomia, como se ela já esperasse por isso. Só não espera pelo que direi em seguida. Isso sim, a deixará desapontada comigo.

— E por que não?

— Decidi me vingar de Willian de outra forma. Trazendo a filha dele para ser minha escrava sexual.

Anne continua me encarando em silêncio, o olhar se tornando lentamente incrédulo, sua boca aos poucos se abrindo de perplexidade.

— Você deixou de demolir aquela merda de campus em troca de trazer a filha do homem responsável pelo meu maior pesadelo, para o seu apartamento de putaria? É isso que você está me dizendo?

Suas palavras me causam um aperto no peito. Sei que a forma de justiça que escolhi não é, nem de longe, suficiente para vingar tudo o que ela passou. Por outro lado, se o desaparecimento de alunos cessar, deixar a

faculdade de pé vai garantir o futuro de centenas de jovens que não têm qualquer perspectiva de vida, como nós não tivemos um dia.

— Não é um apartamento de putaria. Veja como fala.

Seus olhos azuis brilham de ódio, seu rosto se ergue em desafio. É a única pessoa na face da terra que se atreve a me confrontar.

— É onde você mantém suas putas particulares. Não há outro nome para aquele lugar.

Respiro pesadamente, tentando acalmar os nervos.

— A filha de Willian tem 18 anos, é filha única, virgem e pura. Vou transformá-la em meu brinquedinho sexual, usá-la até me cansar, como fizeram com você. Essa será nossa vingança.

Anne sorri sem vontade, depois levanta-se e começa a andar de um lado para o outro da sala, os saltos das sandálias tilintando no piso, os braços cruzados na frene do corpo, como ela sempre faz quando está nervosa.

— Você acha mesmo que amordaçar e transar com essa garota vai se comparar ao que fizeram comigo?

Não me sinto à vontade quando ela menciona o que faço com as minhas amantes. É íntimo demais. Ela sequer saberia sobre isso se não tivesse invadido o lugar certa vez, à minha procura.

— Não, mas não deixa de ser uma forma de vingança.

— Isso não é vingança. Essas mulheres gostam do que você faz com elas. Vivem correndo atrás de você como cadelas no cio. Com essa garota não vai ser diferente.

— Vai ser sim, Anne. Confia em mim. Quando eu a devolver para o pai, não vai restar nada dela além de um corpo sem alma.

Minhas palavras parecem acalmá-la e ela volta a se sentar.

Ótimo. Consegui convencê-la de que a estadia de Melissa em meu apartamento será um pesadelo, agora só falta convencer a mim mesmo.

O dia é cheio de trabalho e estressante como de costume. No início da noite, quando deixo o escritório, me parece muito mais atraente ir até o apartamento onde Melissa está, do que para a solidão daquele onde moro. Sei que prometi a ela esperar até que estivesse pronta e continuo mantendo minha palavra, pretendo ir até lá apenas para olhar para ela, contemplar minha aquisição mais valiosa.

Então, na metade do percurso, mando que o motorista mude a rota.

Paro em um shopping e compro um celular moderno para ela, para que possa me ligar diretamente, sem ter que pedir a Madeleine que o faça.

Ao abrir a porta do apartamento e entrar a encontro bastante à vontade no sofá da sala, parecendo uma criança, sentada com as panturrilhas cruzadas na frente do corpo, segurando uma tigela cheia de pipoca, assistindo uma série de ficção científica na TV. Tem os cabelos presos em um coque malfeito no alto da cabeça e usa uma blusinha branca de alças finas e um short curtinho de tecido leve, deixando as coxas à mostra até o ápice, as curvas dos seios fartos quase totalmente visíveis, o que me causa uma ereção imediata e dolorida.

Ao me ver, ela fica toda tensa, o corpo endurecendo, a coluna se ajeitando no espaldar, a fisionomia amedrontada. Percebo, mais uma vez, o quanto a deixo intimidada e o quanto isso me agrada.

— Boa noite, boneca.

— Boa noite, senhor.

Ah, se ela soubesse o quanto me deixa louco quando me chama de senhor. Melissa é uma submissa nata, percebi isso no instante em que ela falou comigo pela primeira vez, em meu carro, naquela parada de caminhoneiros. Tudo nela parece implorar para ser subjugado, sua pele jovem, translúcida, parece pedir para ser chicoteada, sua inocência remete ao misto de dor e prazer que algumas mulheres tanto apreciam. Ela só não descobriu essa verdade ainda, mas estou disposto a ensiná-la, a torna-la uma viciada em tudo o que farei com ela, antes de descartá-la.

Vagarosamente, sem desviar meus olhos dela, livro-me do meu paletó, tiro a gravata e enrolo as magas da camisa branca até os cotovelos. Em seguida, sento-me na poltrona ao lado do sofá onde ela está, observando sua tensão crescendo.

Na certa está achando que decidi revogar o prazo que lhe dei.

— Trouxe isso para você. — estendo-lhe o celular novo e ela se levanta para pegar.

— Obrigada.

Volta a se sentar, muito mais reta e tensa e não demonstra qualquer emoção ao abrir o presente.

— É para que você me ligue sem precisar pedir a Madeleine. O número já está gravado aí.

— Eu preferia ganhar um chave da porta do que um celular caro. —

ela não me encara enquanto fala.

— A porta trancada é temporária. Apenas até você se acostumar com sua nova vida. Mas não significa que não pode sair. Quando estiver acostumada aqui, deixarei um motorista à sua disposição.

— Um motorista para me vigiar.

— Não é essa a intensão. — minto.

— E meus documentos, onde estão?

— Para que você quer seus documentos?

Mesmo sem que ela me olhe diretamente, posso ver seu rosto ficando pálido. Ela está mesmo planejando fugir de mim, não faz a mínima ideia de com quem está lidando e do que sou capaz de fazer para não a perder.

— Talvez eu precise deles quando sair.

— Não vai precisar. Agora me diga como foi o seu dia.

— Bastante agitado. A modista trouxe muitas roupas, calçados e acessórios. Comprei muitas coisas.

— E por que está usando esses molambos?

— Eu não sabia que você vinha hoje.

— A esteticista também veio?

— Sim.

Vejo sua face linda corando e sei que está pensando na depilação íntima que exige que fizesse. Imagino sua bocetinha carnuda toda lisinha, sem pelo algum e meu pau lateja dentro calça, tão duro que minha pélvis chega a arder.

Ah, se ela não fosse mais virgem, eu não teria lhe dado esses três dias, para pelo menos se acostumar a estar longe de casa, e estaria fazendo de tudo com ela agora. Em compensação, terei o privilégio de ser o primeiro em tudo na sua vida sexual.

— Me sirva uma dose de uísque com duas pedras de gelo. — ordeno, com autoridade.

Prontamente, ela levanta-se e vai até o bar ao canto da sala, meus olhos correndo direto para o bumbum durinho dentro do short, aos pés delicados, com as unhas pintadas de vermelho, descalços e embora tudo nela funcione como um afrodisíaco para os meus desejos mais insanos, nada me deixa mais maravilhado que sua capacidade de obedecer sem hesitar.

— Sente-se aqui. — ordeno, gesticulando para o carpete ao meus pés, depois de receber a bebida de suas mãos.

— Aqui? — ela gesticula para o mesmo ponto no chão, o rosto perplexo.

— Sim. Aí.

Espero que ela recuse, mas não acontece. Sem protestar, minha pequena senta-se aos meus pés, sobre seus calcanhares, as mãos espalmadas sobre as coxas, como a boa submissa que é e permanece cabisbaixa.

Solvo um grande gole do meu uísque e levo uma mão aos seus cabelos, solto-os, deixando as ondas cheias e sedosas caírem sobre seus ombros.

— São tão macios. — murmuro e continuo os acariciando, gentilmente, proporcionando ao meu corpo uma pequena satisfação para essa necessidade absurda que tenho de tocá-la.

— A esteticista os hidratou hoje. — sua voz é um sussurro quase inaudível.

— Olhe para mim, Melissa. — ela ergue o rosto e fico ainda mais enfeitiçado com o misto de inocência e medo presente em sua fisionomia — Você é uma joia rara e preciosa, menina.

— Você está enganado. Sou só uma pessoa danificada.

— Nunca mais repita isso. A cor diferente dos seus olhos não é um defeito, é uma obra de arte que me deixa fascinado. A epilepsia é só um detalhe que pode ser controlado. Tudo mais em você é feminilidade, inocência, delicadeza, o que pode facilmente levar um homem a se perder de luxúria.

— Por que você veio hoje? Desistiu de me dar os três dias?

— Não. A promessa ainda está de pé. Só quis olhar para você.

— Por que você me escolheu? Por que deixou de demolir a campus da faculdade por mim? Você pode ter qualquer mulher. Olha para você. Olha para esse lugar.

— Nenhuma outra mulher me despertou o desejo que você me desperta. Eu queria ter demolido o campus e ganhado uma fortuna com o hotel fazenda que ia construir lá, mas esse desejo por você lateja dentro de mim desde que a vi dançando naquele bar. É muito mais forte que eu. — embora eu quisesse o contrário, nenhuma de minhas palavras é falsa. — E sei que você sente o mesmo, seu corpo me disse isso quando a toquei naquele quarto de hotel. Só não entendo porque não assume isso.

— Tenho medo de você. — sua voz é um sussurro.

E é bom ter mesmo, boneca.

— Quando medo e desejo se misturam, levam você a um prazer inimaginável.

Ela volta a observar suas próprias mãos, permanece em silêncio por um instante, então me encara novamente, hesitando antes de falar.

— Você parece tenso. Quer que eu faça uma massagem?

Na mesma hora meu instinto de desconfiança é acionado. Aos 32 anos de idade e depois de ter possuído mais mulheres do que consigo contar, tenho experiência suficiente para discernir quando uma delas está tentando me enganar, ou arrancar algo de mim. Melissa não se prontificaria a me fazer uma massagem sem esperar nada em troca, não quando ainda não conheceu o meu mundo e tudo o que tenho a lhe oferecer, não quando ainda é um diamante bruto que precisa ser lapidado. Ela quer me ludibriar, quer alguma coisa de mim e estou curioso para saber o que é.

— Claro. Estou mesmo precisando.

Ela não consegue disfarçar o nervosismo, a hesitação, quando se levanta e se coloca atrás de mim. No instante seguinte suas mãozinhas pequenas e delicadas passam a percorrer meus ombros, pescoço, nuca e têmporas, em uma massagem surpreendentemente relaxante.

Fecho os olhos e recosto a cabeça no espaldar da poltrona, relaxando como há muito tempo não acontecia. O cheiro que parte de Melissa é como ela: delicado, suave e feminino. Quero tanto senti-lo mais de perto, beijar cada parte perfumada do corpo dela, que meu pau chega a doer dentro da calça.

— Há alguma coisa que você queira de mim, Melissa? — pergunto, depois do longo momento de silêncio.

Detesto não ter o controle sobre as situações nas quais me encontro, e Melissa tem o poder de me levar a perde-lo. Se eu não sair logo daqui, vou acabar me descontrolando e tomando-a antes da hora.

— Na verdade... sempre quis conhecer Seattle, é meu sonho desde criança e agora que estou aqui, não posso sair. Gostaria de fazer turismo pela cidade.

Ela realmente acredita que pode fugir de mim. Como é ingênua.

— E não pode esperar até que estejamos mais acostumados um com o outro? Posso arranjar um tempo para leva-la.

— Acho que você não confia em mim. Acredita que vou tentar fugir.

— Você seria capaz de fazer isso?

— Claro que não. Jamais colocaria o campus em risco de ser demolido. Além do mais, não iria muito longe sem meus documentos.

Por mais pura e ingênua que seja, toda mulher possui o talento de ser dissimulada, quando quer arrancar algo de um homem e com Melissa não seria diferente. Vou dar a ela a chance de tentar sua fuga, apenas pela curiosidade em saber até onde é capaz de ir.

— Se quer tanto isso, mandarei um motorista vir apanhá-la amanhã de manhã para que faça seu passeio turístico.

Ela permanece em silêncio por um instante e quase posso ouvir sua mente trabalhando em busca de uma forma de se livrar do motorista, algo que eu não permitiria. Ela é importante demais para que eu corra o risco real de perdê-la e um segurança disfarçado de motorista, para vigiá-la enquanto passeia, é a garantia de que isso não vai acontecer.

— Obrigada. — ela sussurra.

— Há mais alguma coisa que eu possa fazer por você?

— Não. Já tenho tudo de que preciso.

— Só tem mais uma coisa de que você precisa e ainda não te dei.

Me rendendo ao descontrole que essa menina me causa, seguro firme em seu braço e a puxo com brusquidão, fazendo com que caia sentada em meu colo, o traseiro empinado pressionando meu pau duro como uma pedra.

Como esperado, a primeira reação dela é entrar em pânico, seu corpo frágil treme, seus olhos lindos se ampliam de horror, mas então, aos poucos, ela vai mudando, o calor da minha excitação despertando seu corpo para a luxúria e vejo seus mamilos endurecendo dentro da blusa de malha fina, o que me deixa ainda mais doido de tesão.

Seguro em sua nuca e puxo sua boca para a minha. Não a beijo de verdade, apenas brinco com seus lábios, percorrendo-os com a ponta da minha língua, me recusando a ser dela enquanto ela não for inteiramente minha.

Introduzo a língua entre seus lábios e brinco com dela, fazendo-a arfar na minha boca. Então, levo as duas mãos às alças finas da blusa e as deslizo para baixo, devagar, minhas palmas correndo sobre a pele macia, fazendo-a se arrepiar. Puxo a blusa até desnudar os seios magnificamente fartos e duros, com os bicos rosados, intocados.

Espero que Melissa me mande parar, pois apenas assim serei capaz de

me refrear, porém, ela não se move, nem diz nada. Está arfante, puxando o ar com dificuldade, querendo isso tanto quanto eu.

Sua reação me incentiva a continuar. Então, fecho as mãos nas laterais dos dois seios, com força, unindo-os e levo a boca a um dos mamilos. Sugo-o forte, sem dó, uma fome de sexo descomedida, fora do comum, tomando conta de cada partícula de mim, o que só piora quando minha pequena geme alto, lançando a cabeça para trás, rebolando a bunda no meu pau, entregando-se à luxúria, mostrando que tem muito fogo dentro de si.

Mudo a boca para o outro seio e ela novamente rebola na minha ereção, gemendo dengosa, quase me fazendo gozar dentro da cueca. Tenho certeza de que está toda molhadinha, como na outra vez em que a toquei. Quero enfiar meus dedos em sua calcinha e me lambuzar na sua umidade, mas se o fizer não vou conseguir mais parar e ela ainda não está pronta para a sua primeira vez.

Volto a segurar em sua nuca e desta vez faço com que me encare, quando posso ver o fogo da luxúria refletido em seus raros olhos de duas cores, sua boca carnuda entreaberta, sua face vermelha pelo desejo.

— O que você está fazendo comigo, menina? — minha voz é um grunhido.

— E-eu... n-não... — ela não entende o que acontece com seu corpo. Tenho tanto a lhe ensinar e não vejo a hora de fazê-lo.

— Tem ideia do quanto a desejo? Do quanto quero tê-la naquela cama, de quantas coisas pretendo fazer com você?

Subitamente, o corpo dela se enrijece de tensão e desconfio que está pensando nos objetos de dominação que viu no quarto acoplado. Ainda não tem ideia do quanto vai gostar de tudo aquilo.

— Agora preciso ir, ou não vou conseguir me controlar e se há uma coisa que não tolero é perder o autocontrole. — cuidadosamente, tiro-a do meu colo, deixando-a trêmula diante de mim.

Bebo o resto do uísque do copo com um só gole e penduro meu terno e a gravata no braço.

— Até mais.

— Até.

Com isto, deixo o apartamento, levando seu gosto delicioso na boca, decidido a não voltar mais aqui antes de completar os três dias que dei a ela, ou perderei o controle e a foderei antes da hora.

CAPÍTULO IX

Melissa

Ainda arfando, com minha calcinha completamente lambuzada, sento-me no sofá e espero até ter certeza de que Solomon foi mesmo embora, de que não esqueceu alguma coisa para trás e vai voltar. Só então me levanto e corro para o quarto, a fim de falar com Amber e contar a ela que consegui convencê-lo a me deixar sair.

Depois que a esteticista e a modista foram embora ontem, passamos o restante do dia elaborando uma forma de eu escapar desse homem sem meus documentos e sem dar a ele o direito de voltar atrás e demolir o campus da FCS. A única coisa mais ou menos viável na qual conseguimos pensar foi em um passeio turístico durante o qual eu possa, “acidentalmente” me perder na grande metrópole, perigosa demais para uma menina do interior. Foi muita sorte Solomon ter aparecido aqui esta noite, para que eu pedisse a ele permissão para sair e mais sorte ainda ele ter concordado. Agora preciso que Amber me ajude a pensar em um jeito de me livrar do tal motorista, que certamente será enviado não apenas para dirigir, mas também para me vigiar.

Não é um plano brilhante, mas estamos sem tempo. Em dois dias Solomon pretende me possuir e me torturar, sem que haja ninguém que possa me socorrer da sua crueldade.

Quando eu sair com seu motorista amanhã, pretendo procurar, discretamente, uma forma de deixar a cidade sem precisar de documentos e sem que ele desconfie que sumi deliberadamente. Não voltarei para Safford, tampouco darei a alguém, além de Amber, informações sobre meu paradeiro e então a responsabilidade pelo meu suposto desaparecimento será inteiramente de Solomon e assim ele não terá o direito de quebrar o contrato e demolir o campus.

Com o computador em mãos, faço uma chamada de vídeo para Amber, mas ela não atende. Deve estar concentrada nos estudos. Tentarei novamente mais tarde.

Enquanto espero o tempo passar, jogo-me na cama macia, totalmente

à vontade. Fecho os olhos e meu corpo ferve quando me lembro de Solomon me tocando daquele jeito, pressionando sua ereção na minha bunda, chupando meus seios, me beijando sem me beijar. O desejo que sinto por esse homem é descomedido, incontrolável, algo jamais antes experimentado, muito maior que o medo que tenho dele. Sinceramente, se não fossem os objetos de tortura que ele pretende usar comigo, no quarto ao lado, eu não teria qualquer resistência em me tornar sua amante, aliás, eu ia querer isso, seria dele sem hesitar, como quero agora.

Imagino a mão dele entrando em minha calcinha e um latejar impaciente me faz apertar as pernas uma na outra, meu corpo suplicando por um alívio, o mesmo alívio que ele me deu da outra vez em que despertou o meu organismo para todas essas sensações. Queria que tivesse feito de novo, que não tivesse ido embora tão depressa.

Meu lado racional me alerta para o rumo que estou dando aos meus pensamentos e levanto da cama depressa, reprimindo as chamas que ardem dentro de mim. Me pergunto porque Solomon acredita que eu iria gostar de ser chicoteada, amarrada e amordaçada no seu quartinho da tortura. Por que um ser humano ia gostar disso? As amantes dele sentiam prazer assim?

Motivada por uma curiosidade mais forte do que eu possa controlar, abro as portas duplas e entro no quarto acoplado, acendendo rapidamente a luz. Até que olhando com mais atenção não parece tão assustador. Adentro o espaço estreito observando os objetos nas vitrines, cuja utilidade da maioria eu desconheço. Abro uma delas e pego um dos açoites, um chicote de três cordas, é macio e leve. Açoito minha coxa só para testar sua potência e solto um gemido com o leve ardor. Guardo-o de volta onde estava e continuo explorando o lugar.

Alguns equipamentos me lembram objetos de tortura da idade média, em especial uma espécie de guilhotina sem a lâmina, de metal antigo, na qual posso identificar o local onde ficam aprisionados o pescoço, os pulsos e os tornozelos da vítima. A pessoa aprisionada ali ficaria inclinada em um ângulo de 90 graus, completamente imobilizada, com as pernas abertas e o traseiro para cima. Me imagino nessa posição, completamente nua, subjugada a Solomon, entregue ao seu toque e ao que mais ele quiser fazer comigo e me assusto com a corrente de tesão que atravessa meu corpo, me fazendo latejar entre as pernas, a ponto de soltar um gemido.

Apesar da curiosidade em ver mais, me apresso em deixar o

quartinho, pois parece não estar me fazendo bem.

Tão logo atravesso as portas duplas, ouço meu celular tocando e me apresso em atender a chamada de vídeo de Amber.

— Oi. Eu estava tentando falar com você. — falo ao atender.

— Desculpe não ter atendido, estava lavando uma montanha de louças sujas. — ela revira os olhos, com tédio — E aí, alguma novidade?

— Sim. O carrasco me deixou sair amanhã.

— Que maravilha! Mas como conseguiu o convencer? A governanta ligou pra ele de novo?

— Não, ele veio aqui.

Sua fisionomia passa de eufórica para aflita em um estalar de dedos.

— Ai, meu Deus. Ele desistiu de esperar e fez o pior com você.

— Não, ele vai esperar como prometeu. — hesito antes de continuar

— Mas aconteceu uma coisa.

— O que?

— Sabe... como no hotel... ele me tocou e... foi bom.

Os olhos escuros de Amber se estreitam.

— Eu acho que você gosta desse cara.

— Credo! Deus me livre. Eu o odeio.

— Ninguém gosta de ser tocada por alguém a quem odeia. Você está tentando enganar a si mesma.

Minha amiga está coberta de razão, eu sinto algo por esse demônio, mas o medo dele é mais forte e me impede de aceitar qualquer outro sentimento.

— Acho que existe uma química forte entre nós dois, eu ia gostar de ser amante dele, mas tenho pavor daquelas coisas no quarto ao lado, do que ele pretende fazer ao usá-las comigo. — meu corpo estremece ao mencionar o assunto e vejo a fisionomia se Amber ficando em alerta.

— E tem que ter medo mesmo. O cara é um sádico e pode te machucar para valer. Você precisa fugir dele o quanto antes, e sua chance será essa saída de amanhã. Já sabe o que vai fazer?

— Tem um problema, ele vai mandar um motorista me apanhar.

— A gente dá um jeito de se livrar dele. O importante é estar fora daí.

— Certo.

Passamos as horas seguintes planejando meus passos para o outro dia. Ao encerramos a ligação sou surpreendida por uma incerteza inesperada,

indesejada. Lembro-me novamente da sensação lascívia que me tomou quando Solomon me tocou, e o calor impaciente volta às minhas veias, me fazendo ferver. Mesmo que inconscientemente, eu queria que ele estivesse aqui agora, que continuasse fazendo o que começou. Se pelo menos não existissem todos aqueles objetos aterrorizantes no quarto ao lado, as coisas seriam menos complicadas...

Na manhã seguinte, opto por usar uma das roupas de grife adquiridas com a especialista em moda e uma ansiedade crescente emerge dentro de mim enquanto tomo meu café da manhã na bancada da cozinha, na companhia agradável de Madeleine. Apesar das paredes escuras do apartamento sombrio, ficar aqui parece muito mais seguro que sair por aí tentando fugir, sozinha e sem dinheiro, em uma cidade desconhecida.

Por volta das oito a campainha toca e Madeleine vai atender a porta. É a motorista enviada por Solomon e estranho que seja uma mulher, apesar de se parecer com um homem, com cabelos cortados bem curtos, usando terno e gravata e com uma fisionomia tão séria quanto a de quem está em um velório. Apresenta-se a mim com uma formalidade exagerada, deixando claro que não há espaço para amizade entre nós. Se chama Gonzales.

— O Sr. Graham me mandou entregar isso a você. — recebo o pequeno envelope da mão dela — É um cartão de crédito. É para o seu passeio. Não tem limite de gastos e a senha será enviada para seu novo celular. — explica.

— Obrigada.

É a primeira vez que tenho um cartão de crédito, não temos o costume de usá-los em Safford, e sequer sei como manuseá-lo, mas não vou passar vexame dizendo isso a ela.

É um raro dia de sol na cidade que chove praticamente durante todo o ano. Diante do edifício uma luxuosa limusine nos aguarda. Gonzales abre a porta de trás para mim e não me surpreendo ao constatar que o interior do veículo se parece com uma mini sala, decorada com estofados confortáveis, aparelhos eletrônicos e até um frigobar. Tudo o que vem de Solomon possui luxo e riqueza.

— Onde quer ir primeiro, senhorita? — pergunta ela.

— Ao Space Needle. — não que eu queira ver o disco, mas quando se faz turismo em Seattle, é o primeiro lugar onde se vai e não quero despertar a

desconfiança de Gonzales sobre minhas verdadeiras intenções, até porque tenho quase certeza de que ela está se comunicando via telefone com Solomon e contando a ele todos os meus passos.

Sob a constante vigilância dela, que sequer disfarça que está aqui não apenas para dirigir, mas também para me patrulhar, me passo por uma típica turista, passeando pelos lugares do itinerário traçado com a ajuda da internet. Vou ao Pike Place Market; ao Pioneer Square e ao EMP Museum. Tiro fotos; converso com as pessoas sobre as possíveis formas de sair da cidade sem que seja pelo aeroporto ou rodoviária e finjo estar me divertindo, quando na verdade estou em meio a uma meticulosa procura por uma rota de fuga, embora nem essa tarefa seja capaz de me impedir de apreciar a beleza da cidade, principalmente vista do alto do Space Needle.

Já é fim de tarde e eu estou começando a perder as esperanças. Ainda não tive nenhuma oportunidade de escapar da vigilância de Gonzales. A mulher está grudada em mim o tempo todo, para onde eu vou ela vai atrás. Até que por fim iniciamos a visita ao nosso último destino: as comportas de Ballard, onde os barcos pesqueiros, enormes, atravessam os canais vindos do mar. É então que encontro a luz no fim do túnel, posso fugir pelo mar, em um barco desses, basta descobrir como entrar em um deles, nem sei como não pensei nisso antes.

Estou amadurecendo a ideia, tirando fotos, quando me deparo com vários barcos menores para aluguel por turistas e sei que encontrei a chance que procurei durante todo o dia.

O sol começa a ser coberto por nuvens de chuva, o dia claro se torna cinzento de repente, exibindo uma vista ainda mais magnífica de Ballard, onde pessoas fazem piqueniques no gramado, outras passeiam de caiaque e algumas fazem os tradicionais passeios de barco que contornam a orla. Estou prestes a alugar uma das pequenas embarcações para fugir, sem saber ao certo como, quando Gonzales encerra uma ligação telefônica e se aproxima para falar comigo.

— O Sr. Graham quer que você o encontre em um restaurante para jantar com ele. — anuncia ela.

O quê?! Logo agora?

— Diga a ele que estou de saída para um passeio de barco.

— Desculpe, senhorita, mas é uma ordem. — seu tom de voz não poderia ser mais incontestável.

A mulher me observa com uma seriedade absurda, sem qualquer sinal de solidariedade por saber que sou tão funcionária de Solomon tanto quanto ela, pior que isso: sou propriedade dele, de modo que pode fazer de mim o que quiser. Onde está a solidariedade feminina?

Olho para os barcos como um pescador observando o peixe fugir do anzol e me pergunto porque diabos não vim aqui primeiro, ainda no início do dia.

— Certo. Só um minuto.

Certa de que terei outra chance de voltar aqui, tiro fotos dos números de telefone nos barcos e sigo a ajudante do carrasco de volta para a limusine.

Em poucos minutos estacionamos diante do restaurante, um dos lugares mais sofisticados que já vi. Gonzales abre a porta do carro para mim e gesticula para a porta de entrada. Do lado dentro, o lugar me impressiona mais pela criatividade que pelo requinte, há lustres enormes no teto, pequenas vitrines com jardins naturais são vistos pelos arredores, as paredes possuem um lindo tom dourado e um toque de piano muito suave emana ao fundo. Aproximo-me da recepcionista atrás do balcão e me apresento, quando então sou conduzida através do grande salão repleto de mesas.

Ainda bem que escolhi uma das roupas novas antes de sair esta manhã, um vestido bege claro de gola alta, com um cinto largo marcando a cintura e saia rodada na altura dos joelhos, combinando com as sandálias de salto alto, ou estaria passando vergonha em meio a toda essa gente bem vestida.

Ao enxergar Solomon sentado a uma das mesas, com aquela ruga profunda que sempre carrega no meio da testa, a fisionomia dura como se o mundo a sua volta o irritasse, usando o terno escuro que lhe cai perfeitamente, com os cabelos negros impecavelmente penteados para trás, algo desconhecido se agita dentro de mim, um calor impaciente corre pelas minhas veias, meu coração bate descompassado no peito, o ar se torna mais difícil de ser puxado, o que se torna ainda mais forte quando seus olhos verdes encontram o meu rosto e se fixam nele, com encanto, como se estivessem contemplando a criatura mais magnífica da face da terra e minha face queima. Ninguém nunca olhou para mim assim antes.

Quando me aproximo, ele se levanta e puxa uma cadeira para que eu me acomode. Acena rapidamente para a recepcionista e esta lança a ele um

olhar insinuante, paquerando-o descaradamente, antes de se afastar, caminhando com elegância.

— Como foi o passeio? — pergunta Solomon, sem deixar de me observar de um jeito que me deixa desnorteada.

Sem mais conseguir sustentar seu olhar, desvio meus olhos para minhas mãos pousadas sobre as penas.

— Interessante. Ainda não fui a todos os lugares que gostaria de conhecer, mas pelo pouco que vi descobri que a cidade é ainda mais linda que nos filmes do cinema.

— Olhe para mim, Melissa. — a ordem é firme, tão direta que não há espaço para desobediência e por algum razão que desconheço, gosto disso. — Nunca esconda seu olhar de mim.

Me pergunto o que esse homem, que pode ter qualquer mulher na face da terra, inclusive algumas que estão aqui virando o pescoço para olhar para ele, viu em mim. Talvez o preço para ficar com ele seja alto demais para elas pagarem, e quanto a mim, não tenho muitas opções.

— Gostaria de vir amanhã de novo, para ver o resto da cidade.

— Não. Sua fase como turista acabou. — seu tom de voz é áspero e tenho a impressão de que Gonzales percebeu minha quase tentativa de fuga e contou a ele.

— Por que não posso sair? Achei que eu fosse sua propriedade e não sua prisioneira. — a indignação me toma.

— Não eleve o tom de voz comigo, boneca. Discussões não é algo que eu aprecie. Você não sairá amanhã porque a quero muito bem descansada à noite, já que será a nossa primeira vez como amantes. Seu prazo esgota amanhã.

Eu nunca vi três dias se passarem tão depressa e a certeza de que estou prestes a ser dele, intimamente, me causa uma profusão de emoções contraditórias. Medo, ansiedade, angústia e desejo me consomem na mesma proporção.

— Se você já me tem como quer, por que isso? — gesticulo para o salão em volta — Para que me trazer para jantar?

— Por que essa é a minha vontade e ela sempre prevalece. Além do mais, gosto de olhar para você.

O garçom se aproxima não para anotar nossos pedidos, mas já trazendo a refeição, o mesmo prato para nós dois, uma espécie de salada de

camarão. Serve vinho para Solomon e suco de laranja para mim.

— Tomei a liberdade de pedir para você.

— Obrigada. — levo uma garfada à boca e fico maravilhada com o sabor da comida, enquanto Solomon estuda-me atentamente.

— Gonzales me disse que a interrompi quando estava de saída para um passeio de barco em Ballard. — seu tom de voz está carregado de acusação.

Maldição! Ele sabe que eu ia tentar fugir, reconheço pelo olhar desconfiado. Agora está jogando comigo.

— Sim. Nunca tinha visto o mar antes e queria apreciá-lo mais de perto.

— E isso não tem nada a ver com uma tentativa de fugir de mim?

Sinto o sangue desaparecer da minha face.

— Claro que não. Eu sei que temos um contrato assinado e não colocaria o campus em risco de ser demolido. — tento parecer o mais convincente possível.

— Além disso estaria colocando em risco esse lindo pescocinho. — suas palavras me fazem gelar — Digo isso porque na cidade grande há muitas pessoas de índole ruim, o que é um perigo para uma mocinha do interior que sai por aí sozinha.

Ele está tentando me intimidar a tentar novamente, só que nada é mais intimidante que ele próprio, que estar em seu apartamento prestes a ser torturada.

— Eu entendo.

Solomon me observa fixamente por um longo momento de silêncio, me sondando, me analisando, então solta um longo suspiro e volta a falar.

— Se quer tanto navegar pelo mar, posso te lavar. Tenho um iate ancorado na Baía de Elliott.

Sua proposta me surpreende.

— Por que você faria isso?

— Não sou o tão monstruoso quanto você pensa, Melissa. Pelo menos não na maior parte do tempo. — ele me dá um sorriso largo, o primeiro desde que o conheci e é tão lindo que me faz suspirar.

Após o jantar, partimos em outro carro, conduzido por um motorista, rumo à baía onde está seu iate. É a maior e mais luxuosa embarcação que já vi. Ao entramos, descubro que tem de tudo, inclusive heliporto. Como o

piloto já nos aguarda, de imediato começamos a navegar pela costa da baía. É noite, Solomon e eu estamos no deque, observando a paisagem de luzes coloridas do waterfront e todo o seu esplendor. Com sua voz grossa e sedutora, Solomon vai fazendo uma narrativa dos lugares por onde passamos. De onde estamos podemos enxergar a roda gigante, o Seattle Aquarium, os prédios do centro da cidade e até o Space Needle. Tudo aqui me fascina, a ponto de me fazer esquecer de todo o resto, inclusive de pesquisar um possível meio de fuga por aqui.

Apesar de se mostrar gentil e prestativo o tempo todo, como se fosse outro homem e não o déspota que me comprou em Safford e pretende me torturar, ele não me toca em momento algum, como se não passássemos de apenas dois estranhos dividindo um raro momento de descontração. Talvez no fundo é o que sejamos um para o outro, dois desconhecidos envolvidos em uma macabra negociação.

— Se divertiu? — pergunta ele, quando estacionamos diante do edifício onde fica o apartamento em que moro.

— Muito. Foi magnífico. — e é verdade.

— Você teve um dia cansativo. Quero que suba, tome sua medicação e descanse. Amanhã voltamos a nos ver. — a última frase soa quase como uma ameaça que se desvanece no instante em que ele cola seus lábios quentes em minha face, em um beijo que, apesar de me parecer quase fraternal, causa um reboço de sensações libidinosas dentro de mim. — Boa noite, Melissa.

— Boa noite, Solomon.

Desço do carro e ele fica lá me observando até que a porta do elevador se feche.

CAPÍTULO X

O dia seguinte é o mais longo e tenso da minha vida. Não consigo parar de pensar no que vai acontecer quando a noite chegar e junto com ela Solomon. Penso nos açoites, cordas e outros objetos de tortura que ele pretende usar comigo. Por mais que eu me sinta atraída por esse homem, por mais que ele consiga despertar meu corpo para sensações deliciosas que jamais antes conheci, nenhuma mulher sonha em ter sua primeira vez com um sádico.

Quero fugir, mas Madeleine não se descuida com a porta trancada e se eu chamar a polícia as consequências serão desastrosas, principalmente para os alunos da FCS. Assim que chega da faculdade Amber me liga e juntas tentamos encontrar uma forma de me livrar, mas não há nada que possa ser feito, sou covarde demais para enfrentar Solomon e não tenho como escapar. Então temos uma ideia cujas chances de dar certo não passam dos trinta por cento. A única forma de afastá-lo, pelo menos até conseguir roubar a chave da porta, é fingindo que estou doente. Amber fez isso uma vez quando ainda estava no ensino médio, como pretexto para convencer sua mãe a deixá-la faltar um dia de aula, embora a mãe dela esteja sempre com sono demais para perceber algo.

O plano é deixar uma toalha embebida em água morna alguns minutos sobre minha testa, a fim de simular uma alta temperatura em minha pele e torcer para que dê certo. Então, quando a noite cai, assim faço. Deixo a toalha escaldante sobre a testa pelo tempo necessário para que minha pele fique vermelha e abrasadora, escondo a bacia com a água quente e a toalha debaixo da cama, deito-me e me cubo com um lençol.

Não demora muito a porta se abre e tremo de medo quando ouço os passos largos e pesados de Solomon adentrando o aposento.

— O que você tem, está doente? — indaga, ele depois de me observar em silêncio por um instante.

— Não. Só um pouco febril.

— Por que não avisou à Madeleine para que ela chamasse um médico? — seu tom de voz é tão abrupto que tenho um sobressalto.

— Não precisa. Já vai passar. — olho em seu rosto e posso ver a

desconfiança estampada em seu olhar.

Merda! Ele sabe que estou fingindo.

Seus passos pesados se aproximam da cama e ele senta-se ao meu lado. Cruzo os dedos debaixo do lençol, torcendo para ser convincente quando ele pousa o dorso da mão sobre minha testa.

— Porra! Você está ardendo de febre! — a aflição que toma conta da sua voz e da sua fisionomia é tão imensa que quase sinto remorso por enganá-lo.

— Não é grave. Já vai passar. Sempre tenho isso por causa da epilepsia.

— Uma febre tão alta não passa assim do nada. Vou chamar um médico. — ele saca o celular do seu bolso e começa a caminhar de um lado para o outro do quarto enquanto faz a ligação.

Meu estômago revira de medo. Se o médico vier vai perceber que estou fingindo e aí sim, estarei verdadeiramente ferrada.

— Não precisa chamar o médico, é sério.

A desconfiança volta a se refletir na expressão do seu olhar e ele desliga o telefone enquanto me encara fixamente.

— Por que tanta insistência para que o médico não venha? Você por acaso está fingindo essa febre?

Putá merda!

— Claro que não. Como se pode fingir uma febre?

Meu coração quase para de bater quando ele se aproxima novamente da cama e desta vez se inclina para puxar a bacia de baixo dela. Paralisada do mais absoluto pânico, observo-o se levantar e me observar com um ódio descomunal nos olhos verdes como esmeraldas.

— Eu também usei esse truque quando era adolescente, para faltar à escola. — diz, calmamente, enquanto eu mal consigo respirar sobre a cama, o pavor me imobilizando — Sabe, Melissa, eu posso até entender que você seja jovem e inocente demais para o que pretendo fazer com você, mas se há uma coisa que não tolero é quando tentam me fazer de idiota.

Como se meus mais sombrios pesadelos se materializassem, Solomon puxa o lençol que me cobre, com brusquidão e pula em cima de mim. Uma de suas mãos aprisionam meus pulsos no espaldar da cama, acima da minha cabeça, enquanto a outra rasga a minha camisola de cima à baixo, com a mesma facilidade com que se rasga uma folha de jornal, em seguida, faz o

mesmo com a calcinha, deixando-me completamente nua e indefesa sob seu corpo grande.

— P-por favor, não faz isso... — suplico, trêmula, incapaz de lutar contra ele.

— Eu ia ser cauteloso na sua primeira vez, te falei isso. — aprisionando-me entre suas pernas, ele solta meus pulsos para tirar seu paletó e desabotoar os botões da camisa — Mas você preferiu tentar fugir e depois me enganar. Só podia mesmo ser a filha de Willian! Tão traiçoeira quanto ele.

Sem que desta vez seu toque desperte as sensações libidinosas em meu corpo, mas apenas o mais intenso pavor, busco coragem dentro de mim e o esmurro no peito e nos ombros, tentando inutilmente me soltar. Então ele aprisiona meus pulsos de novo, com as duas mãos dessa vez e quando percebo que estou perdida, que serei violentada, o desespero toma conta de mim, levando lágrimas aos meus olhos.

— Por favor... não... você me disse que não é um estuprador.

Minhas palavras parecem atingi-lo e ele se ergue como se tivesse acabado de receber um soco no rosto, observa atentamente meus olhos cheio de lágrimas e sua fisionomia muda, a fúria implacável dando lugar a uma expressão que me parece um misto de angústia e remorso.

— E não sou. — ele diz e sai de cima de mim, colocando-se em pé ao lado da cama, a camisa aberta revelando seu peito — Nunca precisei forçar uma mulher a fazer sexo comigo, o que acontece é que você parece ter o estranho poder de me fazer perder o autocontrole e isso está me deixando louco, embora não justifique o que fiz.

Trêmula, sento-me na cabeceira da cama, com as costas apoiadas no espaldar, segurando o lençol sobre a minha nudez e seco a lágrima solitária que desce pelo canto do meu olho.

— Eu sinto muito. Não queria te deixar assim. — falo, sem conseguir encará-lo, o medo ainda forte dentro de mim.

— Você sente muito? Meu Deus! Eu era quem devia estar te pedindo desculpas. — ele reflete por um instante de silêncio, então, puxa um poltrona provençal para perto da cama, sentando-se diante de mim, encarando-me diretamente — Precisamos conversar sobre isso, Melissa. Me explica porque toda essa relutância em se entregar a mim, se todo o seu corpo me diz o quanto você quer isso, todas as vezes que a toco? — não consigo sustentar o

seu olhar inquiridor, tampouco sei o que responder — Olha para mim, Melissa. Responda minha pergunta. — as ordens são firmes e diretas e ergo o olhar para ele.

— E-eu tenho medo de você. — minha revelação parece surpreendê-lo.

— Medo de mim? Mas por quê? Eu já te machuquei alguma vez, além do que quase acontece agora?

— Não machucou, mas pretende machucar. Com todas aquelas coisas no quarto ao lado.

— Ah, então é isso. Mas como você pode ter medo de algo que nunca experimentou? Nunca passou pela sua cabeça que você pode gostar?

— Não tem como alguém gostar de sentir dor e de ser humilhada e tudo o que tem ali remete à dor e humilhação. É terrível.

— Não é terrível, você apenas colocou isso na cabeça. Eu jamais te machucaria deliberadamente. Aquilo tudo é só um fetiche, algo que só funciona se for consensual, do qual posso abrir mão se você realmente não gostar, mas não abrirei mão até que experimente. — engulo em seco, desviando meu olhar do dele — Me deixa te mostrar, Melissa. — ele segura em meu queixo e me força a voltar a encará-lo — Se você me disser para parar, eu pararei. Não vou te machucar, nem te humilhar. Prometo.

— Promete mesmo?

— Claro. Sou um homem de palavra.

— Seu não gostar, você abre mão de tudo aquilo?

— Sim. O importante é ter você.

Ele acaricia minha face com o torso da mão ao mesmo tempo em que me fita com fervor e algo dentro mim me faz assentir, dando a ele autorização para me torturar.

— Nesse caso, eu concordo.

Minha nossa! Onde estou com a cabeça?

Solomon

Eu nunca pensei que existisse uma mulher capaz de me afetar desta forma. Em questão de minutos Melissa me levou do desejo ao ódio, ao remorso e de volta ao desejo. Me fez perder a cabeça quase a ponto de violenta-la. Essa menina é mais perigosa do que imaginei, é o meu veneno e também o meu antídoto. Depois de ter cogitado fugir de mim e tentado me enganar, eu devia devolvê-la ao pai e retomar a demolição do campus, mesmo que apenas para recuperar meu orgulho ferido pela sua rejeição, no entanto, quanto mais olho para ela, nua e trêmula sobre a cama, menos quero me livrar dela.

Pelo visto, meu plano de devolvê-la a Willian transformada em uma puta está surtindo efeito contrário, ela é quem está me transformando em alguém de quem não gosto. Já até consegui me fazer cogitar a possibilidade de abrir mão do meu fetiche, algo que jamais antes passou pela minha cabeça. Só que não vai ser a filha de um canalha que vai me dobrar. Eu ainda pretendo fazer com ela o mesmo que ele e seus comparsas fizeram com Anne, só preciso retomar o total controle sobre mim mesmo.

— Levante-se. — ordeno.

Timidamente, ela deixa a cama, cabisbaixa, escondendo seu corpo com o lençol.

— Largue o lençol e olhe para mim. — a capacidade que ela tem de obedecer com prontidão, só me faz a querer com mais intensidade.

O lençol cai aos seus pés e sua completa nudez se revela diante dos meus olhos, fazendo com que meu pau volte a se esticar dentro da calça. Seu rosto é de uma menina, mas seu corpo tem tudo o que uma mulher precisa para levar um homem à perdição. Os seios são fartos, duros, com os mamilos rosados; a cintura é bem desenhada; os quadris largos e redondos; as coxas são firmes e bem torneadas e a vulva, agora totalmente depilada, é carnuda e tão rosada quanto os mamilos.

Demoro a conseguir desviar meu olhar das suas curvas e quando o faço flagro seus olhos lindos acompanhando meu percurso, sem que eu saiba se consegue ter noção da extensão do poder de sedução que exerce sobre mim.

— Não se mova, já volto.

Vou até o closet e escolho uma lingerie preta, rendada, cujo modelo se resume a um espartilho com cinta-liga e meia calça, sem calcinha e sutiã. De volta ao quarto, encontro Melissa imóvel no mesmo lugar.

— Vista isso e me encontre no quarto acoplado.

— Sim.

— Sim, o que?

— Sim senhor.

Ela parece gostar de receber ordens, de ser submissa, o que atrapalha as coisas é o seu medo, mas hoje vou ensiná-la que o medo é só mais um tempero para apimentar ainda mais o que tenho reservado para ela.

Tranco a porta do quarto por dentro, só para ter certeza de que ela não vai cair na tentação de fugir e rumo para o outro quarto. Com o jogo em mente, tiro a gaiola do canto e a penduro no teto, no centro do cômodo, a alguns centímetros de altura, puxo uma poltrona para diante dela, vou até o frigobar bem abastecido e me sirvo de uma taça de vinho tinto, depois sento-me e espero.

Meu coração dá um baque e minha virilha chega a ficar dolorida, com a intensidade da minha ereção, quando as portas duplas se abrem e Melissa entra usando a lingerie que escolhi. Ficou simplesmente perfeito nela, o preto da renda contrastando com a pele rosada, o espartilho acentuando a cintura fina, os seios fartos e a vulva lisinha à mostra, quase me fazendo me render ao descontrole.

— Entre na gaiola. — ordeno e os olhos dela se ampliam de pânico, sem que ela se mova do lugar — Agora, Melissa. Você precisa confiar em mim. Eu já disse que não vou machuca-la.

Trêmula e hesitante, minha pequena caminha até a porta aberta da gaiola e entra. Precisa ficar sentada sobre os joelhos para caber dentro dos 1,20 metros de altura do objeto de aço. Fica tão sexy, tão feminina, submissa, linda e subjugada ali dentro que parece saída das minhas fantasias mais secretas.

Tranco a porta da gaiola e volto a me sentar, observando-a fascinado.

— Olhe para mim, Melissa.

Suas mãos delicadas seguram nas grades da gaiola e seu rosto lindo se ergue para que seus olhos encontrem os meus. É simplesmente a visão mais magnífica que já tive na vida. Melissa não precisa de maquiagem para ficar

perfeita, seus olhos de duas cores fazem dela uma obra de arte rara, a mais valiosa que já adquiri. Eu poderia passar uma vida inteira observando-a assim sem jamais me cansar.

Pego a taça e vinho e lentamente bebo um grande gole, sem conseguir parar de olhar para ela, embora a forma como está toda trêmula me incomode.

— Por que está se tremendo, Melissa?

— Porque tenho medo de você.

— Eu já disse que não precisa disso. Agora pare de se tremer. — ela respira fundo, repetidas vezes, tentando se acalmar, parecendo encantadoramente frágil. A media que consegue, seu olhar se desvia do meu. — Não deixe de olhar para mim.

Ela volta a me encarar, mais calma e me perco no tempo que se segue, contemplando a imagem diante de mim, querendo ter o poder de eternizá-la.

— Você sabe porque está aí dentro? — pergunto, depois do longo momento de silêncio.

— Não.

— Não o que?

— Não senhor.

— Para que você saiba que pertence a mim e somente a mim, que posso fazer com você o que eu bem quiser e que durante esse tempo nenhum outro homem pode chegar perto de você. Agora me diga a quem você pertence, Melissa.

— Eu pertenço a você.

— Boa menina.

Abandono a taça de vinho de lado e levanto-me. Sem desviar meus olhos dela, circulo a gaiola, fascinado com a forma como seus cabelos castanhos claros, longos e densos, caem sobre seus ombros e costas, com a forma arredondada do seu traseiro empinado, sentado sobre as pernas, com o cheiro gostoso que parte dela.

— Você tem noção do quanto é linda, menina? Do quanto é valiosa para mim?

— Não senhor.

— Nunca se menospreze, Melissa. Você é rara, é uma verdadeira obra de arte, capaz de levar qualquer homem a se perder facilmente.

Colocando-me novamente diante dela, meus olhos caem sobre os

seios fartos e quase solto um gemido quando vejo os mamilos enrijecendo sob o meu olhar. Essa menina tem muito fogo dentro dela e vou me incumbir de satisfazê-lo. Olho para a vulva depilada e sinto o líquido escorrendo da ponta do meu pau, tamanha é a minha vontade de comer essa bocetinha virgem. No entanto, não vou desvirginá-la hoje. Como prometi, quero que seja especial para ela e esta noite começou de forma desastrosa, o que não me impede de brincar um pouco com sua libido e lhe dar uma amostra do que tenho reservado para nós dois.

— Eu adoro tudo em você, sua vulva, seus seios, sua boca, seus olhos e principalmente a forma como reage a mim. Agora abra bem as pernas. — ordeno e ela obedece, prontamente.

Como se estivesse enfeitado, enfio a mão entre as grades da gaiola, seguro firme em sua nuca e a puxo para mim. Enfio a língua em sua boca e a exploro, de forma quase indecente, ao mesmo tempo em que espalmo uma mão sobre um dos seios e faço uma massagem suave antes de beliscar o mamilo com força. Ela geme, se contorce, mas não tenta se safar. Percorro a língua pelo contorno dos seus lábios, depois mordo o lábio inferior, em seguida o superior. Levo a mão para o outro seio e massajeio o mamilo com a palma antes de apertá-lo com força entre meus dedos, bebendo o gemido que ela solta.

— Isso dói? — pergunto sem desencostar minha boca da dela.

— Sim.

— É ruim?

Ela hesita antes de responder.

— Não.

— Já sei do que você precisa.

Vou até uma das vitrines e pego um par de cliques para mamilos, os mais leves, visto que minha pequena ainda não está acostumada com a dor.

— Isso vai doer? — ela pergunta ao me ver retornar com o objeto nas mãos.

— Sim, mas vai ser bom. Se você não aguentar é só me avisar que eu tiro.

Cuidadosamente, coloco o primeiro clique e fico quase desorientado ao ver sua fisionomia se contorcendo em um misto de prazer e dor, sua cabeça se lançando brevemente para trás. Coloco o outro clique e ela continua reagindo como se não resistisse à dor, como se tivesse nascido para apreciá-

la.

Seguro novamente sua nuca e puxo sua boca para a minha, provocando-a com minha língua. Desço a mão pelo seu corpo delicioso, todo em alerta, e um grunhido escapa da minha garganta quando toco sua intimidade e a encontro completamente lambuzada, inchada. Enfio um dedo entre os lábios vaginais, fazendo um movimento circular na entrada da sua vagina intocada e logo os líquidos dela escorrem pela minha mão, me lambuzando, me deixando ainda mais doido de tesão.

Vou precisar de muito autocontrole para não enterrar meu pau até o talo nessa menina hoje. Coloco o clitóris inchado entre meus dedos e faço um movimento frenético de vai e vem estimulando-o, sentindo-o crescer ao passo em que os gemidos de Melissa se tornam mais altos, mais incessantes.

Eu planejava ir só até aqui esta noite, porém sou incapaz de resistir à tentação de sentir o gosto dela em minha boca. Então, abro a porta da gaiola e a ajudo a descer. Agindo como não costumo fazer com outras mulheres, passo um braço em torno da cintura dela e a puxo com força, pressionando seu corpo no meu, duramente, os clips dos mamilos arranhando meu peito desnudo. Seguro firmemente em sua nuca e pela primeira vez a beijo e verdade, pressionando meus lábios nos dela como um sedento que encontra sua água, sugando sua língua com força.

Quando a solto, ambos estamos sem fôlego, seus olhos lindos brilhando, me observando quase com veneração.

Seguro em sua mão e a conduzo até a cadeira de metal quadrada.

— Sente-se. — ordeno e ela obedece sem hesitar, seu peito subindo e descendo por causa da respiração pesada. — Agora vou prender seus pulsos e seus tornozelos com braçadeiras, mas se isso te incomodar é só me avisar. Entendeu?

— Sim senhor.

Puxo seus pulsos para trás do espaldar da cadeira e os aprisiono com braçadeiras de couro, deixando-a com o peito estufado. Em seguida puxo seus quadris para a frente, passo seus pés por trás dos pés da cadeira e prendo seus tornozelos apertado. Ela fica quase completamente imobilizada, com os seios empinados, as coxas arreganhadas, a vulva totalmente exposta, pingando diante de mim. Mesmo me atendo ao fato de que é sua primeira experiência como submissa e preciso pegar leve, não consigo resistir e pego uma mordação com bola na gaveta, uma com a bola pequena e a amordação.

Agora sim, está perfeita, subjugada, excitada, completamente à minha disposição.

CAPÍTULO XI

Observo-a extasiado e minha mão chega a tremer com vontade de pegar um chicote e açoitá-la, mas para isto ainda é realmente muito cedo.

— Está se sentindo à vontade? — pergunto e ela balança a cabeça para dizer que sim.

Vou até minha taça de vinho, bebo um grande gole e encho a boca com outro. Puxo os cabelos de melissa para trás, com firmeza, forçando-a a erguer o rosto e derramo o vinho direto da minha boca na dela, fazendo com que o líquido vermelho atravessasse a bolinha da mordança e posso ver o peito dela se movimentando com mais rapidez, sua respiração acelerando.

Abandono a taça de lado e puxo um dos clips do seio dela, quando posso ver seu corpo dando um sobressalto de dor, sem que ela possa gemer ou gritar. Inclino-me e levo minha boca até o mamilo esticado, passando a ponta da minha língua nele, com movimentos suaves e circulares, a fim de amenizar sua dor e ela se contorce toda, se deliciando com a carícia suave depois do brusco puxão. Vou para o outro peito, puxo o clipe e o lambo suavemente, quando vejo minha pequena lançar a cabeça para trás, se acabando de tesão.

Sem deixar de brincar com seu mamilo sensível, ora chupando, ora lambendo, levo minha mão ao vão entre suas pernas e mergulho os dedos na sua umidade abundante, massageando a entrada da sua vagina, em círculos, para em seguida passar para o clitóris e repetir a massagem.

Deixo o mamilo e vou descendo a boca pelo seu corpo, mordendo sua pele rosada por cima do tecido transparente do espartilho. Ao alcançar sua vulva, enterro minha língua entre os lábios vaginais, deslizando-a da vagina até o clitóris, devagar, refazendo percurso, verdadeiramente inebriado com o sabor da sua excitação, com a forma como Melissa se contorce na cadeira e lança a cabeça para trás, as amarras a impedindo de se mover muito, a mordança impossibilitando-a de emitir qualquer som.

Extasiado, espalmo minhas mãos no interior das suas coxas, afastando-as um pouco mais e a chupo com vontade, lambendo, sugando, mordendo, até que aos poucos seu corpo delicado vai enrijecendo,

anunciando a chegada do gozo e fecho meus lábios sobre o clitóris, chupando forte, deixando que ela exploda em um gozo prolongado que a faz se debater inteira.

Melissa ainda está convulsionado quando me levanto para observar sua fisionomia contorcida de prazer. Preciso de um esforço quase inumano para conter o desejo de tirar meu pau de dentro da calça e fodê-la agora mesmo.

— Isso foi bom, pequena? — pergunto e Melissa assente.

Vou até minha taça de vinho e bebo o restante do líquido com um só gole, respirando fundo a fim de calmar os meus ânimos, embora isso seja impossível.

Volto para ela e cuidadosamente retiro a mordaça e começo a soltá-la das amarras.

— Isso vai ficar ainda melhor, eu prometo. Não vou tirar sua virtude hoje, pois o objetivo foi apenas fazer você perder o seu medo.

— Você já vai?

— Sim.

— Fique um pouco mais.

Termino de soltá-la e a puxo para cima, fazendo com que fique de pé diante de mim. Quebrando minhas próprias regras de nunca dar motivos para que uma mulher confunda meu desejo com paixão, acaricio sua face, seus cabelos, carinhosamente, com o mesmo fascínio com que se toca uma joia preciosa rara e frágil.

— Não pede isso, menina, ou cairei em tentação e quero que sua primeira vez seja diferente de hoje, especial. Volto amanhã à noite.

— Vou esperar ansiosa. — me deleito com a sinceridade de suas palavras.

Não quero ir embora, parece haver um ímã nessa menina que me puxa para ela, entretanto, não sou de ferro, meu pau está doendo dentro da calça e se continuar aqui vou acabar comendo-a e não quero que seja hoje. Então, a conduzo pela mão de volta ao aposento, penduro o lençol sobre seus ombros, ocultando sua nudez, pego meu paletó e me despeço com um beijo em sua testa.

Melissa

Troco a lingerie indecente por uma camisola e jogo-me na cama. Ainda completamente aturdida com o que acabou de acontecer no quarto ao lado. Repasso mentalmente cada detalhe: a forma veneradora como Solomon me observava enquanto eu estava na gaiola; suas mãos me tocando; o primeiro beijo de verdade e todo o resto.

Minha nossa! O que foi tudo aquilo? Por que meu corpo reagiu de forma tão abrasadora à tudo o que aquele homem fez comigo, inclusive à dor que me infligiu, quando colocou aqueles clips em meus seios? E por que eu quero mais?

Meu corpo ferve, minha face está vermelha. Me sinto uma vadia e o pior nisso é que a sensação é boa. Realmente quero experimentar o que Solomon tem reservado para mim, conhecer e fazer parte dos seus fetiches. Talvez tentar fugir tenha sido um erro, ou talvez eu esteja ficando louca.

Na manhã seguinte sou acordada pelo toque insistente do meu celular. Olho no visor e constato que já são nove horas. Não me lembro de ter acordado tão tarde antes.

— Fala Amber. — atendo à ligação da minha melhor amiga, me espreguiçando sobre a cama.

— E aí, o plano deu certo? — sua voz está aflita.

— Não. Ele achou a bacia com água debaixo da cama.

— Ai, minha nossa! Ele te machucou?

— Sim... — respondo sem pensar, um sorriso bobo se recusando a deixar os meus lábios.

— Era o que eu temia. Você está bem?

— Fica calma. Não foi do jeito que você está pesando. Eu estou bem.

— Não entendi.

E agora, como explicar a ela que gostei de sentir dor, se nem eu mesma entendo?

Escolhendo cautelosamente as palavras, continuo.

— Ele me levou para o quarto da tortura, mas eu gostei e quero ir de novo. Não é como imaginamos. Solomon sabe como transformar dor em prazer. Talvez tenha sido uma má ideia tentar fugir.

— Melissa, pelo amor de Deus, você não sabe o que está dizendo! Esse cara é um sádico, está te fazendo acreditar que vai ser sempre bom assim, mas isso é só até ganhar sua confiança. Depois que você consentir ele vai se achar no direito de te bater e te maltratar de todas as formas. É assim que começa um relacionamento abusivo. Além do mais, você não sabe quem são as outras mulheres que ele já manteve nesse apartamento e se elas estiverem todas mortas?

Reflito sobre as palavras dela e chego à conclusão de que pode estar certa. Talvez Solomon seja um psicopata pervertido, que só me fez gostar do seu jogo a fim de ganhar minha confiança, para que um dia eu chegue ao ponto de me sentir tão presa a ele que deixarei de denunciá-lo, ou de fugir, quando me machucar de verdade.

Sobressaltada, sento-me na cama.

— E o que posso fazer? Já tentei fugir e não deu certo.

— Eu tenho um plano. Passei a noite toda na internet, pesquisando sobre Seattle e descobri que há várias maneiras de você sair da cidade de barco, sem precisar dos seus documentos. Inclusive peguei o telefone de um barqueiro que parece ser muito legal. Contei tudo a ele e ele disse que, por uma pequena quantia em dinheiro, te leva até uma cidade próxima, onde ele tem parentes. Disse também que você pode ficar na casa dos parentes dele até se arranjar por lá.

— Sério? Mas que pessoa boa esse homem.

— Nem todos são como Solomon. Muitos gostam de ajudar uma moça em perigo.

— Mas eu não tenho dinheiro, só o cartão de crédito que Solomon me deu.

— Acho que dá pra sacar em uma agência bancária com o cartão. Saia daí de Uber, pois eles aceitam cartão.

— Mas como vou sair do apartamento?

— Se vira, dá um jeito de pegar a chave da governanta. Quanto Solomon volta?

— Esta noite.

— Então tem que ser hoje. Vou entrar em contato com o barqueiro enquanto você rouba a chave. Esteja pronta para sair e me liga assim que conseguir.

— E se Solomon demolir o campus porque fugi?

— Nenhum juiz vai culpar você por ter sumido daí depois de ter sido levada para esse quarto da tortura. Além do mais, antes de te acusar de ter quebrado o contrato, ele vai ter que explicar onde você está, já que é responsabilidade dele agora.

— E se ele me encontrar?

— Não vai. Confia em mim.

— Certo.

E encerramos a ligação.

Como da outra vez, parece muito mais seguro ficar aqui do que fugir por aí com um estranho. No entanto, Amber está certa sobre Solomon. Se já existem relacionamentos abusivos com homens que não se revelam violentos e possessivos logo de início, imagina com ele, que já mostrou quem é e o que quer. O fato de ter me convencido a gostar do que fizemos ontem foi uma armadilha para receber meu consentimento e me negar o direito de denunciá-lo, ou mesmo reclamar depois, quando começar a me machucar de verdade.

Obstinada, levanto-me, tomo um banho rápido e visto uma roupa propícia para minha fuga: jeans, tênis e camiseta. Coloco meus medicamentos, o cartão de crédito e algumas poucas mudas de roupas em uma mochila, a escondo debaixo da cama e deixo o quarto. Agora basta descobrir como tirar a chave da porta de Madeleine.

Na cozinha a encontro preparando algo no fogão e sou recebida com um sorriso simpático, que faz minha consciência pesar uma tonelada.

— Acordou tarde hoje. — observa ela.

— Acho que estou começando a me acostumar com esse lugar. — minto, a fim de conquistar a confiança dela.

— O que gostaria de comer?

— Na verdade, queria experimentar um burrito que vi no mercado de frutas ontem. Eles entregam em casa, basta pedir por telefone. Posso? — ainda bem que tirei foto da barraca de burritos, com o número do telefone, assim posso ver onde ela guarda a chave depois que atender a porta.

— Pode sim. Mas tem certeza? Burrito é meio pesado para ser a primeira refeição do dia.

— Não se preocupe com isso. Estou acostumada a comer coisa pior de manhã.

— Nesse caso, pode pedir.

Uso o celular novo para fazer o pedido. Quando a campainha toca,

estou acomodada na sala, atenta ao momento em que Madeleine atender a porta. Ela vem da cozinha para fazê-lo. Vejo perfeitamente quando tira o molho de chaves do bolso do seu terninho, recebe o burrito, paga e coloca o molho de volta no mesmo lugar. Agora preciso pensar em uma forma de arrancar a chave dela.

— Quer beber alguma coisa? — pergunta ela, entregando-me a iguaria.

— Só um café, por favor.

Ela rumo para a cozinha e sigo atrás, cogitando pegar uma cadeira, ou um abajur e golpeá-la na cabeça, por trás, só que eu não sou capaz de uma coisa dessas. Sento-me à bancada da cozinha e ela me serve o café fumegante, então penso em jogar o café nos olhos dela e pegar as chaves enquanto se debate, mas isso poderia cega-la. Minha mente continua trabalhando em busca de uma solução, enquanto como e não tenho nenhuma ideia que não envolva machucá-la.

Após o lanche, vou para o meu quarto e caminho de um lado para o outro em busca de uma resposta, até que me vem à mente prendê-la no quarto da tortura. Lá não tem como ela contatar Solomon e até conseguir sair, já estarei longe. Abro as portas duplas e entro, em busca de uma forma de aprisioná-la. A gaiola ainda está no mesmo lugar, pendurada no teto, a cadeira de ferro também. Um formigamento percorre meu corpo quando relembro o que fizemos aqui ontem. Eu realmente queria ter outros momentos com Solomon, mas Amber deve estar certa sobre ele. Será impossível permanecer por seis meses, ou por quanto tempo ele determinar, sob seu domínio sem sair machucada.

Afastando os pensamentos, examino os objetos bizarros até que encontro um bastão preto com uma coleira regulável em uma ponta e uma corrente com algaema na outra. É perfeita para pegar Madeleine, basta fazer com que ela me dê as costas e torcer para que tenha o hábito de entrar aqui.

Então, prendo a algaema em um equipamento de aço pesado, escondo o bastão e deixo o quarto. Encontro-a tirando o pó dos móveis na sala.

— Você pode me ajudar com uma coisa no... quarto acoplado ao meu?

— Claro. Do que se trata?

— Gostaria que você desinfetasse alguns objetos que pretendo usar com Solomon essa noite. — minha face queima de vergonha, enquanto ela

permanece impassível, como se eu tivesse acabado de fazer um comentário corriqueiro sobre o clima.

— Eles são desinfetados toda semana. Mas não tem problema. Vou pegar o álcool.

Volto para o aposento e a espero no quartinho acoplado, as mãos suando frio, o estômago revirando de nervosismo. Quando ela entra, parecendo bastante à vontade, aponto para a prateleira aos fundos e ela começa a limpar os objetos com uma flanela embebida em álcool, de costas para mim, pelo lado oposto ao que coloquei a coleira. Coloco-me em meu posto, segurando o bastão, esperando que ela se aproxime para dar o bote.

O silêncio que se perdura é tenso e pesado.

— Você sempre entra aqui? — pergunto, a fim de quebrar o silêncio e tentar acalmar os meus nervos.

— Ahan. Sempre quando venho fazer a limpeza.

— As outras mulheres que moraram aqui, gostavam dessas coisas que Solomon fazia com elas?

— Na verdade, tento não me meter muito na vida do chefe, mas sei que nenhuma delas queria ir embora quando ele as mandou. — ela me lança um olhar rápido e me apresso em esconder o bastão.

— E por que ele mandou todas irem embora?

— Porque ele é o tipo de homem que gosta de variar. Não que isso seja da minha conta. Tenho mais umas mil perguntas para fazer, como por exemplo, por quanto tempo cada uma dessas mulheres ficaram aqui; se ele voltou a se relacionar com alguma delas; se ela as viu depois que partiram, no entanto, não há mais tempo, Madeleine está se aproximando e posiciono-me para pegá-la. Quando está a poucos centímetros de distância de mim, chego ainda mais perto, sorrateiramente e jogo a coleira por cima da cabeça dela, apertando-a em seu pescoço. O remorso pesa sobre meus ombros quando ela cai sentada, para trás, com as mãos no pescoço, tentando se livrar do objeto que quase a sufoca.

— O que você está fazendo?! — ela vocifera.

— Não vou te machucar. Só preciso da chave da porta e do seu celular. Não posso ficar aqui.

— Não posso deixa-la sair. — ela fica de pé, as mãos ainda na coleira, os olhos raivosos me fuzilando e me apresso em me afastar.

— Você está presa. — aponto para a algema abraçada ao metal na

outra extremidade do bastão — Se não me der logo essas chaves vou começar a tortura-la com todos esses chicotes, plugs, clips e o que mais encontrar aqui.

Ela estremece dos pés à cabeça. É tão covarde quanto eu. Solomon não devia deixar uma pessoa tão medrosa tomando conta de sua prisioneira.

— Não precisa de nada disso. — ela tira as chaves e o celular do bolso e me entrega — Só acho que você vai se arrepender dessa loucura. Lá fora não é lugar para uma mocinha do interior andar sozinha.

— Talvez você esteja certa, mas aposto como pode entender o medo que sinto de Solomon. — ela desvia seu olhar culpado para o chão — Me desculpe por te prender e por levar o celular, só não quero que você avise ele. À noite ele virá e a encontrará aqui. Adeus.

Com o coração disparado por causa da adrenalina, deixo o quartinho, pego minha mochila debaixo da cama e saio do aposento apressadamente. Na sala, dispenso o celular dela sobre o sofá, corro até a porta e a destranco. Assim que entro no elevador uso meu celular para ligar para Amber.

— Consegui sair. Estou no elevador. — anuncio, tão logo Amber atende.

— Ótimo. Peça ao porteiro que te chame um Uber, antes de sair do prédio verifique se a motorista do carrasco não está aí fora para te vigiar. Estando ou não, esconda-se com o capuz de um moletom e entre depressa no veículo. Vou enviar o endereço por mensagem. O nome do barqueiro é Bruce, vou avisar que você está indo.

— Obrigada por tudo.

— Só toma cuidado.

— Tomarei.

Encerramos a ligação e me apresso em tirar um casaco de moletom da mochila e vestir, antes de sair do elevador. Com a cabeça coberta pelo capuz, aproximo-me do porteiro e peço que me chame um Uber. Depois, espio da porta e respiro aliviada ao constatar que a motorista do carrasco não está lá. Quando o Uber chega, saio apressada do prédio, com as mãos suando frio de nervosismo, um bolo se revirando em meu estômago e entro no veículo, pedindo ao motorista que pare em um caixa eletrônico a caminho do nosso destino.

CAPÍTULO XII

O dia está cinzento, frio e com uma chuva fina caindo incessantemente. Em poucas horas chegamos ao porto de Seattle, onde meus olhos são capturados pela quantidade de navios cargueiros atracados e os guindastes enormes que se incumbem de fazer o transporte das cargas para os caminhões. Só mesmo Amber para descobrir esse lugar como rota de fuga para uma garota que além de não conhecer nada por aqui, não dispõe de nenhum documento pessoal.

Sob a chuva fina, ainda com o capuz do moletom na cabeça, as mãos nos bolsos da calça, caminho pela orla à procura do barco com a descrição que Amber me deu. É pequeno, azul com listras brancas e tem o nome “Heart of the Sea” gravado em seu casco. Não deve ser difícil encontrar.

Ainda estou procurando, entre outros tantos barcos pequenos e navios gigantescos quando ouço meu nome ser chamado às minhas cotas.

— Melissa Hopkins, é você? — viro-me com um sobressalto, o coração disparado no peito, me preparando para correr caso seja alguém enviado por Solomon.

Meu maior medo é do que ele fará comigo se me apanhar fugindo.

É um sujeito com cerca de vinte anos, cabelos loiros, ligeiramente ocultos pelo boné com a aba para trás, pele muito vermelha devido ao sol e olhos azuis claros.

— Quem é você?

— Sou Devon. Amber me disse que viria. Ela enviou uma foto sua. A reconheci assim que a vi passando.

Olho para o barco diante do qual ele está. É o “Heart of the Sea”.

— Claro. Me desculpe. Ela me falou sobre você também. Só não mandou a foto, mas mandou do barco. — desconcertada, volto e estendo-lhe a mão em cumprimento — Sou Melissa Hopkins.

Ele aperta minha mão, seus olhos fixos em meu rosto.

— Caramba! Você é ainda mais linda pessoalmente.

Mas que babaca! Será que não percebe o quanto estou nervosa? Que não é hora para elogios?

— Quando podemos zarpar? — pergunto, puxando minha mão da

dele.

— Agora mesmo, desde que você tenha trazido o dinheiro.

Instintivamente, percorro meus olhos pelos arredores, tomada pela estranha sensação de que estou sendo observada.

— Está aqui. — tiro da bolsa o envelope com os cinquenta mil dos duzentos que saquei no caixa eletrônico. — Cinquenta agora e cinquenta depois que aportamos em outra cidade, certo?

Ele conta o dinheiro com tanta lentidão que me deixa ainda mais nervosa.

— Está certinho. Podemos ir.

Ele acena para que eu o siga e entramos no barco, o frio na barriga me acompanhando o tempo todo. De perto a embarcação é muito mais velha que nas fotografia que Amber me enviou, parece estar caindo aos pedaços, só que isso importa pouco, o que interessa é que vai me tirar daqui e me levar para uma vida nova que me parece quase assustadora, devido ao fato de que não tenho nem ideia de por onde começar. Nunca morei sozinha, longe da proteção do pai, nunca estive em meio a pessoas desconhecidas, todos com quem eu convivia em Safford eram conhecidos desde que nasci.

Devon desatraca o barco e seguimos pelo estreito corredor de águas cercado pela cidade dos dois lados, em direção ao norte, até que alcançamos um trecho mais largo da enseada, sem que o barco ganhe muita velocidade. Aos poucos os edifícios de Seattle vão se tonando cada vez menores, devido à distância.

Estou no convés, observando a cidade desaparecendo de minhas vistas, apenas a floresta e algumas casas esporádicas aparecendo ao longo do percurso, quando ele deixa o leme e se aproxima de mim, com uma garrafinha de cerveja na mão.

— Quem está pilotando? — pergunto, espantada.

Ele sorri sem charme algum. Senta-se em uma espreguiçadeira e pendura os pés em outra.

— O piloto automático. Ele leva o barco enquanto estivermos longe de portos movimentados, princesa.

— Olha, não precisa me chamar de princesa. Me chame pelo meu nome.

— Como quiser. Tem cama lá embaixo, caso você queira descansar. Tem uma cozinha também. Se quiser comer alguma coisa.

— Não preciso de nada. Obrigada. — sento-me em outra espreguiçadeira, deixando pelo menos três vazias entre nós — Qual é mesmo o nome da cidade para onde estamos indo?

— Não é uma cidade, é uma ilha no Canadá.

— No Canadá?! — por pouco não me engasgo com minha própria saliva.

— Sim. Sua amiga não falou?

— Acho que ela esqueceu de me avisar que eu ia sair do país.

— Não é grande coisa atravessar para o Canadá. Ela disse que você está com problemas com um homem violento e poderoso e não tem documentos para fugir. Essa é a única forma de deixar os Estados Unidos sem precisar de documentos. E lá você estará segura. Ele nunca vai te encontrar.

Nesse momento, sou surpreendida por um casal que sai do compartimento inferior, um rapaz com cerca de vinte e poucos anos e uma garota da mesma idade, ambos com cara de quem acabou de acordar.

— Finalmente um pouco de sol. — diz a moça, abraçada ao próprio corpo devido à baixa temperatura — Não aguentava mais tanta chuva.

— Então essa é a nossa cliente? — pergunta o rapaz, observando-me com uma malícia que me incomoda.

— Sim. Melissa esses são meus amigos Noah e Bier. Não sei se sua amiga falou que eles vinham com a gente.

— Ela não falou, aliás, ela esqueceu de me contar muita coisa. Acho que vou ligar pra ela e pedir algumas explicações.

— Aqui não tem sinal de celular, mas passaremos perto de várias cidadezinhas portuárias e lá o celular pega.

Noah acomoda-se em uma espreguiçadeira e Bier senta-se no colo dele, fuzilando-me com olhos hostis.

— Mas por que a irritação, moça. Nossa presença incomoda você?

— Claro que não. Não foi o que eu quis dizer. — não sei se fico tranquila ou inquieta com a presença desses dois. Por que Amber não me falou nada sobre eles? — Me desculpem se me expressei mal.

Me sinto quase refém dessa gente, talvez Amber também não soubesse que o casal vinha junto, ou teria me falado. Minha única certeza agora é que quanto mais nos afastamos de Seattle, mais me arrependo de ter vindo.

— Vamos deixar isso pra lá. A garota pagou pelo aluguel do barco

tem todo o direito de nos expulsar se quiser, mas aposto como não vai fazer isso, não é mesmo gatinha? — é Noah quem diz.

— Não.

— Foi o que eu pensei. Agora me diz onde está a cerveja, Devon porque minha gata hoje me deixou com sede.

O comentário dele me faz corar e desvio o olhar para a imensidão do mar, evitando encará-los.

— Está no lugar de sempre. Se vira cara. Não repara nos modos dele, Melissa. E não se sinta insegura, somos feios, mas somos de confiança.

— Me fale mais sobre essa ilha para onde vamos. O que tem lá?

— Bem, ela se chama Gambier, é pequena e tem poucos moradores. Recebe alguns turistas no verão, geralmente escritores que procuram a solidão de um lugar isolado. Minha tia tem uma pousada lá e disse que você pode trabalhar com ela. O salário não é muita coisa, mas você vai ter onde morar e o que comer todos os dias. E lá é bastante frio. Espero que tenha trazido agasalhos.

— Parece muito bom.

Ele inclina seu corpo para a frente, a fim de me encarar mais de perto.

— Mas, no seu lugar, eu ia para uma cidade grande e comprava um belo apartamento com o cartão de crédito desse homem. Sua amiga disse que ele te deu um cartão ilimitado, é verdade?

Percebo que o casal ao lado para com os amassos para nos ouvir e um pinicão desce pela minha nuca.

— É verdade. Só que assim que descobrir que eu fugi, ele vai cancelar esse cartão.

— Passaremos por muitas cidades grandes até ele descobrir. Mas a decisão é toda sua.

Não gosto da forma como ele fala, tampouco da forma como me olha, como se eu fosse uma oportunidade econômica a ser explorada. Na verdade, não me sinto à vontade em meio a essas pessoas, há algo de macabro pairado no ar, algo que me incomoda, embora eu não consiga distinguir o que seja. Parece um mau presságio.

Amber não devia ter contratado alguém pela internet, sem qualquer recomendação. Ela é tão caipira e inexperiente quanto eu, por que diabos fui confiar nela? Por outro lado, tudo pode não passar de mera impressão minha, uma sensação acarretada pelo medo de estar sozinha em meio a

desconhecidos.

— Não há o que decidir. Quero ir para a ilha e trabalhar com sua tia. Acho que é mais seguro lá.

— Esse homem de quem você está fugindo é tão perigoso assim? — Bier pergunta.

— Não. Acontece que estou quebrando um contrato que assinei e isso pode causar a demolição de uma faculdade comunitária.

Eles continuam fazendo perguntas a respeito de Solomon, mas evito entrar em detalhes, sequer menciono o nome dele. Por fim me afasto dos três e me coloco na proa, observando o barco cortando as águas geladas que se revelam diante de nós.

Quanto mais adiante seguimos, mais a temperatura cai, o vento se torna gélido e não tenho nenhum casaco além do moletom que uso. Tento ligar para Amber, mas o celular não tem sinal. Por mais que eu tente, não consigo reprimir o medo que essa situação me causa, o qual se amplia quando Devon e o casal começam a beber cervejas sem parar, ouvindo músicas agitas no último volume, sem que ninguém se preocupe em checar o leme do barco pelo menos de vez em quando.

Solomon

Nosso possível futuro investidor Holandês não para de falar durante a reunião com os demais acionistas, apresentando suas propostas de negociação, sem que eu ouça uma só palavra que sai da sua boca. Desde a noite anterior, depois que deixei Melissa, minha mente se recusa a pensar em outra coisa que não seja nela, no seu cheiro gostoso, na forma como se portou no quarto acoplado, no seu rostinho jovem se contorcendo de prazer enquanto gozava para mim, na sua voz tão delicada quanto ela própria me pedindo para ficar um pouco mais.

Ah, menina se você soubesse as milhares de coisas que ainda pretendo fazer com você...

É a primeira vez que uma mulher ocupa meus pensamentos por tanto tempo, de forma tão entorpecente, e tinha que ser logo a filha do maior canalha que já cruzou o meu caminho, o homem por quem sinto um ódio mortal. Só que eu me conheço o suficiente para ter certeza que a forma como essa garota mexe comigo é passageira. Tão logo eu a tiver por completo, depois que tirar sua virtude e satisfazer esse desejo descabido que se recusa a me deixar, isso tudo vai passar, vou descartá-la como um guardanapo usado e em poucos dias sequer me lembrarei da existência dela.

Eu nunca fiquei com a mesma mulher por mais que seis meses e com Melissa não vai ser diferente.

Com o encerramento da reunião, finalmente tenho tempo de tirar uma hora para o almoço antes de engatar no compromisso seguinte. Enquanto estou comendo sacio o celular do bolso e ligo para Melissa, apenas para checar como passou o resto da noite. O celular dela não chama, parece estar fora de área de cobertura, porém, como sei que isso é impossível, ligo novamente e o resultado é o mesmo.

Irritado, ligo para Madeleine. O aparelho dela chama até cair e não sou atendido. Após a terceira tentativa me convenço de que há algo errado, pois Madeleine nunca deixou de atender uma ligação minha.

Mas que porra! Será que aquela filhote de Willian Hopkins conseguiu fugir? Se tiver, não deixarei pedra sobre pedra naquela maldita faculdade.

— Prepare o carro, vamos sair agora. — falo ao telefone com o

motorista e abandono a comida de lado, deixando minha sala às pressas, ignorando algo que minha secretária me diz quando passo por ela quase correndo.

Ao encontrar a porta do apartamento destrancada meu sangue ferve de ódio, pela certeza quase absoluta de que Melissa fugiu. Vejo o celular de Madeleine sobre o sofá da sala e a procuro pela moradia. Parece loucura, mas eu estaria mais desapontado se ela não tivesse tentado. Ter atitude a torna ainda mais especial.

Fico atônito ao encontra-la presa em uma coleira no quarto acoplado ao de Melissa.

— Por Deus! O que aconteceu aqui? — esbravejo, aproximando-me para soltar a mulher.

— Eu sinto muito, Sr. Graham. Tentei evitar que ela sáísse, mas ela me surpreendeu por trás. Me desculpe.

— Não se desculpe, apenas me diga que sabe para onde ela foi.

As possibilidades que se passam pela minha cabeça são muitas. Na primeira delas imagino Melissa caindo nas mãos de pessoas erradas e por alguma razão desconhecida isso me causa um aperto absurdo no peito.

— Eu não sei. Ela não falou nada.

— Levou algum dinheiro?

— Não que eu saiba.

Se ela não levou o dinheiro de Madeleine, não tem nenhum, isso significa que usará o cartão de crédito que lhe dei, então essa vai ser a forma através da qual a encontrei.

Impaciente, ligo para minha secretária e dou a ela exatos vinte minutos para descobrir onde o cartão foi usado. Antes do tempo esgotar, ela liga de volta, informando que foi usado para pagar por uma Uber daqui até o Porto de Seattle, com uma parada para sacar duzentos mil em um caixa eletrônico no caminho.

Maldita! Está realmente fugindo de mim, da forma como tentou durante seu passeio pela cidade, de barco, o que significa que esteve fingindo durante todo o tempo em que estivemos juntos ontem a noite, a fim de ganhar minha confiança e assim escapar. Como se atreve a me confrontar desta forma? E, pior que isso, como me deixei enganar por ela? Só podia mesmo ser a filha de um bastardo.

Desgraçada! Vou fazê-la se arrepender do dia em que nasceu, quando

a encontrar.

Meu primeiro impulso é ligar para o banco e mandar cancelar o cartão, mas então vem a maldita preocupação com aquela aprendiz de vadia, algo que não consigo evitar. Por mais ardilosa que seja, por mais que tenha o sangue ruim de Willian correndo nas veias, ela é desastrada demais para se dar bem ao sair aprontando por aí sozinha, prova disso foi ter se exposto dançando quase nua em um bar lotado de homens, quando teria sido violentada se eu não estivesse lá. E se ela se meter em uma enrascada dessas de novo?

Porra! Eu devia estar pensando era em preparar as máquinas para demolir a faculdade, já que houve quebra de contrato por parte dela, no entanto, em vez disso, pego meu celular e ligo para Morgan Evans, um agente do FBI que me deve alguns favores.

Me impaciente com a demora dele em atender o telefone.

— Evans falando. — atende ele, finalmente.

— Sou eu, Solomon. Preciso da sua ajuda. Está na hora de me pagar alguns favores.

— O que posso fazer por você?

— Uma pessoa muito valiosa para mim foi deixada hoje no porto por um Uber. Preciso das imagens das câmeras de segurança para descobrir para onde ela foi de lá.

— Posso conseguir isso.

— Em quanto tempo?

— Umas duas horas.

— Não tem como ser antes?

— Vou ver o que posso fazer. Me passe a descrição da pessoa e a placa do Uber, se tiver.

Enquanto espero pela resposta de Morgan, ligo para Amber, a amiga de Melissa. Se há alguém que sabe onde ela está, esse alguém é essa menina. Interrogo a fedelha por quase meia hora, pressiono-a e mesmo assim não a convenço a falar, tudo o que ela diz é que não vai deixar a amiga ser vítima da minha violência, dando provas de que Melissa falou sobre o quarto acoplado, algo sobre o que não entende.

Ao encerrar a ligação, sigo direto para o porto. Sob a chuva fina e incessante, me flagro agindo como um lunático, procurando Melissa em meio à multidão de pessoas que caminham por aqui, como se ela já não estivesse

longe a essa altura. Pouco depois recebo o esperado telefonema de Morgan.

— E então, descobriu alguma coisa? — pergunto, tomado pela ansiedade.

— Sim. Ela entrou em um barco chamado “Heart of the Sea”, uma embarcação pequena e zarpou logo em seguida, por volta das doze horas. Não devem estar muito longe.

— Precisamos acionar a guarda marítima para encontra-los.

— Isso eu já não posso fazer, pois ela não foi forçada a entrar no barco, pelo contrário, pagou o barqueiro para que a levasse.

Maldita!

— Não sei se você vai entender, mas encontrar essa garota é algo de que não posso abrir mão. Então me diga qual o seu preço.

Há um longo momento de silêncio do outro lado da linha, antes que ele fale.

— Eu devo me preocupar com as suas intenções com essa garota?

— Te dou minha palavra que ela vai sobreviver.

— Que tal convencer sua irmã a sair comigo?

— Não posso convencer Anne a nada. Ela é cabeça dura demais. Peça outra coisa.

— Talvez uma casa no lago.

— Fechado. Qual será seu próximo passo?

Essa menina está me saindo mais cara que a encomenda.

— Vou falar com um amigo que trabalha na guarda costeira. Ele vai designar um barco para seguir o Heart of the Sea. Assim que os alcançarmos ligo para você.

— Não. Quero ir junto.

— Certo. Você está no porto agora?

— Sim.

— Volto a ligar para informar para onde você deve ir.

— Aguardo.

E encerramos a ligação.

CAPÍTULO XIII

O tempo que se passa, sem que Evans me telefone, se arrasta com uma lentidão que me impacienta. É suficiente para que minha secretária me ligue umas vinte vezes para falar sobre os vários compromissos que deixei de cumprir para estar aqui.

Estou recostado em meu carro, com as mãos enfiadas nos bolsos das calças, os olhos fixos na movimentação dos navios, quando por fim um navio branco com a faixa vermelha da guarda costeira se aproxima, tomando o lugar de um cargueiro que acabou de sair.

Concomitantemente, meu telefone toca com a chamada de Morgan.

— Por que demorou tanto? — esbravejo ao atender, já rumando para o navio.

— Não fale comigo como se eu fosse seu empregado, Solomon. Você não tem ideia do quanto foi difícil arranjar um navio de busca sem que ninguém esteja precisando de resgate. — reclama ele.

— E você não tem ideia do quanto uma casa no lago custa caro.

— Na verdade, eu tenho sim. Já estou vendo você. Aproxime-se mais. Vamos pegar você.

O navio atraca e uma escada é lançada para que eu embarque. No minuto seguinte, a embarcação arranca novamente, seguindo com velocidade entre os navios maiores.

Sou recebido por Morgan e um militar uniformizado de meia idade.

— Há quanto tempo cara. — Morgan mantém um sorriso amplo enquanto trocamos um aperto de mão.

É um desses sujeitos que não se importa com a própria aparência, anda por aí usando jeans velhos, quase sempre com um cigarro aceso no canto da boca. Fora isso, é um excelente profissional, a quem devo muito, por ter burlado alguns protocolos do FBI para me ajudar a encontrar Anne, quando Willian e seus cúmplices a enviaram para aquele inferno. Seu papel foi decisivo para a sobrevivência da minha irmã. Se eu fosse um cara que sai por aí abraçando as pessoas, daria um abraço nele agora.

— Não tinha um navio maior para você arranjar? — pergunto, examinando a embarcação.

— Para de resmungar. Não é o tamanho que determina a eficácia do serviço. — ele diz, e solta uma gargalhada da sua própria piada sem graça — Esse aqui é o capitão Dickson, o homem no comando da operação. — completa, gesticulando para o homem ao seu lado.

— É um prazer conhece-lo, Sr. Graham. Sei que não é hora para isto, mas quero que saiba que sou um grande admirador do seu trabalho. — o outro homem fala, apertando minha mão.

— Obrigado. Você acha que conseguiremos alcançá-los?

— Antes de prosseguirmos, preciso de algumas informações. — ele saca um bloco de anotações e um lápis do bolso da sua capa de chuva — A garota que estamos procurando, é sua...

Ele me encara, esperando que eu complete a frase.

— Funcionária. — respondo, sem pensar.

— O senhor acha que ela pode ter sido sequestrada?

Percebo que Morgan não falou a ele sobre as gravações das câmeras de segurança que mostram Melissa pagando o barqueiro que a levou. Está novamente burlando as normas para me ajudar.

— Ela é uma jovem que chegou do interior recentemente, sem nunca ter estado na cidade grande antes e saiu com um estranho. Acho que sim, podemos chamar isso de sequestro. — eu podia inventar uma história mais dramática, a fim de incentivá-los a trabalhar mais depressa, porém não me sinto motivado a mentir para a marinha dos Estados Unidos. — Agora me diga o que já sabe sobre eles. — completo, antes que o homem tenha tempo de continuar fazendo perguntas.

— Por enquanto só sabemos que um barco com esse nome e descrição foi visto passando no porto de Freeland, o que nos indica que está indo para o Norte, para o Canadá, talvez.

— Temos que alcançá-los antes que saiam do país.

— Estamos trabalhando nisso. Avisarei à polícia costeira dos portos seguintes para que o parem quando o virem. Além disso estamos indo em nossa maior velocidade. Talvez o alcancemos antes que atravessarem a fronteira.

O homem se afasta, deixando-me no convés ao lado de Morgan. Suas notícias não são muito animadoras. Em resumo, se Melissa deixar o país, as buscas se cessam e dificilmente a encontrarei. Tampouco poderei acusa-la de quebra de contrato, já que será dada como desaparecida, portanto o Campus

continuará de pé.

Mas que inferno! De boba essa garota só tem a cara.

Navegamos através da enseada de Puget Sound, rumo ao norte, durante mais de uma hora. Por fim o capitão vem nos dar a notícia de que o barco foi detido em Point Roberts, o último porto antes da fronteira com o Canadá. De acordo com as informações recebidas, há uma garota e dois homens a bordo, estão todos muito bêbados e pararam lá para comprar maconha.

— Estaremos lá em alguns minutos. — finaliza o capitão, antes de se afastar.

— É cara, acho que sua funcionária está curtindo uma boa farra. — Morgan comenta e uma fúria quase bestial percorre meu sangue.

— Ah, mas ela me paga. — murmuro, entredentes.

Ao chegamos em Point Roberts, antes mesmo de atracarmos, avisto o barco com os letreiros Heart of the Sea, parado em meio às inúmeras fileiras de lanchas dos turistas. Os tripulantes ainda estão lá, algemados, sob a vigilância de policiais fardados, uma garota e dois rapazes, só não avisto Melissa.

— Onde ela está? — indago, minha têmpora latejando de ódio, quando entro na precária embarcação junto com Morgan e o capitão.

— Esses três eram os únicos a bordo, senhor. — um dos policiais responde.

— Mas essa garota não é Melissa. Pegaram o barco errado?

— Este é o barco certo. — Morgan garante. Depois gesticula para um dos tripulantes, um garoto loiro, com um boné na cabeça — Foi esse o cara que a levou.

Agindo como uma fera cheia de fúria, avanço para cima do sujeito e o agarro pela gola da camiseta, me sentindo capaz de partir a cabeça dele em duas se não me disser onde Melissa está.

— Onde ela está? — exijo saber.

— Você deve ser o sujeito de quem ela estava fugindo, por maus tratos. — ele tem a audácia de dizer e todos em volta olham para mim ao mesmo tempo.

— Eu nunca maltratei aquela garota. — minha tentativa de me defender da acusação falha no instante em que o solto, denunciando minha culpa.

— Ela estava com a gente. Desesperada para fugir de você por violência doméstica.

Os olhares julgadores me enchem de culpa até os ossos e já não sou capaz de dizer mais nada.

— E onde ela está agora? — é o capitão quem pergunta.

Os três entreolham-se com cumplicidade e meu sangue gela nas veias. Eles fizeram alguma coisa com Melissa e a culpa é toda minha.

Inferno!

— A deixamos para trás. — o garoto diz, hesitante e é evidente que está mentindo — Em um porto por onde passamos.

— Qual porto? — o capitão é incisivo ao indagar.

Eles se entreolham novamente, claramente culpados.

— Blane.

— Vou ligar para lá e se ela não estiver vocês serão presos. — o capitão também já percebeu que eles estão mentindo. Merda! — Se não os prender por sequestro, prenderei pelo consumo da maconha.

Ele saca seu celular do bolso.

— Tá bem, eu falo a verdade. — a garota se manifesta pela primeira vez desde que chegamos — Noah e eu não temos nada a ver com isso, só estávamos a passeio. Foi Devon quem a deixou.

— Cala a boca, Bier! — esbraveja o loiro.

— Se eu disser a verdade, seremos liberados?

— Sim. Me conte o que houve. — o capitão concorda.

— Nós estávamos de boa, bebendo e dançando. Devon quis dar uns amassos nela, mas ela não aceitou. Ele insistiu, então ela quis descer. — ela hesita antes de continuar — E ficou para trás com um bote.

— Vocês deixaram uma garota na enseada com apenas um bote?

A perplexidade com que o capitão pronuncia as palavras denuncia a gravidade da situação e a fúria cega explode dentro de mim. Entregue ao descontrole, parto para cima do garoto disposto a partir a cara dele em mil pedaços, no entanto, consigo dar apenas um soco em seu rosto antes que várias mãos me segurem por trás e me puxem.

— Desgraçado! — vocifero, lutando para me soltar e acabar com ele.

— Foi ela quem quis ficar. Eu não fiz nada. — o inseto tenta se defender e a fúria multiplica minhas forças, de modo que consigo me libertar.

Livre, parto para cima dele novamente, porém conseguem me segurar

antes que o alcance.

— Fica calmo, Solomon. Bater nele não vai trazer a garota de volta. — a voz de Morgan me puxa de volta para a realidade.

Chego à conclusão de que Melissa pode estar morta, afinal ninguém sobreviveria em um bote em águas tão agitadas, em uma temperatura baixa como essa, tampouco alguém frágil como ela. E o que mais me dói é saber que a culpa é toda minha. Era para ela estar tranquila e sossegada, com seu namorado traidor e seu pai bandido, em Safford, mas eu tive que aparecer em sua vida.

Desorientado, vou até a murada e meu estômago expulsa tudo o que comi hoje, nas águas do mar. Então respiro fundo algumas vezes, tentando me recompor.

— Pelo que estou vendo, essa garota significa muito para você. — Morgan diz, com tom de cumplicidade, aproximando-se de mim. — Mas que história é essa de violência doméstica?

— É só um mal-entendido.

— E por que ela estava fugindo de você?

— Explico tudo depois. Agora me diz que ainda podemos encontra-la com vida.

— Vamos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance.

— Parece um médico fazendo rodeio para dizer ao paciente que o caso dele não tem jeito.

— Vamos sair daqui. Temos que convencer a marinha a procurar por ela direito.

Sem que eu olhe novamente na direção dos jovens arruaceiros, porém decidido a providenciar que o tal Devon passe o resto dos seus dias na cadeia, voltamos para o navio da guarda costeira, onde sou recebido pelos olhares hostis dos marinheiros e logo sou informado de que não poderei participar das buscas por Melissa, devido à informação de que ela estava fugindo de mim.

— Que se foda! Não saio daqui a menos que vocês me atirem na água. — é a minha resposta e permaneço no navio, com apenas Morgan ao meu lado, enquanto zarpamos de volta para Seattle.

Não há uma grande mobilização por parte da guarda costeira em procurar por Melissa, além do navio voltar em uma velocidade mais baixa, com os marinheiros usando binóculos para observar as margens com

minuciosidade, apenas um helicóptero sobrevoa as águas, sem que militares percorram a área com lanchas e jet-skis como deveriam. Por isso telefono para a minha secretária e mando que contrate uma agência especializada em resgate, o mais depressa possível e passo a ela todas as informações necessárias, depois contato o comandante do meu iate e mando que venha imediatamente pela costa, ao nosso encontro. Só que nada disso é necessário. Depois de pouco tempo navegando de volta, um dos marinheiros avisa que avistou alguma coisa em uma área desabitada, uma pequena praia coberta por pedras e ao olhar naquela direção, usando binóculos, meu coração dá um salto no peito. Não tenho dúvidas de que é Melissa. Está deitada de lado sobre as pedras, completamente imóvel, aparentemente desacordada.

— É ela! — grito e o navio faz a volta, seguindo em sua direção.

À medida que nos aproximamos e ela continua sem se mover, um nó vai se formando em minha garganta, ao supor que pode estar morta.

Sou o primeiro a descer da embarcação, antes mesmo de esta atracar. Corro até Melissa e checo imediatamente seu pulso, constatando, aliviado, que ela está viva. Está gelada, com seus lábios roxos, suas roupas encharcadas. Ajoelho-me ao seu lado, viro-a de barriga para cima, fricciono seu peito repetidas vezes, em seguida seguro seus lábios com as duas mãos e faço respiração boca a boca.

— Acho melhor afastar-se dela, Sr. Graham. — o capitão diz, asperamente, aproximando-se com os demais militares e Morgan.

O encaro com sangue nos olhos, ante de vociferar.

— Venha me tirar daqui, se tiver culhões.

Repito o procedimento com Melissa, até que por fim uma golfada de água jorra da boca dela, ao mesmo tempo em que sua respiração normaliza, seus olhos lindos de duas cores se abrindo devagar, focando o vazio à sua frente, confusos, antes de encontrarem meu rosto.

— Solomon... — sussurra ela, a voz fraca, chorosa.

— Você está segura agora, garota.

Com um aperto no peito, ignoro completamente as ordens da minha mente de voltar a afogá-la nas águas salgadas, por ter fugido de mim, e tiro meu paletó para envolver seu corpo trêmulo de frio, antes de erguê-la em meus braços e rumar para o navio. Uma corrente de calor desce pelo meu sangue quando seus braços finos e gelados envolvem meu pescoço e seu rosto afunda em minha camisa, na altura do peito.

— Olá moça, você está bem? — o capitão pergunta, aproximando-se, e sou tomado por um desejo animalesco de partir a cara dele, pela sua interferência, por se aproximar de Melissa.

— Estou com frio. — Melissa responde, batendo os dentes.

— Quer que o Sr. Morgan se afaste de você?

Mas que bastado!

— Não. — ela se aconchega mais a mim, parecendo muito fragilizada e a aperto mais forte de encontro ao meu corpo.

— Agora será que pode sair da minha frente? Ela precisa ser aquecida. — vocifero, entredentes.

De volta à bordo do navio da marinha, sou encaminhado a um pequeno aposento no compartimento inferior, onde acomodo Melissa sobre uma cama estreita e logo um dos militares aparece trazendo algumas cobertas, com as quais a envolvo, até que aos poucos ela vai parando de bater o queixo, seus lábios voltando ao tom rosado natural.

Ela já está bem quentinha, quando se vira na cama, colocando-se de frente para mim, para me encarar, enquanto me mantenho sentado ao lado.

— Me desculpe por isso... — murmura, a voz fraca.

Sua voz frágil se desculpando me desperta uma profusão de emoções contraditórias, intensas. Ao mesmo tempo em que quero jogá-la aos tubarões, pela escotilha, quero agarrá-la e apertá-la forte de encontro ao meu corpo, agradecer por estar viva e estar bem. Um pedido de desculpas não era o que eu esperava ouvir dela depois de tudo, pressupus que estivesse furiosa, pelo fracasso da sua tentativa de fuga. Ou está muito arrependida, ou está fingindo uma calma inexistente, a fim de tentar me enganar novamente. Opto por acreditar na segunda hipóteses, contudo, vou fingir estar caindo em seu jogo, só para ver até onde vai.

— Eles te machucaram? — pergunto, escondendo todas as minhas emoções por trás de um semblante inescrutável.

— Quem?

— Os arruaceiros que você contratou.

— Não. Ele teria tentado se eu tivesse continuado no barco.

Cada palavra que sai da boca dela é uma injeção de intensidade no turbilhão de raiva e receio que queima dentro de mim.

— O que você tem na cabeça para ficar sozinha no mar em um bote?

— Eu só queria sair de perto daquele sujeito.

E você não imagina o quanto agradeço ao universo por ter conseguido.

— Como foi parar na costa?

— A água foi ficando agitada, tentei remar, mas o bote virou. — ela estremece enquanto fala, como se relembresse o momento e todo o meu corpo suplica por acalenta-la com um abraço — Você vai me devolver para o meu pai e demolir o campus?

Cogito rapidamente a possibilidade e chego à conclusão de que não há a mínima chance de isso acontecer, embora fosse o certo a fazer, visto que ela quebrou o que havia acordado comigo. Porém, no que se refere a essa menina, já não sou mais dono da minha razão, o que me incomoda demais, pois não é do meu agrado não ter o controle sobre a situação, que dirá sobre mim mesmo.

— Talvez eu faça isso, Melissa. Ou talvez pior. — uso uma máscara de frieza, ao falar — O que você fez foi muito grave. Como se não bastasse ter quebrado nosso contrato, ainda teve a audácia de tentar me fazer de tolo, fingindo algo que não sentia, naquele quarto acoplado, a fim de me manipular. Você precisa aprender que não sou um homem com quem se pode brincar, menina. — a ameaça é minha primeira expressão verdadeira, desde que a resgatei.

Ela me encara com olhos de súplica, o que me deixa quase enfeitiçado.

— Eu não estava fingindo. Tudo o que disse e fiz ontem, foi a mais pura verdade.

Percebo a sinceridade em suas palavras e quero dar um soco em mim mesmo, por acreditar tão depressa.

— Então por que diabos fugiu? — meu tom de voz sai mais ríspido do que eu pretendia e ela dá um sobressalto, revelando que ainda sente medo de mim.

Mas que porra! Que tipo de animal Melissa pensa que sou?

Talvez seja mesmo melhor devolvê-la para Safford e sua vidinha medíocre, essa menina não é forte o bastante para o que tenho reservado para ela.

Melissa senta-se na cabeceira da cama, embolada dentro dos lençóis.

— E-eu f-fiz isso p-porque...

Antes que ela tenha a chance de começar a se explicar, a porta do

apartamento se abre e um dos marinheiros se coloca para dentro.

— Nos encontramos com seu iate, Sr. Graham. — diz ele — O capitão mandou perguntar se o senhor gostaria de se mudar para ele.

— Com toda certeza. — afirmo — Você consegue andar, Melissa?

— Consigo.

Ela se desvencilha dos lençóis e levanta-se, o tecido molhado da sua camiseta revelando as curvas dos seios fartos dentro do sutiã, sem que ela pareça se dar conta disso. Então pego um dos lençóis e a cubro.

Subimos e alcançamos o convés no instante em que o navio da marinha atraca com meu iate, ambos ancorando em um ponto fundo da enseada.

Não gosto da forma como os marinheiros olham para Melissa enquanto atravessamos o convés e passo um braço em torno dos ombros dela para que saibam quem é seu dono.

O capitão vem nos encontrar a meio caminho da escada lançada para que passemos de uma embarcação para a outra.

— Você está realmente bem, moça? — indaga ele, encarando Melissa diretamente, enquanto ela se encolhe, se apegado mais a mim, como se minha proximidade lhe transmitisse segurança e adoro essa sensação.

— Estou sim.

— Se quiser podemos leva-la em casa, ou onde quiser.

— Eu vou com Solomon, mas agradeço por perguntar.

— Se não quiser ir com ele, basta dizer. Nós garantiremos sua segurança.

— Por que está dizendo isso?

— Porque é o que se diz a uma garota quando ela está ao lado do homem a quem acusou de ter sido violento com ela. — sou eu quem respondo, sem fazer questão de ser gentil.

— Isso foi uma mal-entendido. — Melissa garante — Eu só disse isso ao barqueiro para convencê-lo a me levar com pouco dinheiro. Aliás, a marinha deveria procura-los, pois ele roubou tudo o que eu tinha.

— Eles já estão presos, mas me encarregarei de acrescentar mais essa acusação à ficha deles.

— Obrigada.

O homem me cumprimenta com um breve aceno de cabeça e se afasta.

Antes que tenhamos a chance de deixarmos o navio, Morgan se aproxima, tomando nosso caminho, fuzilando Melissa com seus olhos cobiçosos, o que erica minha irritação.

— Agora entendo porque meu amigo aqui estava tão desnortado enquanto a procurávamos. — ele diz e um sorriso brinca nos lábios de Melissa.

— Ele estava? — pergunta ela.

— Sim. Parecia um cachorrinho sem dono.

O sorriso de Melissa se amplia.

— Não força a barra, Morgan. — alerta-o, mal humorado.

— Vou pesquisar a casa de campo na internet e envio o link para você, amigo.

— Aguardo.

Melissa e eu atravessamos a ponte entre as duas embarcações e suspiro aliviado quando finalmente me encontro sozinho com ela em meu iate.

Após trocarmos algumas palavras, meu comandante se retira para a cabine de comando e nos coloca em movimento, de volta para Seattle.

CAPÍTULO XIV

Melissa

— Desça até uma das cabines, tire essas roupas molhadas e tome um banho quente para se aquecer. — Solomon ordena, tão logo adentramos o iate dele.

Além de luxuoso, é muito mais veloz que o navio da marinha e em questão de minutos o deixamos para trás.

— Acho que precisamos conversar antes de mais nada. — apesar da frieza com que ele está me tratando, quero dizer-lhe tudo o que está enganchado em minha garganta desde que parei para pensar sobre nossa situação quando estava à deriva naquele bote inflável. Definitivamente não é o melhor lugar para se pensar em Solomon Graham, isso eu posso garantir.

— Fica para depois. Agora vá se aquecer. Vou preparar alguma coisa para você comer.

Sem dar espaço para contestação, ele gesticula em direção ao corredor que leva às cabines e segue na direção oposta, para onde acredito ficar a cozinha.

Escolho uma cabine aleatória e entro. É tão grande quanto o quarto de um apartamento, mobiliado com cama de casal, frigobar, mesinha com cadeiras, TV e armário. Livro-me das roupas molhadas e me coloco sob os jatos de água morna do chuveiro, sentindo meu corpo gélido relaxando aos poucos. Não quero chorar, mas ainda estou abalada demais com tudo o que aconteceu e uma lágrima teimosa desce pelo canto do meu olho.

Quero culpar Amber por ter me convencido a embarcar nessa loucura, todavia, mesmo sem a interferência dela, talvez eu teria, em algum momento, cometido a burrice de tentar fugir de Solomon.

Foi uma burrice das grandes, não porque deu errado, mas porque a experiência com o barqueiro tentando me agarrar à força, deixando claro que me violentaria se eu continuasse a bordo do barco dele, serviu para me dar a certeza de que, apesar dos seus fetiches bizarros, nesse momento, Solomon é a única pessoa com quem estou realmente segura, o único que não me deixou

quando deveria.

Minha mãe me abandonou quando eu tinha sete anos, meu namorado me traiu, meu pai praticamente me vendeu a um estranho e quanto a Solomon, fez tudo o que podia para me encontrar e me resgatar, por posse, talvez, mas foi o único que não desistiu de mim quando de fato tinha motivos. Pelo que entendi, ele deu uma casa no lago para que o sujeito o ajudasse na busca.

Além disso, existe essa química violenta entre nós dois, que me fez apreciar aquele misto incompreensível de dor e prazer que ele me proporcionou.

Tive tempo de sobra para pensar sobre tudo isso enquanto me encontrava sozinha, perdida, apavorada, naquele maldito bote e estou decidida a ser de Solomon, se ele ainda me quiser, e por quanto tempo quiser. Não apenas por causa do nosso contrato, mas porque eu quero ser dele, como sua amante, pelos seis meses acordados, ou até que ele se canse de mim. Resta encontrar coragem para dizer isso a ele.

Após o banho demorado, me enrolo na toalha e deixo o banheiro. Como não encontro nada para vestir no armário, além de um roupão atalhado, me cubro com ele, uso a toalha para tirar o excesso de água dos cabelos e penduro minhas roupas molhadas no espaldar da cama, torcendo para que sequem pelo menos um pouco antes de chegarmos à cidade.

Deixo a cabine envolvida pelo aquecimento gostoso que parece tomar todo o interior da embarcação, o que é um verdadeiro paraíso depois do frio que passei nas horas anteriores. Sigo o cheiro gostoso de comida até dar em uma cozinha grande e estaco na porta ao ver Solomon ao fogão, preparando algo. É a primeira vez que o vejo assim tão à vontade, usando apenas uma bermuda e camiseta, com seus pés descalços, os cabelos despenteados, parecendo um garoto de vinte anos. Não, ele está muito mais gostoso que qualquer garoto que já vi. A roupa, ou falta dela, acentua seus ombros largos, revela as coxas firmes e peludas, as costas e o traseiro musculosos.

A maneira como ele me atrai é extasiante, poderosa demais, me faz permanecer ali, paralisada, observando-o com o coração batendo descompassado no peito, um calor pecaminoso descendo pelo meu corpo, me fazendo arder.

Como se sentisse a minha presença, ele se vira para mim. Por uma fração de segundo, posso ver o fervor na expressão do seu olhar, enquanto

examina meu rosto e meu corpo, mas isso dura pouco, logo a ruga profunda volta a se pronunciar em sua testa, a frieza de quem não tem qualquer sentimento no peito volta a tomar conta dos seus olhos.

Desconcertada, por ter sido flagrada devorando-o com os olhos, pigarreio e avanço pela cozinha.

— Não encontrei nada para vestir, então coloquei isso. — falo.

— Vou mandar o comandante entrar em contato com alguém da costa, pelo rádio, que possa nos esperar em terra firme com roupas para você. Sente-se. — ele gesticula para a mesa ao centro do cômodo e acomodo-me — Espero que goste de macarrão com queijo.

Com surpreendente habilidade, ele deposita dois pratos à mesa, serve o macarrão em uma tigela, vinho tinto para ele e um copo d'água para mim.

— Coma. — diz, acomodando-se do outro lado da mesa.

Sirvo-me e levo a primeira garfada à boca. Está realmente muito bom.

— Estou surpresa que você saiba cozinhar.

— Nem todo homem é desajeitado na cozinha, como a maioria das mulheres acredita.

— Não estou dizendo isso com base na minha convivência com as centenas de homens que já passaram pela minha vida, — dou ênfase à ironia — mas pelo fato de que você é rico e pessoas ricas já nascem sendo servidas por empregados.

— Eu não nasci rico, muito pelo contrário.

Sua revelação desperta minha curiosidade em saber mais a seu respeito.

— Sério? Onde você nasceu?

— No Arizona. — um brilho sombrio atravessa rapidamente sua expressão enquanto ele fala.

Como um vislumbre, lembro-me da forma como ele falou do meu pai, como se o conhecesse, quando me atacou ontem ao descobrir que eu estava fingindo a febre.

— Você é meu conterrâneo. Já conhecia Safford antes de decidir investir por lá?

— Não quero falar sobre isso. Fale-me sobre essas centenas de homens que já passaram pela sua vida.

— Foi só uma ironia. Eu nunca namorei com ninguém além de Dylan.

— Nunca desconfiou que ela a traía?

Fico pouco à vontade com o assunto, principalmente porque ele deve achar que sou uma idiota, por não ter desconfiado que fui traída pelo meu namorado, durante tanto tempo.

— Você deve achar que sou uma idiota, não é?

— Idiota não, mas ingênua demais sobre os homens. Devia saber que um homem não consegue ficar sem sexo por tanto tempo, principalmente enquanto namora uma garota como você.

Reflito por um instante sobre essa informação.

— Se isso fosse verdade, classificaria os homens como animais irracionais, que agem mais por instinto que por civilidade.

— Quando se refere a sexo, é que o somos seres irracionais e sem qualquer civilidade.

— Não concordo. Acho que apenas usam essa teoria defasada como pretexto para trair, porque são uns sem vergonha mesmo.

— Sua mãe nunca conversou com você sobre os homens?

— Ela não teve tempo. Quando foi embora eu ainda era nova demais para entender um diálogo tão “complexo”.

Solomon me observa em silêncio por um longo momento, a expressão inescrutável e repasso mentalmente nossa conversa tentando me lembrar se disse algo que não deveria.

— Quantos anos você tinha quando ela se foi?

Novamente não gosto do assunto abordado. Falar sobre minha mãe ainda é algo difícil para mim.

— Sete.

— E você nunca mais a viu?

— Acho que ela é muito boa em fazer de conta que não teve uma filha.

— Mas se falaram por telefone.

— Não. Nem por e-mail, ou carta. Ela simplesmente nunca mais deu notícias.

Um brilho indecifrável atravessa rapidamente a expressão do seu olhar.

— Quando tempo depois da partida dela Reese foi morar com seu pai?

E então eu entendo onde ele quer chegar. É o que todos acreditam, inclusive eu, que meu pai tinha um caso com uma aluna enquanto ainda vivia

com minha mãe e que ela foi embora porque descobriu tudo.

— Dois meses depois. — respondo, engolindo o nó que se forma em minha garganta.

Aquela expressão que não reconheço volta a se refletir no seu olhar.

— Termine sua refeição. Não vamos demorar muito a chegar.

Fico grata ao universo quando ele muda de assunto, falando sobre o novo celular do qual preciso, assim que chegamos à costa, já que não posso ficar incomunicável e lembro-me que preciso ligar para Amber. Ela deve estar surtando sem receber notícias minhas há tantas horas.

Após a refeição, o cansaço que se acumulou em meu corpo durante todo o dia se manifesta de tal maneira que apenas me arrasto da cozinha até um cômodo que imita uma sala e adormeço ali mesmo, sobre um estofado branco, limpo e confortável.

Ainda estou quase adormecida quando percebo os braços fortes de Solomon me envolverem, me erguerem do sofá e me carregarem. Eu deveria avisar a ele que estou acordada e que pode me colocar no chão, mas o cheiro dele é tão bom, o calor do seu corpo me faz tão bem, que prefiro continuar quietinha, com os olhos fechados, deixando que me leve para onde quiser e acabo adormecendo novamente.

— Melissa, Melissa, Melissa...

Acordo com o som da sua voz grossa chamando o meu nome e fico espantada ao constatar que estou deitada na cama do apartamento, sem que tenha percebido como e quando cheguei aqui. Na certa fui trazida enquanto dormia.

— Acho que dormi demais. — murmuro, desconcertada, sentando-me preguiçosamente na cabeceira da cama.

Descubro que ainda uso o roupão que coloquei no iate, sem mais nada por baixo e, instintivamente, levo a mão ao decote só para checar se meus seios não estão aparecendo, um gesto que Solomon acompanha com seus olhos verdes inexpressivos.

Ele ainda usa a bermuda e a camiseta com que estava antes. Está sentado em uma cadeira ao lado da cama, em meio à leve penumbra que toma o aposento com apenas a luz de abajur acesa.

O relógio de cabeceira marca dez horas da noite.

— Está na hora da sua medicação.

Ele estende-me o comprimido e o engulo com a água que me entrega

em seguida.

— Obrigada. Como conseguiu o remédio sem a receita? Deixei tudo na mochila que foi roubada.

— Liguei para o médico que a atendia em Safford e pedi sua ficha. O médico da minha empresa fez a prescrição.

Sem desviar seus olhos do meu rosto, ele recosta no espaldar da cadeira, parecendo completamente relaxado, o que o torna ainda mais charmoso. Uma energia poderosa emana dele, me atraindo, me afetando de forma irremediável. Talvez eu esteja ficando louca, mas sou tomada por um desejo quase insano de me levantar da cama e sentar no colo dele.

O pensamento faz minha face queimar violentamente e vejo o canto da boca dele se dobrar num sorriso malicioso, como se estivesse lendo meus pensamentos e fico completamente desconcertada, o rosto ainda mais quente.

— Quer comer alguma coisa? — ele pergunta.

— O que?

Levo minha mão à boca ao perceber que cheguei ao ponto de ver sentido dubio na pergunta simples que ele me fez.

— Estou perguntando se você está com fome, Melissa.

— Ah, não. Nem um pouco. Só com sono mesmo. — sentindo-me ainda cansada, volto a me deitar, cobrindo-me com o lençol, enquanto ele continua lá parado, observando-me — Você vai ficar aí me olhando?

— Sim. Quer dizer, não. Vou dormir aqui hoje, porque Madeleine pediu as contas e você não pode ficar sozinha, mas vou dormir no meu quarto.

Volto a me sentar.

— Ai, minha nossa! Ela se demitiu por minha causa?

— O que você acha?

— Eu sinto tanto. Vou me desculpar com ela. Preciso também ligar para Amber, mas vou deixar tudo isso para amanhã. Estou tão cansada. — não sei exatamente o que estou fazendo quando deslizo para um lado da cama, deixando o lugar vazio ao meu lado. — Você pode dormir aqui, se quiser. Tem espaço para nós dois.

Posso ver o verde dos seus olhos ganhando um brilho luxurioso e preciso morder o lábio para conter o formigamento que se manifesta na altura do meu ventre.

— Não sou o tipo de homem que existe nos seus sonhos, que se deita

ao lado de uma garota e mantém as mãos longe dela.

— Você não precisa manter suas mãos longe de mim, Solomon.

Ainda estou digerindo o fato de que acabei de convidar um homem para fazer sexo comigo, quando ele se levanta da cadeira, só que ao invés de vir até a cama, faz menção de ir para a porta.

— Você ainda está cansada, foi um dia longo para nós dois. Quero que descanse. — vira-se para ir, então se detém e olha novamente para mim — Isso não significa que pretendo voltar atrás na minha decisão de ficar com você em troca de manter o campus de pé. Amanhã você ainda estará aqui. Boa noite.

Com isto, ele se vai, deixando-me estática, boquiaberta sobre a cama, sem entender ao certo o que aconteceu. Não compreendo porque me dispensou assim tão facilmente. Talvez seja verdade que os homens não gostem de mulheres oferecidas, ou quem sabe ele só queira deixar claro que não passo de um objeto em suas mãos, uma propriedade adquirida em troca de outra, cujas hora e local de uso ele determina, como se fosse possível esquecer uma coisa dessas.

Me recusando a me deixar abater por uma realidade já conhecida e gastar mais um minuto dos meus pensamentos com Solomon, viro-me para o outro lado e adormeço.

Acordo sentindo muito calor. Não aquele calor insuportável que faz durante o verão no Arizona, esse é agradável, gostoso. Me movo na cama e só então percebo um braço e uma perna de Solomon jogados em cima de mim, seu peito nu de encontro às minhas costas. Ele está deitado na cama comigo, de lado, me abraçando por trás, tão colado a mim que posso sentir o subir e descer do seu peito enquanto ele respira, o calor do seu abdômen sarado atravessando o tecido do roupão e mais abaixo, empurrando minha bunda, eu sinto... Ah, minha nossa! É a ereção dele!

A claridade penetra o aposento através das frestas nas costinhas, avisando-me que o dia já nasceu. Tento me recordar de em que momento Solomon deitou-se aqui e não consigo. Na certa veio enquanto eu dormia.

Me movo novamente na cama, tentando descobrir se ele está acordado, então, subitamente, me torno consciente de que o centro das minhas pernas está lambuzado, meus mamilos estão duros e doendo, há um ardor impaciente abaixo do meu umbigo e tudo em mim parece em chamas. Viro a cabeça para trás e vejo o rosto de Solomon adormecido no travesseiro,

em meio a algumas mechas do meu cabelo. Ele fica ainda mais lindo, com seu semblante totalmente relaxado, os olhos fechados, sombreados pelas sobrancelhas grossas. Percorro o olhar pela boca bem desenhada; o queixo forte, ligeiramente oculto pela barba crescida. Quero aproximar o meu rosto do dele, morder o seu queixo, depois pressionar meus lábios nos seus, mas não sei se devo acordá-lo.

Então me mexo novamente, desta vez apenas os quadris. Com cuidado para não fazer movimentos bruscos e despertá-lo, pressiono minha bunda no pau dele e preciso morder o lábio para conter um gemido. Minha vontade é de continuar me esfregando nele, fazer com que o pênis duro empurre o latejar entre minhas coxas, no entanto, antes de mais nada, preciso ir ao banheiro. Minha bexiga está prestes a explodir.

Assim, cuidadosamente, vou me desvencilhando dele, saindo de baixo do seu braço e da sua perna pesados, deslizando até que esteja livre, fora do colchão. Paro por um instante, em pé ao lado da cama e o observo adormecido, usando apenas uma cueca boxer, com o corpo grande e másculo, de pele morena, cheio de músculos nos lugares certos, esparramado sobre o colchão espaçoso. Definitivamente é a visão mais magnífica já tive na vida. Eu poderia passar o dia inteiro observando-o, contudo o chamado da natureza me faz correr para o banheiro.

Alivio-me rapidamente e me coloco diante do espelho grande sobre a pia. Meu rosto está vermelho por causa da excitação, meus olhos ligeiramente inchados pelas horas de sono. Não vejo mais nenhum motivo pelo qual devo continuar adiando minha entrega à Solomon. Eu quero esse homem como jamais quis outro na vida e estou decidida a me tornar dele hoje e por quanto tempo ele quiser. Então, escovo os dentes rapidamente, passo uma escova nos cabelos, uma gotinha de perfume, dispo-me do roupão, respiro fundo e deixo o banheiro, completamente nua.

Ele ainda está dormindo, na mesma posição de quando o deixei, a protuberância na cueca ainda está lá, quase rasgando o tecido fino. Basta que eu chame pelo seu nome uma vez para que seus olhos se abram, se detendo primeiro em meu rosto, depois descendo pela minha nudez, intensificando o fervor que arde em minhas entranhas.

— Estou pronta para ser sua. — falo, o coração disparado no peito, a respiração acelerada.

Talvez eu devesse me unir a ele na cama, porém tudo o que consigo é

ficar aqui parada, esperado pelo seu comando.

Sem desviar seus olhos de mim, Solomon se levanta e se aproxima.

— Tem certeza? — sua voz é um sussurro rouco.

Fito diretamente seus olhos lindos, antes de responder.

— Sim. Quero ser sua mulher, como jamais quis algo nessa vida.

Antes mesmo de eu finalizar a frase, a mão grande dele vem para os meus cabelos, segurando-os firmemente atrás da minha cabeça, o outro braço contorna minha cintura e sua boca cobre a minha, seus lábios se movendo de encontro aos meus, pressionando-os, a língua se infiltrando entre eles, quase com indecência.

Quando seu corpo grande e sólido se cola ao meu, o peito forte roçando em meus mamilos, enrijecendo-os, me coloco na ponta dos pés para envolver seu pescoço com os meus braços, correspondendo ao beijo, aprendendo a deixa-lo devorar minha boca.

Sem parar de me beijar, Solomon desliza a mão pelo meu corpo e a espalma sobre minha vulva depilada, desfere-lhe um tapinha estalado, causando um ardor gostoso e em seguida enterra um dedo entre meus lábios vaginais, produzindo uma massagem enlouquecedora na minha entrada lambuzada, intensificando o seu latejar, a fazendo escorrer com mais abundância, cada partícula do meu corpo suplicando por senti-lo mais inteiramente.

— Porra... como você está toda molhadinha... — sua voz é um grunhido.

CAPÍTULO XV

Sem deixar de me tocar entre as pernas, Solomon me conduz pelo quarto até que minhas costas encontrem uma parede e se firmem nela, quando então seus lábios abandonam os meus e descem pelo meu corpo, provando a pele do meu pescoço, ora lambendo, ora beijando, deixando um rastro de labaredas por onde passam. Seus dentes se fecham em torno de um dos meus mamilos e solto um grito agudo quando fazem pressão, causando uma ardência que desce direto para o meu sexo, como uma descarga de eletricidade, o fazendo pulsar em expectativa. A dor é compensada pela massagem suave da ponta da sua língua quente e úmida, enquanto o outro mamilo recebe um beliscão. No instante seguinte, sua boca está cobrindo meu sexo, me chupando, a língua se movendo freneticamente sobre o clitóris, me fazendo gemer sem cessar, minha perna indo parar em cima do ombro dele, meus dedos se enterrado em seus cabelos curtos, cada parte de mim entrando em combustão.

Solomon planta beijos molhados em minha pélvis, depois usa os dois polegares para abrir meus grandes lábios e ataca novamente meu clitóris, com língua e lábios, sugando, lambendo, me enlouquecendo, até que tudo se concentra na altura do meu ventre e ele para, subitamente, levantando-se, me deixando quase a ponto de gritar de frustração.

— Estou viciado nessa bocetinha, mas hoje você vai gozar no meu pau.

— É o que quero também.

Não protesto quando ele me ergue em seus braços, carrega-me até a cama e, cuidadosamente, estende meu corpo sobre o colchão. Afasta-se e se despe da cueca, examinando minha expressão quando cravo meu olhar no pau enorme, esticado para cima. Quero tocá-lo, beijá-lo, provar o seu gosto, no entanto, meu cérebro parece estranhamente programado para me fazer agir apenas com sua permissão, então permaneço quieta, aguardando pelo que ele fará.

Não consigo desviar o olhar do seu corpo nu, todo perfeito, como o de um atleta, quando, movendo-se com um charme capaz de me deixar sem

fôlego, ele vai até a gaveta de um criado mudo, pega um pacote de preservativos, saca um da embalagem e se cobre. Então, volta para mim e acomoda seu corpo sobre o meu, seu peso apoiado nos cotovelos, os quadris entre minhas pernas, os olhos fixos em meu rosto.

— Você é tão linda. — diz, a voz grossa e rouca irrompendo como uma melodia gostosa pelo quarto. — Está nervosa?

— Nem um pouco. — e é verdade, estou o oposto de como sempre achei que me sentiria quando esse momento chegasse.

— Como você deve saber, vai doer um pouco no início, mas logo passa.

— Tudo bem.

Passo as mãos em seus cabelos negros caindo em sua testa e acaricio seu rosto com a ponta dos meus dedos, uma emoção desconhecida enchendo meu peito, me fazendo sentir como se eu realmente pertencesse a esse homem e ele a mim.

Solomon volta a me beijar na boca e cola seu corpo ao meu, quando posso perceber a cabeça do seu pau tocando minha entrada e abro mais as pernas, ansiosa por senti-lo dentro de mim. Então, o golpe vem, firme, rápido, violento, causando-me uma dor lancinante. Tendo me esquivar, sair de baixo dele, porém Solomon me segura firme no lugar.

— Quietinha. Já vai passar. — garante ele, imóvel dentro de mim.

— Acho que não vai. Está doendo muito.

— Shhh...

Sua boca toca meu ouvido, a língua acaricia o lóbulo da minha orelha, para em seguida deslizar até meus lábios. Me beija com impetuosidade, a língua explorando minha boca, voluptuosamente. Aos poucos meu corpo vai voltando a relaxar, a dor sucumbindo ao desejo e, como se fosse capaz de perceber isso, Solomon puxa os quadris e volta a se mover dentro de mim, em outra estocada brusca. A dor retorna, porém com menor intensidade. Dessa vez ele não para, continua movendo-se em vai e vem, entrando e saindo do meu canal, cada vez mais depressa, mais forte, reacendendo meu corpo para as sensações luxuriosas. Posso sentir sua virilidade empurrando minhas paredes, as esticando, cavando seu espaço dentro de mim, com uma pressão absurda, como se fosse capaz de me partir ao meio. Suas bolas batem na minha bunda; sua pélvis ligeiramente peluda esfrega meu clitóris, deliciosamente; seu peito rochoso comprime meus seios; o cheiro que parte

dele parece mais vivo, inebriante, de um jeito que me faz querer jamais deixar de senti-lo.

Como se nenhum contato fosse suficiente para aplacar a necessidade que meu corpo tem do dele, abraço seus quadris com minhas pernas e percorro os músculos das suas costas com a ponta dos meus dedos, meus gemidos descontrolados se tornando mais altos.

— Que bocetinha apertada... eu podia passar a noite toda dentro de você, menina, mas sei que não vai aguentar, então goza pra mim... — sua voz soa rouca, ofegante, excitante.

Como se atendesse ao seu comando, meu corpo enrijece todo, o turbilhão de sensações se tonando insuportável. Os movimentos dele aceleram e o orgasmo me arrebatava, me fazendo convulsionar e gritar sem controle, enquanto os olhos verdes capturam cada minúsculo gesto meu.

Com mais três estocadas firmes, Solomon se esvai em gozo dentro de mim, seu rosto lindo se contorcendo de prazer, enquanto as paredes sensíveis do meu canal se deliciam com os espasmos do seu pênis.

Sinto meu corpo lânguido, com os membros pesados, quando ele se retira do meu interior e rola para um lado da cama. Se livra do preservativo usado e permanece imóvel, fitando fixamente o teto, deixando-me abandonada, com a sensação de que algo acaba de se quebrar em minha alma. Apesar do quarto estar aquecido, sinto frio, quero que ele me abrace, que me aninhe em seu peito e me diga o quanto foi bom, no entanto, ele permanece indiferente, distante, frio como uma pedra de gelo. Será que não foi tão bom para ele quanto para mim? Será que fiz algo errado?

Sei que ele não gosta que eu aja sem que antes me dê o comando e até que gosto disso, todavia, nesse momento, meu corpo e tudo mais em mim parecem necessitar de mais, então, rendendo-me a um impulso, deslizo rumo a ele no colchão e viro-me de lado, aconchegando meu corpo ao seu, descansando a cabeça em seu ombro, abraçando-o com um braço e uma perna, sem que ele se mova minimamente, como se sequer estivesse ciente da minha proximidade.

— Isso foi muito bom. — revelo e espalho beijos em seu peito largo.

Como se estivesse sendo atacado por um exame de abelhas, Solomon se desvencilha de mim e levanta-se rapidamente da cama.

— Foi bom para mim também. — diz, com aspereza e veste sua cueca. — Mas agora preciso trabalhar.

— Você não pode ficar mais um pouco?

— Não. — a resposta é curta e grossa e funciona como uma bofetada em meu rosto.

Ele entra no banheiro e, espichada na cama, me dou conta de que estou tentando romantizar um negócio. Por mais que essa constatação me doa na alma, por mais que fira os sonhos que eu sempre guardei de ter minha primeira vez com um homem que me amasse e por quem eu fosse apaixonada também, preciso encarar a realidade de que para Solomon sou apenas uma aquisição, um objeto que ele pretende usar como bem entender antes de descartar. Entre nós nunca vai ser diferente, por mais que exista esse desejo selvagem me ligando a ele.

Quando sai do banheiro, meu algoz percorre seus olhos de safira pela minha nudez antes de me encarar, sem qualquer expressão no rosto impassível.

— Espero que você entenda que esse não é meu estilo. — diz.

— O que não é seu estilo?

— Essa coisa de ficar se agarrando na cama depois do sexo, como se tivesse acabado de fazer amor. Eu não faço amor com ninguém, meu negócio é sexo bruto.

Não entendo porque a decepção me abate, se eu já sabia disso.

— Você não precisa me dar explicações.

— Que ótimo que entende. Estou explicando porque por um instante achei que você...

— Foi impressão sua. — o interrompo, antes que me faça sentir ainda mais humilhada e decido nunca mais cometer o deslize de esperar algo dele, além do que está em nosso contrato.

— Melhor assim. — ele começa a se vestir das suas roupas penduradas no espaldar da cadeira onde esteve sentado ontem a noite e continua falando, com a mesma frieza com que um patrão fala com seus funcionários — Hoje você vai receber algumas candidatas a governanta, escolha a que mais gostar, são todas de uma agência de empregos de confiança. Vai receber também um notebook e um celular novos, além de alguns cartões de crédito e as chaves da porta. A partir de hoje ela estará sempre aberta para você, só tenha em mente que não dou terceiras chances — processo suas palavras e engulo em seco — Como sei que a epilepsia não a permite dirigir, deixarei uma motorista à sua disposição, se quiser sair basta

chama-la. Não precisa se preocupar com sua medicação controlada, ele será mensalmente prescrita por um médico de confiança. Outra médica, uma ginecologista, virá aqui esta tarde para te receitar um anticoncepcional. Se não houver problemas, opte pela injeção mensal, pois ela evita o risco de esquecimentos.

— Nossa! Quando você providenciou isso tudo?

— Ontem a noite.

— Você não dorme?

— Durmo pouco. — ele termina de se vestir — Liguei também para sua amiga Amber para avisar que você está bem. Ligue para ela hoje, quer falar com você.

— Obrigada.

— Esta noite tenho um compromisso e não virei aqui. Me espere amanhã, por volta das oito horas. Esteja usando uma das roupas íntimas que estão no closet e não use maquiagem, gosto de você ao natural. Qualquer coisa que precisar, me ligue. O número estará gravado na discagem rápida do novo celular. Alguma pergunta?

— De quanto vai ser o meu salário?

— O que?

Abro um sorriso para ele, tentando colocar alguma graça na minha mórbida piada.

— Estou brincando. É que de repente me senti em uma entrevista de emprego.

— Talvez você deva saber que não sou um homem que aprecia brincadeiras — ele checa o relógio de ouro em seu pulso — A primeira candidata a governanta deve chegar em algumas horas. Você acha que consegue preparar seu café da manhã sozinha?

— Acho que posso tentar. — solto, com sarcasmo.

Me pegando de surpresa, Solomon vem até mim e se inclina para plantar um beijo, quase fraternal, em minha testa, seus lábios se demorando sobre minha pele, um rápido calor se manifestando entre minhas pernas. Ao se afastar, ele rumo para a porta e o interrompo antes que tenha tempo de sair.

— Na verdade, gostaria de me desculpar com Madeleine e pedir que ela continue trabalhando aqui.

— Não. Ela se demitiu porque quis. Nada de pedir desculpas. — responde, sem se virar para mim e deixa o quarto.

Não consigo evitar a sensação de vazio que sua ausência deixa para trás e que se torna ainda mais dolorosa quando me lembro que não o verei esta noite, porque ele tem um compromisso, na certa com outra mulher, talvez a dona do seu afeto. Ele me disse que não tem namorada, que sequer namora, mas os homens mentem, são peritos nisso. No entanto, me recuso a gastar meus neurônios pesando em um homem que não merece um segundo dos meus pensamentos. Então, a fim de injetar uma dose de alto astral no início do meu dia, exilo Solomon Graham nos recônditos mais esquecidos da minha mente, ligo o som do quarto no último volume e vou para debaixo do chuveiro. Após o revigorante banho quente, lavo-me dos lençóis sujos de sangue da cama, para que a nova governanta não se assuste e visto uma de minhas roupas antigas, um vestido de algodão florido que Solomon certamente chamaria de molambo. Mas por que ainda estou pensando nele?

Ao deixar o quarto, vou direto para a porta de saída e, com o intuito de comemorar o fato de que agora tenho a chave e, portanto, estou livre, saio e entro várias vezes, só para curtir a sensação.

Na cozinha, faço uma pequena farra gastronômica, incentivada pela quantidade e variedade de comida encontrada na geladeira. Preparo uma fondue de chocolate, uma salada de frutas, croissants, sanduíches e sucos. No final não consigo comer nem metade e estoco tudo na geladeira.

Não demora muito a campainha da porta toca e fico feliz ao atender o entregador que trás meu celular e o computador novo. Não vejo a hora de conversar com Amber. O aparelho já está carregado e assim que o ligo aparece uma mensagem de Solomon.

“Lembrando que meu número está na discagem rápida. Qualquer coisa me liga. Mantenha-me informado sobre o processo de contratação da governanta.”

Cogito não responder, todavia, preciso aprender a agir quase como uma funcionária para esse homem enquanto estiver presa a ele, pois, pela forma como age, dá a entender que é isso que espera de mim.

“Acredite você, ou não, sou perfeitamente capaz de viver sem tanta ‘orientação’”.

Coloco o “orientação” entre aspas para que ele saiba que eu quis dizer vigilância, embora isso não me incomode nem um pouco, pelo contrário, seu excesso de cuidado passa a impressão de que ele se importa comigo. Uma impressão falsa, obviamente.

Solomon responde com um emoji revirando os olhos e me pergunto seriamente se é ele mesmo com o telefone na mão, pois não o imagino usando emojis em uma conversa, a não ser, talvez, aquele com a carinha de tédio, ou, ainda, aquele que está sempre vermelhinho de raiva.

Só que Solomon e suas manias esquisitas não são a prioridade em minha vida, então volto a excluí-lo dos meus pensamentos, esparramo-me no sofá da sala e telefono para Amber. Me surpreendo que ela atenda logo no segundo toque, em pleno horário de aula.

— Oi Amber, sou eu. Esse é meu número novo. — falo.

— Melissa, finalmente, não via a hora de falar com você. — capto a aflição no tom de sua voz — Nem dormi ontem a noite pensando no que você passou. Me desculpe por ter te colocado nessa furada.

— Para com isso, não foi culpa sua. Você só tentou ajudar.

— Foi minha sim. Eu devia saber que não se pode confiar em estranhos, quando contratei aquele sujeito. Fui eu quem te convenceu a fugir de Solomon quando você já estava quase decidida a ficar.

— Já chega, Amber. Não se culpe. Eu teria fugido mesmo sem a sua influência e talvez teria contratado o mesmo barqueiro, ou talvez outro pior. O importante é que tudo passou. Estou bem agora.

— Está bem mesmo? Não está machucada?

— Sim e não.

— Foi loucura tentar fugir. Você está melhor aí com Solomon. Ele não é tão ruim assim.

— Está defendendo ele agora?

— Só um pouco. Ele foi muito prestativo me ligando para me contar tudo e me tranquilizar. E foi um verdadeiro herói indo te resgatar.

— Pois é, ele foi. — ouço-a suspirando do outro lado da linha e de súbito me ocorre que não estou ouvindo os sons das vozes dos alunos da faculdade — Não foi pra aula hoje?

— Não. Como não consegui dormir direito, decidi tirar folga.

— Como estão as coisas por aí?

— Tudo do mesmo jeito. E entre você e Solomon, como estão?

Permaneço em silêncio por um instante, perguntando-me qual das emoções dentro de mim devo deixar transparecer ao contar a ela que Solomon e eu tivemos nossa primeira vez. Se o encantamento por ter experimentado tantas sensações magníficas quando estava nos braços dele,

ou se a decepção pela forma como ele me tratou depois. Seria constrangedor deixar que ela soubesse que eu esperava que fosse diferente.

— Tivemos nossa primeira vez esta manhã.

— Ahh! Me conta tudo! Com detalhes.

Só mesmo uma quase virgem para fazer uma exigência dessas.

— Foi bom.

— Só isso?

— Na verdade, eu... eu... — um descontentamento indesejado, incompreensível, enche meu peito, impedindo-me de continuar.

— Ai meu Deus! Ele te amarrou e te torturou com aquelas coisas!

— Não. Até que ele foi gentil, como disse que seria na minha primeira vez. O problema é que... — hesito antes de continuar — Fui estúpida o bastante para esperar por algo mais além de sexo mecânico. Quando terminamos, ele saiu da cama tão depressa que parecia ter criado formigas no colchão.

Amber suspira pesadamente, do outro lado da linha.

— Oh, amiga. Eu já sabia que seria assim. Que você esperaria por mais e ele não corresponderia, pois você é uma mulher e nós mulheres somos naturalmente românticas. Só que você precisa colocar na sua cabeça que não há a mínima possibilidade de o que há entre você e esse homem se transformar em um romance. Não deixe que o tesão que sente por ele confunda a sua cabeça.

— Eu sei. Agi como uma boba esperando que realmente fosse especial.

— Mas veja pelo lado positivo, são só seis meses, talvez menos. Aproveita esse tempo para organizar sua vida. Você está em uma das cidades mais prósperas desse país, pelo que Solomon me disse, tem cartões de crédito, a chave da porta e um motorista à sua disposição. Tira proveito disso. Faz algum curso profissionalizantes por aí, tente entrar em uma grande faculdade. Você não faz nada o dia inteiro mesmo. Deixa as coisas encaminhadas para arranjar um emprego depois que Solomon te deixar. Além disso, se divirta por nós duas, garota, vai pro shopping gasta o dinheiro desse carrasco.

Amber está coberta de razão. Ao invés de ficar me lamentando, eu já devia estar pensando era em investir no meu futuro longe de Safford, em me tornar uma pessoa próspera a partir dos meios que tenho à minha disposição,

muita gente por aí queria ter tido todas essas oportunidades. Não posso trabalhar fora enquanto estiver com Solomon, mas posso estudar, fazer cursos, conhecer pessoas, deixar as portas abertas para viver aqui e ter uma carreira depois que nosso acordo acabar.

Para começo de conversa, preciso ignorar tudo o que esse homem me faz sentir e passar trata-lo como um negócio, da forma como ele me trata. Preciso me concentrar em desempenhar o papel para o qual estou aqui, pesquisar sobre os fetiches dele, sobre o BDSM (seria bom explicar) e os objetos no quarto ao lado. E é isso que vou fazer. Se Solomon quer uma submissa, uma submissa ele vai ter.

Amber e eu conversamos um pouco mais. Ela me pede que ligue para o meu pai, mas simplesmente não consigo, não ainda. Não estou pronta para voltar a falar com naturalidade, como se não tivesse me vendido.

Dedico as horas seguintes a escolher a nova governanta, entre as três candidatas enviadas por Solomon. Como não tenho a mínima ideia de como se entrevista alguém para um emprego, faço a cada uma delas, separadamente, a mesma pergunta que a mãe do Will fez à Lou, em “Como Eu Era Antes de Você”: por que eu deveria contratá-la?

A primeira candidata, uma mulher muito séria e elegante, com cerca de quarenta anos, responde a pergunta elencando seus dotes culinários, suas excelentes referências e seu talento em cuidar de um lar. A segunda, também faz uma extensa lista de suas qualidades profissionais e a terceira, uma mulata baixinha, um pouco mais jovem e descontraída que as outras, diz apenas que é a melhor opção, então decido ficar com ela, mais por sua personalidade que por outra coisa. Após a contratação, ligo para nosso “chefe” a fim de atualizá-lo dos acontecimentos.

CAPÍTULO XVI

Solomon

— Maldição! — esbravejo e esmurro a mesa de reuniões na cabeceira da qual me encontro sentado — Será que ninguém aqui consegue resolver um problema simples?

Os advogados, que me custam milhares de dólares todos os meses, simplesmente não conseguem tirar do meu encalço uma associação de moradores de uma aldeia próxima a um dos hotéis da minha empresa, construído recentemente na Tailândia. São pessoas que querem lucrar às minhas custas, com a alegação de que as residências deles foram desvalorizadas com a perda da vista do mar. Já os restituí de tal prejuízo, no entanto continuam em cima, tentando sugar mais dinheiro.

— Como eles são moradores nativos, os juízes estão sempre do lado deles. — um dos advogados tenta justificar sua incompetência.

— Não quero saber! Fodam-se os nativos e fodam-se os juízes. Vocês têm vinte e quatro horas para resolver esse maldito assunto, ou estarão demitidos. — anuncio, finalizando a reunião e sigo para a minha sala.

Anne, que também participava da discussão, já que é uma das responsáveis diretas pelos assuntos legais da empresa, vem atrás de mim.

— O que diabos está acontecendo com você, Archie?

— Não me chama de Archie, porra! Meu nome é Solomon. — percebo que falei alto demais quando o eco da minha voz ressoa pela sala grande.

Mas que se foda Anne também.

Sem vontade de me virar para ela, observo o tapete cinzento de edifícios no centro da cidade, através da parede de vidro. Nunca vou admitir, mas a incompetência dos advogados não é o que atíça essa raiva que queima dentro de mim e sim o fato de não conseguir afastar Melissa dos meus pensamentos, como se estivesse enfeitiçado por essa menina.

É inadmissível que eu tenha passado a maior parte da noite anterior perambulando pelo apartamento, sem conseguir dormir até me deitar ao lado

dela na cama, só para ter certeza de que estava segura e protegida. Logo eu, que não tenho a hábito de dormir na mesma cama que minhas amantes, por capricho.

É inaceitável permitir que ela me faça perder o controle sobre as minhas emoções, a ponto de eu passar o dia inteiro com o peito pesado de culpa, por ter deixado a cama tão depressa, tentando impor os limites que eu mesmo ultrapassei, depois de ela ter se entregado tão inteiramente a mim, como se eu fosse o melhor homem do mundo, como se a merecesse.

Ah, Melissa, se você soubesse com quem está lidando e porque eu a trouxe até aqui.

É intolerável estar contando os minutos, quase cancelando um importantíssimo jantar de negócios, para que chegue o momento em que irei revê-la, em que a terei novamente em meus braços. É inaceitável que eu esteja me deixando afetar por uma menina de dezoito anos, sem qualquer experiência de vida, e o que é pior: a filha do homem que quase destruiu a mim e à minha irmã.

— Eu chamo você como quiser, porque sou sua irmã. — Anne rebate, arrancando-me dos meus devaneios. — E não use palavras de baixo calão comigo, Archie Foster.

Respiro fundo tentando me acalmar e me viro para encará-la.

— Não me estresse ainda mais, Anne. — peço e acomodo-me atrás da mesa com tampo de vidro, dando as costas à paisagem cinzenta. — Já basta esses incompetentes me deixando furioso.

— Não é por causa deles que você está assim. — ela senta-se na poltrona do outro lado da mesa — É essa menina, a filha de Willian. Você está se envolvendo com ela.

Fico pasmo com esse poder que minha irmã tem de me enxergar por dentro. Ela sempre foi assim, apesar de ser dois anos mais nova.

— Não é nada disso. Essa garota não é nada para mim.

— Eu sempre soube que um dia alguma mulher ia mexer com você de verdade, só não esperava que fosse a filha daquele desgraçado.

— Não diga tolices. Eu não me importo com essa garota.

— Não apenas se importa como também gosta dela. Eu conheço você o bastante para perceber isso. Você está diferente desde que a trouxe, mais pensativo. Quando um homem começa a ficar pensativo o motivo é mulher, ou dinheiro e como você tem mais dinheiro do que saiba com o que gastar,

sei que é essa garota. Além disso, você faltou a todos os compromissos de ontem a tarde, sem avisar com antecedência, o que não é do seu feitio. Na certa estava com ela.

Posso ver o brilho do ódio refletido nos olhos azuis de Anne enquanto ela fala. Se existe alguém nesse mundo que quer ver Willian destruído mais do que eu, esse alguém é ela. Por enquanto está apenas deduzindo que tenho algum envolvimento com aquela garota, se algum dia isso chegar a se concretizar, ela jamais me perdoará e então eu terei perdido a única família que me resta.

— Eu me sinto atraído por ela, é só isso. E vai passar, sempre passa. Você sabe que eu acabo enjoando todas as mulheres que mantenho naquele apartamento.

Ela me analisa por um instante de silêncio, então deixa suas costas relarem no espadar da cadeira e percebo que consegui convencê-la.

— Eu sei que você só quer sexo com essa vaca, mas não era exatamente essa a justiça que eu esperava que fosse feita.

Suas palavras funcionam como uma punhalada em uma ferida aberta e dolorida em meu peito.

— Você sabe que não podemos denunciá-lo à polícia sem me ferrar também e destruir o campus ia prejudicar os alunos que não têm nada a ver com isso. Tirar a filha dele foi a única forma.

Posso ver a mágoa refletida em seus olhos azuis claros.

— Você não fez isso por mim e sim por você mesmo. O que está fazendo com essa garota, não se compara com o que o pai dela fez comigo.

Merda. Esse assunto de novo. Não suporto ver Anne assim, porém tenho minhas dúvidas de que destruir Willian de verdade a faria esquecer.

— Sr. Graham, o detetive Crawford na linha um. — suspiro aliviado quando a voz da minha secreta irrompe pela sala através do interfone.

— Pode passar, Victória. — autorizo.

— Detetive? O que você está investigando? Tem alguma coisa a ver com Safford?

— Não. — minto — É outro assunto e é particular. Agora, por favor, me deixe sozinho. Tenho que falar com ele.

Com a desconfiança visível em sua fisionomia, ela revira os olhos para mim e em seguida deixa a sala. Espero até que tenha fechado a porta pelo lado de fora, antes de levar o telefone ao ouvido.

— Fala Crawford. Descobriu alguma coisa? — minha expectativa é crescente.

— É o seguinte, ou o nome que você me deu está errado, ou essa mulher evaporou da face da terra.

Processo suas palavras e um frio atravessa meu estômago.

Quando Melissa me disse que a mãe dela sumiu sem deixar rastro, dois meses antes de Reese ir morar com Willian, foi como se as peças de um quebra-cabeças se montassem em minha mente. Os mais de dois anos durante os quais tive um caso tórrido com Reese me permitiram conhece-la o suficiente para ter certeza de que, quando ela quer uma coisa, elimina qualquer obstáculo em seu caminho, inclusive a vida de uma mulher. Se minha ardilosa ex-namorada decidiu que queria viver com William, por que razão eu nem desconfio, existe uma grande possibilidade de a mãe de Melissa estar morta. Mais um golpe violento aplicado nessa menina, que já perdeu tanto.

O pensamento me faz sentir pena dela, porém imediatamente trato de reprimir esse sentimento. Não posso me permitir nutrir mais que desejo carnal por ela.

— Quero que continue investigando. Contrate mais gente, se for necessário. Vá até Safford, onde ela morava quando desapareceu e volte a entrar em contato quando descobrir alguma coisa.

— Entendido. Me envie todas as informações que você tem sobre Safford e as pessoas com quem ela convivia lá.

— Enviarei por e-mail. Até mais.

Quando encerro a ligação, meu celular está vibrando com uma chamada de Melissa e sinto vontade de bater a cabeça na parede quando me flagro regozijando em contentamento porque vou ouvir a voz doce dela.

— Olá Melissa. — atendo.

— Estou ligando para informar que a governanta foi contratada, chefe. Mais alguma ordem?

Percebo o quanto está de bom humor e me pergunto quando me tornei fraco o bastante para me sentir satisfeito com a felicidade de uma pessoa que deveria estar fazendo sofrer.

— Não me chame de chefe, isso me lembra trabalho e você é a diversão.

— Sim, senhor. — apesar da tensão que ela evidencia no tom de voz,

certamente por ser chamada de diversão, ou pela aspereza das minhas palavras, sua voz suave me chamando de senhor faz meu pau endurecer dentro da calça.

De súbito começo a pensar em todas as coisas que pretendo fazer com ela na próxima vez em que a vir e a ereção se estica a ponto de causar dor em minhas bolas. Agora que seu medo pelos meus fetiches parece ter sido eliminado, não há limites para o que tenho em mente. Pretendo subjuga-la de tantas formas que quando eu terminar r estará pouco da pureza que ela carrega em seu semblante.

— Qual das três você escolheu? — amaldiçoo o fato de a minha voz ter saído arrastada, por causa da respiração ofegante.

— Jenny, a morena. Porque a achei mais descontraída. E ela já está trabalhando.

— Certo. Diga a ela que minha secretária entrará em contato para acertar os últimos detalhes da contratação.

— Sim, senhor.

Porra...

— Agora me diga o que está vestindo, boneca.

Há um longo momento de silêncio do outro lado da linha antes que ela responda.

— U-um v-vestido florido de algodão.

— Não fique nervosa. Não vou repreende-la por usar seus molambos, só não quero que os use na minha presença. Agora me diga como é seu vestido, descreva detalhadamente.

Ela pigarreia antes de começar.

— Bem, ele tem alças largas, um decote no formato de um U, tem um elástico na cintura e a saia, que vai até o meio da coxa, é larga, esvoaçante.

Estou imaginando minha mão se infiltrando debaixo dessa saia, tocando a pele macia e perfeita, quando a voz da minha secretária, me avisando sobre a próxima reunião, parte do interfone e praticamente solto um berro, ordenando que não volte a me interromper até que eu avise.

— Se você sair na rua com esse vestido e ventar, outros homens vão colocar os olhos no que é meu. Isso pode ser perigoso para você, Melissa.

— Não vou sair à rua hoje, senhor. Me vesti assim porque pretendo ficar em casa.

— O que mais você pretende fazer hoje?

Percebo sua hesitação em responder e minha curiosidade é atizada.

— Vou fazer pesquisas na internet.

— Sobre o quê?

— O BDSM. Quero conhecer seus fetiches, para me adaptar melhor a eles.

Suas palavras fazem meu pau latejar dentro da calça. Por pouco não ajo como um adolescente tarado e o tiro para bater uma.

Quero dizer a Melissa que pesquise à fundo, que assista vídeos em um site que costumo visitar, que aprenda a me satisfazer, até porque isso não é tarefa fácil, meu apetite por sexo é voraz e adoro uma secagem bem feita, no entanto um Solomon que desconheço, no qual venho me transformando nos últimos dias, parece emergir dentro de mim.

— Você não precisa de nada disso, menina, já me satisfaz do jeito que é. Gosto de você assim, simples e pura. Não posso negar que pretendo te perverter, aliás estou louco por isso, mas não há nada em você que precise mudar. Gosto de como você é, da sua beleza diferente, dos seus olhos e duas cores, dos seus cabelos jamais tocados por química, da sua pele translúcida, do seu semblante angelical, das curvas redondas dos seus quadris. Não há absolutamente nada em você que eu não aprecie. Você tem ideia do quanto é linda?

— Você não precisa me dizer todas essas coisas, Solomon. Eu já entendi como as coisas são entre nós, quando você deixou a cama daquele jeito esta manhã.

Abro a boca para dizer a ela o quanto minha atitude foi falsa, que eu só estava fugindo das emoções que não posso sentir pela filha de um homem a quem odeio. No entanto, eu estaria enganando a nós dois se admitisse que as coisas podem ser diferentes, porque elas nunca vão ser.

— Você tem razão, acho que estou falando demais. Faça suas pesquisas e aprenda, perca de vez o seu medo, isso vai ser bom para nós dois. Agora vou desligar, nos vemos amanhã.

Dito isto, encerro a ligação.

Melissa

Com meu corpo ligeiramente trêmulo, mais pelo nervosismo que pelo medo, espero por Solomon ajoelhada em cima da cama. De acordo com as pesquisas que fiz, ontem e hoje na internet, os dominantes gostam de encontrar sua submissa ajoelhada no chão, mas achei que ficaria mais sensual assim, em meio aos lençóis de seda cor de vinho. Além do mais seria muita falta de higiene sentar no chão usando uma calcinha tão transparente.

Como ele me orientou, escolhi uma lingerie entre as centenas encontradas no closet, um conjunto de tanga e sutiã abertos, vermelho, em renda, tão delicado e erótico que mais parece um enfeite para o corpo, deixa minha vulva e o bico dos meus seios à mostra e ao invés de me sentir indecente, como deveria, me sinto sexy, capaz de qualquer coisa. Não coloquei maquiagem, apenas escovei os cabelos e passei uma gotinha de perfume.

Quando a porta se abre e Solomon avança pelo aposento, fico quase sem fôlego, deslumbrada com sua beleza máscula, crua; com a aura de poder e sofisticação que emana dele; com o contraste entre seus olhos verdes e a pele morena. Ao contrário do que eu esperava sua chegada me tranquiliza, me transmitindo uma sensação boa de segurança, o que parece loucura se levando em conta o quanto já senti medo dele.

— Olá pequena. — sua voz rouca denuncia sua excitação, seus olhos lindos vagam pelo meu corpo, lentamente, demorando-se nos meus seios desnudos, na vulva à mostra. — Você está verdadeiramente linda.

— Me vesti assim pra você.

Com dois passos largos e apressados, ele elimina a distância que nos separa, fecha sua mão no comprimento dos meus cabelos, me faz erguer o rosto e ataca minha boca com a sua. Fecha a outra mão em torno da minha garganta e suga meu lábios inferior, com volúpia, mordicando-o e então introduz a língua entre eles, explorando minha boca com fome, quase com fúria, despertando meu corpo para o mais selvagem dos desejos, o meio das minhas pernas pulsando, se lambuzando, meus mamilos enrijecendo.

Engolfada por uma necessidade absurda de senti-lo mais intimamente, tento passar os braços em torno do seu pescoço e puxá-lo para mim, mas

Solomon não deixa, tira a mão da minha garganta e a leva para meus pulsos, segurando-os firmemente atrás das minhas costas. A outra mão dele desce pela minha pele, os dedos se fecham em torno de um dos mamilos e o torcem, enviando uma descarga de tesão e dor que vai direto para o meu ventre. Passa para o outro peito e massageia o mamilo com a palma da mão antes de beliscá-lo forte, me torturando com esse misto gostoso de prazer e dor.

Sem deixar de me beijar, ele desliza sua mão até o centro das minhas pernas e geme na minha boca quando seus dedos mergulham na umidade entre meus lábios vaginais. Ensandecida, abro mais as pernas e ele massageia minha entrada em círculos vagarosos, para em seguida fechar a mão sobre a vulva a apertá-la forte, esfregando os lábios lambuzados um no outro, me fazendo estremecer. Então, da uma palmada estalada bem ali onde mais necessito, golpeando diretamente o clitóris e sua boca aperta a minha mais fortemente para abafar o meu grito.

— Você é muito gostosa, Melissa. — sua voz é quase um grunhido. Quando ele se afasta, deixando-me ajoelhada na cama, sou tomada por uma sensação de abandono que me faz tremer, como se o calor que corre em minhas veias fosse dependente do corpo dele junto ao meu — Eu podia te foder a noite toda bem aqui nessa cama, mas hoje quero te mostrar as minhas fantasias mais sujas. Você está pronta para o quarto ao lado?

Uma expectativa luxuriosa desce pela minha pele, me arrancando um tremor. O desejo dentro de mim é tão desenfreado que não há nada que eu queira mais do que ir para aquele quarto com ele, ser sua fêmea de todas formas que ele quiser.

— Sim, senhor.

Posso ver o corpo dele reagindo às minhas palavras, a respiração se tornando mais acelerada.

— Não sente mais medo?

— Não.

— E o que a fez mudar de ideia?

Hesito antes de falar, temendo que ele possa rir das minhas palavras.

— Eu o desejo demais para ser capaz de recusar qualquer forma de tê-lo, qualquer forma de prazer que você me ofereça.

A expressão dele muda, porém não é deboche que estou vendo em sim um misto de satisfação e luxúria que faz seus olhos brilharem.

— Repita isso.

— Eu quero ser sua, Solomon. Da forma como você me quiser.

— Espero que esteja ciente de que pretendo pegar pesado com você.

— é inevitável que uma corrente de medo percorra meu corpo, seus olhos lindos registrando meu breve estremecer — Mas não farei nada que não possa suportar. Se eu ultrapassar seus limites, não me peça para parar, isso só vai me estimular a continuar. Você precisa de um apalavra de segurança.

Me lembro de ter pesquisado sobre isso. Porém, de acordo com o site, o dominante era quem escolhia a palavra.

— Qualquer palavra?

— Sim. Você escolhe.

— Morango. — é a primeira que me vem à cabeça.

Solomon me estende a mão e deixo a cama para segui-lo através das portas duplas que dão acesso ao outro quarto. Está asseado, organizado e com um odor agradável de limpeza, devido à faxina que ajudei Lily, a nova governanta, a fazer. Achei ela bastante profissional por pelo menos ter tentado disfarçar sua perplexidade quando entrou aqui. Solomon gesticula para que eu siga na sua frente e quase posso sentir seu olhar guloso observando minha bunda enfeitada pelo fio transparente da tanga vermelha, devorando meu corpo todo. Com um charme irresistível em cada mínimo movimento que articula, ele tira o paletó, a gravata e abre os botões da camisa branca, deixando o peito musculoso à mostra, sem que eu consiga parar de observá-lo, depois acomoda-se em uma poltrona de couro, a única no recinto que não é destinada à tortura.

CAPÍTULO XVII

— Sirva-me uma dose de uísque com gelo. — ordena ele, com autoridade.

Vou até o frigobar, que tomei o cuidado de abastecer durante a tarde, e sirvo sua marca da bebida preferida. Ao entrega-lo o copo, obedeço ao impulso de ajoelhar-me no chão, diante dos seus pés e sua mão livre vem direto para o meu cabelo, em uma carícia vagarosa.

— Como foram as pesquisas na internet? Aprendeu muita coisa?

— Sim.

— Me conte o que.

— O que significa a sigla BDSM, o nome dos objetos que tem aqui e para que servem, sobre a palavra de segurança, entre outras coisas.

— Encontrou algo, em especial, que a agradasse?

— Sim, gostei da bandagem.

— Fico feliz em saber, pois é algo que aprecio também. Mas como você está em dívida comigo, por ter tentado fugir, tenho outros planos para hoje. — suas palavras me causam um calafrio na espinha, que se transforma em um tremor no corpo quando ele deixa o copo de lado e se aproxima de um banco de spanking, a mobília mais assustadora do quarto — Venha até aqui Melissa — Sem conseguir controlar o pânico recente, obedeço, aproximando-me dele — Por que ficou tão pálida subitamente? Achei que não sentia mais medo de mim.

— Essa mobília é meio assustadora.

E é mesmo. Parece a mistura de uma cadeira elétrica com uma guilhotina, no qual posso identificar o lugar para apoio dos joelhos, do torso e os buracos onde ficam aprisionados o pescoço e os pulsos, na mesma altura, em um artefato de madeira preto com pequenos estofados vermelhos em pontos estratégicos.

Solomon fita-me profundamente antes de falar.

— Você só precisa confiar em mim. Não vou fazer nada que não aguente.

Seu olhar, sua voz, sua postura altiva, a imagem do peito musculoso

sobressaindo-se à camisa aberta, me atraem como um ímã, tudo nele me transmite confiança e desejo de ir em frente.

— Eu confio. — declaro, mais calma.

Sob as orientações dele, subo no banco bizarro, apoiando os joelhos nos lugares estofados, inclinando-me em um ângulo de noventa graus, até repousar o meu torso no outro ponto acolchoado. Em seguida, Solomon aprisiona minhas pernas ao artefato com amarras de couro e prende meus pulsos e meu pescoço como se eu estivesse prestes a ter a cabeça cortada, de modo que fico completamente aprisionada, imobilizada, de quatro sobre o objeto, com as pernas muito abertas, o traseiro empinado.

A sensação não é tão aterradora quanto eu imaginava, me deixa vulnerável não nego, mas é bom, é como estar completamente nas mãos de Solomon, dependendo exclusivamente dele para continuar respirando e isso é excitante, muito mais do que supus.

— Como se sente, cadelinha? — sua voz lembra o grunhido de um animal, enquanto ele circula o banco, observando-me atentamente.

— Me sinto tão sua... — minha voz é um sussurro.

— E é isso que você é, alguém que pertence a mim, para que eu faça o que quiser — percebo que ele está parado atrás de mim enquanto fala — Sabe por que está nesse banco, Melissa?

Vasculho minha mente em busca da resposta, mas ela se perde quando Solomon surge à minha frente, usando apenas uma cueca colada, preta, com a protuberância enorme na frente e um chicote de couro, de três tiras, na mão. Não sei qual o detalhe na imagem que me faz perder a voz.

— Porque pretendo puni-la, por ter fugido. — emenda ele — Achou que podia aprontar comigo e ficar impune?

— N-não, s-senhor...

— Eu vou te bater, pequena, e você vai gostar tanto que vai pedir por mais.

Dito isto, ele segura em meus cabelos para me fazer erguer o rosto, se inclina e se apossa da minha boca, me beijando de um jeito erótico, faminto, intensificando o tesão insano que me faz pulsar entre as pernas. Em seguida, tapa a minha boca com uma mordança de bola, me tonando ainda mais subjugada, submetida.

Meu corpo fica tenso quando ele se coloca novamente atrás de mim. Espero pela primeira chicotada, mas o que vem é sua boca quente e úmida

sobre meu sexo, me lambendo, me chupando, quase devorando minha boceta com língua e lábios, fazendo com que o tesão me consuma de uma forma extasiante, sem que eu possa gemer ou gritar por causa da mordação.

Os movimentos da sua língua se concentram sobre meu clitóris, dançando freneticamente sobre ele, me fazendo me contorcer, enlouquecida. Quando o movimento cessa vem o golpe na minha bunda, não do chicote, da sua mão espalmada, causando um ardor gostoso que só intensifica minha excitação. Em seguida, volta a me lambe, levando-me à beira do abismo, então para e me bate de novo, desta vez dando dois tapas, um de cada lado. Me lambe, quase me fazendo gozar, para e me bate, repetidas vezes, enquanto eu só quero gritar, implorar para que me deixe gozar, sem que minha voz atravessasse a bolinha da mordação.

— Quero te dar uma surra de chicote e não me sinto capaz. O que está fazendo comigo, menina? — ele grunhi e desliza sua língua deliciosa até meu ânus lambendo-o com movimentos circulares — Vou comer esse cuzinho virgem hoje, Melissa. Você vai aprender como engolir meu pau inteiro com ele.

Por fim, como se se compadece da minha agonia, ele prende meu fecho de nervos entre dois dedos e o esfrega incessantemente, deliciosamente, ao mesmo tempo em que continua movimentando sua língua gostosa atrás, tentando introduzi-la no meu orifício menor, até que o orgasmo vem, me arrebatando, me partindo em mil pedaços, sem que eu consiga emitir qualquer som, mas apenas me contorcer e convulsionar.

Quando os movimentos involuntários do meu corpo cessam, Solomon contorna o banco e se coloca diante de mim, segura-me pelos cabelos, tira a mordação e empurra sua língua entre meus lábios, me fazendo provar o meu próprio gosto, o que é suficiente para que as labaredas voltem a se incendiar dentro de mim.

— Já chupou um pau, Melissa? — rosna, ao separar sua boca da minha.

— Não, senhor. Me deixa chupar o seu.

— Porra, menina...

Sem soltar meus cabelos, ele tira o pau de dentro de cueca com a outra mão e o segura pela base, bem diante do meu rosto. Olhando assim de perto, parece ainda maior, muito grosso e duro, quase ameaçador com suas veias protuberantes, o líquido lambuzando a ponta.

Solomon o aproxima ainda mais de mim, esfrega a cabeça melada na minha boca e depois em meu rosto, me lambuzando com o liquido pré-semem, atiçando o desejo insano que me queima por dentro, me fazendo latejar e pingar de vontade dele.

Putá merda! Eu quero esse pau todo dentro de mim de novo, e nem consigo me sentir errada por isso. Só pode ser loucura o que esse homem faz comigo, todas essas sensações pecaminosas que me desperta.

— Me pede de novo pra chupar o meu pau, minha putinha.

— Me deixa chupar seu pau, Solomon. — suplico, perdida, abandonada, completamente imóvel sobre o artefato.

Então, ele posiciona a cabeça melada entre meus lábios e vai empurrando devagar, afundando-o na minha boca.

— Abra mais a boca, cadelinha gostosa.

Eu só sei obedecer e abro a boca até o limite, com vontade, excitada com as palavras de baixo calão que deveriam ser ofensivas.

Ele empurra seu pau até que a ponta alcance minha garganta, quase me engasgando e lamento que minhas mãos estejam presas, pois queria tocá-lo na base enquanto o engulo quase todo. Fode minha garganta com alguns movimentos e quando não consigo mais respirar puxa os quadris, apenas o tempo necessário para que eu recupere o fôlego, então os traz novamente, saindo e entrando da minha boca, repetindo o movimento de vai e vem diversas vezes, até que se torna mais duro dentro de mim e ele para. Segura o membro pelo meio e seu rosto se contorce lindamente, quase de dor, enquanto controla seus próprios espasmos, impedindo o gozo.

— Você nasceu para engolir o meu pau, menina. — sussurra, rouco, cada nota da sua voz funcionando como um estímulo a mais para minha excitação desenfreada.

Do meu cativado, assisto sua bunda linda, redonda e durinha, se movendo diante de mim, enquanto ele se locomove pelo quarto. Vai até uma gaveta, pega uma pacote de preservativos, destaca um e se cobre, se aproxima de outra gaveta, de onde tira um vibrador de silicone dos grandes, uma corrente de metal com contas pequenas e um recipiente de gel.

Caralho!

— Como é sua primeira vez, acho que isso vai servir.

De volta para mim, com os objetos na mão, Solomon segura em meus cabelos e me faz erguer o rosto para devorar minha boca com a sua,

intensificando as chamas dentro de mim, em seguida vai para trás, para onde não posso vê-lo.

Solomon

Quase a ponto de explodir de tesão, observo os globos durinhos da bunda de Melissa, vermelhos das minhas palmadas, o cuzinho virgem, minúsculo, implorando por ser comido e a boceta lisinha, inchada, toda aberta diante dos meus olhos, pingando dos líquidos do seu prazer. Depois olho para suas costas lisas e para o chicote em cima da mesinha. Era para ela estar com as costas marcadas do meu chicote, eu tinha o intuito de chicoteá-la esta noite, simplesmente porque isso me dá prazer, todavia, não consigo machucar Melissa para valer e sequer compreendo ao certo o motivo disso, pois com as outras não penso duas vezes antes de bater quando me dá vontade. Talvez essa limitação exista porque ela é muito frágil, devido à epilepsia, ou talvez, aos 32 anos, eu esteja ficando velho, com o coração mole, com pena de surrar uma menina que certamente um dia receberá mais um golpe duro da vida, ao descobrir que sua mãe foi assassinada pela amante do seu pai, quiçá com a participação dele. Ou, ainda, porque Melissa é diferente de todas as outras mulheres que já tive. Com ela eu não quero apenas satisfazer minhas fantasias insanas, a qualquer custo, eu quero satisfazer as dela, dar-lhe prazer, fazer com que se sinta bem, quando na verdade deveria ser exatamente o oposto. No entanto, não é hora de pensar sobre quem ela é, ou em qualquer outra coisa quem não na delícia de vê-la presa ao banco de açoite, com aquela lingerie vermelha, toda abertinha, arreganhada para mim, da forma como desejei tê-la desde o instante em que coloquei meus olhos nela pela primeira vez, naquela parada de caminhoneiros.

Tomado por uma fome que só cresce, à medida em que a tomo, me inclino e cubro seu sexo com minha boca, lambendo e sugando o clitóris pequeno, enrijecido, passando a língua na sua entrada lambuzada, me regozijando com seu sabor, o gosto mais puro da luxúria que já provei. Bato na sua bunda com a palma da mão e movimento freneticamente a ponta da minha língua sobre o botãozinho rosado, deliciado com a forma como ela se contorce, querendo gozar sem que eu permita e a forma como agora posso ouvir seus gemidos ressoando pelo aposento. Eu não devia ter usado a mordaca inicialmente, teria preferido ouvir esses gemidos desde o começo.

Negando-lhe o segundo orgasmo, ergo meu corpo, encaixo a cabeça

do meu pau na sua entrada lambuzada e me enterro nela até a raiz, com um único golpe, seu corpo todo vibrando, um gemido escapando da sua boca linda. Como desta vez não há a barreira da virgindade, puxo os quadris e estoco novamente, sem dó, enlouquecido com a forma como sua vagina estreita me aperta, ao mesmo tempo em que me acolhe com perfeição, por causa da umidade abundante. Estico o meu corpo sobre o dela e acomodo o bico dos seus seios entre meus dedos, fazendo pressão, apertando-os, para em seguida massagear com delicadeza, amenizando a dor, deliciado com a forma como ela reage, se contorcendo toda, seu corpo lindo vibrando sobre o banco, seus gemidos mal contidos ressoando altos. Ela ainda não entende porque a dor é tão boa se unida ao tesão, tem muito a aprender e estou disposto a ensinar.

Depois de uma sucessão de estocadas aceleradas no seu canal pequeno, desacelero o ritmo, entrando e saindo devagar, sem abrir mão de alcança-la até o fundo, me deliciando ao extremo. Pego a corrente de contas, lambuzo as bolinhas com gel e encosto a primeira no buraquinho rosado. Melissa se enrijece toda, pelo susto e obedecendo a uma reação quase involuntária do meu corpo, dou uma palmada forte, estalada, na sua bunda.

— Só para lembra-la que avisei que ia comer esse cuzinho hoje. — rosno e ela volta a relaxar.

É mesmo uma submissa nata, embora essa seja a característica nela que menos me importa agora, há muito mais. Tudo nela me fascina, principalmente a forma como reage a mim, me fazendo sentir como se tivesse nascido para ser minha, para me satisfazer.

Com minha pequena mais relaxada, introduzo a primeira bolinha de aço em seu orifício menor, devagar, na mesma velocidade em que fodo sua boceta com meu pau. Ela estranha, mas logo relaxa novamente. Então enfio a segunda conta, e mais uma, até que só reste a ponta em formato de círculo do objeto do lado de fora e a fodo com mais força, o tesão animalesco se intensificando com a imagem do cuzinho dela mais aberto, cheio de aço. Estoco com força, bato em seus globos avermelhados, me refestelo de satisfação ao ouvir seus gemidos se tornarem mais altos e então começo a puxar as continhas, tirando uma de cada vez de dentro dela, até que não reste mais nenhuma. Em seguida, me retiro do seu interior, lambuzo meu pau com o gel, seguro-o pelo meio e esfrego a cabeça na sua entrada menor.

— Isso vai doer, menina, mas logo passa. Eu prometo.

— Eu confio em você.

Porra...

O animal dentro de mim me manda empurrar tudo de uma vez e eu faria com qualquer uma, mas não com Melissa. Não me sinto encorajado a machucá-la de verdade. Então, vou entrando devagar, inserindo um centímetro de cada vez, abrindo passagem no anelzinho apertado demais, gostoso demais, até que estou todo dentro, minhas bolas tocando a boceta quente e melada.

— Caralho! Que delícia... como você é apertadinha...

Puxo os quadris e volto a me enterrar em seu corpo, desta vez com força e ela solta um grito, tomada por aquele misto violento de dor e prazer que está aprendendo a apreciar cada vez mais. O animal dentro de mim não mais me permite ser cuidadoso, então a fodo cada vez mais forte, estocando bruscamente, alcançando-a fundo, extasiado, maravilhado com a forma como ela tenta se mover ao meu encontro, buscando mais de mim, me dando a entender que a dor se foi e só resta o prazer.

Passo uma mão pela sua coxa e fico ainda mais doido, viciado, ao encontrar a boceta quente escorrendo, latejando, pedindo por um pau. Banho meus dedos em seu líquido e massajeio o clitóris em círculos, para em seguida introduzir dois dedos em sua vagina, deliciado com o jeito como ela reage, se contorcendo toda, gritando enlouquecida, as paredes sensíveis do seu canal latejando em torno dos meus dedos. Então, estendo a mão até a mesinha ao lado, pego o vibrador e o ligo. Passo-o por cima da sua coxa e o insiro no seu canal pulsante, até o fundo, movendo-o em vai e vem dentro dela, na mesma velocidade em que como o cuzinho pequeno.

Com a mão livre eu bato em Melissa, dando tapas estalados na sua bunda já vermelha, sem cessar a dupla penetração, enlouquecido, arrebatado pelo melhor prazer que já tive na vida, maravilhado, até que o corpo da minha pequena endurece todo, anunciando que ela chegou ao seu limite.

— Goza pra mim, cadelinha. — atijo e ela explode em um gozo demorado, que a leva a se esvaír em lágrimas, seus gritos se transformando em soluções que ecoam alto pelo quarto.

O corpo dela está começando a relaxar quando outro orgasmo vem, emendando no primeiro e sei que são poucas as coisas que dão mais prazer a um homem que proporcionar um orgasmo duplo à sua mulher.

Quando minha pequena fica silenciosa, toda mole sobre o banco, me

retiro dela, retiro o vibrador e contorno o móvel colocando-me diante do seu rosto muito vermelho, banhando de lágrimas. Lutando contra o descontrole, tiro o preservativo, seguro meu pau pelo meio com uma mão, seus cabelos com a outra, e o enterro em sua boca. Só então permito que o gozo venha e me esvaio em esperma na garganta dela, com uma abundância absurda, o prazer me engolindo com mais intensidade do que me lembro já ter provado um dia.

— Engole tudo, minha putinha. — ordeno e ela obedece, bebendo até a última gota do meu sêmen.

Apesar da sensibilidade no corpo e no pau, devido ao gozo, a ereção não se desfaz, o tesão não se vai por completo. Quero colocar outro preservativo e voltar a comê-la por trás, entretanto, Melissa parece tão frágil e esgotada que me apresso em libertá-la das amarras e da prisão de madeira que imobiliza seus pulsos e pescoço.

Como eu já esperava, ela não consegue ficar de pé, suas pernas falhando, então a seguro em meus braços e sento-me na poltrona de couro com ela no colo, seu corpo frágil se enroscando no meu, parecendo um bebê que acaba de encontrar a segurança no colo de um adulto. Seus olhos de duas cores se erguem e se cravam nos meus, com paixão, quase com veneração e posso sentir a emoção forte tomando conta de mim, algo que jamais experimentei nos braços de qualquer outra mulher.

— É sempre assim? — sua voz é um murmúrio.

— Sim, pequena. Sempre.

— Quero fazer todos os dias.

Sem conseguir desviar meus olhos dos dela, levo uma mão à sua face acariciando seus traços lindos com a ponta dos meus dedos, completamente perdido, sem ter a mínima ideia do que estou fazendo.

Como se fosse uma mulher experiente, que conhece cada passo sobre como seduzir um homem, e não uma menina de dezoito anos que era virgem até dois dias atrás, ela coloca a língua para fora da boca e lambe meus dedos, depois planta beijos suaves dos seus lábios carnudos, naturalmente bicudos, em minhas mãos e meu peito, o que consegue me deixar completamente louco de novo, quase a ponto de perder o autocontrole e comê-la aqui mesmo na cadeira. Só que não posso fazer isso, Melissa parece não conhecer as limitações do seu corpo, mas eu sei que, depois de uma primeira penetração dupla, uma mulher está dolorida o bastante para precisar descansar.

Melissa estende seus beijos suaves até meu pescoço e queixo. Luto contra o desejo de fazê-la minha de novo e acabo perdendo a batalha para o animal faminto por sexo que reside em meu interior, então apenas me entrego aos meus instintos e permito que ela se entregue aos dela, quando traz seus lábios até os meus e seguro firme em sua nuca para beijá-la com sofreguidão, uma fome insaciável manipulando minhas ações.

Com movimentos lânguidos, Melissa se move em meu colo, mudando de posição, apoiando-se em seus joelhos, um de cada lado das minhas coxas. Enterra seus dedos delicados em meus cabelos e explora minha boca com sua língua, deliciosamente, ao mesmo tempo em que cola seu copo gostoso ao meu, pele com pele. Quando os seios grandes e duros, sem qualquer vestígio de artificialidade, pressionam meu peito, a necessidade de estar dentro dela se torna insuportável e só tenho tempo de esticar a mão até a mesinha, apanhar um preservativo e o colocar. Em seguida, minha pequena ergue os quadris, encaixa sua entrada, quente e lambuzada, na cabeça do meu pau e vai descendo devagar, permitindo que eu entre nela, as paredes macias do seu canal me apertado, latejando em volta do meu pênis, enlouquecedoramente.

O que Melissa está fazendo comigo é o mesmo que fiz com ela: me subjugando, me tomando, só que à sua maneira, com suavidade e delicadeza, enquanto eu só sei adorar tudo o que ela faz.

Movendo-se cada vez mais depressa sobre mim, em um sobe e desce delicioso e incessante, minha pequena separa sua boca da minha e afasta seu rosto alguns centímetros do meu, seus olhos, um azul e outro marrom, repletos de uma paixão escaldante, fixam-se nos meus, sua fisionomia se contorcendo de prazer, sua boca linda, carnuda e rosada, entreabrindo-se, perdendo-me em uma espécie de hipnose da qual nunca mais quero sair.

Rendendo-me ao desejo insano que me queima por dentro, levo uma mão à sua bunda e a aperto, o outro braço contornado sua cintura. Movo a cabeça para a frente e beijo os mamilos rosados antes de colocar um deles na boca e mamar, como um esfomeado. São macios e delicados, como tudo mais nela e me pergunto por que diabos não os beijei antes.

Melissa lança a cabeça para trás e geme alto, rebolando mais acirradamente no meu pau, levando-o fundo em seu canal apertado. Passo a boca para o outro seio, fecho-a sobre o mamilo e continuo o movimento incessante de sucção, quando posso sentir as paredes macias e quentes da sua vagina latejando mais fortemente em torno do meu pau e isso quase me faz

perder o juízo.

Permitindo que o tesão orquestre meus movimentos, aperto sua bunda com força, percorro os dedos no vão entre suas nádegas, passo a língua entre seus seios e volto a chupar um deles, ensandecido. Aos poucos seu corpo macio vai se enrijecendo e quando ergo o rosto para encará-la me deparo com o semblante lindo, contorcido do mais insano prazer. Com seus olhos presos aos meus, e os meus aos dela, Melissa goza em cima de mim, um gozo lento, não tão intenso quanto os anteriores e a imagem da sua face linda transformada pelo prazer é o estopim para que eu me esvaia dentro dela, despejando até o último resquício do meu esperma em seu interior.

Quando a languidez a toma, minha pequena deita a cabeça em meu ombro, toda mole, entregue à exaustão, seus lábios macios e quentes tocando a pele do meu pescoço, o calor da sua respiração me acariciando gostosamente. Percebo que ela está quase adormecida, então me retiro dela, a ergo em meus braços e a carrego para o seu quarto. Cuidadosamente, deito-a de lado na cama, de costas para mim, dispo-a da calcinha e do sutiã minúsculos e a cubro com o lençol. Quando me ergo, pronto para sair, ela se vira para me encarar, sonolenta, e as palavras sussurradas atravessam seus lábios.

— Fica comigo...

Hesito e ela percebe, uma mágoa pungente tomando conta do seu semblante, antes que ela me dê as costas novamente. Tento ir embora, deixar o quarto e voltar para o meu, como costume fazer depois de transar com as amantes que mantenho aqui, mas simplesmente não consigo me mover do lugar, as pernas se recusando a obedecer às ordens da mente. Então, sem ter a mínima ideia do que diabos estou fazendo, me livro do preservativo usado e me deito ao lado dela, envolvendo seu corpo com braços e pernas, por trás, abrigando-me em seu corpo.

Melissa se vira de frente e se aconchega ainda mais a mim, nossas pernas entrelaçadas, sua cabeça aninhada em meu tórax. Beija suavemente meu peito e adormece rapidamente, o calor da sua respiração, mais lenta e longa, agraciando minha pele, até que, mergulhado em uma paz rara e deliciosa, pego no sono também.

CAPÍTULO XVIII

Melissa

— Melissa Hopkins, esse cara está te tratando como um objeto e o pior nisso é que você está gostando! — Amber esbraveja, o rosto atônito na tela do meu computador, depois que conto a ela tudo o que aconteceu entre mim e Solomon ontem à noite, poupando-a dos detalhes mais íntimos, claro.

Lanço a cabeça para trás e solto uma gargalhada da sua reação.

É pleno meio de tarde e estou esparramada no sofá da sala, com as pernas penduradas, usando meus “molambos” confortáveis, com o notebook sobre a barriga e a tigela de pipoca ao alcance da minha mão, apreciando a imagem dos pingos de chuva se chocando incessantemente contra a janela de vidro que pega praticamente toda a parede. Sinto-me relaxada e tranquila, quase feliz, como estive em poucas ocasiões ao longo da minha vida. Novamente, como vem acontecendo todos os dias desde que cheguei aqui, acordei tarde esta manhã. Depois de adormecer acolhida ao calor gostoso do corpo de Solomon, fiquei desapontada ao acordar sozinha na cama, porém isso durou pouco, apenas até que eu encontrasse o bilhete, escrito à mão, que ele deixou sobre o criado mudo.

“Precisei acordar cedo para ir a uma reunião importante. Não quis acordá-la, você estava muito linda e tranquila dormindo. Nos veremos novamente esta noite. Saia para passear, ou ir às compras, se quiser, só não esqueça de tomar sua medicação. Por falar em medicação, a ginecologista disse que já posso comer você sem o preservativo esta noite. Não vejo a hora, boneca”

Apesar da secura na maioria das palavras, elas me animaram, principalmente a parte em que o verei esta noite de novo.

— Esse homem é uma loucura na cama. — comento, lembrando os momentos.

— Eu acho que você sempre foi uma vadia incubada, só que agora está tendo a oportunidade de exteriorizar esse seu lado.

Novamente sorrio do comentário dela.

— Eu também acho, amiga, mas é tão bom ser uma vadia. — falo e suspiro.

Amber fica séria, uma ruga se formando no meio da sua testa enquanto me avalia mais cuidadosamente.

— Você está apaixonada por esse homem, Melissa?

A seriedade dela me deixa ligeiramente tensa e quando me movo para me ajeitar no sofá, mordo o lábio por ainda me sentir dolorida no meio das pernas.

— Claro que não, tá doida? Não existe a mínima possibilidade de algo assim acontecer.

— Pois não é o que parece. Olha pra você, aí deitada, sem procurar os cursos que já deveria estar fazendo, como se tivesse se acomodado.

— É só hoje, porque estou um pouco... — hesito antes de continuar, constrangida — dolorida.

— O pior é que se você se apaixonar por ele, nem posso te culpar, ele parece ser maravilhoso, tirando a parte bizarra das amarras e chicotes, claro.

— Isso nunca vai acontecer. Solomon não é homem pra mim. — de súbito, sem que eu compreenda o motivo, uma parte da minha paz se esvai do meu peito — Ele é frio fora da cama, às vezes chega a ser grosso e eu preciso de alguém que me faça sorrir todos os dias, que queira se casar comigo, me dar filhos, entende?

— Claro que entendo, é o que a maioria de nós mulheres queremos.

— E não consigo imaginar um homem como Solomon se casando, se tornando pai. Isso não combina com ele.

— Você já perguntou?

— Nem morta! Ele ia achar que estou querendo me candidatar à vaga e sei que a única coisa que ele quer de mim é sexo e só por um tempo, como está no nosso contrato. Se algum dia ele decidir se casar, vai ser com uma mulher tão sofisticada e rica quanto ele, não com uma caipira que não tem onde cair morta.

— Eita! Você vira vadia, mas não para de se menosprezar. — nos encaramos sérias por um instante e então sorrimos juntas do comentário, até que ela fica séria de novo. — Toma cuidado pra não se apegar a esse homem, Melissa. Você tem toda razão quando diz que tudo o que ele quer é sexo. Por mais maravilhosas que sejam as coisas entre vocês, para ele você é apenas um contrato, além do que, os homens não se apegam por causa de cama. Ele

pode te dispensar a qualquer momento, e com certeza vai fazer isso dentro de seis meses. Não permita que essa realidade te faça sofrer.

— Eu sei. Nós começamos pelo lado errado da coisa, os sentimentos nunca vêm depois do sexo, o processo tem que ser o inverso. Mas deixa Solomon para lá, me diz porque você não está na faculdade.

— Porque minha mãe está doente e preciso cuidar dela. — Amber revira os olhos. Ela e a mãe nunca foram muito apegadas, visto que, como mãe solteira, Jacinda sempre teve que trabalhar duro para sustenta-las, muitas vezes em dois empregos e isso não deu tempo para que ambas convivessem muito — Já estou estressada de tanto cozinhar e lavar louças.

— O que ela tem?

— Tossindo de novo por causa do cigarro, só que dessa vez está pior. O médico passou uma bateria de exames caros que o seguro não cobriu.

— Eu posso ajudar com esses exames, posso pedir dinheiro a Solomon, ou usar os cartões que ele me deu.

Amber reflete por um instante, parecendo sem jeito ao responder.

— Você sabe que eu não aceitaria se o estado dela não fosse preocupante, não é?

Eu queria ter o poder de atravessar a tela do computador, para tocar em seu rosto amigo e ajudar a desfazer a tristeza que se revela em seu semblante agora.

— Eu sei.

Pouco depois, ao encerramos a chamada, me enfio em uma banheira de água morna, cheia de sais de banho perfumados, a fim de me livrar do incômodo entre as pernas e de quebra ainda ficar macia e cheirosa para quando Solomon chegar. Me flagro ansiosa por revê-lo, por estar em seus braços novamente, experimentando o seu calor gostoso, o sabor inesquecível da sua boca e toda aquela loucura deliciosa que ele é capaz de me fazer sentir.

Como uma viciada que espera pela sua droga, dedico o resto da tarde a esperar por ele. Tomada por uma ansiedade absurda, escolho a melhor lingerie do closet, escovo os cabelos até que estejam brilhantes, passo uma gotinha de perfume e me acomodo na cama. Mais uma vez tenho uma noite inesquecível nos braços de Solomon e volto a ansiar por revê-lo no dia seguinte, esquecendo-me do mundo à minha volta para pensar nele, para aguardá-lo com ansiedade, imaginar as loucuras que faremos à noite, como se

tivesse me tornado dependente dos seus braços em volta do meu corpo e do sabor da sua boca na minha.

Assim, se passam vários dias sem que eu faça nada além de viver para esse homem, de passar minhas horas nos braços dele, ou fantasiando em estar, sem que nada jamais tenha me parecido mais magnífico, me trazido maior contentamento. Cada vez mais aprendo a amar estar com ele, seja no quarto ao lado, ou dormindo abraçadinhos, como fazemos todas as noites, ou ainda, apenas conversando, como nas raras ocasiões em que ele fica para o café da manhã, ou quando vem me visitar durante o dia e temos tempo de almoçarmos juntos.

Em uma tarde de sábado, ele me envia uma mensagem avisando que sairemos à noite, para um jantar de gala. É a primeira vez que me leva para jantar fora e fico nervosa quando aparecem, no apartamento, uma especialista em moda e uma cabeleireira, enviadas por ele para me atender. Depois de algumas horas sendo tratada e instruída pelas duas, durante as quais Lily se incumbe de nos servir bebidas geladas e guloseimas, olho-me no espelho grande na parede do closet e pela primeira vez na vida admito que estou bonita. Meu cabelo está liso, com os fios retos e brilhantes, mais iluminados e claros por causa das luzes, caindo-me sobre os ombros; apesar de discreta, a maquiagem ressalta meus traços, deixando minha pele ainda mais uniforme, a boca maior, mais carnuda, os olhos de duas cores destacados por longos cílios postiços negros e sombra; o vestido é deslumbrante, com um profundo decote em V, a frente única confeccionada por um tecido que lembra minúsculas folhas prateadas que se colam à minha pele até a cintura e deslizam por uma parte da saia longa e esvoaçante, com uma fenda que sobe até o ápice da coxa. É o tipo de visual com o qual uma garota sonha em ir ao baile de formatura.

Estou adentrando a sala de estar, quando a porta se abre e Solomon a atravessa, lindo como uma miragem dentro de um smoking preto, com gravata borboleta, os cabelos lambuzados com gel penteados para trás. Ele para perto da porta, recosta o ombro na parede, as mãos enfiadas nos bolsos das calças e me examina dos pés à cabeça, vagarosamente, com olhos brilhantes, antes de prendê-los aos meus.

Aquela energia selvagem, puramente sexual, nos envolve subitamente, tornando o ar mais pesado, difícil de ser puxado.

— Está linda.

— Obrigada, você também.

— Trouxe isso para você.

Ele se aproxima e me entrega uma caixinha de veludo, dentro da qual encontro um colar de diamantes, lindo e delicado.

— Uau! Isso é diamante de verdade? — estou verdadeiramente perplexa.

— Sim. Uma joia linda e rara, para uma garota linda e rara. Me deixe colocar. — ele tira a joia da caixinha e, cuidadosamente, contorna meu pescoço com ela, prendendo o fecho na parte de trás, o simples roçar dos seus dedos em minha pele despertando o calor lascivo que desce pelo meu corpo, até o centro das minhas pernas, me fazendo pulsar. — Ficou perfeito. — a rouquidão em sua voz denuncia o efeito que também causei nele.

Deixamos o apartamento e entramos na limusine que nos aguarda na frente do prédio, o nervosismo crescendo dentro de mim à medida que nos aproximamos do nosso destino.

— Nervosa? — Solomon percebe e ergue uma sobrancelha ao perguntar.

Ele está sentando à minha frente, bebendo lentamente o uísque.

— Um pouco. Não sei se vou me encaixar em meio a pessoas ricas e sofisticadas.

Ele sorri de lado, com charme.

— As pessoas é que precisam se esforçar para estarem à altura da sua perfeição, boneca. Tomou a sua medicação?

— Sim.

— Então apenas tome cuidado para não ingerir álcool, pois sabemos o que acontece quando o faz. De resto é só relaxar. Estarei o tempo todo ao seu lado e comigo você está totalmente segura.

Suas palavras me transmitem uma segurança reconfortadora e respiro fundo, me acalmando.

A casa diante da qual a limusine estaciona, parece um palacete, localizada em um bairro nobre, é cercada por um jardim impecável, tem três andares e está toda iluminada. Do lado de dentro os demais convidados se deliciam com o toque suave de piano, enquanto conversam em pequenos grupos e bebem champanhe. Solomon é recebido na porta pelo dono da festa, um homem de meia idade com quem está fazendo negócios, a quem sou apresentada.

A princípio fico tensa, temendo não saber me comportar em meio a tanta gente chique, ou que reparem na cor diferente dos meus olhos e considerem isso uma aberração, todavia, não acontece, a admiração, o respeito, que essas pessoas têm por Solomon se entende até mim e sou tratada quase como uma celebridade, por estar ao lado dele, o que torna a minha noite absolutamente perfeita.

Sou apresentada a tantas pessoas que sequer me recordo o nome da maioria delas; me delicio com a comida, com a boa música; danço; converso; me enturmo e me divirto, porém, nenhum momento é melhor que quando deixamos a festa e nos entregamos ao fogo do desejo ainda na limusine, antes de chagarmos ao apartamento.

Nesta noite, percebo o quanto sou feliz ao lado de Solomon e essa felicidade me assusta, pois tenho pavor de me acostumar a ela, quando sei que não vai durar. Então, no dia seguinte, acordo um pouco mais cedo e me dedico a procurar os cursos que posso fazer em Seattle, a fim ter um emprego por aqui e me estabelecer na cidade depois que nosso contrato for encerrado. Encontro, na internet, um instituto que oferece os mais diversos cursos para alunos com o ensino médio completo e opto por estudar fotografia. Não sei se é possível me manter com o trabalho de fotógrafa, mas é algo que amo fazer. Agora só falta pedir o consentimento de Solomon, pois, de acordo com o maldito contrato, eu não posso fazer nada sem a prévia autorização dele.

Na manhã seguinte, novamente me esforço para acordar a tempo de tomar o café da manhã junto com ele.

— Por que você quer estudar fotografia, boneca? — indaga ele, sem prestar muita atenção na minha pessoa, os olhos fixos no seu tablet, enquanto come, sentando diante de mim, do outro lado da mesa da cozinha.

— Porque quero continuar morando em Seattle depois que nosso acordo acabar. Fazer uma faculdade, me casar, construir um futuro por aqui.

Levo um susto quando ele deixa um garfo cair bruscamente sobre o prato, o som do choque ressoando pela cozinha, o que faz Lily deixar o recinto rapidamente, a fim de nos dar privacidade.

— Pelo visto você não leu o contrato todo. — esbraveja entre dentes, fuzilando-me com olhos furiosos.

— O que isso tem a ver com o contrato? Só vou começar a trabalhar depois que o prazo dele findar e lá está escrito que posso estudar.

— Você não pode continuar morando em Seattle depois que o

contrato finalizar. Está escrito que você precisa voltar para Safford e ficar lá por no mínimo três meses antes de ir embora de novo.

Fito-o abismada, incrédula. Não nego que li aquele contrato depressa demais e possa ter deixado passar algumas partes, mas o que realmente me intriga é essa cláusula ridícula.

— Por que eu tenho que voltar para Safford? Achei que eu estaria livre para viver minha vida como quisesse depois que cumprisse minha parte nesse maldito acordo.

— Não há uma razão específica para que você volte, só está lá no contrato e você precisa cumprir. Assunto encerrado.

Eu não acredito que não haja um motivo pelo qual eu seja obrigada a viver em Safford, onde serei vista por todos como uma pessoa marcada, a prostitua de luxo de um milionário, que se vendeu em troca de um campus universitário de pé. Foi um preço bem alto, não nego, mas ainda assim serei sempre vista como uma prostituta por aquela gente e se Solomon faz tanta questão que eu passe por isso, é porque há algo mais por trás desse acordo que seu desejo de me ter em seu quarto da tortura. Lembro das vezes em que ele mencionou meu pai dando a entender que o conhece, de quando disse que é natural do Arizona e tenho quase certeza de que há outras razões para que eu esteja aqui.

— O que você está me escondendo? Por que diabos estou aqui?

— Você sabe porque está aqui.

— Você conhece o pai, não é? — surpresa surge em sua expressão e sei que estou certa.

Mas como? De onde ele conhece meu pai? Por que tudo isso?

— Já chega desse assunto, Melissa.

— Mas eu...

— Eu disse que já chega. — sua voz alterada irrompe pela cozinha — Você volta para Safford para cumprir o acordo e o campus continua de pé, simples assim.

Dito isto, ele ingere o último gole do seu café, pendura o paletó no braço e deixa o apartamento, com passos pesados.

Não voltamos mais a tocar nesse assunto. Nos dias que se seguem, me matriculo no curso de fotografia e passo a frequentá-lo três vezes por semana, durante quatro horas por dia, optando por ir sempre de Uber, já que a limusine chama demais a atenção das pessoas e não quero me destacar em

meio à multidão. Com a permissão do meu algoz, contrato uma empresa especializada e redecoro o apartamento para que se pareça mais com um lar, ao invés de um calabouço. Quero me sentir em casa durante o tempo em que estiver aqui.

Mesmo sabendo que Solomon esconde segredos de mim, não deixo que isso afete nossos momentos de intimidade, tampouco a convivência fora da cama. Então, nossa vida se torna uma rotina de jantares de negócios cercados de pessoas requintadas, viagens a lugares deslumbrantes, presentes caros e muito sexo selvagem. Apesar de saber que preciso voltar para Safford depois que passar os seis meses com Solomon e ficar por lá por no mínimo três meses, antes de voltar para Seattle e recomeçar minha vida, eu estaria feliz se não fosse pela situação da mãe de Amber. Com o dinheiro que enviei, ela pagou por um bom plano de saúde e acabou descobrindo que tem um câncer no pulmão, um tumor enorme, irreversível, que não reage aos tratamentos. Eu queria poder estar lá para dar apoio à minha amiga nesse momento tão difícil de sua vida, mas Solomon não me deixaria ir. De todos os defeitos que ele tem, acreditar que realmente é o meu dono é pior deles.

Com o intuito de mostrar isso a todos que me cercam, de vez em quando ele aparece no instituto para me apanhar depois da aula, fazendo questão de que todos nos vejam juntos. Talvez passe pela cabeça dele que eu seja capaz de traí-lo, quando, na verdade, nenhum outro homem consegue chamar minha atenção, meus pensamentos diários são quase todos voltados para ele.

Estou morando em seu apartamento há três meses, quando ele anuncia que haverá uma grande recepção em sua empresa, em comemoração ao aniversário de 29 anos da sua irmã, durante a qual terei a oportunidade de conhecê-la e me flagro ficando nervosa como na primeira vez em que saímos juntos. Para esta noite escolho usar um vestido cor de pele com rendas, elegante e discreto, faço um penteado nos cabelos, deixando-os presos e elaboro uma maquiagem da forma como aprendi com as profissionais que vieram me atender algumas vezes.

Deixamos o apartamento juntos, na limusine. Fico chocada ao descobrir que a sede da empresa de Solomon fica situada a apenas alguns quarteirões de distância do apartamento, o que me leva a entender porque ele chega tão depressa quando me liga com tesão no meio da tarde. Trata-se de um edifício suntuoso, todo de concreto e vidro espelhado. A recepção

acontece em um salão no quinto andar, onde há um bufê rico em comidas exóticas, uma banda de rock tocando ao vivo e muitas pessoas bem-vestidas, bebendo, dançando e conversando. Como em todos os lugares aonde vamos, Solomon é recebido quase com reverência pelos empregados e colegas de trabalho. De todos parte um certo temor em relação a ele e posso compreendê-los, pois sei o quanto meu amante pode ser intimidante quando quer.

Tão logo avançamos pelo salão, de mãos dadas, me torno o centro das atenções, o que me deixa extremamente constrangida, afinal não é segredo para ninguém que Solomon Graham não namora, ele apenas mantém amantes temporárias em um apartamento destinado exclusivamente para este fim. Eu ouvi as pessoas comentarem a esse respeito em outros lugares onde fomos. Em resumo, todos sabem que sou só mais uma passando pelas mãos dele, enquanto não se cansa de mim e parte para a próxima.

CAPÍTULO XIX

Enquanto circulamos em meio aos convidados, tento adivinhar qual, entre as mulheres presentes, é a irmã dele. Até que uma loira de olhos azuis, alta, usando um vestido vermelho, com uma taça de champanhe na mão, se aproxima.

— Ah, então essa é a filha de Willian. — diz ela, colocando-se diante de mim, examinando-me dos pés à cabeça, sem disfarçar a hostilidade — Agora entendo porque você tem ficado tanto tempo longe do escritório.

— Você conhece o meu pai? — pergunto, minhas suspeitas de que há algo mais que o desejo de Solomon em me subjugar por trás do contrato que me trouxe para Seattle, sendo confirmadas.

— Solomon ainda não te contou?

— Cala essa boca, Anne. — Solomon a corta, bruscamente — Melissa, essa é minha irmã Annabelle. Simpática, não? — seu tom é sarcástico.

— Feliz aniversário, Annabelle. — digo, educadamente e entrego-lhe o livro de suspense que Solomon me indicou que comprasse, caprichosamente embrulhado em um papel de presente.

— Obrigada. Eu abro depois, junto com os outros. — ela entrega o livro à primeira pessoa que passa — Quer beber alguma coisa? Estão servindo um champanhe ótimo.

— Ela não bebe e você sabe o porquê. — Solomon fala antes que eu tenha tempo de abrir a boca para responder e a raiva queima em minhas entranhas, não apenas por ele acreditar que não posso falar por mim mesma, mas por ter contado à irmã que tenho epilepsia.

— Ah, é, esqueci da epilepsia. Deve ser um saco cair e babar por aí, não é? — porra! O que eu fiz a essa mulher para que me trata assim? — Agora se me dão licença, preciso dar atenção aos outros convidados. — com isto, Annabelle se afasta, rebolando dentro do vestido colado.

Seguindo a um desejo cego de sair de perto de Solomon, tento me afastar, mas ele me segura pelo braço, puxando-me de volta.

— Onde pensa que vai? — indaga.

— Circular por aí. Acredite você, ou não, eu sei me cuidar sozinha. Nem sempre estou babando e caindo por aí.

— Não leve em conta tudo o que Anne diz.

— Quando você vai me contar de onde conhece o meu pai e porque estou aqui?

— Esse assunto de novo? — seu tom de voz áspero intensifica minha irritação.

— Eu tenho o direito de saber.

— Não, você não tem! — seus olhos de safira, brilhantes de fúria, se cravam nos meus. — Nós temos um contrato e nele não está incluído que temos a obrigação de dividirmos nossos segredos. Aprenda a se conformar com isso.

Suas palavras me doem como um tapa na cara, embora eu não compreenda o porquê, já que realmente estamos ligados um ao outro por um acordo assinado e reconhecido por advogados, com tempo estipulado para se findar, portanto, eu não tenho o direito de me sentir magoada quando for tratada como tal. No entanto, ainda assim, as lágrimas teimosas insistem em marejar os meus olhos.

— Com licença. Preciso ir ao banheiro. — falo e me afasto depressa, antes que ele tenha tempo de me deter novamente.

No banheiro, me coloco diante do espelho sobre a pia de mármore, observando meu reflexo, os olhos cheios de lágrimas. Respiro fundo diversas vezes, tentando acalmar os meus ânimos, sufocar o turbilhão de raiva e dor dentro de mim. Talvez Amber estivesse certa quando disse que eu estava me envolvendo com Solomon. Acho que, sem perceber, me apaixonei e isso é apavorante, pois ele não me quer de verdade. Sou apenas um passatempo em suas mãos, ou coisa pior, se considerar que ele conhece meu pai. Daqui a três meses, talvez antes, ele se livrará de mim e haverá outra mulher dormindo naquela cama que hoje chamo de minha, nos braços dele.

Por Deus! Por que dói tanto pensar numa coisa dessa? Não era para eu me importar. Desde o início está, literalmente, escrito que seria assim. Eu não devia ter sido fraca a ponto de não conseguir separar as coisas, de permitir que meus sentimentos tomassem esse rumo. Se eu pudesse, o deixaria agora mesmo, só para evitar me apegar ainda mais e chegar a uma despedida ainda mais insuportável.

Estou parada na frente do espelho, mergulhada em meu mar particular

de pensamentos, quando a porta do banheiro se abre e Anne entra, segurando um coquetel de frutas. Olhando-a sob a claridade, percebo que há uma cicatriz em seu rosto, que vai do canto direito da boca até o olho, quase imperceptível sob a maquiagem.

— Acho que começamos com o pé esquerdo. — diz ela — Não sou tão má quanto pareço. Talvez possamos nos tornar amigas. O que acha?

— Acho que você podia se desculpar me dizendo de onde você e Solomon conhecem o meu pai.

— Solomon me mataria se eu abrisse a boca. Mas ele mesmo vai te contar. Falta quanto tempo pra vocês se separarem? Três meses?

— Sim. — Solomon nunca me disse que contava essas coisas a ela. Aliás, ele não me disse muita coisa e, como deixou claro agora há pouco, eu não tenho o direito de perguntar — Você sabe de tudo? Sobre a universidade e nosso contrato?

— De tudo. Solomon e eu somos muito unidos. Falamos sobre tudo um com o outro. — penso nos artefatos de BDSM no quarto acoplado e sinto minha face queimar — Achei muito nobre da parte dele poupar todos aqueles pobres alunos de ficar sem formação superior.

— É, foi sim. — tento forçar um sorriso, mas meus lábios se recusam a colaborar.

— Em nome da paz selada, trouxe uma bebida sem álcool para você. É de frutas pode beber sem medo.

Recebo a bebida da mão dela e, instintivamente, levo a borda do copo ao nariz, aspirando o cheiro, procurando vestígios de álcool. Parece não haver.

— Você não confia em mim, não é? — ela ergue uma sobrancelha desdenhosa, ao examinar minha atitude.

— Não é isso. Foi só a força do hábito.

A fim de me redimir, bebo um grande gole do coquetel. É muito bom, tem um gosto forte, cítrico, sem qualquer vestígio de álcool.

— Vou voltar pra festa, se não daqui a pouco alguém vem me procurar aqui dentro.

Depois que ela deixa o banheiro, espero alguns minutos e saio também. Tão logo atravesso a porta, avisto Solomon me observando, de longe, enquanto conversa com algumas pessoas em uma rodinha. Ele acena com a cabeça, me chamando, mas ignoro e sigo em outra direção,

aproximando-me do bufê rico em frutos do mar, fingindo estar interessada em examinar as iguarias, quando na verdade só quero distância dele, pelo menos por enquanto.

Um sujeito que estava olhando para mim desde que entrei, se aproxima e começa a fingir que está admirando a comida também.

— Me desculpe a intromissão, mas eu tinha que vir ver você de perto. — diz ele.

— Não tem um circo na cidade? — solto, afoita, e bebo mais um gole do coquetel.

— Ah, meu Deus. Acho que me expressei muito mal. Sou mesmo um energúmeno. Não estou achando você esquisita, ou algo assim, pelo contrário, você é linda demais e eu tinha que vir até aqui te dizer isso.

Acho divertida a forma como ele se atrapalha com as palavras e o estudo mais atentamente. Até que é bonito. Tem cerca de vinte e poucos anos, cabelos escuros bem cortados, olhos cor de mel e uma alta estatura. É a única pessoa aqui com menos de trinta anos, além de mim e da aniversariante.

— Vai me dizer que a cor diferente dos meus olhos não tem nada a ver com isso. — provoco.

— Está bem, eu confesso que nunca tinha visto uma pessoa com heterocromia de perto e estou fascinado. Me desculpe.

Gosto dele. Pelo menos sabe o que é heterocromia. A maioria das pessoas desconhecem a palavra.

— Está se desculpando por estar fascinado?

Ele sorri, embaraçado, e duas covinhas surgem em suas bochechas.

— Eu sei, sou um atrapalhado.

— É sim. — observo-o com mais cuidado e, obedecendo a um impulso, entendo-lhe a mão em cumprimento — Sou Melissa Hopkins.

— Sou o Alan. — ele parece surpreso e ao mesmo tempo encantado

— Está gostando da festa? O que está bebendo? Quer outro desse?

— Você pergunta demais, Alan. Se essa é uma tentativa de me cortejar, não perca seu tempo. Estou acompanhada.

Mas dentro de três meses estarei livre. Não pronuncio em voz alta, mas acho que ele, e todos aqui, já sabem disso.

Quase posso sentir o olhar possessivo de Solomon queimando sobre mim e, com o canto do olho, vejo-o me observando fixamente de longe.

Então, ignorando-o, dou as costas em sua direção.

— Eu sei, vi você chegando com Solomon. O que é uma pena. E sim, minhas palavras atrapalhadas sou eu tentando cortejar você, porque sua beleza é maior do que a minha capacidade de continuar empregado.

Sorrio do seu comentário e me dou conta de que ainda não tinha sorriso desde que cheguei à festa. Talvez seja disso que eu esteja precisando em minha vida, alguém que me faça sorrir e ainda coloque seu emprego em risco por mim; que, talvez, queira algo sério comigo; que me veja como uma pessoa e não como um objeto adquirido em um acordo; que, quem sabe, tenha amor no coração para me dar; se case comigo e se torne o pai dos meus filhos.

Fui longe com a divagação. Devo estar afetivamente carente.

— Então você trabalha aqui? — pergunto.

— Sim. Sou o gerente de software. Não há nada sobre os computadores dessa empresa que eu não saiba.

— Isso explica porque você não é um gênio com as palavras. E, respondendo à sua pergunta anterior, quero sim outro desses. — gesticulo para o coquetel.

— Eu podia ir buscar sozinho, mas temo que você possa não estar mais aqui quando eu voltar. Quer vir comigo?

— Claro. — como um bom cavalheiro, ele gesticula para que eu siga na frente e nos dirigimos ao bar.

Estamos a meio caminho, andando lado a lado, quando Solomon se aproxima como um touro feroz, pisando pesado, a fisionomia contraída. Fecha sua mão de aço em torno do meu braço e sai me puxando por entre as pessoas, como se eu realmente fosse sua propriedade.

— O que está fazendo? — pergunto, indignada, tentando soltar meu braço da mão dele.

— O que eu estou fazendo? — sua voz externa a fúria que contorce seu semblante — O que você está fazendo?! Por que diabos está dando mole para aquele sujeito?

— Não estou dando mole para ele, estou apenas conversando. Ou não tenho o direito de fazer isso também? — minha voz soa mais ríspida do que pretendia.

Ele nos conduz até um canto mais isolado do salão e me coloca diante de si, forçando-me a encará-lo.

— O que há com você? Por que está agindo assim?

— Assim como? Igual a uma pessoa que tem vontades, que tem sangue correndo nas veias? — retruco com firmeza, sem saber de onde tirei coragem de confrontá-lo.

— E quais são as suas vontades? Ficar com aquele cara?

— E daí se eu quiser? Daqui a três meses estarei livre e desimpedida, posso ficar com quem eu quiser. — vejo uma veia pulsando no pescoço dele e, instintivamente, recuo um passo — Mas se você está preocupado em levar um chifre, pode relaxar, não vou ficar com ninguém antes de sair da sua vida, o que não me impede de conhecer pessoas com quem posso me relacionar depois.

Subitamente, vejo o salão girar diante dos meus olhos, ao passo em que sinto uma fisgada forte na cabeça, a aura da epilepsia tomando conta de mim e sei que vou ter uma crise convulsiva, aqui e agora, na frente de toda essa gente, na frente de Solomon. Como se existisse algo que ele pudesse fazer para impedir isso, lanço lhe um olhar de súplica e Solomon se aproxima um passo, tirando o coquetel da minha mão.

— O que é isso que você está bebendo?

Não tenho tempo de responder, no mesmo instante tudo se apaga, uma negra e silenciosa escuridão me engolindo, roubando minha consciência, arrastando-me para uma tranquilidade assustadora.

Como sempre, estou confusa quando desperto, com os pensamentos em desordem, tomada pela exaustão, sem saber ao certo onde me encontro e o que aconteceu. Não sei se estou acordando de uma noite de sono ou de uma crise convulsiva. Então, aos poucos vou me situando e percebo que estou nos braços de Solomon, em movimento. Ele está me carregando em meio os convidados, rumo aos fundos do salão da festa, enquanto todos em volta nos observam atônitos, como sempre agem quando recobro a consciência depois de uma crise.

Poxa vida... isso tinha mesmo que ter acontecido aqui?

Sem coragem de encarar as pessoas, me encolho mais no colo de Solomon, segurando firmemente a lapela do seu paletó, como se me agarrasse a uma tábua de salvação e fecho os olhos. Queria afundar o rosto em seu peito largo, mas sei que meu rosto está molhado de saliva e não quero sujar o seu terno caro, então apenas aperto os olhos com força, desejando sumir daqui, desaparecer da vista das pessoas em volta.

Solomon senta-se em um sofá grande, comigo em seu colo, saca um lenço do bolso do seu terno e o esfrega em meu rosto, secando a saliva. Quando abro os olhos, posso ver a angústia em sua fisionomia e nem sei o que pensar. Olho ao redor e, como se em câmera lenta, vejo as pessoas paradas à nossa volta, nos assistindo como a um show de horrores, cochichando entre si, sem sequer disfarçar o quanto estão chocadas. A irmã de Solomon está a frente de todos, me olhando de cima, vitoriosa e sou tomada pela certeza de que ela colocou algo naquele coquetel, o que me levou a ter a maldita crise.

Com o rosto limpo, afundo-o no peito cheiroso de Solomon, sentindo-me acolhida, um pouco menos insegura, como se ele fosse a única pessoa que tenho no mundo e então me lembro de que não o tenho, de que não tenho ninguém e me sinto tão só que chega a doer na alma.

— Você está melhor? — Solomon pergunta, sua voz é gentil e me transmite confiança.

— Me tira daqui. Estou morrendo de vergonha. — murmuro, com tom de súplica, o rosto afundado no peito dele.

— Vergonha de que?

— Todo mundo está olhando para mim.

— Eles é quem tinham que se envergonhar. — sinto seu peito estufando para puxar o fôlego — O que estão olhando, seus miseráveis?! — vocifera — Afastem-se daqui agora mesmo, ou me incumbirei de tirá-los pessoalmente.

Sem coragem o bastante para me virar, ouço os passos afastando-se rapidamente e até a música que havia cessado, volta a tocar.

— Ainda quero ir embora. Não quero ficar na festa.

— Temos que esperar a ambulância chegar.

Suas palavras me fazem estremecer e ergo o rosto para encará-lo.

— Por quê? Eu convulsionei por mais de cinco minutos?

— Não, foram só três e meio. Mas quando chegou ao terceiro minuto, eu não sabia se ia parar, então mandei que alguém chamasse a ambulância.

— Eu não preciso ir ao médico a menos que a crise dure por mais que cinco minutos.

— Eu sei, pequena, pesquisei sobre isso. Mas já que a ambulância está a caminho, não custa ir até o hospital, só para checar se está tudo bem.

A preocupação dele é sincera, posso ver em seu semblante.

— Obrigada por cuidar de mim, mas realmente não preciso ir ao hospital. Só quero descansar. Estou exausta.

Ele examina atentamente meu rosto, a expressão alarmada.

— Tem certeza?

— Sim. Eu sei que parece um show de horrores quando estou em crise, mas é só epilepsia.

Solomon fita-me em silêncio por um instante antes de falar.

— Não parece um show de horrores. Só parece muito preocupante.

— Não é o que todos pensam.

— Que se fodam todos. Venha, vou te levar para casa.

Tento me colocar de pé, porém Solomon me segura em seu colo quando se levanta e me carrega, nos levando para a saída, passando novamente em meio aos convidados, que agora pelo menos disfarçam, ao nos observarem. Ao passarmos perto da irmã dele, há uma troca fervorosa de olhares raivosos entre os dois e tenho certeza de que ele também sabe que ela colocou alguma coisa naquele maldito coquetel. Lamento que eu tenha causado mal-estar entre os irmãos, mas será bemmerecido se Solomon for para cima dela com toda a sua fúria, o que acredito ser improvável, pois ele parece realmente amá-la. Pelo pouco que vi dos dois juntos, foi possível perceber que o coração dele não é tão desprovido de sentimentos quanto imaginei. Há pelo menos uma pessoa no mundo que tem o seu amor, a mesma que carrega seu sangue nas veias.

Ainda estou nos braços dele, acolhida, aconchegada, em pleno elevador, quando a exaustão me consome e mergulho em um sono profundo.

CAPÍTULO XX

Quando desperto, estou em um quarto que não reconheço. Cortinas escuras e uma decoração impessoal, que mescla o cinza e o mogno, em móveis que lembram restaurações da idade média, me cercam. A cama na qual me encontro deitada é gigantesca forrada com lençóis sem estampas, tão impessoais quanto o restante do aposento enorme. Percorro os olhos em volta, tentando me recordar de onde estou, ou como vim parar aqui e nada. A última lembrança que tenho é de ter saído da festa nos braços de Solomon. Será que tive outra crise convulsiva? Não é possível.

Ao me levantar, constato que estou usando uma camisa masculina, com um cheiro gostoso, minha calcinha e mais nada. A fim de investigar, vou até a janela e afasto a cortina pesada e feia para dar uma olhada. O apartamento onde me encontro, fica na cobertura, mas não se parece com os hotéis de luxo em que estive durante as viagens com Solomon. Sei que ainda estou em Seattle, porque reconheço a cidade cinzenta. Com a bexiga apertada, vou até o banheiro, tão grande e luxuoso que se parece com outro quarto menor e reconheço o cheiro gostoso e familiar de Solomon, nos cosméticos no armário. Esse é o quarto dele, eu reconheceria o cheiro dessa loção pós-barba em qualquer lugar.

Depois de me aliviar, deixo o banheiro e me deparo com Solomon parado no meio do aposento, segurando uma bandeja da qual parte o cheiro bom de comida. Como todas as vezes em que o encontro, fico deslumbrada com sua beleza, com o quanto é alto, lindo e irresistível. Está usando jeans e camiseta, tem os cabelos desalinhados, e a barba sem aparar. É a primeira vez que o vejo usando roupas informais em pleno meio de semana, e que o vejo segurando uma bandeja.

— Bom dia. — murmuro, desconcertada, minha face erubescendo ao relembrar o vexame de ontem. — Me desculpe por ontem, eu... eu... — não sei o que dizer.

— Sente-se. Precisamos conversar.

Ele pousa a bandeja com a comida sobre uma mesa e gesticula para que eu me acomode na cadeira. Sua fisionomia está carregada, uma ruga profunda formada em sua testa e tenho quase certeza de que vai me

dispensar, me mandar de volta para casa, por ter dado vexame na festa de aniversário da irmã dele. E quem pode culpá-lo? A epilepsia é algo que a maioria das pessoas não entende, consideram uma doença degradante, vexatória, como se seu portador fosse uma aberração. E com Solomon não podia ser diferente. Acho inclusive que ele demorou para se dar conta de que um homem com a sua posição social não pode sair por aí com uma garota que cai e baba no meio de uma festa.

Aceitar sua decisão vai ser fácil, difícil vai ser dizer adeus. Eu gostaria de estar preparada como deveria. Todavia, o importante é que, mesmo sendo dispensada antes do prazo final do contrato, cumpri minha parte e o campus da FCS permanecerá de pé.

Acomodo-me diante dele e percebo seus olhos verdes registrando meu movimento quando cruzo uma perna sobre a outra.

— Coma, você precisa se alimentar. — ele começa a se servir das panquecas com mel e faço o mesmo. — Temos que falar sobre sua crise de ontem.

— Eu sei. Você tem toda razão. Vou entender se me dispensar. Um homem como você não pode sair por aí passando vergonha.

— Vergonha?! Não. Quem falou em te dispensar? Eu só estou dizendo que você precisa procurar um médico e se livrar dessa doença de uma vez por todas.

Fito-o surpresa, um misto de alívio e contentamento, que não consigo evitar, embora devesse, me enchendo o peito.

— Não tem cura. — repito o que todos os médicos que passaram pelo hospital de Safford, durante os meus dezoito anos de vida, me disseram. — É como a diabetes, não tem cura, mas pode ser controlada.

— E quem te disse isso? Os gênios da medicina que não tiveram outra opção a não ser trabalhar no hospital de Safford?

Percebo a aspereza dele ao mencionar Safford, como se conhecesse muito bem a cidade e não gostasse nem um pouco dela, então me recordo de que está me escondendo o verdadeiro motivo pelo qual me trouxe para Seattle e isso é suficiente para despertar a raiva dentro de mim.

— Por que eu estou no seu apartamento?

— Depois da crise que você teve ontem, percebi que não é seguro ficar sozinha. Vai ficar aqui, de hoje em diante.

— Eu não estou sozinha, a governanta passa o dia inteiro comigo.

— Ela pode não ser rápida o bastante. E não discuta comigo. Você vai ficar aqui e ponto final. Agora termine de comer, seu médico está marcado para daqui a uma hora.

Sei que é inútil discutir com ele sobre ficar em seu quarto, tão escuro e sombrio quanto o seu interior, no entanto, me recuso a ir a um médico, a passar por todos aqueles exames novamente, a ter que ouvir, pela milésima vez, que o problema genético com o qual nasci, que me faz ter os olhos de duas cores e as crises convulsivas, não pode ser revertido, mas apenas controlado com medicação.

— Não quero ir a um médico.

— Não quer, mas vai.

— Você não pode me forçar a isso. Não tenho problema algum em viver com epilepsia, muita gente vivi com ela, inclusive pessoas famosas, como Susan Boyle, Prince, Danny Glover, sabia? Basta que eu tome cuidado com pessoas que me oferecem coquetéis de frutas.

Solomon deixa seu garfo cair sobre o prato e me encara.

— Anne disse que não colocou nada na sua bebida.

A raiva cresce dentro de mim ao ouvi-lo a defendendo, mais por saber que ele a ama de uma forma que jamais me amará, que acreditará nela não importando a direção para a qual as evidências apontem. No fundo, sinto um pouco de inveja de Anne, por ser a única pessoa que sempre terá o amor de Solomon.

— Você está agindo como um marido traído, que está vendo a verdade e não acredita nela.

— Se isso a tranquiliza, envie a porra do copo para análise. Se Anne colocou alguma coisa nele, a fim de causar sua crise, eu vou saber. Agora coma. Temos que sair.

— Não vou a um hospital. Não quero falar com outro médico.

— Qual o problema em ouvir a opinião de um dos melhores profissionais do país, ao invés de confiar apenas nos médicos que aparecem naquele fim de mundo?

— O problema é que eu já sei que não tem jeito e não quero ter falsas esperanças.

Solomon parece reagir às minhas palavras, seu olhar se modificando, uma expressão que me parece piedade se refletindo na sua expressão. Então, sua mão se estende sobre a mesa e cobre a minha, o calor gostoso da sua pele

despertando-me uma corrente violenta de tesão que desce pelo meu ventre e me faz pulsar entre as pernas.

— Sei que é difícil para você, mas estou te pedindo. Faça só essa vez. Esse médico é um dos melhores neurologistas do país. Mesmo que não a cure, ele pode melhorar sua qualidade de vida.

Se já é difícil dizer não a esse homem quando ele manda, imagina quando ele pede, com essa voz grossa e gentil, me olhando desse jeito cálido, com essa barba mal aparada e as mechas de cabelos negros caindo sobre a testa.

— Certo, você me convenceu. — puxo minha mão da dele, solvo o último gole de café da xícara e me levanto pronta para tomar o meu banho — Mas só essa vez, se ele disser que não em jeito, nunca mais volto a um hospital.

Com isto, dou-lhe as costas e, a caminho do banheiro, livro-me da camisa masculina que cobre o meu corpo e da calcinha, sem fazer questão de conter o balançar natural dos meus quadris enquanto caminho, ciente de que o olhar de Solomon me acompanha.

Solomon

De uma forma provocante, irresistível, Melissa se despe da camisa com a qual a vesti quando chegamos ao apartamento na noite anterior, livra-se da calcinha pequena e entra no banheiro, sem que eu consiga desviar meu olhar da bunda durinha, das nádegas rosadas parecendo implorar por umas palmadas. Estou devendo isso a ela, por ter conversado com aquele merdinha dos computadores durante a festa. Parece insano, mas eu quis partir para cima dele quando os vi próximos, quando percebi que ele a fazia sorrir, que ela estava apreciando a companhia dele.

Melissa está certa quando diz que daqui a três meses terá o direito de sair com outro homem — *minha nossa, três meses já! Como o tempo passou tão depressa?* —, porém, por enquanto, ela ainda é minha e vai ter que me respeitar. Quanto ao Alan, já telefonei para o chefe dos recursos humanos e mandei que o demitisse. Não importa que seja bom no que faz, ele cobiçou aquilo que me pertence.

Temos apenas quarenta minutos antes do horário em que a consulta de melissa está marcada. Devíamos nos apressar, no entanto, não vou conseguir dar dois passos sem antes aliviar o tesão descabido que toma conta do meu corpo. Na verdade, estou de pau duro desde que entrei no quarto e vi Melissa usando minha camisa, com as coxas longas à mostra, o que só piorou quando ela se despiu na minha frente, deliberadamente, a fim de me enlouquecer.

Então, dispo-me de todas as minhas roupas e entro no banheiro. Ela está de costas para a porta aberta do box, sob os jatos de água do chuveiro e quase solto um grunhido com a visão da água deslizando sobre a bunda durinha, sobre as curvas redondas dos quadris, abaixo da cintura bem desenhada. Permaneço imóvel por um instante, apenas a contemplando, enfeitiçado, cheio de luxúria, ciente de que ela sabe que estou aqui.

Melissa dá uma olhadinha para trás, e passa o sabonete entre as nádegas, me provocando, agindo como se tivesse nascido para levar um homem à loucura. Então, incapaz de continuar resistindo, entro no box. Se é um homem com o pau duro que ela quer, é isso que ela vai ter.

Com um gesto rápido e brusco, aprisiono os pulsos dela à parede, acima da sua cabeça. Sem deixar que se vire de frente para mim, faço com

que abra as pernas até o limite e acomodo meu pau entre elas, minha ardência bruta encontrando seu calor macio, enlouquecedor. Quero me enterrar todo nela, mas não está úmida o bastante e se há algo que ainda não me senti encorajado a fazer foi a machucá-la, como fazia com as outras. Então, passo a mão livre por cima do seu quadril e a espalmo sobre a vulva lisinha, aberta para mim. Enfio meus dedos entre os lábios carnudos e massageio o clitóris, sentindo-o inchar sob o meu toque, ao mesmo tempo em que abocanho sua nuca, mordendo e chupando, enquanto minha pequena arqueja, toda dengosa, arrepiada, movimentando os quadris para frete e para trás, esfregando a boceta no meu pau.

— Por que me provoca tanto, menina. Gosta de dar a boceta para mim? — sussurro, em seu ouvido, o roçar das suas costas no meu peito, me deixando um pouco mais perdido.

— Sim, eu gosto... — sua voz é um murmúrio ofegante.

— Diz isso de novo, pequena.

— Eu gosto de dar a boceta para você, Solomon.

Porra! Essa menina ainda vai me deixar maluco...

Quando toco sua entrada e descubro que está toda lambuzada, pronta para mim, fecho o chuveiro para que a água não atrapalhe, liberto seus pulsos, deixando suas mãos apoiadas na parede para a equilibrar, seguro seus quadris dos dois lados e entro nela, com um golpe bruto e rápido, meu tamanho a esticando, seu canal me apertando, me acomodando com uma perfeição deliciosa, um gemido alto partindo dos seus lábios. Puxo os quadris estoco dentro dela novamente, incessantemente, adorando observar a forma como ela se contorce, pedindo por mais, como sua bunda balança com os meus golpes.

Meus movimentos se tornam mais brutos e firmes dentro dela. Quando o tesão já não cabe em mim, dou palmadas estaladas nos globos rosados, deixando a pele lindamente vermelha. Queria comê-la algemada no box, mas não tem nada aqui, nenhum objeto relacionado aos meus fetiches. É a primeira vez que trago uma garota ao meu apartamento, sempre fiz questão de separar meu prazer do meu espaço pessoal. Chega a ser estranho ver melissa entre essas paredes, embora ela se encaixe no ambiente quase com a mesma perfeição com que meu pau se encaixa dentro dela.

— Solomon... Solomon... Solomon... — sua voz feminina, dengosa, clama pelo meu nome, repetidamente, com tom de súplica, enquanto a

bocetinha apertada engole o meu pau até a raiz, de uma forma que me enlouquece, sem deixar nenhuma parte dele de fora.

Quando seu corpo se enrijece todo, sei que vai gozar e me permito esvair junto com ela, nossos corpos convulsionando juntos, meu leite jorrando com abundância em seu interior.

Ao deixarmos o banheiro, recebo uma mensagem da minha governanta avisando que o motorista já chegou com as coisas de Melissa. Então mando que traga uma muda de roupas para que ela use agora e depois arranje espaço em meu closet para acomodar tudo. Eu podia deixá-la no quarto de hóspedes, mas não vejo razão para que não fique no meu.

No consultório do médico, o mais brilhante em sua área, de acordo com minha secretária, Melissa e eu o ouvimos falando sobre a epilepsia durante quase uma hora, sem que nada, além da descoberta recente de medicações mais eficazes, fosse acrescentado às informações que colhi durante minhas pesquisas na internet.

O plano inicial era ouvi-lo e depois deixar Melissa na clínica, fazendo os exames, até porque tenho vários compromissos importante nesta manhã, no entanto, ao ver o quanto ela se sente frágil, desesperançosa, quase com medo dos equipamentos, simplesmente não consigo abandoná-la e fico ao seu lado cada minuto durante a longa maratona de exames, que parecem fatiga-la demais, quase a ponto de me fazer me arrepender por ter começado isso.

São realizados uma ressonância magnética, eletroencefalograma e uma bateria de exames de sangue e urina. Alguns resultados ficam prontos amanhã, outros saíram na hora. De acordo com o médico, a condição de Melissa é irreversível, não pode ser resolvida com cirurgia, como em alguns casos, porém com medicações mais eficazes a ocorrência das crises convulsivas pode diminuir, ou até mesmo desaparecer.

Quando deixamos o hospital, minha pequena está trise, desamparada, da forma como disse que se sentiria quando ouvisse o médico repetindo que seu problema não tem cura. Então, me sentindo culpado por tê-la obrigado a passar por isso, cancelo todos os meus compromissos e decido tirar o resto do dia de folga. Antes de mais nada, a levo para almoçar no melhor restaurante da cidade, depois para a casa do lago em Medina, onde fazemos uma pescaria e relaxamos durante horas, em meio à natureza, nos braços um do outro.

Apenas à noite, enquanto voltamos para a cidade de helicóptero, ligo meu celular e me deparo com umas duzentas mensagens e chamadas pedidas

de Anne. Pelo que entendi, minha irmã está furiosa porque demiti o sujeito dos computadores, segundo ela, sem motivos. Mas Anne que não atravesse o meu caminho nos próximos dias, pois, apesar de negar e de ainda não ter recebido o resultado da análise do copo, sei que ela colocou alguma coisa naquele coquetel, o que desencadeou a crise convulsiva em Melissa. Não que minha irmã seja uma pessoa má, ela apenas não consegue controlar o ódio que sente por Willian e com toda razão. Se conhecesse Melissa de perto, como eu conheço, saberia que essa menina é o oposto do pai dela e não tem ideia do que aquele maldito fez. Não posso nem imaginar o quanto vai ser difícil para ela quando descobrir que a mãe, na verdade, não a abandonou e sim foi assassinada por aqueles bandidos malditos. O detetive particular que contratei para encontrá-la não conseguiu achar o corpo, ou quaisquer outras provas que os incriminasse, todavia diz que todas as evidências apontam para esta verdade. Para que os assassinos dissessem onde está o corpo, seria necessário que ele se revelasse e que obrigatoriamente contatasse à polícia o que aconteceu, e eu achei melhor adiar todas essas revelações por enquanto, pelo menos até que Melissa esteja preparada. Isso se ela estiver um dia. Além do mais, a única lei em Safford é o xerife e, da forma como ele está envolvido em todas as sujeiras de Willian, deve estar nisso também.

Quando o helicóptero nos deixa no heliporto do meu edifício, percebo que o dia em contato com a natureza valeu à pena, pelo sorriso que Melissa sustenta no rosto e pela sua face corada de sol. Ao entrarmos no apartamento, Anne, que tem uma cópia das chaves da porta, está acomodada em um dos estofados na sala de estar e se levanta para nos receber, a fúria se refletindo em seus olhos azuis quando os detém em nós.

— O que essa garota está fazendo aqui? — indaga minha irmã, asperamente, os olhos agressivos fixos em Melissa.

— Ela mora aqui agora.

— Como é? Você só pode estar brincando comigo.

— Melissa, me espere no quarto. — ordeno.

— Não. — *droga! Isso vai dar merda* — Não saio dessa sala até que um de vocês me diga o que têm contra mim. — Melissa encara Anne fixamente e meu coração sangra quando seus olhos lindos se enchem de lágrimas — O que eu fiz pra você, Anne? Por que me deu aquele coquetel para que eu passasse mal?

— Você quer mesmo saber? — Anne se aproxima um passo e tomo o

caminho dela.

— Cala essa boca, Annabelle. Não se mete nos meus assuntos. — viro-me para Melissa e peço — Você pode, por favor, me esperar no quarto? Daqui a pouco chego lá e então conversamos. Por favor.

Minha pequena hesita, como se decidisse. Me encara com uma mágoa tão dolorosa que sinto vontade de estreitá-la em meus braços e lhe dizer o quanto sinto por ela ser filha daquele bastardo. Então, ela lança um olhar rápido para Anne e deixa a sala, rumando para o quarto, apressadamente.

— Minha nossa! Você pediu por favor a uma de suas putas. Estou impactada. — Anne solta, com escárnio, atijando a raiva que faz meu estômago arder.

— O que você faz aqui, Annabelle?

Passo direto para o bar, evitando olhar muito para ela, pois corro seriamente o risco de perder o autocontrole, debruçá-la sobre um móvel desses e dar-lhe a surra de cinto que ela não recebeu quando era criança.

— Vim tentar entender porque você demitiu o Alan, mas não precisa dizer mais nada, já vi tudo. Você está apaixonado por essa menina, a filha do homem que me desgraçou e o destituiu do cargo por ciúmes. — seu tom de voz é acusador, agressivo.

Furioso, sirvo-me de uma dose de uísque e tento me afastar, mas ela vem atrás de mim, com insistência.

— Eu devia ter percebido isso antes. Você está de quatro por essa menina.

— Não diga tolices. Esse Alan foi demitido porque é um incompetente.

— Não é só pelo Alan. Eu vi o jeito como você olhou para ela ontem, quando ela passou mal, você estava desesperado! E agora, a traz pra morar aqui. — ela fala como se eu tivesse declarado guerra entre a Terra e Marte — Fala sério, Solomon, você nunca traz suas amantes no seu apartamento e agora essa garota está morando aqui.

— Você não sabe o que está dizendo.

Como se não me ouvisse, ela senta-se em uma poltrona e afunda o rosto entre as mãos, com excessivo drama.

— Eu sempre soube que em algum lugar aí dentro tem um coração e que um dia você se apaixonaria por uma mulher, só não esperava que fosse pela filha daquele maldito. Que porra de vingança é essa que você planejou?

Então essa é forma que você encontrou de fazer justiça pelo que me causaram? — ela gesticula para a cicatriz em seu rosto, sabendo que tocou na minha ferida mais dolorosa.

— A única culpada por ela estar aqui é você, por tê-la induzido à convulsão com o que quer que tenha colocado naquele coquetel. Ou vai continuar negando que fez isso?

Anne se levanta e me encara de perto.

— Não vou negar, tinha álcool nele. Eu queria mesmo que ela se ferrasse e a convulsão ainda não foi suficiente.

Sinto uma veia pulsando em minha têmpora.

— Ela não tem culpa do que o pai fez, porra! — elevo o tom da voz mais do que pretendia e Anne recua, o rosto contorcido de mágoa, uma mágoa que pesa dentro de mim também.

— Eu só vou te dizer uma coisa, Archie. — ela diz, entre dentes — Se você não destruir essa garota, como me prometeu que faria, se não der um ponto final nisso que sente por ela, se não manda-la de volta para Safford, como um prostituta, eu vou pessoalmente me incumbir de acabar com a raça daquele inseto do pai dela.

Dito isto, minha irmã pega sua bolsa sobre o sofá e sai em disparada, os saltos das sandálias ressoando no assoalho, a porta batendo com força.

Anne se vai, mas suas palavras ficam, martelando em minha mente, alvoroçando meus pensamentos. A verdade é que ela está coberta de razão, não sobre eu estar apaixonado, isso é bobagem, mas sobre eu não estar fazendo justiça como deveria. Para começar, eu não devia ter metido Melissa nessa história e sim enfrentado aquele filho da puta de qualquer outra forma, mesmo sem ter que derrubar a porra do campus que ajuda tanta gente a sair da miséria, tantos jovens a ter a perspectiva de um futuro melhor. Eu devia ter pensado em outra forma de fazê-lo pagar, foi um erro envolver essa menina.

Mas que inferno! Parece que quando o assunto é Willian Hopkins eu vivo atirando para todos os lados, acertando todo mundo, menos ele. No momento, não vejo outra forma de fazê-lo pagar. Por mais que me preocupe com Melissa, por mais que queira vê-la bem, não há uma alternativa para ela que não cumprir pelo menos parte do que planejei inicialmente — já que nunca consegui dar sequer uma chicotada nela, não a machuquei ou humilhei como pretendia, muito pelo contrário —, que é voltar para Safford como uma garota marcada por ter sido o objeto de um homem, embora isso não seja nem

um pouco justo com ela, ou com minha irmã.

CAPÍTULO XXI

Melissa

Tomo um banho rápido, visto uma camisola e me jogo na cama enorme de Solomon, mas não consigo dormir, as palavras de Anne, a agressividade estampada e seu rosto, repassando repetidamente em minha cabeça. Hoje ficou claro para mim o quanto ela me odeia e embora eu desconheça o motivo desse ódio, desconfio que esteja relacionado com o fato de ambos conhecerem o meu pai. Talvez Solomon também compartilhe desse ódio, talvez minha família tenha feito algum mal a eles, talvez eu tenha sido trazida para Seattle por vingança, para pagar pelos erros dos meus pais. Não é difícil deduzir que Solomon pode, facilmente, ter montado aquele quarto da tortura com o objetivo de me maltratar, por vingança. Ele só não imaginava que eu fosse gostar de tudo aquilo, que me tornaria uma submissa adepta.

Uma vingança explicaria porque ele faz tanta questão que eu volte para Safford depois que passar os seis meses estipulados no contrato, ao seu lado, para que eu seja humilhada pela população e meu pai assista. São muitos talvez, entretanto, certeza mesmo eu só tenho de que eles não vão me contar nada enquanto eu estiver aqui, portanto, só me resta me aproveitar do fato de que estou no apartamento dele e investigar. Deve ter alguma coisa guardada em alguma dessas gavetas que me dê uma pista do que realmente está acontecendo. Amanhã, quando ele sair, vasculharei tudo e desvendarei esse mistério. Por hora, preciso descansar do dia longo.

Rolo de um lado para outro, inquieta, até que por fim adormeço. Quando acordo, olho no relógio de cabeceira e descubro que dormi durante pouco mais que duas horas, apenas. Ainda estou sozinha na cama grande demais, no quarto sombrio e sinto frio. Não que o aquecedor não esteja funcionando, o que sinto é a ausência dos braços de Solomon em volta do meu corpo enquanto durmo. Acho que ele me acostumou mal, dormindo ao meu lado todas as noites durante esses meses.

Não é apenas a necessidade dele que me faz sair da cama, quero saber porque não está aqui. Será que aconteceu alguma coisa? Será que saiu? Jogo

um hobby por cima da camisola transparente e deixo o quarto. O resto do apartamento é tão frio e impessoal quanto o aposento, decorado com móveis e cortinas escuras, com quadros tristes nas paredes e quase nada colorido. A impressão que passa, é que a personalidade de Solomon se expressa em cada detalhe.

Por ser localizado na cobertura, é mais silencioso que o outro, a ponto de parecer quase assustador. Na sala de estar ampla, vejo uma garrafa de uísque, quase vazia, com um copo ao lado, sobre a mesinha de centro, o que indica que Solomon esteve bebendo sozinho e bebendo muito. Será que saiu? Se saiu, estará mais seguro, porque o motorista cuida dele. Mas ainda pode estar aqui, bêbado, talvez caído, em algum canto.

Saio à sua procura na moradia imensa, grande demais para que alguém mora sozinho. Pelo menos eu acredito que ele more sozinho, nunca mencionou nada a respeito. Olho na cozinha, em uma sala com lareira, na biblioteca e por fim parto para os quartos. Tem pelo menos meia dúzia deles, nem sei se devia estar explorando o lugar sem permissão, mas ainda assim vou em frente. Na primeira porta que abro, eu o vejo, estendido sobre a cama de um quarto desprovido de decoração, todo desajeitado, ainda usando sapatos e meu coração se espreme no peito quando passa pela minha cabeça que eu poderia tê-lo flagrado com outra mulher.

Me compadeço da sua situação. Ele está claramente bêbado e deitou de qualquer jeito. Então, me aproximo e, cuidadosamente, tiro um dos seus sapatos. Estou tentando arrancar o outro, quando sua mão grande me alcança e me puxa com um safanão, me fazendo cair deitada ao seu lado, braços e pernas se lançando sobre mim, o peito forte me pressionando.

— Espere, você se deitou de sapatos. Deixe-me tirá-los. — sussurro e quanto mais tento me soltar, mais apertado ele me abraça.

— Shhhh, esquece os sapatos, fica aqui comigo. — ele diz, a voz muito embolada pelo efeito do álcool, o hálito com um cheiro forte de uísque.

Assim, paro de resistir, deixo meus músculos relaxarem e me aninho gostosamente ao corpo másculo, cada uma de minhas células tornando-se consciente do seu calor delicioso.

— Eu sinto muito, minha pequena. — Solomon murmura, de encontro aos meus cabelos, no alto da minha cabeça — Sinto muito por tudo isso... sinto tanto... tanto...

É óbvio que ele está bêbado demais para discernir as próprias

palavras, porém, como dizem por aí, muitas verdades se revelam durante a embriaguez.

— Pelo que você sente? — arrisco.

— Eu não devia ter envolvido você nisso... você é tão diferente dele... tão pura... tão perfeita...

— De quem sou diferente, Solomon? Do meu pai?

— Espero que um dia você possa me perdoar pelo que estou fazendo...

— Perdoar pelo que?

Ele não responde mais, seu corpo relaxado me indicando que caiu no sono, suas palavras deixando uma profusão de interrogações em minha cabeça, as quais sei que não serão respondidas por ele ou sua irmã. Tenho que descobrir sozinha e pretendo fazer isso.

Por fim, acolhida ao seu corpo, como se os seus braços fossem o meu lar, me aquieto e mergulho em sono profundo e tranquilo.

Embora as cortinas pesadas e escuras do quarto não permitam a entrada de um só fio de sol, sei que é de dia tarde quando acordo. Sei também que Solomon esteve deitado ao meu lado, abraçado comigo, até agora há pouco, embora já tenha saído, certamente para o seu trabalho. Preguiçosamente, sento-me no colchão e, ao olhar em volta, enxergo meu celular sobre o criado mudo. Ligo-o e lá está a mensagem enviada por Solomon.

“Precisei sair cedo e não quis acordá-la. Minha governanta já foi informada que você ficará aqui. Peça a ela tudo o que precisar e me ligue se tiver algum problema. Não esqueça que você tem curso hoje. Tenha um bom dia.”

Esse recado ficaria bem melhor se terminasse com um “sempre seu, Solomon”, só que esperar por uma coisa dessas dele, seria sonhar alto demais. Se algum dia um homem como ele se ligar a uma mulher, a ponto de se tornar sempre dela, não será a alguém tão danificada quanto eu.

“Sim senhor, como quiser e obrigada por avisar sobre o curso” Reflito por um instante antes de decidir se continuo digitando a mensagem. *“Por que você não foi para o seu quarto ontem a noite?”*

Droga! Espero não estar sendo invasiva demais.

Ele recebe e logo começa a digitar.

“Porque você estava lá e naquele momento eu não conseguia olhar em seu rosto. Não por você, mas por mim.”

Processo suas palavras e entendo que ele e a irmã falaram sobre mim, sobre o motivo pelo qual estou aqui.

“Vamos falar sobre isso algum dia?”

Não custa tentar.

Ele visualiza a mensagem e demora a dar sua seca e rápida resposta.

“Não”.

Indignada com tantos segredos, jogo o celular de lado e vou para o quarto dele. Após o banho demorado, não tenho opção que não vestir as roupas de grife compradas pela especialista em moda, já que, meus molambos de interiorana não foram trazidos do outro apartamento.

Que ótimo.

A governante de Solomon se chama Suzy, uma mulher com cerca de cinquenta anos, com a fisionomia tão sombria quanto tudo mais nesse apartamento. Após tomar o delicioso café da manhã preparado por ela, decido bisbilhotar a moradia a procura de alguma pista que me mostre de onde Solomon e sua infernal irmã conhecem a minha família e porque fui barganha de troca por um campus de pé. Começo pelo quarto dele. Olho nas dezenas de gavetas, no closet enorme, entre os móveis e até embaixo da cama, sem encontrar nada que me indique quem ele é realmente. Tudo o que há são objetos pessoais e alguns documentos do seu trabalho. Tem um cofre na parede, aposto como esconde muitos segredos, todavia, está lacrado por senha.

Procuro também nos outros cômodos e não encontro nada que comprometa os segredos do meu amante, tudo o que vejo é muita impessoalidade em cada detalhe, como se não morasse ninguém aqui. Cogito seriamente telefonar para o meu pai e exigir que me explique essa história, porém, apesar de ter falado com ele algumas poucas vezes depois que parti, mais por insistência de Amber que por vontade própria, nossa relação já não é mais a mesma. Por mais que eu tente, em meu íntimo ainda não consegui perdô-lo por ter me vendido como uma mercadoria, por não ter lutado por mim quando deveria. Penso também em pedir que Amber investigue sobre ele na cidade, todavia, não quero perturbá-la em um momento tão difícil de sua vida.

Com a mesma impessoalidade que encontro em tudo mais aqui, Suzy

serve meu almoço na sala de refeições, em uma mesa tão grande que comportaria um time de futebol inteiro, ao invés de me deixar comer na cozinha, batendo papo com ela, como Lily fazia. Quanto a Solomon, nem apareceu e nem avisou o motivo. Na certa teve um almoço importante de negócios, algo com o que, embora me cause solidão, já estou acostumada.

Durante a tarde, estou deixando o edifício do instituto onde faço o curso de fotografia, quando, ainda na calçada, um homem atravessa o meu caminho, detendo-me.

Demoro uma fração de segundo para reconhecer Alan, o sujeito que trabalha com os computadores na empresa de Solomon. Está diferente de quando o vi na festa, mais descolado, usando uma jaqueta de couro preta e jeans rasgados.

— Olá, Melissa. — ele não disfarça a cobiça em seus olhos cor de mel quando me cumprimenta. — Lembra de mim? Da festa de aniversário.

— Lembro sim. Como está você? — instintivamente, olho para os dois lados, preocupada, pois de vez em quando Solomon vem me buscar e ainda me lembro da reação tempestuosa dele quando me viu conversando com esse sujeito.

— Bem. Só um pouco desempregado, mas vai ficar tudo bem.

— Como assim desempregado?

— Solomon me demitiu. Achei que ele tivesse te falado.

— Ele não é muito de falar sobre o trabalho. — processo a informação e me atenho ao fato de que sou o pivô dessa demissão — Ah, minha nossa! Foi porque conversamos na festa? Eu sinto muito.

— Não foi culpa sua. Só dele.

— Se você veio me pedir que converse com ele para te dar o emprego de volta, devo dizer que ele não me ouve, seria perda de tempo tentar.

— Não foi por isso que vim. Eu nem gostava muito daquele emprego mesmo. Logo logo arranjo coisa melhor. Pessoas bem antenadas sobre softwares não são muito fáceis de se encontrar por aí.

— Então você veio para se vingar dele? — nem sei ao certo porque perguntei isso, acho que ainda estou com essa história de ter sido trazida para Seattle por vingança na cabeça.

— Poxa... você não pode pensar que vim aqui só para ver você? — ele parece ofendido.

— E você veio?

— Sim. — ele fita-me profundamente, com ardor — Quer tomar um café comigo?

Apreensiva, com a sensação de que a limusine de Solomon vai virar a esquina a qualquer momento, mudo o peso do corpo de um pé para o outro.

— Vai por mim, você não ia querer isso. Se Solomon te demitiu porque conversamos na festa, imagina o que pode fazer se nos flagrar em uma lanchonete, tomando café.

— Na verdade, eu não tenho medo do Solomon e não ligo para o que ele pensa. Mas para você eu ligo. Então, se me disser que não quer atravessar a rua e me dá alguns minutos do seu tempo, eu vou embora agora. Mas se você só não quer ir por causa dele, eu vou ficar aqui e insistir até te convencer. Te garanto que isso vai demorar mais que o café.

Sorrio do seu desafio. Apesar de meio atrapalhado com as palavras, até que esse sujeito é interessante. Talvez por ser espontâneo, estar sempre de bom humor e ter uma idade mais próxima à minha me faz sentir leve, mais descontraída do que venho me sentido ultimamente. Além do mais, acabou de provar que não é um covarde, pelo contrário.

— Tudo bem. Mas só dez minutos.

Atravessamos a rua e entramos no café. Se Solomon não apareceu até agora, talvez não venha hoje, o que me deixa mais relaxada. Peço café com leite e donuts e ele café preto e puro. Então, me perco na conversa, falando sobre bobagens sem relevância, descontraída, como há meses eu não me sentia, as horas se passando rapidamente, sem que eu perceba.

Quando acredito que estamos nos tornando bons amigos, ele subitamente fica sério e solta:

— Quero fazer parte da sua vida, depois que você sair da de Solomon. Quase me engasgo com o café.

— O que?

— Eu fiquei sabendo sobre o contrato entre vocês dois. — digiro suas palavras e meu rosto empalidece, a vergonha me corroendo até os ossos — Não precisa ficar envergonhada, não achei nada demais, pelo contrário, fiquei feliz em saber que em breve você estará livre dele.

Já não vejo o mesmo charme de antes em sua forma de falar.

— Como você ficou sabendo? — indago, secamente, a irritação me consumindo.

Seus olhos examinam meu rosto por um instante de silêncio.

— Por favor, Melissa, não fica chateada comigo. Eu só queria saber mais sobre você.

— E então ela disse, a irmã de Solomon, não foi?

— Sim, mas não foi por mal.

Eu já nem sei o que pensar sobre isso. Se Anne contou a ele sobre o contrato, sua presença aqui deve ser no mínimo uma armação para me afastar de Solomon, como se isso tivesse alguma importância, já que em três meses estaremos separados de qualquer forma.

— Achei que podíamos ser amigos, mas pelo visto não vai rolar. — falo e levanto-me da mesa, rumando para a saída.

Alan vem atrás de mim, falando sem parar, tentando se desculpar, até que entro no primeiro taxi e vou embora. No dia da minha aula seguinte, ele está me esperando diante do prédio novamente. Desta vez é mais esperto e aguarda até meu Uber chegar, só para ter certeza de que Solomon não vai aparecer para me apanhar. Tento não dar atenção a ele, no entanto, sou seduzida pela sua jovialidade, pela leveza da sua companhia e pelo fato de que ainda está desempregado por minha causa, então acabo concordando em ir tomar café com ele novamente, do outro lado da rua.

Não me arrependo, desta vez, e nem nas ocasiões posteriores em que ele aparece. Sua companhia traz leveza aos dias difíceis que atravesso, acompanhando o sofrimento de Amber com a mãe doente, faltando aula para cuidar dela, desesperada, o que me desencoraja a pedir que ela investigue um possível passado de Solomon em Safford e essa história de ele conhecer a minha família vai, aos poucos, ficando esquecida.

Um mês depois, Jacinda já não reage aos medicamentos e é levada para casa. Em uma manhã de quarta-feira, estou no hotel em Genebra, acompanhando Solomon em uma de suas viagens de negócios, quando minha melhor amiga me liga para dar a triste notícia de que sua mãe faleceu e embora ela já soubesse que isso ia acontecer, sua dor é imensurável. Ela está destruída, desesperada como jamais a vi, por ter perdido a única pessoa que tinha nessa vida. Agora está completamente sozinha.

Prometo a ela que vou arcar com todas as despesas do funeral e tentar convencer Solomon a me deixar ir pelo menos para o enterro, embora tenha quase certeza de que ele não permitirá.

— Eu realmente sinto que sua amiga tenha perdido a mãe, mas não posso deixar que você saia da Suíça para ir a Safford sozinha. — é o que ele

diz, ao ouvir meu pedido.

Está sentado em uma poltrona de couro, na sala da luxuosa suíte, diante da janela de vidro com a vista panorâmica do parque Eaux-Vives, embora não preste a menor atenção na paisagem coberta pelo gelo que se encontra diante de si, mas apenas na tela do seu computador, ainda tratando de negócios depois de um dia abarrotado de compromissos.

Faltam menos de dois meses para que meu tempo ao seu lado termine e faz alguns dias que aprendi a temer a rapidez com que as horas se passam, a apreciar cada segundo na sua companhia, ciente de que em breve esse segundo será o último.

— Você pensa que sou alguma criança estúpida que não consegue viajar sozinha? — não economizo na aspereza.

Pacientemente, Solomon deixa o computador de lado e ergue o rosto para me encarar.

— Não, Melissa, eu não acho que você seja uma criança estúpida. Pelo contrário, acho que você é uma mulher inteligente e sensata, mas ainda assim você não pode sair por aí sozinha, em uma viagem tão longa, sem sequer falar francês, ou alemão. É um mundo perigoso esse em que vivemos e eu me preocupo com o seu bem-estar.

— Não é hora de se preocupar comigo e sim com Amber. Ela acaba de perder a mãe, está desolada, desesperada e sozinha no mundo. Ela precisa de mim ao lado dela agora.

Solomon suspira pesadamente e sei que está tentando não se irritar.

— Fazemos assim então. Não precisa ir comigo aos compromissos de trabalho, fica no hotel, fala com ela pelo computador. Quando voltarmos para os Estados Unidos eu mando meu avião particular ir buscá-la em Safford para que passe um tempo com a gente.

— Você faria isso? — pergunto, radiante.

Eu sei que não tenho mais muito tempo para ficar no apartamento dele, no entanto, com as amizades que fiz no curso de fotografia e ajuda de Alan, que também se tornou um bom amigo, tenho tudo encaminhado para alugar meu próprio apartamento depois de passar os meses que preciso em Safford. Se Amber vier, a convencerei a morar comigo em Seattle.

— Por você, eu faria. — declara Solomon e sento-me no colo dele para lhe dar um beijo demorado, repleto de paixão e de gratidão, antes de voltar correndo para o celular e ligar para Amber a fim de dar a notícia.

Passamos mais três dias na Suíça, sem que eu deixe de falar com Amber todos os dias. Ao voltarmos para Seattle cobro a Solomon a promessa de mandar buscá-la de avião, quando então ele me diz que a avise para estar pronta para partir dentro de algumas horas. É então que Amber não mais atende o celular dela. Tento várias vezes, durante o dia inteiro. A princípio o telefone chama até cair, depois simplesmente pára de chamar. Vasculho as redes sociais a procura dela, tento uma chamada de vídeo pela internet e nada. Minha melhor amiga parece ter virado pó.

Por fim, telefono para o meu pai e ele não sabe de nada, não a viu mais desde o enterro. Peço que a procure, que vá até a casa dela e ele o faz, só que ela não está em lugar nenhum. Ligo para os alunos da FCS, mais próximos a ela, e ninguém a viu hoje, desde cedo está desaparecida.

Quando a noite chega, por fim compreendo o que está acontecendo e sou invadida pelo mais absoluto terror. Minha melhor amiga pode ter desaparecido como os demais alunos da faculdade comunitária, sem deixar rastro, sem nunca mais voltar ou dar notícias.

Por Deus! Isso não pode ser possível.

Não quero acreditar, mas está evidente. Sem a mãe, Amber se tornou apenas mais uma estudante a quem ninguém vai procurar, como os filhos dos rancheiros pobres e os integrantes das comunidades Mórmons. Já fazia meses que nenhum aluno sumia, cheguei a acreditar que isso havia acabado, mas pelo visto eu estava enganada.

Logo Amber, a melhor pessoa que já conheci. Como uma coisa dessas foi acontecer?

Telefono novamente para os alunos da FCS e descubro que eles também acham que ela foi mais um, entre tantos outros, que desapareceu, sem que ninguém jamais venha a descobrir seu paradeiro e à medida que essa certeza aumenta dentro de mim, cresce também minha aflição.

Algumas horas depois, estou agoniada, caminhando de um lado para o outro da sala sombria e grande do apartamento, sem saber o que fazer, os pensamentos fervilhando-me a mente, o desespero se aproximando. Até que, por fim, a porta se abre e Solomon entra, depois do longo dia de trabalho, sua imagem me transmitindo o mínimo de conforto.

— Amber está desaparecida. — falo, tentando reprimir minha angústia, tão logo ele entra.

— Como é?

— Ninguém a vê desde hoje de manhã e não nos falamos desde ontem à noite. Em Safford, na faculdade comunitária, esses desaparecimentos são recorrentes, entre alunos que não têm ninguém para procurar por eles, ou cuja família tem receio de se expor, como os Mórmons. Agora foi a vez de Amber, porque a mãe dela está morta.

Solomon descarta a valise de couro sobre uma poltrona e se aproxima de mim.

— Você tem certeza disso, pequena? Já ligou para todos os outros amigos dela? Não está na casa de alguém, ou então sem celular?

— Sim. Já liguei pra todo mundo. Ninguém sabe dela. É assim que acontece. A pessoa simplesmente some, sem deixar rastro, sem que as roupas no armário sumam junto.

Solomon encara-me fixamente durante um longo momento de silêncio, como se processasse minhas palavras. Então, uma surpreendente expressão de alarme se reflete no verde do seu olhar, sua fisionomia se contraindo. Assim, ele senta-se no sofá, inclina-se e afunda a cabeça entre as mãos, parecendo muito mais preocupado do que eu imaginei que ficaria.

— Por favor, você precisa ajudá-la. — peço — Vamos falar com aquele seu amigo do FBI que o ajudou a me resgatar quando fugi. Talvez ele possa encontrá-la.

Solomon não diz nada. Está paralisado no sofá, fitando o vazio à sua frente, com o horror estampado no olhar.

— Diga alguma coisa, por favor.

— Eu vou falar com ele.

Com apatia, ele coloca-se em pé, saca o celular do bolso e liga para o amigo agente.

— Olá. Houve outro desaparecimento em Safford, pelo visto daqueles. — sua voz grossa se faz audível na sala — A garota é amiga de Melissa e preciso que a encontre, como encontrou Anne.

Como encontrou Anne? Do que ele está falando?

Solomon recebe a confirmação do amigo de que a procurará, me pede fotos e informações sobre Amber e envia tudo. Agora é só esperar e rezar para que dê tudo certo. Chamar a polícia não adianta nada, primeiro porque eles exigem que a pessoa esteja desaparecida há no mínimo quarenta e oito horas antes de começar a procurar, segundo porque nunca se interessaram em investigar os outros desaparecimentos acontecidos na minha cidade natal. É

um caso esquecido, ignorado, como se tivesse a participação da polícia, por trás, ou algo assim.

Solomon volta a se sentar, abatido, claramente abalado e as palavras que proferiu ao telefone ressoam em minha mente.

— O que você quis dizer com outro desaparecimento daqueles e sobre Anne ter sido resgatada?

Ele me encara sério, com uma expressão de urgência, a testa franzida por uma ruga profunda.

— Melissa, precisamos conversar, mas antes eu preciso que você se acalme.

O tom alarmado de sua voz me diz que chegou a hora de eu saber a verdade sobre o que está acontecendo, sobre o motivo pelo qual estou aqui.

CAPÍTULO XXII

Solomon

— Eu estou calma. — Melissa anuncia e senta-se no sofá diante de mim, os olhos atentos, ansiosos, fixos nos meus.

Como a garota inteligente e intuitiva que é, há muito tempo ela já percebeu que existe uma história por trás da sua vinda para Seattle, que seu pai e eu somos velhos conhecidos, só não sabe do que se trata, jamais imaginaria a verdade e temo pela sua reação quando eu lhe contar tudo, não apenas porque o estresse elevado pode lhe causar uma crise convulsiva, mas porque sei que ela vai me odiar e essa certeza está acabando comigo. Realmente acreditei que podia poupá-la dessa dolorosa verdade, cheguei, inclusive, a esconder objetos pessoais que me ligavam ao meu passado em Safford, entretanto, com o desaparecimento de Amber, com a quebra da palavra daquele maldito — nem sei porque acreditei que ele manteria sua palavra—, não há mais como esconder. Melissa tem o direito de saber o que pode ter acontecido com sua amiga.

— O que vou te contar é muito grave e preciso que você esteja relaxada. Não quero que corra o risco de ter uma crise convulsiva.

— Eu estou relaxada. O que me deixa estressada é não saber a verdade. Por favor, me conte.

Respiro fundo, buscando determinação dentro de mim.

— Nesse caso preciso começar do começo. — examino-a com atenção antes de prosseguir, só para me certificar de que está realmente bem — Meu nome verdadeiro é Archie Foster. — vejo sua face linda empalidecendo, mas agora que já comecei, vou até o final — Mudei de identidade para me esconder de um passado do qual não me orgulho. Anne e eu nascemos em um rancho esquecido, perto de Safford. A fim de sair da miséria, nossa mãe foi embora e nos deixou para sermos criados pelos nossos avós. Nunca conhecemos nossos pais, dois homens diferentes. Terminei o colégio antes da maioria dos jovens, aos dezesseis anos e logo em seguida

ingressei na Faculdade Comunitária de Safford. Eu era inteligente, mas não era esperto. Logo no meu primeiro ano seu pai, o diretor, percebeu isso e me escolheu para ajudá-lo no que fazia lá. — silêncio-me, hesitante.

— O que meu pai fazia lá?

— Tráfico humano. — estudo sua reação, ela parece confusa — Ele está por trás do desaparecimento dos alunos, inclusive de Amber, junto com o xerife, o prefeito e Reese. E eu os ajudei nisso, há anos, quando ainda morava lá.

— Não estou entendendo.

— Eles fazem parte de uma rede de mafiosos que traficam jovens para a escravidão sexual, a prostituição. Esses jovens saem de Safford, a maioria sequestrada, e são levados para outros países. Alguns são chantageados, outros forçados a ficarem lá. Nenhum deles pode se comunicar com a família. É uma rede muito grande. Autoridades de vários países, e de alguns estados da América, estão envolvidas nisso. Os jovens são trazidos de diversos lugares do mundo. O que acontece em Safford é só uma parte pequena do negócio. — Melissa cobre sua boca aberta com as duas mãos, seus olhos se enchendo de lágrimas, a face contorcida de angústia — Você está bem?

Ela respira fundo antes de responder.

— Você está me dizendo, que meu pai trafica pessoas?

— Eu sei que é difícil ouvir isso, mas é o que ele faz.

— Meus Deus... — as lágrimas escorrem dos seus olhos lindos e isso parte o meu coração.

— Quer beber alguma coisa, ou sair um pouco, enquanto se acalma?

— Não. Eu vou ficar bem. — ela esfrega o dorso das mãos no rosto para afastar as lágrimas. Respira fundo e volta a me encarar, os lábios trêmulos, a aflição reprimida. — Por favor, continue.

— Tem certeza que não quer deixar isso para depois?

— Absoluta. Quero toda a verdade.

— Certo. Eu fazia o papel que Dylan, seu ex-namorado, faz hoje. Investigava os melhores alvos, me aproximava dos alunos fingindo interesse e descobria quais eram aqueles cujo desaparecimento não causaria muito alarde entre os demais estudantes e a polícia. Os jovens integrantes das comunidades Mórmons sempre foram nosso principal alvo, devido ao fato de que seus costumes de viver em poligamia não são bem aceitos pelas

autoridades e por isso eles sempre evitam se expor, denunciar. Os filhos de rancheiros humildes também eram muito visados, porque os pais sempre achavam que tinham partido para a cidade grande em busca de uma vida melhor, ou são ignorantes demais para pressionar a lei a procurar por eles.

— Como pode ser uma rede de prostituição, se alguns rapazes desapareceram também?

— Infelizmente há prostituição de rapazes. Aqueles que são homossexuais. — examino seu rosto pálido, apático, antes de continuar — Quando Anne deixou o rancho para estudar na Faculdade junto comigo, Willian cresceu o olho sobre ela, porque além de ser muito bonita, era neta de rancheiros que não iam procurar por ela. Quanto à mim, eles não se importaram em passar por cima, porque eu tinha o rabo preso, sabiam que jamais os denunciaria, pois estaria condenando a mim também. Além disso, eu já estava querendo sair do esquema há algum tempo, eles não tinham nada a perder. Então, depois que Anne foi levada, sem o meu conhecimento, eu deixei Safford e dediquei os meus dias a encontrá-la. Na época, eu ainda não tinha dinheiro para contratar alguém para procurá-la, mas sempre tive facilidade em fazer amizades, então me aproximei de Morgan, quando ele ainda estava começando no FBI e consegui convencê-lo a me ajudar, sem me denunciar. Ela estava em uma casa de prostituição na Áustria quando a encontramos, um ano depois de desaparecer. A cicatriz em seu rosto foi uma das suas muitas tentativas de fuga.

— Acho que agora entendo porque ela me odeia. — Melissa hesita antes de perguntar — Minha mãe está envolvida com toda essa sujeira também?

— Não. Ela nunca soube. — percebo que ainda preciso contar a ela que sua mãe nunca a abandonou e pode ter sido morta por aqueles banidos malditos, porém, seria muita notícia ruim para um dia apenas. Melhor esperar que ela digira tudo o que ficou sabendo hoje — Reese sim, é uma cúmplice. Ela e eu éramos namorados quando estudávamos na FCS. Eu já tinha deixado a cidade quando ela foi morar com seu pai.

— Como... como você conseguiu tudo isso? Essa empresa, tanto dinheiro, se era só um rancheiro?

— Eu trabalhei duro, persisti e tive sorte também. Quis ficar rico e consegui. Não foi com o dinheiro do tráfico humano, se é isto que quer saber. Não levei muita coisa quando deixei aquilo para trás.

— E depois decidiu me usar para se vingar do meu pai, porque ele levou sua irmã. — a dor está clara no tom da sua voz.

— Não foi exatamente assim. Eu ia derrubar o campus, também por justiça, mas principalmente porque era a única forma de fazer com os desaparecimentos parassem. Mas então eu vi você e... — não tenho palavras para expressar o que senti por ela quando a vi pela primeira vez.

— E decidiu unir o útil ao agradável. — as lágrimas novamente enchem seus olhos e sinto como se alguém cravasse uma faca em meu peito.

Movido por um instinto muito mais forte que a minha capacidade de entender que provavelmente ela só quer distância de mim agora, aproximo-me e tento tocar em seus cabelos, quando então ela levanta-se do sofá de supetão, afastando-se rapidamente, como se eu tivesse usado um fio descascado para dar-lhe um choque elétrico.

— Não chega perto de mim. — sua voz é pronunciada entredentes, com fúria — Nunca mais quero que toque essas mãos sujas em mim. Você não passa de um bandido imundo, sem escrúpulos. Condena meu pai pelo que ele fez, mas cometeu as mesmas atrocidades.

— Quando eu propus trazer você comigo, em troca de manter o campus de pé, eu o fiz prometer que os desaparecimentos acabariam, mas pelo visto ele descumpriu a palavra.

— E você acredita mesmo que aparecer em Safford e fechar o campus, a fim de impedir o tráfico de pessoas, uma década depois, é suficiente para te redimir de ter participado disso?

— Não. De forma alguma. Tampouco é suficiente para que Anne se sinta justificada pelo inferno que passou, sendo violentada, prostituída e torturada, acontece que eu estava ocupado demais com a minha vida para tomar qualquer atitude antes.

— E para tomar a atitude certa.

— Eu sei que o certo seria denunciar todos eles e tentar acabar com essa máfia que destrói a vida de tantas pessoas, mas não é assim que funciona. Não posso denunciá-los, não apenas pelo fato de que fui cúmplice deles e estaria denunciando a mim também, mas principalmente porque o sistema judicial do governo não da conta dessa gente, eles são muitos, estão espalhados pelo mundo todo e são muito influentes. Praticamente mandam na polícia, têm agentes infiltrados em todos os órgãos judiciais. Denunciá-los seria o mesmo que pedir para ser morto e sem que nada fosse feito para detê-

los. Por que você acha que os desaparecimentos de Safford nunca foram investigados?

— Eu não quero ouvir mais nada. — sua voz é um murmúrio frio — Só quero ir embora daqui, ficar longe de você.

O olhar que ela me lança é frio, desprovido de qualquer emoção, como jamais vi nela antes e, pela primeira vez na vida, sinto medo, um medo aterrador de perdê-la, de que ela deixe de ser minha. Nunca imaginei que um dia pudesse me sentir assim por causa de uma mulher.

Apesar de ter entrado em minha vida pelos motivos errados, Melissa se tornou a razão pela qual quero voltar para casa todos os dias depois do trabalho. Preciso convencê-la a ficar, a qualquer custo.

— Você não pode ir.

— Sim, eu posso. Se quiser me processar por quebra de contrato, ou demolir o campus, vá em frente, não ligo mais. Só quero distância de você.

— Não é por isso. Que se foda o contrato. Acontece que precisamos ficar juntos para procurar Amber.

Uso minha única carta na manga para dissuadi-la a ir, deixando a verdade sobre o que sinto entalada por trás da incompreensão, do receio de ser fraco. Não sei como dizer a ela o quanto é importante para mim, que se partir estará levando o ar dos meus pulmões. Além do mais, Anne jamais me perdoaria se eu ficasse com Melissa de verdade, como minha mulher, sem que haja um contrato entre nós. E sequer posso culpar a minha irmã, pois ela já fez muito me perdendo por não ter denunciado aqueles canalhas e por eu ter participado de algo que acabou com ela, que destruiu a garota feliz, cheia de vida que era, para dar lugar a essa pessoa vazia que se tornou.

— Por Amber. Vamos procurá-la juntos. Depois você faz o que quiser. — insisto, me recusando a perdê-la.

Melissa desvia seu olhar para o chão, tentando esconder sua mágoa, sua decepção, por não ouvir de mim os motivos certos para que eu queira que fique.

— Está bem. Por Amber. Eu fico porque quero ajudar a encontrá-la. Depois disso, eu vou embora da sua vida. Agora preciso falar com meu pai. Se ele é responsável pelo sumiço dela, vai ter que trazê-la de volta.

— Tem certeza que quer fazer isso? Eu posso falar com ele.

— Pare de me tratar como se eu fosse uma criança. Sou perfeitamente capaz de lidar com meu pai.

Ela saca seu celular o bolso do short e digita nos números. Seu rosto vai ficando pálido à medida que os toques da chamada acontecem. De onde estou, posso ouvir a voz de Willian do outro lado da linha, quando ele atende e na mesma hora Melissa me estende o aparelho.

— Não consigo fazer isso. — assume, apática.

Recebo o celular da sua mão e o levo ao ouvido.

— Seu maldito, filho de uma puta, como se atreve a quebrar o acordo que firmou comigo, de que essa merda ia parar? — vocifero, a fúria percorrendo meu corpo.

— Solomon. O que está fazendo com o celular da minha filha?

— Estou fazendo o que ela não consegue. Agora me diga por qual rota enviou Amber para aqueles desgraçados, ou vou até Safford pessoalmente arrancar sua maldita cabeça fora do pescoço.

— Não sei do que você está falando.

O ódio cego ferve em meu íntimo.

— Não pense que sou algum dos idiotas para quem você vive mentindo. Comigo não cola. Me diga de uma vez por onde enviou a garota.

— Não tenho nada a ver com o desaparecimento dela.

— Minta pra mim mais uma vez e envio o FBI direto à sua casa, seu verme.

— Não me ameace, Archie. Você sabe que se me denunciar vai se ferrar tanto quanto eu. Não foi escolha minha que a garota fosse levada. Eles ficaram sabendo que a mãe dela morreu e que estava sozinha, sem ninguém que reclamasse, então exigiram isso. Eu não pude fazer nada.

— Não tente se justificar, seu cretino desgraçado. Ela é a melhor amiga da sua filha. Como pôde deixar que algo assim acontecesse? Eu avisei para parar com essa merda. Mandeí que deixasse de fazer negócios com eles.

— Ninguém para de negociar com essa gente, a menos que eles decidam isso. — sua voz demonstra apatia — E Melissa, como está? Ela já ficou sabendo?

— Claro que sim. Como você acha que ela está?

— Me deixe falar com ela.

— Ela não quer falar com você. — ouço seu longo suspiro do outro lado da linha — Agora me diga para onde Amber foi levada.

— Não tenho certeza, mas acho que ela ainda está no país. Ouvi dizer que estão levando garotas para uma nova casa noturna em Nova Iorque. É só

isso que posso dizer.

— Acho melhor você rezar para que a encontremos, ou vai perder a sua filha para sempre e ainda ter que se ver comigo. — dito isto, encerro a ligação e devolvo o aparelho a uma abatida Melissa.

— Foi mesmo ele, não foi? — indaga ela.

— Sim. Infelizmente não é tão fácil quanto parece se livrar dessa quadrilha de mafiosos.

— Se pelo menos ele tivesse tentado.

— Vou avisar Morgan sobre o possível paradeiro dela. Enquanto isso por que não descansa um pouco? Já tomou sua medicação?

— Não vou conseguir descansar enquanto Amber não aparecer. E se não a encontramos por um ano, como aconteceu com sua irmã?

— Vamos achá-la, fica calma. As coisas são diferentes agora. Naquela época éramos só Morgan e eu procurando, hoje tenho dinheiro para subornar policiais e quem mais for necessário, além de muitos agentes do FBI, amigos de Morgan, empenhados em ajudar. Daqui a pouco ela estará aqui conosco. Enquanto esperamos, pelo menos deite-se um pouco aqui mesmo no sofá. Se você dormir, eu te chamo.

Obediente, Melissa se deita.

Sento-me na poltrona ao lado e telefono para Morgan avisando que Amber pode ter sido levada para uma nova casa noturna em Nova Iorque, quando então ele responde com a boa notícia de que seus agentes já estão no rastro dela e tranquilizo um pouco minha pequena com isto. Em seguida, vou até o quarto e logo retorno trazendo sua medicação e um cobertor. Faço com que ela engula o comprimido com água e a cubro confortavelmente, voltando a me sentar no estofado ao lado, com o computador nas mãos, respondendo alguns e-mails urgentes do trabalho.

Como a nova medicação de Melissa, prescrita pelo neurologista que minha secretária encontrou, é um pouco mais forte que a antiga, ela logo adormece, calma e tranquila, deitada de lado no sofá grande, deixando-me mergulhado no mais completo silêncio.

A noite está fria, a chuva cai incessantemente lá fora. A cada hora Morgan me telefona para dar notícias sobre a busca por Amber. Segundo ele, seus amigos agentes que ajudam a procurar, de maneira não formal, estão seguindo a pista de uma garota da idade dela, com a descrição parecida, que tentou roubar um carro em uma estação de trem em Minnesota, caminho de

Nova Iorque. Tenho quase certeza de que é Amber, pois os mafiosos costumam locomover, pelo país, as garotas envolvidas nesse esquema, de trem, a fim de evitar as burocracias nos aeroportos. Em breve ela estará aqui e segura.

Por volta das quatro horas da madrugada, ainda estou em alerta, aproveitando o tempo para colocar alguns negócios pendentes em dia, através da internet, quando Melissa se move no sofá, despertando do seu longo sono.

— Alguma notícia de Amber? — indaga ela, a voz ligeiramente rouca pelas horas dormindo.

— Sim. Parece que ela conseguiu fugir dos mafiosos, tentou roubar um carro em Minnesota. Os agentes do FBI estão no encalço dela.

— O que acontece se os bandidos a encontrarem primeiro?

— Não vão. Amber é uma garota esperta e corajosa e Morgan está determinado a achá-la.

— Você não dormiu?

— Não estou com sono. E você certamente está com fome. Quer comer alguma coisa?

— Eu não ia conseguir. Estou tão enjoada.

Me lembro que ela relatou esse efeito colateral da nova medicação, há alguns dias, embora o médico tenha garantido que logo vai passar.

— Então descanse. Assim que a encontrarmos, eu a acordo.

Melissa permanece imóvel, encolhida sob a coberta. Depois de um longo momento em que o silêncio é quebrado apenas pelo tamborilar da chuva na vidraça da janela, pergunta:

— Quando morava em Safford, você conheceu a minha mãe?

Sinto um gosto amargo na boca ao imaginar a imensidão de sua dor quando souber que a mãe pode está morta.

— Sim. Quer dizer, mais ou menos. Eu a vi algumas vezes, quando ia na casa de vocês.

— Como ela era? Meu pai não fala muito a respeito e eu tinha sete anos quando ela foi embora.

— Era uma pessoa muito quieta, estava sempre em casa, cuidando de você.

— Porque eu era uma garotinha que só vivia doente.

— Sim. Você era muito frágil e precisava sempre de cuidados.

— Você me conheceu quando eu era criança? — ela parece surpresa,

os olhos arregalados me fuzilando.

— Não me olhe assim, ou vou começar a me sentir um pedófilo. — o canto da sua boca se dobra em um sorriso discreto, lânguido, mas ainda assim um sorriso, que funciona como um raio de sol em um dia de temporal — Eu conheci sim. Você tinha os cabelos mais claros, era miúda e muito quietinha. Eu não sabia que era você até seu pai se aproximar no dia do protesto.

— Eu não me lembro de você.

— Na sua visão, eu era só mais um estudante que entrava e saía da sua casa, como tantos outros.

— Por que meu pai começou com isso? Por que traficar pessoas? — indaga, inconformada.

— Pelo mesmo motivo que outras pessoas cometem tantas loucuras, por dinheiro. Foi o que me motivou a ser cúmplice dele no início também.

— Isso é tão degradante.

A fim de evitar que o assunto continue a atormentando, levanto-me e anuncio:

— Vou preparar uns sanduíches para nós. Você vai ficar bem aqui?

— Sim.

— Já volto.

CAPÍTULO XXIII

Melissa

Solomon deixa a sala, seguindo rumo à cozinha e continuo mergulhada no mar de dor que insiste em me enervar. Nem nos meus pesadelos mais sombrios pude imaginar que meu pai pudesse estar envolvido com tráfico de pessoas, que é o responsável pela desgraça de tantos jovens inocentes. Desde que me entendo por gente os desaparecimentos de alunos acontecem em Safford, foram dezenas de jovens enviados para a escravidão sexual durante todos os esses anos e certamente nos anos anteriores.

Por Deus! Como alguém, cujo sangue corre em minhas veias, é capaz de tamanha crueldade? De destruir a vida de tantos inocentes? Deve ter sido horrível para a irmã de Solomon, — ou seja lá como ele se chama — viver por um ano nessa vida desgraçada, assim como deve estar sendo para todos os outros que foram levados.

Ainda não sei ao certo o que vou fazer da minha vida de hoje em diante. Minhas únicas certezas são que, primeiro: preciso fazer alguma coisa para resgatar essas pessoas, para libertá-las da escravidão à qual meu pai as enviou, tentar redimir o erro dele. Segundo: nunca mais quero que Solomon chegue perto de mim, não apenas porque ele foi cúmplice em toda essa sujeira, mas principalmente porque não fez nada para acabar com isso. Preferiu dedicar sua vida a ganhar dinheiro, a ficar rico, ao invés de lutar pela sobrevivência daqueles que ajudou a enviar para esse inferno e dos que foram enviados depois. Ele podia ter feito alguma coisa, se quisesse, podia ter demolido o campus e acabado com a FCS antes, no entanto, optou por olhar apenas para o próprio umbigo e é por isso que agora ele está morto para mim, assim como meu pai também está. Essa é minha terceira grande certeza.

Alguns minutos depois o cheiro da comida parte da cozinha, causando-me náuseas, por causa do efeito colateral da nova medicação e logo em seguida Solomon aparece trazendo uma bandeja com sanduíches naturais e suco. Repousa-a sobre a mesinha de centro e volta a se acomodar na poltrona diante de mim.

— Coma. — ordena e como se meu cérebro fosse programado para obedecê-lo, sento-me e me sirvo, mordendo um grande pedaço, com apetite.

Enquanto ele também se serve, percebo o quanto está abatido, com olheiras, por não ter dormido nada durante a noite, quando o dia está prestes a amanhecer.

— Você pode ir descansar depois de comer. Eu fico vigiando o telefone a espera de notícias. — declaro.

— Não estou cansado. Além do mais, não vou conseguir dormir antes de ter certeza de que Amber está bem.

É o mínimo que ele pode fazer para se redimir dos erros que cometeu, por ter sido conivente com toda essa sujeirada.

Terminamos a refeição em silêncio e continuamos mergulhados no clima de nostalgia que se encontra instalado no ambiente, sentados diante um do outro, sem quase nos falar, ou nos olhar, enquanto as horas avançam com uma lentidão tortuosa.

Mais um dia frio e chuvoso amanhece e se arrasta, sem que Morgan volte a telefonar para dar notícias. Solomon não deixa a sala para mais nada, além dos minutos que demora para tomar um banho e trocar de roupas, logo ao amanhecer, vestindo-se com trajes casuais, deixando claro que não vai trabalhar hoje.

O meio dia está se aproximando, quando finalmente a campainha toca e meu coração dá um salto no peito, pela certeza de que é Amber. Solomon a abre e minha melhor amiga se coloca para dentro do apartamento, junto com o agente Morgan. Está toda suja, descabelada, usando uma blusa rasgada, com uma jaqueta grande demais para ser sua, por cima. Tem o rosto pálido, abatido, contorcido do mais penoso pavor e assim que meus olhos a alcançam se enchem de lágrimas novamente.

Ambas nos locomovemos ao mesmo tempo, eliminando a distância que nos separa e nos entregamos a um abraço apertado, quando então ela dá início a um pranto irrefreável, intenso, seu corpo sacudindo em meus braços a cada soluço.

— Shhh, está tudo bem agora. Vai ficar tudo bem. Você está segura. — tento a consolar, mesmo sabendo que é impossível e a aperto mais forte. — Você está ferida? Eles a machucaram?

— Não tiveram tempo, mas foi tão horrível. Eu pensei que iam me matar. — ela murmura, entre um soluço e outro.

— Agora já acabou. Eles nunca mais vão chegar perto de você. Eu prometo.

Amber chora por um longo tempo abraçada comigo e apenas quando nos afastamos, Morgan me cumprimenta.

— Como vai, Melissa? É um prazer ver você novamente. — diz ele.

— O prazer é todo meu. Nem sei como agradecer pelo que fez por Amber. — e não sei mesmo. O cara é um verdadeiro herói.

— Não há de que. — responde, com simpatia, acomodando-se em um dos sofás, cruzando uma perna sobre a outra, completamente à vontade, sua aparência despojada destoando no ambiente sóbrio demais — Me arranje um café quente e algo para comer e estamos quites.

— Agora mesmo. — chamo a governanta, que aparece depressa da direção da cozinha, e peço que sirva uma mesa farta, com toda a comida que já estiver pronta.

— Onde você a encontrou? — é Solomon quem pergunta.

— Perto de Green Bay, fugindo dos bandidos. Ela foi muito esperta pedindo carona aos caminhoneiros. É uma garota muito forte e esperta. Conseguiu escapar sem nenhum arranhão.

— Ela é boa nisso. Roubou o meu carro uma vez.

— Parem de falar de mim como se eu não estivesse aqui. — Amber protesta e Morgan sorri para ela.

Pelo visto, minha amiga vai ficar bem.

— Amber, você quer comer primeiro, ou gostaria de antes tomar um banho e trocar essas roupas sujas? — pergunto.

— Estou louca por um banho quente e roupas limpas, mas a fome ainda é maior. Quero comer primeiro.

Então, seguimos todos para a sala ao lado, onde a mesa está servida com diferentes pratos, sucos e lanches. Nos acomodamos todos em volta, para fazermos a refeição, Morgan e Amber comendo como dois desesperados. Depois, nós duas vamos para um dos quartos desocupados e pego uma muda de roupas minha, enquanto ela se delicia com um banho de banheira. De banho tomado, usando roupas limpas, Amber deita-se na cama grande, comigo ao seu lado, parecendo muito mais calma, pronta para descansar, todavia, a adrenalina nas veias a impede de fechar os olhos e então ela me conta como foi sequestrada, na floresta, após receber um telefonema de Dylan.

— Ele disse que queria falar comigo sobre você, mas não podia ir na minha casa, por causa dos ciúmes de Blake, então pediu que eu fosse encontrá-lo na floresta. Só fui porque fiquei reocupada com você, além disso, era plena manhã, achei que não tivesse nada demais. Como pude ter sido estúpida a ponto de não perceber que era uma cilada?

— Não tinha como você saber. Ele deve ter sido instruído pelos mafiosos a agir assim. Não há como escapar dessa gente. Você teve muita sorte.

— Quando cheguei lá, ele estava me esperando junto com outros dois homens que não são de Safford. Esses homens me amordaçaram, me vendaram e me levaram até um carro que estava esperando na estrada, do lado oposto da floresta. Como Dylan pôde ter feito isso? Eu achei que ele fosse meu amigo.

— Ele está seduzido pelo dinheiro que esse negócio sujo gera e estão todos envolvidos, o prefeito, o xerife e até meu pai. Aliás, meu pai é o líder do bando. Por isso Solomon queria demolir o campus, para acabar com os desaparecimentos.

Amber me encara surpresa.

— Como Solomon sabia sobre isso?

— Ele é de Safford, já foi cúmplice desses malditos.

Com os olhos cheios de lágrimas, conto tudo a ela, sobre quem Solomon realmente é, sobre sua participação em toda essa sujeira, sobre o papel de Dylan na quadrilha e sobre Anne ter sido levada e escravizada sexualmente durante um ano. Quando encerro minha narrativa ambas permanecemos em silêncio por um longo momento, mergulhadas na mais completa melancolia.

— Eu sinto muito que o seu pai seja esse monstro horrível. — diz ela.

— Não o considero mais meu pai.

— O que você vai fazer agora? Será que Solomon vai te deixar ir embora antes de findar o prazo que você tem que ficar com ele? Ainda falta um mês e meio, não é?

Bufo, indignada.

— Sim, mas nada do que ele fizer, vai me impedir de ir. Pode me processar, mandar me prender, ou demolir o campus, se quiser, mas aqui eu não fico nem mais um dia.

— E pra onde você vai?

— Primeiro quero voltar a Safford e levar ao conhecimento da cidade o que está acontecendo lá, alertar as famílias dos alunos. Depois eu vejo.

Amber se vira na cama para me fitar diretamente nos olhos.

— Depois de tudo isso, eu não quero mais morar em Safford. Podemos ficar juntas aqui em Seattle, ou em qualquer outro lugar. Posso vender a casa. A Sra. Stewart vai querer comprar. Com esse dinheiro podemos alugar um apartamento e irmos nos virando aqui até arranjarmos um emprego.

— Você tem certeza que quer isso?

— Certeza absoluta. Não há mais nada para mim naquele lugar.

A dor em suas palavras é quase palpável.

— Eu lamento tanto que tudo isso esteja acontecendo. Lamento não ter estado lá quando sua mãe morreu.

— E eu lamento que você tenha se apaixonado por alguém como Solomon.

Não nego o que ela diz, porque é verdade, infelizmente. Não foi algo que eu tenha planejado, ou desejado, simplesmente aconteceu. Eu me apaixonei sem querer, por um homem que sequer existe e antes mesmo de ter tempo e viver esse amor, vou excluí-lo da minha vida, seguir em frente como se ele não existisse.

— Durma um pouco, você precisa descansar. — falo e Amber se encolhe debaixo da coberta.

— Vou para Safford com você, vender a casa. Depois voltamos juntas. — diz ela.

— Vou arrumar minhas coisas enquanto você descansa. Partiremos a noite.

Depois que ela adormece, deixo-a, vou até o quarto de Solomon e procuro uma mala no closet, na qual possa levar algumas roupas. Como minhas coisas — aquelas que não foi ele quem comprou — não estão aqui, pretendo levar apenas o básico, o estritamente necessário, enquanto isso vou pensando em uma forma de chegar a Safford sem precisar do dinheiro dele. Peço carona na beira da estrada, se for necessário, mas aqui não fico mais. Depois que resolver o que tenho que resolver lá, voltarei a Seattle, só que para morar em outro lugar, com Amber.

Encontro uma mochila e a levo para a cama, junto com as roupas que separei. Estou a enchendo, quando a porta do quarto se abre e Solomon entra.

— O que está fazendo? — indaga ele, alternando seu olhar entre meu rosto e a mochila.

Ele está abatido, com a face cansada, por ter passado a noite em claro.

— Estou indo embora.

— Você não pode fazer isso.

— E você vai fazer o que para tentar me impedir? Me processar pela quebra do contrato? Demolir o campus? Vá em frente, faça o que quiser. Depois de tudo que fiquei sabendo hoje, não tenho mais nada a perder.

— Não é por causa do maldito contrato, eu não ligo pra ele. Só não quero que você vá embora. — ignorando-o, continuo jogando as roupas dentro da mochila — Será que dá para você parar e me ouvir, Melissa? — seu tom é ríspido e me faz estacar.

— O que você quer, Solomon, ou Archie? Nem sei como devo te chamar.

— Me chame de Solomon. Archie Foster não existe mais há muito tempo. — sem desviar seus olhos dos meus, ele se aproxima, colocando-se diante de mim, hipnotizando-me com o fervor na sua expressão — Não quero que fique por causa desse maldito contrato, aliás ele foi um erro, eu não devia ter envolvido você nisso. Quero que continue comigo por vontade própria, porque você quer, sem que haja uma obrigação legal entre nós.

— E por que eu faria isso?

Ele hesita, como se procurasse as palavras.

— Porque estou apaixonado por você. — processo suas palavras e meu coração dispara no peito — Não foi algo que eu planejei, mas aconteceu. Acho que te amei no instante em que a vi dançando naquela mesa de bar perto de Safford, só demorei um tempo para entender isso, mas agora eu entendo. Sei que amo você, minha pequena, e que você me ama também. Não vamos deixar que tudo o que aconteceu nos impeça de viver esse amor.

Meu coração bate como um alucinado no peito, as lágrimas enchem os meus olhos. De todas as verdades que ele me disse de ontem para hoje, nenhuma foi tão certa quanto esta, eu o amo com todas as forças do meu coração, entretanto, não posso viver esse amor. Não posso entregar meu coração a um homem que foi conivente com o sofrimento de tantas pessoas inocentes, que podia ter feito algo para acabar com o que vinha acontecendo em Safford e ainda assim preferiu se omitir. Não há lugar na minha vida para

alguém assim.

— Você tem razão, eu também me apaixonei, sem premeditar, ou sequer esperar. Eu te amo, como jamais acreditei ser capaz de amar alguém, mas não quero ficar com você. Eu nunca ficaria com um homem que participou de tráfico humano e não fez nada para parar isso quando podia.

— Não me julgue por um erro que cometi quando era apenas um tolo que não entendia nada da vida.

— Você podia ter voltado para Safford e tentado alertar as famílias, depois que resgatou sua irmã, como pretendo fazer agora, mas em vez disso preferiu dedicar sua vida a ficar rico, porque o dinheiro sempre fala mais alto, não é?.

— O fato de eu não ter voltado lá para consertar as coisas, não tem nada a ver com dinheiro. Eu nunca fiz nada porque não queria me envolver de novo, temia pela segurança de Anne, embora isso não justifique minha omissão.

— E não justifica mesmo.

Volto a depositar as peças de roupas dentro da mochila, evitando olhar para ele.

— Não posso permitir que você vá sozinha para Safford. É perigoso lá.

— Você não pode me impedir.

— Melissa, me ouça. — com petulância, ele se coloca entre mim e a mochila e arranca a peça de roupa que seguro da minha mão — Não estou dizendo que vou a impedir e sim que vou com você.

— Eu sei me cuidar sozinha.

— Não em Safford. Vou com você e está acabado. Vamos no meu avião. Eu, você e Amber. Conversaremos sobre nós dois depois que estivermos de volta e você estiver segura.

— Não há mais nada para conversar sobre nós dois. Acabou, Solomon.

— Não vou desistir de você, Melissa. Não importa o que eu tenha que fazer para te convencer a mudar de ideia.

Suas palavras teriam me deixado feliz, se as coisas fossem diferentes. Desde que me liguei a ele, desde que percebi o quanto o amava, sonhei em ouvir isso, no entanto, depois de todas as revelações, não existe mais a mínima possibilidade de ficarmos juntos.

— Se você quer ir para Safford, existe algo que pode fazer para se redimir de pelo menos parte da sua culpa.

— Me diga, e eu farei.

— Você é o dono da FCS, pode fechar as portas daquele lugar, ou demolir, se quiser, acabar com o que acontece lá, mas precisa abrir outra faculdade, de preferência com alojamento, para os jovens que estudam lá e os que pretendem estudar um dia, só que aqui em Seattle, onde eles estarão seguros. Você faria isso?

— Eu faria qualquer coisa por você.

— Não é por mim, Solomon, é por você, para se redimir.

— Se eu me redimir, se reparar o mal que causei a todas essas pessoas, você dá uma chance para nós dois? Para o que sentimos um pelo outro?

— Não, Solomon. Nunca haverá uma chance para nós dois. Eu adorei cada instante que vivi ao seu lado, mas isso acaba aqui. Nossa história já começou errada e depois de tudo que me foi revelado, se firmou a certeza de que não fomos feitos para ficarmos juntos.

Ele recua um passo, como se tivesse recebido um violento golpe físico, seu corpo grande estremecendo, como se sentisse dor.

— Se é isso que você quer, respeitarei sua decisão. Não voltarei a tocar no assunto. Sobre fechar a faculdade, vou fazê-lo e abrir outra melhor aqui. Esses jovens não ficarão desamparados. Agora vou avisar ao piloto que prepare o avião. Me avise quando estiverem prontas para sairmos.

Com isto, ele deixa o quarto, fechando a porta pelo lado de fora e quando me vejo sozinha no aposento enorme, deixo-me cair sentada na cama, sentindo-me incompleta, como se uma parte importante de mim acabasse de ser arrancada. Eu queria que as coisas fossem diferentes, que esse tráfico humano jamais tivesse existido, que pudéssemos ficar juntos e vivermos o amor que sentimos um pelo outro, só que elas não são, nem tudo é igual aos contos de fadas, onde tudo termina como queremos. A vida real é bem mais cruel.

E mesmo que não existissem os empecilhos trazidos pelo passado dele, não ficaríamos juntos, pois somos diferentes demais. Solomon quer um relacionamento tórrido, com chicotes e algemas envolvidos — embora eu também goste dessa parte dele —, quanto à mim, quero alguém que seja comum, como eu, alguém que case comigo, me dê filhos, me coloque

sempre em primeiro lugar em sua vida, sem que o trabalho, ou qualquer outra coisa, venha antes.

CAPÍTULO XXIV

É noite quando Solomon, Amber e eu deixamos Seattle no avião particular dele. Voamos até um aeroporto particular em San Carlos e de lá partimos de carro para Safford, chegando cedo da manhã à pequena cidade.

Sou invadida por uma sensação ruim de melancolia ao avançar pelas ruas poeirentas, das quais não senti nenhuma saudade, embora tenha passado minha vida toda aqui, cercada por gente ruim, por um namorado traidor, um pai capaz de monstruosidades, sem jamais desconfiar de nada.

Com o carro luxuoso, conduzido pelo motorista, atraindo a atenção dos moradores pelos quais passamos, rumamos direto para o hotel da Sra. Fraser, o único da cidade. Somos recepcionados pessoalmente por ela, que se mostra exultante, com um sorriso de orelha a orelha, ao nos ver juntos e ao ver Amber em segurança, já que não se fala em outra coisa na cidade que não no desaparecimento dela. Minha melhor amiga e eu nos hospedamos em uma das suítes e Solomon fica sozinho em outra. Guardamos nossas coisas e descemos para tomar o café da manhã no amplo recinto, onde há apenas nós três.

— Enquanto vocês resolvem tudo, vou tentar vender a casa. A Sra. Stewart tem interesse, a fim de aumentar o tamanho da lanchonete, fez uma proposta à minha mãe há algum tempo. Vou perguntar se ela ainda quer. — Amber diz, enquanto come uma broa de milho com café e leite.

— Não é seguro que você saia por aí sozinha depois do que aconteceu. — Solomon diz e vejo minha amiga estremecendo de medo — Vamos ficar todos juntos. Depois que Melissa terminar o que veio fazer aqui, venderemos a casa. — Amber assente, concordando — Por onde quer começar, pequena?

Quero dizer a ele que não me chame assim, porque me lembra nossos momentos de intimidade, porém acho melhor não tocar mais nesse assunto.

— Pela faculdade, convocando uma reunião com todos os pais e com as famílias dos jovens desaparecidos. Enquanto eles chegam, vou conversar com Willian.

Solomon me encara com seriedade, uma ruga se formando no meio da sua testa.

— Há algo mais que preciso te contar antes que fale com o seu pai. — diz ele, e um frio atravessa meu estômago, pela certeza de que vem mais coisa ruim por aí — Você pode nos deixar sozinhos, Amber?

— Claro. — Amber alterna seu olhar entre nós dois, com preocupação, como se também previsse algo ruim, bebe o último gole do seu café e se levanta — Vou ficar ali perto do motorista, ele tem cara de quem está armado.

Solomon não diz nada até que Amber esteja do lado de fora, de onde não pode nos ouvir e onde podemos enxergá-la através da parede de vidro.

— O que mais de ruim você tem para me dizer? — pergunto, um gosto amargo se formando em minha boca.

— Eu não queria que você soubesse disso agora, com tanta má notícia vindo à tona, mas preciso te contar antes que vá falar com seu pai. — ele examina minha fisionomia e assinto, indicando que continue — Há alguns meses contratei um detetive para tentar encontrar sua mãe. — suas palavras capturam minha total atenção — Mas ele acabou descobrindo que ela nunca deixou Safford, portanto, pode estar morta, enterrada aqui.

Sinto um baque violento por dentro. De tudo o que ele me falou, nada foi tão impactante, chocante. Tento pensar sobre isso, lembrar-me do dia em que minha mãe foi embora, só para provar que ele está errado, mas então sou envolvida pela aura da epilepsia e já não consigo assimilar os pensamentos. Tudo gira ao meu redor, minha cabeça lateja, indicando que vou ter uma crise convulsiva. Estou certa de que a escuridão me engolirá, porém ela parece recuar e fico lúcida, subitamente.

Talvez a nova medicação seja, afinal, melhor que a anterior.

— Melissa, você está bem? — a voz grossa de Solomon ajuda a me puxar de volta para a realidade.

— Do que você está falando? Minha mãe não pode estar morta. Ela foi embora.

— Isso foi no que seu pai te convenceu a acreditar, desde que ela saiu da sua vida. O detetive que contratei, mesmo sendo um dos melhores do país, não a encontrou em lugar nenhum, como se ela não existisse. Também não encontrou qualquer evidência de que tenha deixado Safford, nenhuma passagem de ônibus, nem taxi e ela não tinha carro. Não te falei isso antes porque ele não me deu certeza, apenas suspeitas, só que suspeitas fortes. Para que tivesse a certeza, precisaria envolver a polícia e encontrar o corpo.

Por mais que meu lado racional tente me convencer do contrário, algo dentro de mim, meu DNA, talvez, se recusa a me deixar acreditar que Willian seria capaz de assassinar a mulher com quem viveu durante anos, que deu uma filha a ele.

— Se o detetive não te deu certeza, é porque não tem. — afirmo, me recusando a sofrer por antecipação.

— Não quero te deixar triste, mas ele é um profissional. Não teria levantado a hipótese se ela não existisse.

— Seja lá o que tenha acontecido com ela, aquele miserável vai ter que me explicar.

Obstinada, solvo o último gole do meu café, espero que Solomon termine e deixamos o hotel. Passamos na FCS e, como proprietário do lugar, ele dispensa os alunos da aula e exige uma reunião urgente com todos os pais, e demais membros da comunidade, para daqui a duas horas. Enquanto caminhamos pelos corredores, a caminho da diretoria, onde Willian está, nos deparamos com Dylan, vindo daquela direção, uma fúria descomedia tomando conta de mim quando seus olhos encontram os meus. Porém, é Amber quem avança para cima dele primeiro, descontrolada, gritando, tentando golpeá-lo no rosto, sem que ele permita.

— Seu desgraçado! Maldito! Por que tentou fazer isso comigo?! Por quê?!

— Não força, Amber, não me faça bater em você. — Dylan diz.

— Ela não está sozinha, otário. Se estiver muito a fim mesmo de levar uma surra, toca em um só fio do cabelo dela. — Solomon esbraveja e em seguida segura Amber por trás, impedindo que ela continue o agredindo.

— Eu vou te matar, desgraçado! — Amber ameaça — Fica de olho aberto comigo.

Ignorando-a, meu ex-namorado fixa seu olhar em meu rosto.

— Podemos conversar a sós, Melissa?

— Eu não converso com bandidos. — cuspo, com desprezo.

— Então porque está ao lado de um? — ele lança um olhar raivoso para Solomon e antes que tenha tempo de dizer mais alguma coisa, o punho forte do meu amante acerta seu queixo, com rapidez e precisão, seu corpo sendo lançado para trás, um dente indo pelos ares, um sorriso se manifestando nos lábios de Amber.

O deixamos caído ali mesmo, estendido sobre o assoalho, proferindo

ameaças, com dificuldade para falar devido ao queixo quebrado, e rumamos para a sala do diretor.

No recinto pequeno, gelado por causa do ar condicionado, encontramos Willian sentado atrás da sua mesa e Reese em um sofá ao lado. Pela expressão de gravidade no rosto de ambos e a ausência de surpresa, é possível perceber que já sabiam que estamos na cidade. Percebo também a forma como minha insuportável madrasta devora Solomon com o olhar, sem que ele olhe de volta, os olhos verdes faiscando de raiva, fixos em Willian.

— Olá, filha. Como é bom te rever. — diz ele, um sorriso forçado nos lábios.

— Não me chama de filha, seu velho desgraçado. Você não tem mais filha.

— Não fala assim, Melissa. Independente de tudo o que aconteceu, você ainda carrega meu sangue nas veias e sempre carregará.

— E vou lamentar por isso a cada dia, enquanto existir.

— Você se acha no direito de chegar aqui de nariz empinado, dando uma de dona da razão, mas se esquece que tudo o que seu pai fez foi também por você, para te dar uma vida boa e digna. — é Reese quem diz e quase a incendeio viva com o olhar.

Tenho um milhão de argumentos para rebater a isso, mas não vim aqui para perder meu tempo discutindo com gente ruim.

— Só cala essa boca, Reese e saia logo daqui. Meu assunto não é com você. — viro-me para Solomon e Amber — Vocês poderiam me deixar sozinha com ele?

Amber faz menção de sair, mas Solomon não se move.

— Não vou sair daqui. — declara ele.

— Por favor. Preciso falar com ele sozinha.

Com um suspiro, Solomon assente e antes de sair, crava seu olhar no rosto do outro homem.

— Só para que você saiba, estarei do outro lado desta porta, Willian. — ameaça.

— Não sei do que você está falando. Eu jamais faria mal à minha filha.

Com isto, todos saem da sala, deixando-nos sozinhos.

— Por favor, não volte a repetir que sou sua filha. Como eu já disse, você deixou de existir para mim.

— Mas você não deixou para mim, Melissa. — sua voz é chorosa, só que isso não me comove.

— Depois que eu sair daqui hoje, você nunca mais me verá. Vou seguir minha vida como se fosse órfã de pai e mãe. Só que antes eu preciso ouvir de você. Por que faz isso? Por que destrói a vida das pessoas desta forma? Não sente remorso pelos jovens sendo escravizados, prostituídos, pelas famílias que perderam os filhos?

— Não é tão horrível quanto parece. O que esses jovens têm aqui? Para onde eles vão é um pesadelo, eu não nego, mas isso dura pouco. Em alguns anos eles são libertados, com muito dinheiro no bolso e podem dar um rumo diferente à própria vida.

Não posso acreditar que ele pensa assim. Acho que só diz isso porque é covarde demais para assumir o mal que faz a essas pessoas.

— Não, Willian, eles nunca se libertam. Essa é uma coisa da qual a pessoa não se livra sem estar marcada pelo resto da vida. Para muitos talvez nem haja vida depois disso.

Nesse momento, analisando minhas próprias palavras, percebo qual era a verdadeira intenção de Solomon quando decidiu deixar o campus de pé em troca de que eu fosse viver com ele. Não se tratou apenas da atração que disse sentir por mim, ele queria que eu estivesse marcada para sempre, sem vida, como esses jovens, como a irmã dele estava ao escapar. Era tudo por vingança, a atração pode ter existido, mas foi só um detalhe.

Imaginar que eu me apaixonei por alguém assim, faz a bile subir em meu estômago e num rompante, inclino-me sobre o cesto de lixo, meu corpo expulsando o café da manhã.

— Você está bem? — Willian quer saber.

— Estou. — minto, sentando-me na cadeira do outro lado da sua mesa, um cansaço súbito me tomando, uma camada de suor frio cobrindo minha pele — Eu sei que não vou conseguir convencer você a admitir que o que tem feito é uma monstruosidade, mas quero que saiba que isso acaba aqui. Vou contar aos pais dos alunos desaparecidos o que aconteceu com eles e quem foi o responsável e depois disso o campus será demolido, para que essa atrocidade nunca mais se repita.

— Se você fizer isso, as famílias vão se virar contra nós. A cidade vai se transformar em um campo de guerra.

— Eu não ligo. Vocês deviam ter pensando nisso antes. — me ajito

na cadeira, tentando manter os olhos fixos nos dele — Agora me diga o que fez com minha mãe e não se atreva a mentir.

Vejo seu rosto enrugado ficando pálido e a certeza de que minha mãe está morta se intensifica dentro de mim.

— Eu não fiz nada com...

— Não minta! — vocifero — Solomon contratou um detetive particular. Sabemos que ela nunca deixou Safford, não está em lugar nenhum. Você a matou. — as últimas palavras saem concomitantes a um soluço e às lágrimas que banham meu rosto.

— Eu não a matei, foram eles.

Passo o dorso da mão em minha face, afastando as lágrimas.

— Eles quem?

— As pessoas para quem entregamos os alunos. Sua mãe descobriu todo o esquema e queria denunciar. Ela estava pronta para ir embora, levando você, mas eles não deixaram, simplesmente a mataram. Nunca me disseram onde esconderam o corpo.

Uma dor lancinante me consome a alma, cada parte de mim parece se transformar em agonia, não apenas pela certeza de que minha mãe está realmente morta, mas pelo remorso de ter passado todos esses anos a condenando, por ter me abandonado, sem que ela tenha de fato feito isso.

— E mesmo assim, você continuou trabalhando para essa gente. — acuso, em prantos.

— Ninguém consegue parar de trabalhar para eles, a menos que eles decidam.

— Isso é pretexto. Não acredito. Se você realmente quisesse, teria parado, ou melhor, nem devia ter começado com isso. Se não fosse por você, minha mãe ainda estaria viva.

— Melissa, se existe algo que eu possa fazer para que você me perdoe...

— Não existe. Nunca vou perdoar você.

Despedaçada, incapaz de continuar olhando para ele, eu deixo a sala. No corredor, entrego-me ao um abraço forte de Amber e choro compulsivamente nos braços dela, até que nenhuma lágrima pareça me restar.

O auditório do campus está lotado, quando chegamos. Cada família de Safford, e das regiões próximas que têm ou já tiveram estudantes aqui, estão presentes. Obstinação, subo no palco, com um microfone na mão, Amber

e Solomon ao meu lado e conto tudo, sobre qual o destino que os jovens desaparecidos tiveram e quem foi responsável por esse destino. A cada palavra minha, a multidão reage com choque, revoltada, uma fúria alarmante tomando conta de todos e tenho certeza de que se não saírem da cidade, tanto Willian quanto seus cúmplices não escaparão com vida dessa fúria, o que não é mais do que eles merecem.

— Eu não posso fazer mais nada pelos jovens que já foram levados, até porque é impossível lutar contra essa gente. — continuo falando — Mas posso garantir que o que acontecia aqui não vai se repetir. O campus será eliminado e outro novo será aberto em Seattle, onde os estudantes das comunidades carentes receberão toda a assistência de que precisam para estudar e estarão completamente seguros.

Quando deixo a sede do campus, levo comigo a certeza de que a maioria daqueles pais dedicarão o resto de suas vidas a procurarem por seus filhos e só me resta torcer para que consigam, ao invés de serem mortos pelos mafiosos, como minha mãe foi.

Por último, acompanhamos Amber enquanto ela vende a casa que foi de sua mãe, por um preço muito abaixo do valor certo, devido à pressa e deixamos Safford, sem que eu leve comigo qualquer vestígio de saudade desse lugar, mas apenas a certeza de que nunca mais quero voltar aqui.

Combinei com Amber de irmos direto para um hotel tão logo aterrissássemos em Seattle, no entanto, devido à medicação mais forte, acabo pegando no sono durante o voo e quando acordo estou deitada na cama de Solomon, no apartamento dele. No relógio da cabeceira, constato que já são dez horas da manhã e apenas ao me sentar eu o vejo, acomodado em uma poltrona, observando-me, completamente imóvel, o rosto abatido indicando que ainda não conseguiu descansar. Apesar da barba mais crescida que o habitual, dos cabelos emaranhados, das olheiras profundas, ele consegue ser a criatura mais atraente sobre a qual meus olhos já estiveram.

— O que estou fazendo aqui? — pergunto, embora já conheça a resposta.

— Não achei cabível que vocês fossem para um hotel qualquer, quando podem ficar aqui até alugarem o tal apartamento e Amber concordou. — Solomon diz.

— Amber é uma traidora.

— Não, ela é só sensata. Sabe que não faz o menor sentido vocês

ficarem por aí sozinhas, sem que haja necessidade.

— Temos uma a outra, logo, não estaremos sozinhas. E se bem a conheço, sei que a essa altura ela já conseguiu alugar um apartamento.

— Na internet? Como encontrou o barqueiro que te ajudou a tentar fugir?

Descansada, me apresso em me levantar, decidida a sair daqui o mais depressa possível, antes que Solomon consiga me convencer de que é muito mais seguro ficar com ele.

De fato é, só que eu preciso me afastar, viver minha própria vida, longe dele e de toda a sujeira na qual estive envolvido.

— Espera, Melissa, precisamos conversar.

Solomon deixa a poltrona e toma meu caminho antes que eu tenha tempo de alcançar a porta do banheiro.

— Não temos mais nada para falar.

— Temos sim. Eu disse que vou respeitar sua decisão de ir embora, não vou insistir para que fique, apesar de essa ser a minha vontade, mas eu quero uma despedida, uma última vez entre nós. Não me negue isso.

Chego a abrir a boca para negar, porém, como dizer não se eu quero isso também? Quero ser sua pelo menos mais uma vez, pela última vez antes do adeus.

— Preciso ir ao banheiro.

Com relutância, ele me deixa passar e lá dentro alivio minha bexiga, escovo os dentes, passo uma escova nos cabelos, dispo-me da camisola e da calcinha e saio, completamente nua. Encontro Solomon sentado na beira da cama, cabisbaixo.

— Uma última vez... — sussurro, meu coração batendo descompassado no peito.

Com uma agilidade espantosa, ele deixa o seu lugar e avança para mim, passa um braço em torno da minha cintura, me apertando forte de encontro ao seu corpo e segura firme em minha nuca com a outra mão, a boca deliciosa atacando a minha, de uma forma selvagem, esfomeada, a língua se infiltrando entre meus lábios para me explorar gostosamente.

Ensandecida de desejo, contorno seu pescoço com os meus braços e me coloco nas pontas dos pés para me entregar mais ao beijo, meu corpo faminto pressionando o dele, os mamilos empurrando o peito largo, a pélvis tentando alcançar a ereção que se forma sob seu jeans.

Não protesto quando Solomon me conduz pelo quarto, com seu corpo másculo e me faz deitar de costas na cama, acomodando-se sobre mim, encaixando seus quadris entre minhas pernas, quando posso sentir sua rigidez pulsando de encontro à minha umidade e tenho a sensação de que meu corpo vai incendiar de tesão.

Depois que vim morar aqui, ele foi trazendo aos poucos alguns objetos que se encontravam no quarto acoplado do outro apartamento, nem todos, mas as braçadeiras de couro estão aqui, nos pés e na cabeceira da cama e é com elas que ele me prende, com os pulsos para cima, os tornozelos afastados, deixando minhas pernas completamente abertas, minha intimidade exposta diante do seu olhar.

Então, ele se afasta e começa a se despir, vagarosamente, peça por peça, enquanto caminha em torno da cama, observando atentamente cada detalhe da minha nudez, contemplando minha vulnerabilidade, com olhos reluzentes.

— Eu pretendia me despedir, fazendo amor com você, pequena, como um homem apaixonado deve fazer com a mulher que ama, mas eu não resisto em ver você assim, presa na minha cama, toda aberta para mim, principalmente quando está tão obstinada a me deixar. — sua voz é um grunhido rouco e cada nota me faz latejar mais fervorosamente entre as pernas, minha umidade escorrendo por entre as nádegas. — Não vou conseguir viver um só dia sem olhar para você assim, Melissa.

Completamente nu, com o pau, grande e grosso, completamente duro, ele volta para mim e encaixa seu corpo sobre o meu, sem roçar sua pele na minha. Apoiando o peso do seu corpo com uma mão, desliza a outra sobre minha pele, beliscando meus mamilos, antes de fazer uma deliciosa massagem com sua palma, ao mesmo tempo em que sua língua brinca com minha boca, percorrendo o contorno dos meus lábios, entrando e saindo, me enlouquecendo, quase a ponto de me fazer implorar por mais.

Sua mão experiente alcança meu sexo, os dedos se enterrando na minha umidade, massageando meu clitóris até que tudo se concentra na altura do meu ventre eu gozo, gemendo, gritando, implorando pelo seu nome, que em nenhum outro momento me parece tão doce.

Ainda estou me contorcendo pelo orgasmo, quando Solomon encaixa seus quadris entre minhas pernas e entra em mim, me tomando, me possuindo, com uma voracidade insana, absurda, até que mergulhamos na

mais completa exaustão e adormecemos nos braços um do outro.

Quando acordo, ele ainda está dormindo e sinto uma angústia desoladora enchendo meu peito ao observar sua face linda, completamente relaxada, os olhos fechados, a boca ligeiramente curvada. Eu o amo tanto que seria capaz de qualquer coisa por ele, menos de evitar esse adeus, de continuar ao seu lado. Apenas a recusa em aceitar passivamente tudo o que ele fez é mais forte que esse amor.

Então, determinada a ir embora, apesar de tudo em mim suplicar que eu fique, levanto-me sorrateiramente da cama, tentando não despertá-lo, o que é em vão, pois ainda estou me vestindo quando sua voz grossa e rouca pelo sono alcança meus ouvidos.

— Melissa, não vá.

Olho para qualquer direção, menos para o seu rosto, ou não conseguirei partir.

— Você disse que ia respeitar minha decisão de ir embora. Cumpra sua palavra.

Com agilidade, ele levanta-se e se coloca diante de mim, o físico magnífico iluminado pela luz fraca do abajur. Segura-me pelo queixo e me força a erguer o rosto para encará-lo.

— Será que existe uma forma de você me perdoar pelo que fiz? Por tudo o que aconteceu em Safford? Por esse contrato maldito?

— Não é só isso, Solomon, há muito mais. — tento desviar meu olhar do seu, ele não deixa. — Nós somos muito diferentes, temos objetivos de vida distintos, jamais seríamos felizes juntos.

— Eu posso mudar, posso me tornar o homem que você quiser.

Imagino-o cuidando de um bebê, do nosso filho, ou entrando em uma igreja para se casar comigo e definitivamente sei que nunca vai acontecer. Não é isso que ele quer para a sua vida e se o fizesse por mim, um dia se sentiria infeliz a ponto de me culpar por estragar sua vida.

— Não pode Solomon, você me fez feliz à sua maneira. Agora é hora de eu procurar o meu caminho e esse caminho não é ao seu lado.

Como se eu tivesse lhe desferido um golpe físico, ele se afasta, a fisionomia contraída, o corpo enrijecido de tensão. Permanece imóvel em meio às sombras da penumbra do aposento, observando-me, até que eu termine de me vestir, pegue a mochila com as roupas e deixe o quarto, levando comigo a sensação de que uma parte de mim está ficando para trás.

EPÍLOGO

Já faz uma semana que Amber e eu nos mudamos para nosso novo apartamento, depois de passarmos cinco longos dias hospedadas em um hotel mediano, no centro da cidade. É um lugar simples, com dois quartos, sala e cozinha americana, situado na periferia, de onde preciso pegar um ônibus e o metrô para chegar até o estúdio de fotografia onde encontrei trabalho. Tirar fotos não é tão bom quanto eu esperava, porém é só o que eu sei fazer, pelo menos até conseguir ingressar em uma boa faculdade e me formar.

Hoje foi Amber que conseguiu arranjar um emprego, como garçõete em um café aqui perto e decidimos sair para comemorar, afinal foi uma grande vitória, se considerarmos as dificuldades que estamos enfrentando para sobrevivermos na cidade grande, onde todos parecem estar sempre dispostos a tirar proveito e ninguém afim de ajudar. É a primeira vez que saímos à noite desde que nos mudamos para Seattle e eu sei que deveria estar mais empolgada, afinal estou seguindo o caminho que escolhi, me tornando independente, me afastando de Solomon. Contudo, não é o que acontece, tudo dentro de mim é vazio e solidão. Eu só consigo pensar nele durante as vinte e quatro horas do dia, embora Amber diga que em breve isso vai passar, eu só preciso de tempo e talvez me envolver com outra pessoa, para poder esquecê-lo.

Talvez, no fundo, eu esperasse que ele não desistisse de mim depois que eu partisse, mas ele desistiu, não me procurou nenhuma vez depois que eu o deixei, o que prova que não estava tão apaixonado quanto dizia e isso está acabando comigo.

Alan e eu nos tornamos ainda mais próximos depois que deixei o apartamento de Solomon. Amber diz que ele gosta de mim e que formamos um belo casal. Às vezes acho que ela pode estar certa, que Alan pode ser o meu futuro, afinal ele tem tudo o que sempre sonhei encontrar em um homem: é honesto, simples, trabalhador, inteligente, romântico e capaz de tudo por mim. O que mais eu posso querer?

No horário combinado, ele telefona para avisar que está na frente do prédio nos esperando e descemos para encontrá-lo recostado em seu carro, usando roupas descoladas.

— Uau! Você está linda. — Alan diz ao nos avistar, seus olhos me varrendo de cima à baixo. — Você também está muito bem, Amber.

Sem que eu espere, ele se aproxima e me beija na face, quase acertando na boca e Amber solta um pigarreio que o faz sorrir.

Na danceteria, tudo está perfeito: a música, a dança, a companhia jovial e agradável de Alan, que é tão prestativo que está bebendo suco de laranja junto comigo, porque não posso beber. Quando Amber conhece um carinha com quem parece estar se dando bem, e nos deixa para ir dançar sozinha com ele, Alan nos conduz até uma mesa isolada, a um canto do salão enorme, banhado pela penumbra, pede mais dois sucos e sei que chegou o momento em que vai me dizer o que quer de mim, o que aumenta minha vontade de me levantar e ir embora.

— Eu acredito que você já deve ter percebido o quanto mexe comigo, o quanto gosto de você. — começa ele, sua voz se sobressaindo à música romântica que toca — Então quero te dizer que estou disposto a te fazer feliz, se você me der uma chance. — ele se silencia, como se esperasse que eu dissesse algo, só que eu não sei o que responder — Espero não estar precipitando as coisa, mas a gente se dá bem, temos ideias parecidas, os mesmos ideais de vida, então achei que podíamos tentar.

Minha nossa, como ele é atrapalhado com as palavras. Por que simplesmente não me beija e puxa meu cabelo com força? *“Porque ele não é Solomon”*, a voz responde em minha cabeça e nesse instante me dou conta de que Alan é, de fato, perfeito para mim, mas eu não quero a perfeição, quero Solomon. Não existe outro homem para mim que não ele, mesmo com todos os seus defeitos e fetiches. Percebo que não quero um romance diferente, não quero um cara que me bajule, que me trate como seu eu fosse uma flor delicada, eu quero algemas, amarras e bancos de spanking, quero tudo o que Solomon pode me dar, porque ele sim é o homem da minha vida e não vejo o menor sentido em estar aqui, longe dele.

— E então, o que você me diz? — Alan pergunta, depois de uns três minutos sem que eu mais ouvisse uma palavra do que ele dizia.

— Bem, acho que podemos continuar sendo apenas amigos.

Ele parece desapontado.

— Mas por quê? Eu achei que estávamos nos dando bem.

— Porque você não é Solomon e estamos nos dando bem sim, só não quero nada além de amizade com você. Agora se me der licença, preciso

procurar o homem que eu amo.

Assim, deixo a mesa. Ao mesmo tempo em que estou obstinada a procurar por Solomon e dizer a ele que mudei de ideia sobre sair da sua vida, sou engolida por um pavor absurdo de que ele não me queira mais, só que nada vai me fazer desistir.

Com a certeza crescendo dentro de mim, a pressa em reencontrá-lo se torna exorbitante. Então, sem avisar Amber que estou saindo, saco meu celular do bolso e digito os números dele, ao passo em que sigo para a saída da danceteria, disposta a encontrar um taxi que me leve até seu apartamento. Ainda não alcancei a rua, quando Solomon atende e sinto uma fisgada no peito ao ouvir o som ensurdecido da música por trás da sua voz, indicando que ele pode estar em algum lugar se divertindo, talvez com outra mulher. Mas o que eu esperava depois de tê-lo dispensando?

— Oi Solomon. Sou eu, Melissa. — falo, ligeiramente desconcertada.

— Eu sei, pequena, tenho o seu número. — sua voz grossa, do outro lado da linha, me causa um arrepio gostoso.

— Se não for incomodar, será que podemos conversar?

Finalmente consigo atravessar a multidão de pessoas que dançam enlouquecidas ao sabor da música eletrônica e sair da boate, o silêncio do lado de fora soando como a melhor melodia, em meus ouvidos.

— Não é seguro sair da boate sozinha, Melissa. — Solomon alerta, com gravidade no tom da voz e fico confusa.

— Como é que você sabe...?

Antes que eu tenha tempo de assimilar sua fala à realidade, ouço passos atrás de mim e meu coração quase salta pela boca quando me viro e o vejo, bem à minha frente, lindo como uma pintura de Van Gogh, alto, elegante dentro da camisa social de mangas compridas, com uma mecha de cabelo caindo sobre a testa, a barba ligeiramente crescida, tão próximo que posso sentir o cheiro gostoso do seu perfume.

— Porque estou vendo você. — ele diz, ainda afastando o celular do ouvido, enquanto eu o observo aturdida.

— C-como... o-oque... v-você e-está fazendo aqui?

— Você não acha mesmo que ia deixá-la ir a uma danceteria com aquele babaca, sem ficar de olho, não é?

Meus olhos se ampliam sobre os deles, a perplexidade se intensificando.

— Você está me seguindo?!

— Eu prefiro dizer que só estou tomando conta do que é meu.

É nesse instante que me lembro de ter tido a sensação de estar sendo observada, mais de uma vez, durante esses últimos dias. Era ele.

— E não é a primeira vez. — afirmo.

— Não. Mas vamos parar de falar sobre o fato de eu ser tão louco por você que não consigo me afastar. Me diga porque me ligou.

Quero brigar com ele por estar me vigiando, dizer-lhe o quanto isso é insano, no entanto, a saudade dentro de mim é tão imensa, tão arrebatadora, que nada mais parece ter a mínima importância que não tê-lo aqui, que não estar diante dele.

— Bem... eu liguei porque... percebi que foi um erro tê-lo deixado, não consigo esquecer você e queria saber se ainda há chance para nós dois.

— Porra, Melissa...

Com um passo largo e apressado, ele elimina a distância entre nós e me toma em seus braços, beijando-me com paixão, quase com devassidão, puxando meus cabelos atrás da cabeça, acolhendo meu corpo em seu calor gostoso, tudo dentro de mim despertando para o desejo há dias adormecido, o centro das minhas pernas lambuzando, meu coração acelerando. Minha fome por ele é tão avassaladora, que quero tirar os meus pés do chão e me pendurar em seu corpo, mas me contenho ao lembrar de que estamos em público.

Solomon me beija até que eu esteja sem fôlego e então separa sua boca da minha.

— Você não sabe o quanto esperei para ouvir isso, menina. — ele sussurra, de encontro aos meus lábios trêmulos, sua respiração pesada acariciando-os. — Tenho vivido um inferno esses dias, vendo você de longe, sem poder chegar perto.

— Isso é um sim?

— Sim, mas com uma condição.

— Qual?

— Quero você de volta no meu apartamento agora mesmo.

— Não posso deixar Amber. Ela não conseguiria pagar o aluguel sozinha.

— Leve-a para morar conosco, ou para outro apartamento qualquer. Tenho alguns que estão vazios.

Sorrio para ele, um contentamento gostoso me percorrendo.

— Eu volto, mas tenho algumas condições também.

— Quais?

— Quero redecorar o seu apartamento, levar um pouco de vida e cor àquele lugar.

— Acha que o lugar está sem vida e sem cor?

— Acho sim.

— Tudo bem. Mais alguma coisa?

Sorrio, com malícia e hesitação.

— Quero um quarto acoplado ao seu, com algemas, amarras, correntes e tudo mais que havia no outro. Quero você do jeito que é, Solomon, com todos os seus fetiches.

— Posso providenciar isso, pequena.

Dito isto, ele volta a me envolver em seus braços, me puxando com brutalidade, chocando sua rigidez contra a minha delicadeza, presenteando meus lábios com um beijo faminto, apaixonado, delicioso.

Alguns dias depois de ter voltado a morar com Solomon, em seu apartamento, consigo vaga em uma das melhores universidades da cidade e só então abandono o curso de fotografia, assim como o trabalho de fotógrafa, passando a dividir meu tempo entre os estudos e a abertura da Faculdade Comunitária que abrigará os jovens moradores de Safford e das comunidades próximas, visto que a sede da antiga já foi demolida e em breve dará lugar a uma pousada de luxo que levará empregos para a cidade.

Com o aumento das náuseas causadas pela nova medicação, volto ao neurologista que as prescreveu e entro em pânico ao descobrir que estou grávida, temendo que a medicação, ou mesmo as crises convulsivas, possam prejudicar o bebê, todavia o especialista me garante que isso não vai acontecer. Com acompanhamento e os cuidados necessários, terei um filho perfeitamente saudável.

Não sei como dar essa notícia a Solomon, pois não consigo vê-lo aceitando numa boa se tornar pai, além do mais, ele pode não acreditar que o anticoncepcional, que fez questão de que eu tomasse, falhou. Então vou adiando essa conversa, até que, durante uma de nossas viagens, desta vez ao Brasil, ele me surpreende ao tirar uma caixinha de veludo do bolso da calça, revelando um anel de diamantes ao abri-la e se ajoelha diante de mim de repente, quando estamos aos pés do Cristo Redentor, com a magnífica

paisagem da cidade maravilhosa à nossa volta.

— O que você está fazendo? — pergunto, com olhos arregalados de perplexidade, alguns outros turistas parando para nos observar.

— Eu sei que você não esperava isso de um homem como eu, mas estou te pedindo em casamento, pequena. — ele diz e meu coração salta como um louco no peito — Estou aqui ajoelhado para te dizer que quero ser o seu marido e seu amante. Quero ser o pai dos seus filhos e o seu melhor amigo. Você me aceita em sua vida?

Lágrimas de emoção enchem meus olhos e, sem conseguir permanecer de pé, me ajoelho diante dele.

— Sim, eu aceito. — ele coloca o anel em meu dedo, beija-me demoradamente na boca e, sob uma salva de palmas das pessoas à nossa volta, nos coloca novamente de pé.

Examino o anel com mais atenção, é lindo, todo cravejado em diamantes, com uma pedra maior em cima.

— Bem, já que você está disposto a se tornar o pai dos meus filhos, pode ir se preparando, porque tem um a caminho.

— O quê? — ele parece atônito.

— Eu estou grávida, de cinco semanas. Demorei para te contar porque não sabia como fazer isso.

Vagarosamente, como se ele demorasse para processar a informação, seus lábios vão se dobrando em um sorriso, ao mesmo tempo em que sua mão pousa sobre meu ventre ligeiramente estufado.

— É sério que tem um pedaço de mim aqui dentro?

— Sim. O resultado do nosso amor.

— E você deveria ter subido essas escadas?

— Não faz mal praticar exercícios leves, pelo contrário.

Ele me envolve pela cintura com seus braços fortes e me aperta contra seu corpo.

— É espantoso, Melissa.

— O que é espantoso?

— Como isso me deixa feliz, quando é algo que nunca planejei.

— A felicidade não é algo que se pode planejar.

— Eu sei. Prova disso foi não ter pensado em voltar para Safford e tirado você de lá antes.

— Mas agora estou aqui.

— E nunca mais vai sair.

— Eu sei. Amo você demais para ser capaz de te deixar um dia.

— Eu te amo também, pequena.

Com isto, ele silencia nossas palavras com um beijo, quente, apaixonado.

FIM

DEDICATÓRIA

Livro dedicado a Ellen Cristiane Lima